UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LAURA ALMEIDA ANTUNES

**Perdas e morte como possibilidades de ressignificação da vida:
um olhar para experiências das pessoas afetadas pelo desastre de Mariana**

São Paulo
2021

LAURA ALMEIDA ANTUNES

**Perdas e morte como possibilidades de resignificação da vida:
um olhar para experiências das pessoas afetadas pelo desastre de Mariana**

(Versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como pré-requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Professora Doutora Maria Júlia Kovács

São Paulo
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Almeida Antunes, Laura

Perdas e Morte como Possibilidades de Ressignificação da Vida: Um Olhar para Experiências das Pessoas Afetadas pelo Desastre de Mariana / Laura Almeida Antunes; orientadora Maria Júlia Kovács. -- São Paulo, 2021.

262 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Emergências e Desastres. 2. Perdas, morte e luto. 3. Ressignificação da vida. 4. D. W. Winnicott. 5. Desastre em Mariana. I. Kovács, Maria Júlia, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Antunes, Laura Almeida

Título: Perdas e morte como possibilidades de ressignificação da vida: um olhar para experiências das pessoas afetadas pelo desastre de Mariana.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que viviam em Bento Rodrigues e que viram suas vidas serem transformadas após a passagem da lama, sendo diretamente afetados por esse desastre; a todos que, de algum modo, foram afetados pelo rompimento da barragem de Fundão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço.

Agradeço aos ex-moradores de Bento Rodrigues que participaram dessa pesquisa e que, imersos em sua dor, com sentimentos oscilando entre gratidão pela vida, desalento, revolta e esperança, permitiram que eu acompanhasse um pouco da vivência diante de tamanha tragédia. Agradeço especialmente a essas pessoas, por sua disponibilidade e sua confiança.

Agradeço imensamente pelos cuidados que recebi da minha orientadora, profa. Dra. Maria Júlia Kovács; agradeço pela companhia que me fez nessa trajetória, pela sensibilidade em compartilhar da dor dos afetados que por nós puderam ser “escutados”; agradeço pela pessoa que é, acolhendo um tema de pesquisa que esbarra em tantas perdas, em mortes, em dor. Agradeço pela paciência, pelas escutas e pela presença afetuosa e humana.

Aos colegas orientandos, agradeço pelo suporte, pelas reflexões, ideias, por podermos dividir um espaço de construção de conhecimentos, dividindo angustias, podendo amenizá-las com risos e acolhimento. Obrigada.

Agradeço ao meu marido, companheiro; por compartilhar textos e tentativas de escritas minhas nessa caminhada. Agradeço por estar comigo quando estive ausente, no trabalho de campo, no sentido de cuidar da nossa casa quando fui ter um encontro com aqueles que perderam as suas. Agradeço por dividir comigo as aflições, as emoções e todo sentimento que me percorreu durante o tempo do mestrado. Muito obrigada por estar.

Agradeço ao Tenente Farah, bombeiro que atuou nessa tragédia, que, com sua boa vontade e disponibilidade, facilitou minha caminhada, trouxe indicação de pessoas para que eu conversasse, indicou eventos que abordavam temas na área de emergências e desastres; por sua atenção, consideração e generosidade, agradeço sempre.

Agradeço aos profissionais da Defesa Civil de Mariana, especialmente o coordenador desse grupo, “Stopa”, que prontamente me recebeu para conversarmos sobre a ocasião do rompimento da barragem, de Fundão, me contando em detalhes a vivência dele e de sua equipe naquela ocorrência. Além disso, agradeço imensamente o presente que deles recebi: fui levada pela equipe da Defesa Civil de Mariana para a região do distrito de Bento Rodrigues, local que na ocasião só podia ser acessado aquele que estivesse acompanhado pela Defesa Civil. Assim, tive a possibilidade de sentir, observar, e me comover com o que vi de tão perto; pude conhecer o caminho feito pela lama e o local no qual não foi possível mais se viver.

Agradeço ao professor Dr. Gustavo M. Massola, pela presença atenciosa e solidária, pela generosidade e pela ajuda no decorrer deste processo do mestrado, de cumprimento de disciplinas, de estudo. Agradeço pela companhia.

Agradeço com muito carinho à amiga mineira Elizabeth Rabello que, além de transbordar em doçura, generosidade e acolhimento, me fez companhia nessa trajetória, contribuiu aliviando muitas das minhas aflições durante o esforço da escrita, trazendo alento, esperança e suavidade nesse trajeto.

Agradeço à minha amiga Dafne Oliveira, por incansáveis prestações de ajuda, por acolher minhas dúvidas e ser tão prestativa todas as vezes em que dela precisei. Agradeço pela amizade, pela paciência e apoio nesse caminho de produção da pesquisa.

Agradeço especialmente e imensamente à minha amiga Elaine Alves. Difícil encontrar palavras para nomear quão significativa tem sido sua presença na minha vida, e como foi durante todo o percurso do Mestrado. Agradeço por ser inspiração, por ser referência, colega de trabalho, parceira. Agradeço por me apoiar e por caminhar paciente acompanhando o nascimento dessa pesquisa. Agradeço por estar presente e por fazer tanta diferença, orientando, esclarecendo, oferecendo afeto, demonstrando preocupação e me ensinando tanto sobre essa área de atuação que olha para os seres humanos que são afetados por tragédias como essa ocorrida no dia 5 de novembro de 2015.

Agradeço à amiga Elizeth Lacerda que, após alguns anos trabalhando juntas na área da Aviação, se colocou à disposição desde o início do meu percurso nessa pesquisa, para ajudar indicando leituras, sugerindo disciplinas, lendo meu trabalho, trocando ideias; oferecendo ajuda. Agradeço por todo o apoio, pela atenção e preocupação comigo nessa caminhada, pelo olhar ponderado e experiente e pela amizade tão preciosa.

Agradeço aos meus pais pelo acolhimento em sua casa, e por uma rotina que passou a ser compartilhada no tempo em que permaneci com eles para o processo da escrita. Agradeço mais particularmente pelo apoio e pela ajuda da minha mãe, pelo suporte que de todas as formas tentou me oferecer, pela disponibilidade, pela boa vontade que contribuíram para que parte desse caminho da escrita fosse percorrido; além disso, sou grata pelos trabalhos de revisão de texto realizados, a partir de seu conhecimento nessa área, e por ter tido nesse tempo de permanência conjunta a possibilidade de ressignificações de vivências. Agradeço pelo estímulo que fez tanta diferença.

Agradeço a todos que se dispuseram a conversar comigo, informalmente, durante a minha permanência em Mariana para o trabalho de campo. Seus olhares e suas falas ajudaram a compor parte da imagem que pude trazer comigo, a respeito do rompimento da barragem de Fundão. Agradeço por compartilharem suas impressões e vivências comigo.

Agradeço a alguém que se fez presente no decorrer do processo dessa pesquisa e que trouxe vida no meio de tanta dor, perdas e mortes para as quais meu olhar estava voltado por

conta desse trabalho: meu filho, Artur. Agradeço a você, filho, agora e para sempre; por ter chegado e me dado a chance de ressignificar então a minha vida, validando sem querer aquilo que é parte tão fundamental da nossa existência: morte e vida se entrelaçando, sempre, de modo que essas duas instâncias, ao se alternarem, trazem com esse movimento a possibilidade de ressignificarmos o nosso existir, o nosso viver e, quem sabe, quando nos for sendo apresentado, o nosso morrer.

Agradeço a cada um que, a seu modo, contribuiu com a realização desse trabalho; desde a escolha do tema da pesquisa me senti afetada por essa tragédia e, sem essas tantas ajudas, não teria sido possível me aproximar de tanta lama – seja concretamente, durante o trabalho de campo, seja por meio dos relatos, das leituras – e voltar tentando trazer compreensão e ensinamentos para que melhores suportes possam ser oferecidos para aqueles que vivenciam tragédias como essa.

RESUMO

ANTUNES, L. A. **Perdas e morte como possibilidades de ressignificação da vida: um olhar para experiências das pessoas afetadas pelo desastre de Mariana.** 2021. 262 f. Tese de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa tem como base o crime ambiental de Mariana e o subdistrito de Bento Rodrigues. O conceito da Defesa Civil define desastre como o “Resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, com danos humanos, materiais e/ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais.” O rompimento da barragem de Fundão, ocorrido no dia 5 de novembro de 2015, trouxe consequências ambientais gravíssimas, morte e incontáveis e significativas perdas (de casas, objetos, pertences, memórias, histórias) para as pessoas afetadas por essa tragédia. Esta pesquisa convoca a discussão sobre o papel da Psicologia da Gestão Integral de Riscos e Desastres no enfrentamento das perdas e nas estratégias de apoio no processo do luto. Com o objetivo de compreender os impactos que o rompimento dessa barragem teve na continuidade da vida das pessoas que viviam em Bento Rodrigues, esta pesquisa qualitativa incluiu entrevistas reflexivas com três colaboradores. Os resultados foram obtidos por meio da análise temática, e entre os principais temas obtidos foram encontrados: luto; danos físicos, psíquicos e ambientais; perdas; mundo presumido; identidade e pertencimento; resiliência. Este estudo pretende contribuir com a Psicologia, mais particularmente com os profissionais dessa nova área de atuação – emergências e desastres –, trazendo reflexões, conhecimento e possibilidades de maior qualificação para esses que ajudarão pessoas afetadas por situações desse porte.

Palavras- chave: Emergências e Desastres; Perdas, morte e luto; Ressignificação da vida; D. W. Winnicott; Desastre em Mariana.

ABSTRACT

ANTUNES, L. A. **Losses and death as possibilities to have life re-signified: a glance over experiences of people affected by the disaster of Mariana. 2021.** 262 p. Master Thesis, the Psychology Institute, São Paulo University, São Paulo.

The present research is based on the environmental crime of Mariana and the subdistrict of Bento Rodrigues. According to the Civil Defense, disaster is “The result of adverse events, either natural or caused by men, on a vulnerable ecosystem, with human, material and/or environmental damages and consequent economic and social losses.” The burst of the dam of Fundão, on November 5, 2015, led to extremely serious consequences, death and uncountable and significant losses – of houses, objects, belongings, memories, histories – for those people affected by that tragedy. The present research calls for the discussion on the role of the Psychology of Integral Management of Risks and Disasters when dealing with losses and regarding support strategies during the mourning process. On the purpose of understanding the impacts the burst of that dam caused on the continuance of life for those people who lived in Bento Rodrigues, the present qualitative research included reflexive interviews with three collaborators. The results were obtained by means of thematic analysis, and the main themes identified were: mourning; physical, psychic and environmental damages; losses; presumed world; identity and being part of; resilience. This study is intended to contribute with the Psychology, more specifically with those professionals who shall perform in this new area – emergencies and disasters –, providing elements for them to ponder on, knowledge and possibilities for deeper qualification, so that they may help people affected by situations of such a serious nature.

Key-words: Emergencies and Disasters; Losses, death and mourning; Life re-signification; D. W. Winnicott; Disaster in Mariana.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	Morte e luto, acolhimento e suporte: uma área da Psicologia	16
2	REVISÃO DA LITERATURA SOBRE DESASTRES.....	18
1.2	Desastre, um conceito a ser esclarecido	18
1.2.1	<i>Lei No. 12.608, de 10 de abril de 2012: mudando paradigmas</i>	<i>20</i>
1.2.2	<i>Novos procedimentos.....</i>	<i>21</i>
1.3	O envolvimento da Psicologia, Conselhos, ações.....	21
1.4	Desastres e emergências, uma questão conceitual	22
1.4.1	<i>Desastres e algumas formas de compreensão: para quem não viveu a experiência, como mensurá-la?.....</i>	<i>22</i>
1.4.2	<i>Desastres: outros olhares sobre conceitos e compreensões.....</i>	<i>23</i>
1.4.3	<i>Socorro material e a ajuda emocional, apoios indispensáveis</i>	<i>24</i>
1.4.4	<i>Desalojados, desabrigados, abandonados</i>	<i>26</i>
1.4.5	<i>Um drama que se torna público</i>	<i>26</i>
1.4.6	<i>Garantia de direitos e apoio humanitário: olhares para a saúde mental</i>	<i>27</i>
1.5	Mundo afora.....	27
1.5.1	<i>A Psicologia da Gestão Integral de Riscos e de Desastres</i>	<i>28</i>
1.5.2	<i>Comportamento humano: psicólogos atuando em tragédias</i>	<i>29</i>
1.5.3	<i>Gestão Integral: cinco etapas propostas para atuação.....</i>	<i>30</i>
1.5.4	<i>Primeiros Cuidados Psicológicos (PCPs).....</i>	<i>32</i>
1.6	Comportamento humano: pessoas afetadas por tragédias	32
1.6.1	<i>Subjetividade: reações distintas merecedoras de cuidados</i>	<i>32</i>
1.6.2	<i>Situações de emergências e desastres: perdas e dor a serem reconhecidas para a possibilidade de continuidade da vida.....</i>	<i>34</i>
1.7	Perdas, morte e luto	34
1.7.1	<i>Tipos de morte</i>	<i>35</i>
1.7.2	<i>O processo de luto: tempo dolorido para elaboração e ressignificações</i>	<i>39</i>
1.7.3	Ocorrências “inomináveis”	40
1.7.4	<i>A possibilidade do luto coletivo.....</i>	<i>41</i>
1.7.5	<i>Dizer adeus</i>	<i>42</i>
2	DONALD WINNICOTT E A TEORIA DO AMADURECIMENTO	44
2.1	Conceitos relevantes para a compreensão da elaboração do luto em situações de emergências e desastres	44

2.1.1	<i>Objetos e fenômenos transicionais, mãe suficientemente boa, holding.....</i>	45
2.1.2	<i>Objetos transicionais em desastres.....</i>	49
2.1.3	<i>O indivíduo, a sociedade e o desastre: dor para todos</i>	49
2.2	A atuação em emergências e desastres: muito a considerar	51
2.2.1	<i>Desastres e a identidade de cada ser.....</i>	51
2.2.2	<i>Crianças vivenciando o desastre: brincadeira sem graça</i>	53
2.2.3	<i>Winnicott e um olhar para o luto: nos desastres e emergências, atendimentos fundamentais para a possibilidade de continuidade do Ser</i>	55
3	O DESASTRE DE MARIANA	58
3.1	Uma tragédia que abalou o país inteiro	58
3.2	Pedra por pedra: a tragédia sendo construída.....	58
3.2.1	<i>Responsabilidades compartilhadas</i>	58
3.2.2	<i>Licenciamento ambiental e técnicas para barragens</i>	59
3.2.3	<i>Licença questionável, recomendações não atendidas</i>	59
3.2.4	<i>Riscos.....</i>	61
3.2.5	<i>Saúde mental: um estudo sobre o desastre da Samarco.....</i>	62
4	BRUMADINHO: LIÇÕES NÃO APRENDIDAS DE MARIANA	63
4.1	Quatro anos depois, mais uma tragédia.....	63
4.2	De novo, omissão e indiferença	64
4.3	O sofrimento não serviu de lição	65
4.4	Encontrando sentido em meio a dores e perdas.....	65
4.5	Luta, coragem e determinação para retomar a vida	66
5	OBJETIVOS.....	67
5.1	<i>Objetivo geral.....</i>	67
5.2	<i>Objetivos específicos</i>	67
6	MÉTODO	68
6.1	<i>A Pesquisa Qualitativa</i>	68
6.2	<i>A Observação Participante</i>	69
6.3	<i>A Entrevista Reflexiva.....</i>	69
6.4	<i>Os colaboradores da pesquisa.....</i>	70
6.5	<i>Diário de Campo</i>	71
6.6	<i>Análise temática das entrevistas</i>	72
6.7	<i>Discussão.....</i>	73
6.8	Considerações Éticas e a questão do Termo de Consentimento Livre	

e Esclarecido	73
6.9 Análise de Dados	75
7 OS COLABORADORES, AS NARRATIVAS, A COMPREENSÃO	
DA HISTÓRIA.....	76
7.1 Descrição do contexto da entrevista – Colaborador João	77
7.1.1 <i>Entrevista.....</i>	76
7.1.2 <i>Compreensões, análise: colaborador João</i>	91
7.2 Descrição do contexto da entrevista – Colaboradora Luiza	96
7.2.1 <i>Entrevista.....</i>	96
7.2.2 <i>Compreensões e análise – Colaboradora Luiza.....</i>	111
7.3 Descrição do contexto da entrevista: colaboradora Rita.....	118
7.3.1 <i>Entrevista.....</i>	118
7.3.2 <i>Compreensões e análise: Colaboradora Rita.....</i>	123
8 DISCUSSÃO GERAL	127
8.1 O lugar que nos pertence.....	136
8.2 Renovar, reconstruir, restabelecer, ressignificar?	139
8.3 Bento Rodrigues: também um lar	141
8.4 Enraizamento e identidade	142
8.5 Memórias, lembranças, pedaços da vida	147
8.6 Perdas lá fora, perdas dentro de cada um: perda de si	148
8.7 Construindo memórias.....	148
8.8 A vida após a lama	150
8.9 O espaço, o lugar e as pessoas: uma dimensão identitária.....	150
8.10 Mundo rompido, a lama que invade a existência.....	154
8.11 O que os sustenta.....	157
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	190
APÊNDICE A – A FUNDAÇÃO RENOVA	199
ANEXO A – DIÁRIO DE CAMPO	201
ANEXO B – ENTREVISTA 1 COM O COLABORADOR JOÃO	210
ANEXO C – ENTREVISTA COM A COLABORADORA RITA	232
ANEXO D – ENTREVISTA COM A COLABORADORA LUIZA.....	244
ANEXO E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	261

PARA COMEÇO DE CONVERSA

Um desastre. Um crime ambiental. Uma luta que não termina.

Uma história que ficará para sempre.

Transcrição de conversa com João, enviada para a pesquisadora na data de aniversário da tragédia: 5 de novembro de 2020.

Oi, Laura, boa tarde, lembro, sim, mesmo porque você tem o mesmo nome da minha avó materna. Mas várias pessoas passam por aqui, e algumas marcam, e você é uma delas, a sua generosidade, o seu carisma. Então a gente fica feliz de ser lembrado numa data dessa, ainda que triste.

Mas a gente vai seguindo na luta. Infelizmente as coisas não têm melhorado muito de um tempo pra cá, pelo contrário, têm até piorado, porque a expectativa, a incerteza do futuro, o adiamento de datas, tudo isso traz uma insegurança, uma incerteza. E o tempo vai passando, e a gente vê que esse tempo não é acrescido na nossa vida ao final da nossa permanência. Então a gente fica até angustiado em saber que o futuro, a vida da gente está literalmente na mão de pessoas que teimam em querer adiar ao máximo a execução de uma coisa que eles são responsáveis.

Então a gente vai seguindo na luta. Hoje aqui está sendo um dia bastante pesado, tenso, as lembranças afloram, mas a gente vai seguindo. Lá em Bento teve uma atividade, o pessoal foi lá, eles colocaram uma faixa cobrando posicionamento, cobrando agilidade.

Hoje tivemos a reunião com investidores, cerca de 500 investidores. Estavam eu, o Roberto, a Roberta e o Dr. Marcos. Fizemos uma reunião pela internet com os investidores, pra mostrar pra eles que as empresas nas quais eles investem são empresas que não reparam e não prezam pela vida humana. O recurso que é dispendido pra reparação realmente é um valor alto, mas não chega a ponto do *iceberg*.

Então as coisas vão-se acumulando ao longo do tempo. Hoje temos uma fundação que trabalha praticamente em benefício próprio e das empresas que a mantêm, deixando as questões relevantes pra depois. Então é frustrante, mas ao mesmo tempo faz com que a gente tenha que buscar se manter de pé. É a resiliência que vem através da luta e da vontade de restabelecer e se reerguer. Fácil não é, mas a gente continua, e vai seguindo firme. E vamos ver, até onde a gente tiver força, a gente vai.

Mas obrigado mesmo, mais uma vez obrigado pela lembrança. Até numa fala pra imprensa eu coloquei que eu gostaria que esta data de 5 de novembro, nos próximos anos, fosse uma data, ainda que triste, mas apenas de recordações, e não de murmúrio e lamento por uma

reparação que vem a conta-gotas e uma justiça que insiste em continuar sendo cega, surda e muda.

Mas não sei, acho, acredito que tem um propósito em cima disso tudo. No final vamos ver o que acontece.

Obrigado, fique com Deus. Um abraço no meninão, lembro, sim, quando você falou que estava grávida, e depois ele estava novinho. Então, um abraço aí, fique com Deus. Tchau.

APRESENTAÇÃO

Nos dias de hoje, muitos fatores apontam nossa vulnerabilidade a diversos acontecimentos catastróficos, emergenciais, que geram mortes, perdas, desabrigo, além de outras consequências. Entre estes fatores, observamos as mudanças climáticas, o crescimento populacional e o desenvolvimento da tecnologia. Sejam naturais ou provocados por seres humanos, estes acontecimentos trazem consequências imensas: na ocorrência de um desastre, pessoas são atingidas de diversas formas – morrem ou ficam feridas; perdem amigos e parentes, assistem a sua própria vida correndo risco (PARKES, 2015).

Desde 2001, trabalho na área da Aviação, na formação de futuros comissários de voo, pilotos e agentes de aeroporto. Como parte dos estudos para tal atuação, passei a pesquisar e a conhecer inúmeras histórias de desastres aéreos relacionados com o desenvolvimento da tecnologia, com a interação homem - máquina e, principalmente, com falhas humanas – ou seja, a participação do humano nesse contexto.

A pesquisa sobre acidentes aéreos e suas consequências direcionou-me para estudos na área de perdas, morte e luto, situações que causam dor e sofrimento. E aprofundi meus estudos para conhecer as práticas das empresas aéreas no sentido de dar suporte aos parentes de pessoas afetadas de um acidente aeronáutico, especificamente em relação ao acolhimento às pessoas afetadas e ao suporte que a atuação de psicólogos poderia oferecer.

Foi esse o início de meu envolvimento na área de emergências e desastres. Entre os diversos tipos de desastres que presenciamos no mundo, atraiu minha atenção, como ser humano, pesquisadora e psicóloga, o desastre de Mariana, ocorrido em 5 de novembro de 2015. As perdas, a dor por ter, de um momento para o outro, tanto faltando na vida das pessoas afetadas; a devastação causada pela passagem da lama de rejeitos; as mortes, os danos a animais, casas, objetos; o alcance dos estragos e prejuízos de todo tipo, incluindo o estado em que ficou o Rio Doce, são aspectos que mobilizaram minha atenção, meu interesse e meu lamento; dessa forma, esse desastre foi o que elegi para me aproximar com essa pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Morte e luto, acolhimento e suporte: uma área da Psicologia

De acordo com o *International Work Group on Death, Dying and Bereavement* (FRANCO, 2015), desastres são considerados fenômenos universais, e seus efeitos podem impactar, afetar a vida de pessoas, de vários países e comunidades. Diante de um evento como um desastre ou uma emergência, o mundo real, objetivo, subitamente sofre alterações, modifica-se.

Parkes (2009) trouxe o conceito de mundo presumido na década de 1970, e essa expressão contribui para a compreensão daquilo que se perde com a vivência de algo súbito como um desastre.

“Tudo que consideramos garantido faz parte do nosso mundo presumido; aí estão incluídas nossas percepções sobre nossos pais e nós mesmos, nossa habilidade para lidar com o perigo, a proteção que podemos esperar dos outros (incluindo-se aí a polícia, o sistema legal e os outros ao nosso redor) e as incontáveis cognições que compõem a estrutura complexa de que depende nosso senso de significado e propósito na vida.” (PARKES, 2009, pp. 43).

O autor esclarece: “A crença de que uma visão particular do mundo é verdadeira e real a coloca em uma categoria mental bastante diferente de outros tipos de construção.” (PARKES, 2009, pp. 44). Em seu entendimento, é essa mesma crença que nos dá a capacidade, em grande parte do tempo, de reconhecer e lidar com o mundo a nossa volta com confiança, e de nos sentirmos seguros.

O mundo presumido, ou seja, a realidade na qual há fatores familiares, rotineiros, que conferem a sensação de segurança, de pertinência, são aspectos e dimensões que deixam de existir ou são profundamente afetados no momento de uma catástrofe. Do dia a dia do mundo presumido daquele que viveu uma ou várias perdas faziam parte um marido, um filho, um amigo, pessoas significativas e queridas que, após um desastre, não estão mais lá.

Franco (2015) entende que a integração do desastre à realidade pessoal de cada um pode abrir caminhos, oferecer formas para que novos significados sejam construídos, para que aquela ocorrência ganhe um sentido, podendo promover reconstruções e o seguimento da vida. Por outro lado, Kovács (2015) esclarece que a compreensão racional de que a morte existe e de que é algo inevitável nem sempre se faz presente. Quando a morte acontece de maneira súbita, traz consigo o potencial de impotência, de desorganização. Essa é a morte conhecida como morte escancarada, e que é presente na ocorrência das emergências e desastres. Segundo a autora,

“A morte como perda supõe um sentimento, uma pessoa e um tempo. É a morte que envolve, basicamente, a relação entre pessoas. Se ocorre de maneira brusca e inesperada tem uma potencialidade de desorganização, paralização e impotência. As ações do cotidiano, como falar, atravessar uma rua, cuidar do outro, alimentar-se, são matizadas pelo constrangimento do inusitado em duas situações: diante da própria perda e diante de alguém que perdeu alguém. Embora saibamos racionalmente que a morte é inevitável, este saber nem sempre está presente, fazendo surgir o paradoxo da morte (in)esperada.” (KOVÁCS, 2015, pp. 154).

As mortes repentinas e violentas, as perdas materiais e sociais que atingem aqueles que sobrevivem precisam ser cuidadas. A questão da morte e das perdas súbitas coloca-se como tema a ser elaborado. Mortes, perdas e desaparecimentos decorrentes de desastres e emergências fazem parte dos estudos e práticas de uma área que foi ganhando mais espaço, entendida como a Psicologia da Gestão Integral de Riscos e Desastres. Os profissionais que hoje atuam nesse âmbito, amparados por uma literatura ainda em crescimento, em construção, entendem que nesses contextos de emergências e desastres é necessária a atuação de psicólogos. Alves (2018) esclarece:

“A preocupação com os efeitos e consequências de desastres no indivíduo e em seu modo de vida, bem como com as possibilidades de prevenção e protagonismo dos afetados levou a psicologia a voltar seus estudos para essa área.” (ALVES, 2018, pp. 168).

2 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE DESASTRES

Conforme definição proposta no documento “Proteção aos Direitos Humanos das Pessoas Afetadas por Desastres”, organizado pelo CEPED UFSC, de Florianópolis (2014), considera-se afetada por desastre “qualquer pessoa que tenha sido atingida ou prejudicada por desastre, entre eles feridos, desalojados, desabrigados, pessoas que perderam sua fonte de renda, (...)”. Alves (2018) reforça o fato de que pessoas afetadas por desastres e emergências suportam sofrimento por suas perdas e correm o risco de viver um comprometimento de suas saúdes física e psíquica.

De acordo com a Declaração Universal de Direitos Humanos da ONU, toda pessoa tem direito a segurança pessoal e tem direito [...] a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle (ONU, 1948, art. 25).

A Lei Federal 12.983/14, de 2 de junho de 2014, que altera a Lei 12.340/2010, tratada transferência de recursos para municípios afetados por desastres. Em seu Art. 30-A, esse documento legal determina a obrigatoriedade de a entidade administrativa realizar exercícios simulados com a participação da população (Inciso III). Determina ainda que o Plano de Contingência de cada município deve prever atendimento médico hospitalar e psicológico a todas as pessoas atingidas por desastres (inciso V). (Lei 12.983, de 2 junho de 2014, Presidência da República (jusbrasil.com.br)).

2.1 Desastre, um conceito a ser esclarecido

De acordo com a definição presente no glossário da Defesa Civil, **desastre** é:

“Resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, com danos humanos, materiais e/ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais. Desastres são quantificados em função de danos e prejuízos, em termos de intensidade. Eventos adversos são quantificados em termos de magnitude. A intensidade de um desastre depende da interação entre a magnitude do evento adverso e o grau de vulnerabilidade do sistema receptor afetado. O fator preponderante para intensificar um desastre costuma ser o grau de vulnerabilidade do sistema receptor. Os desastres classificam-se quanto à Intensidade, Evolução e Origem.” (ALVES, 2014, pp. 415).

Quando consideramos o aspecto relativo à origem dos desastres, fica compreendido que esse princípio é também identificado como causa primária ou agente causador. As causas dos

desastres podem ser classificadas como naturais, humanas e mistas. Dessa forma, ainda de acordo com a Política Nacional de Defesa Civil, seguindo a classificação geral dos desastres quanto à sua raiz, Alves (2010) oferece as seguintes definições:

- a) Desastres naturais: provocados por eventos e desequilíbrios da natureza, gerados por fatores externos que agem independentemente da atuação do ser humano (secas, enxurradas, furacões, terremotos).
- b) Desastres humanos: causados por ações ou omissões do homem. Estão relacionados com o ser humano, sendo esse agente e autor; são produzidos, portanto, por causas ou condições internas. Possuem o potencial de promover imensos estragos e danos à natureza, aos ecossistemas, a habitats humanos e ao próprio ser humano. É comum que esses tipos de desastres ocorram como consequência de ações desequilibradas e irregulares, causadoras de desordens socioeconômicas e políticas entre os seres humanos, assim como de sérias e profundas alterações no ambiente ecológico, sendo essas bastante prejudiciais (exemplos: violência, guerras, terrorismos, entre outros).
- c) Desastres mistos: são considerados desastres mistos aqueles nos quais a ação ou a omissão do ser humano contribui para piorar, agravar, intensificar os desastres ditos naturais; é parte desse tipo de ocorrência a existência de eventos naturais adversos que agem sobre condições ambientais já deterioradas, já estragadas pelo ser humano, causando assim desastres (por exemplo: incêndios, chuvas ácidas, enchentes, radiações).

Colocamos aqui, diante dessas categorias, a observação em relação ao desastre de Mariana; de acordo com essas classificações, o desastre com a barragem da Samarco seria considerado humano, no sentido de estar relacionado a ação ou omissão do homem, sendo esse agente e autor do ocorrido. O rompimento da barragem de Fundão não foi causado por desequilíbrios da natureza ou por fatores que independeriam da ação do homem. Pontuaremos nessa pesquisa fatores que permearam essa ocorrência trágica, deixando clara a questão da omissão e descuido não apenas por parte da mineradora, mas de organismos reguladores, autoridades e ainda órgãos responsáveis por emissões, por exemplo, de licenças ambientais.

Além dos conceitos aqui apresentados, Alves (2010) esclarece a definição de alguns termos que fazem parte do contexto aqui estudado.

- a) Emergência: Pode ser entendida como uma situação crítica, como uma ocorrência perigosa ou inesperada, ou como um caso de urgência.
- b) Emergência interna: evento que, atingindo o bem-estar público, acontece dentro de uma localidade, de um país e seus territórios; essa situação é considerada como sendo o

resultado de, por exemplo, um ataque inimigo, de distúrbios civis, de um incêndio ou inundação. Ou seja, desastres públicos ou emergências que possam colocar em perigo a propriedade, ou desfazem os processos considerados normais de um governo.

- c) Urgência: Diz respeito a uma situação que demanda providências inadiáveis; é descrita como um atendimento rápido a um evento. É comum que esse termo seja usado para a descrição da situação de uma pessoa que está precisando de cuidados imediatamente, mesmo ela não estando em uma situação de risco de morte iminente.

2.1.1 Lei No. 12.608, de 10 de abril de 2012: mudando paradigmas

A Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDEC), estabelecida a partir da Lei No. 12. 608/2012, traz, em seu artigo 5, os objetivos que seguem:

- I - Reduzir os riscos de desastres;
- II - Prestar socorro e assistência às populações atingidas por desastres;
- III - Recuperar as áreas afetadas por desastres;
- IV - Incorporar a redução do risco de desastre e as ações de proteção e defesa civil entre os elementos da gestão territorial e do planejamento das políticas setoriais;
- V - Promover a continuidade das ações de proteção e defesa civil;
- VI - Estimular o desenvolvimento de cidades resilientes e os processos sustentáveis de urbanização;
- VII - Promover a identificação e avaliação das ameaças, suscetibilidades e vulnerabilidades a desastres, de modo a evitar ou reduzir sua ocorrência;
- VIII - Monitorar os eventos meteorológicos, hidrológicos, geológicos, biológicos, nucleares, químicos e outros potencialmente causadores de desastres;
- IX - Produzir alertas antecipados sobre a possibilidade de ocorrência de desastres naturais;
- X - Estimular o ordenamento da ocupação do solo urbano e rural, tendo em vista sua conservação e a proteção da vegetação nativa, dos recursos hídricos e da vida humana;
- XI - Combater a ocupação de áreas ambientalmente vulneráveis e de risco e promover a realocação da população residente nessas áreas;
- XII - Estimular iniciativas que resultem na destinação de moradia em local seguro;
- XIII - Desenvolver consciência nacional acerca dos riscos de desastre;
- XIV - Orientar as comunidades a adotar comportamentos adequados de prevenção e de resposta em situação de desastre e promover a autoproteção; e
- XV - Integrar informações em sistema capaz de subsidiar os órgãos do SINPDEC (Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil) na previsão e no controle dos efeitos negativos de eventos adversos sobre a população, os bens e serviços e o meio ambiente. (defesacivil.es.gov.br; 2012).¹

¹ <http://defesacivil.es.gov.br/Media/defesacivil/Legislação/Lei%2012.608%20-%20Institui%20a%20Política%20MNacional%20de%20Defesa%20Civil.pdf>

2.1.2 Novos procedimentos

Uma mudança de paradigma conceitual ocorreu com o surgimento dessa lei: em vez de um olhar para os esforços de resposta após o desastre, surge a consideração de atuações por fases, trazendo a noção de ciclo na circunstância de um desastre. Surgem ações de gestão de risco e de gerenciamento do desastre. A partir dessa mudança, justifica-se, então, a adoção do conceito de “Gestão Integral de Riscos e Desastres”. Segundo Alves (2018), a atuação sob esse enfoque passa a considerar cinco fases, que serão detalhadas adiante: Prevenção, Mitigação, Preparo, Resposta e Recuperação.

2.2 O envolvimento da Psicologia, Conselhos, ações

Entre as colocações apresentadas pelo CFP (2013), destacamos o seguinte esclarecimento referente à legislação sobre a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil:

“Há no país uma legislação específica vigente sobre a Política Nacional, Estadual e Municipal de Proteção e Defesa Civil (Lei nº 12.608 de 10 de abril de 2012). Certos da importância dessa política para toda a população, o Sistema Conselhos tem participado ativamente dessa discussão, defendendo a garantia dos direitos previstos na Constituição Federal, nas políticas setoriais e valorizando o protagonismo das populações afetadas por desastres.” (CFP, 2013. *site.cfp.org.br*).

Desde 2011, o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia vêm realizando ações voltadas para a área de emergências e desastres, tendo como objetivos:

- a) O incentivo de produção e divulgação de conhecimento;
- b) A produção de referências de conceitos, métodos para a atuação da Psicologia na área de emergências e desastres;
- c) O acompanhamento de políticas públicas relevantes e a intervenção, quando necessário;
- d) A promoção de educação em emergências e desastres, assim como a inclusão do tema nas graduações, na formação acadêmica;
- e) Colocar-se como agente social para reforçar a criação, a implantação e o acompanhamento da política pública de defesa civil. (CFP, 2011).

Alves (2018) aponta que apenas no ano de 2014 o Conselho Federal de Psicologia construiu a Comissão Nacional de Psicologia em Emergências e Desastres, e em 2016 produziu a Nota Técnica sobre atuação da Psicologia na gestão integral de riscos e de desastres, já então alinhadas com a política de proteção e defesa civil, corrigindo e atualizando a nota técnica anterior, lançada em 2013.

2.3 Desastres e emergências, uma questão conceitual

Quando relacionamos os conceitos de **emergências** e **desastres**, importa esclarecer a diferença entre esses termos, uma vez que definem circunstâncias diferentes. Ao falarmos de emergências, é suposto que a pessoa que enfrenta tal situação dispõe de ferramentas e recursos – por exemplo, capacidades e competências cognitivas – para lidar com a situação que está vivendo. Estaremos diante de um contexto de desastre quando não for possível aplicar esse conjunto de ferramentas e recursos a essa situação – ou seja, quando a situação impuser demandas que excedem a capacidade de respostas.

No entanto, Marquezini destaca que não há consenso entre pesquisadores e estudiosos da temática de desastres em relação a alguns dos conceitos apresentados. Afirma que alguns autores, como Kroll-Smith e Gunter (1998), entendem que, quanto mais estudos existem sobre desastres, menos certezas são construídas sobre a natureza desses eventos. Os autores ponderam que importa avaliar como ocorreu o **desastre**, com o intuito de buscar uma interpretação do fenômeno, pois acreditam que inúmeras definições formuladas sobre a área de **emergências** e **desastres** foram elaboradas sem o conhecimento da experiência daqueles que de fato vivenciaram a situação.

2.3.1 Desastres e algumas formas de compreensão: para quem não viveu a experiência, como mensurá-la?

Segundo Marquezini (2009) com base nos conceitos apresentados por Gilbert (1998), é possível conjugar as definições de desastres em três grupos centrais, representando três diferentes paradigmas, três diferentes olhares.

O primeiro paradigma traz a compreensão do desastre como sendo uma ocorrência ameaçadora, porém externa. Essa compreensão foi formulada à época da Segunda Guerra, e qualifica os desastres como sendo causados por agentes externos com potencial para causar impactos profundos e significativos aos moradores de uma comunidade.

Outro paradigma entende o fenômeno do desastre como a “expressão social da vulnerabilidade.” (MARQUEZINI, 2009, pp.49). Sobre esse aspecto, o autor esclarece:

“Marandola & Hogan (2006, p.34) salientam que “o rompimento com o pressuposto recorrente na literatura sobre perigos e desastres de que haveria uma ‘vida normal’, um *status quo* de normalidade”, foi ensejado a partir das discussões da teoria da sociedade de risco, representada por Beck (1997) e Giddens (1991). Esta teoria deslocou a ideia do perigo e do risco como eventos excepcionais para sua compreensão na própria estrutura social, ou seja, os riscos produzidos na e pela modernidade são fabricados socialmente, procedem da

incisiva intervenção humana sobre o meio. Em suma, este segundo paradigma descartou a noção de que os desastres da natureza causam determinados impactos sobre as comunidades humanas: a natureza dos desastres deve ser buscada na organização social, compreendendo-os como um processo ligado à vulnerabilidade social, suas causas devem ser explicadas como problemas estruturais, devendo ser contextualizadas.” (MARCHEZINI, 2009, pp. 49-50).

Ao relatar o terceiro paradigma, o autor esclarece que, segundo Gilbert (1998), esse terceiro olhar para o conceito de desastre diz respeito a um estado de incertezas que são construídas no próprio âmbito das instituições:

“(...)a incerteza poderia ser compreendida como produzida pelas sociedades complexas, a partir de disfunções resultantes das frágeis articulações entre as especialidades científicas, criando vácuos de representações e práticas capazes de reduzir os riscos, o que ocorreria tanto em regimes democráticos quanto autoritários. A incerteza não seria meramente produzida em razão da ausência de comunicação ou informação, mas também pela profusão anárquica de informações que acaba interferindo nos sistemas de pensamento e nos modos de organização das esferas administrativas, políticas e científicas.” MARQUEZINI, 2009, pp.51).

2.3.2 Desastres: outros olhares sobre conceitos e compreensões

Alves (2010) esclarece que emergências e desastres são ocorrências que podem acontecer de forma inesperada ou esperada, surgindo de maneira bastante violenta, trazendo surpresa, podendo acontecer a qualquer momento, do dia ou da noite; tem o potencial de transtornar, arruinar, comprometer a vida e/ou a integridade física de uma ou várias pessoas, e pedem intervenção especializada.

A autora aponta ainda que, sendo os desastres ocorrências de grande amplitude, potência e magnitude, são terrivelmente destrutivos; geram mortes e um grande número de pessoas feridas, assim como danos e prejuízos significativos ao local no qual ocorreram. Tal tipo de evento é um acontecimento de natureza e cunho dramáticos, funestos, tenebrosos e aterrorizantes, capaz de despertar piedade, lástima e compaixão. Provoca consequências nocivas cujos efeitos ultrapassam as pessoas diretamente afetadas e o local atingido. (ALVES, 2010).

Em situações de desastre, é comum uma desproporção entre os recursos e ferramentas disponíveis e aqueles que de fato seriam importantes e necessários para que o problema fosse solucionado. Importa considerar que a principal característica do desastre é o comprometimento da plenitude e da integridade físicas de um grande número de pessoas, com acentuadas e profundas alterações nos indivíduos, nos bens, nos serviços ali disponíveis e no meio-ambiente, de modo que tal ocorrência ultrapassa a capacidade de resposta existente na comunidade que foi afetada. (ALVES, 2014).

Quando refletimos sobre aquilo que conseguimos ou não elaborar quando vivemos eventos adversos, vale lembrar que as condições para enfrentar tais eventos e reconstruir a vida após o desastre são diferentes em função das diferenças entre estratos sociais. Assim sendo, torna-se importante lutar pela garantia de direitos às pessoas afetadas por desastres e pelo risco desses eventos, no empenho para que tenham condições para uma vida digna antes do desastre e após sua ocorrência.

Tais esforços devem assegurar que a pessoa tenha garantia de uma moradia adequada e do direito à cidade e aos seus benefícios, o que pode ser traduzido pelo acesso a um atendimento apropriado diante das necessidades que surgem como decorrência do impacto desses eventos, com o intuito de minimizar o sofrimento decorrente. (NETO, HELOU, 1995).

2.3.3 Socorro material e a ajuda emocional, apoios indispensáveis

Avaliando a importância da vida mental, e entendendo que é ela que dá sentido à existência humana, é mandatório separar parte dos recursos disponíveis para uma operação de ajuda e socorro aos afetados por desastres, para os cuidados com os problemas emocionais que possam ser desencadeados. O assessor regional da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) destaca quão negligenciada a saúde mental tem sido na América Latina em relação à estrutura dos projetos nacionais de emergência ou na preparação da resposta aos desastres. Desastres provocam problemas sanitários graves em qualquer país, porém são mais visíveis e mais palpáveis nos países de Terceiro Mundo, já afetados por diversas outras carências. Nesses casos, o impacto do ocorrido é ainda potencializado pela perda dos escassos recursos existentes, e faz com que a reabilitação e a reconstrução ocorram de maneira muito mais lenta. (NETO, HELOU, 1995).

Eventos adversos, como o desastre aqui estudado, afetam ao mesmo tempo várias dimensões da vida social das comunidades, podendo ultrapassar sua capacidade de resposta. Segundo estudos realizados pelo CEPED – Centro Universitário de Estudos e Pesquisas sobre Desastres (OLIVEIRA, 2009), entre essas várias dimensões estão moradia e família, segurança, rotinas e serviços, trabalho e renda, ambiente e a saúde mental.

A Organização das Nações Unidas (ONU) define desastre como sendo: “Alteração de forma súbita de pessoas, de seu meio ambiente ou de seus bens, causada por fatores externos de origem natural ou causado pela ação humana e que demanda uma ação imediata por parte das autoridades de saúde, visando a diminuição das consequências do mesmo. Excede a capacidade de resposta e demanda ajuda externa de ordem nacional ou internacional.” (OPAS/OMS Brasil – Desastres). (paho.org).

No entendimento de Molina (2011),

“(...) o desastre acontece a partir da ação ou omissão humana diante de um evento crítico, sem importar se a origem se deve a fenômenos naturais ou não. Essa premissa é fundamental, pois sustenta a convicção de que as emergências e os desastres podem e devem ser prevenidos, sempre e quando exista consciência real do risco, e é precisamente nesse aspecto que os profissionais do comportamento humano têm muito a fazer.” (MOLINA, 2011, pp. 91-92).

Quando voltamos o olhar para conceitos como o de desastres, é importante levar em conta o contexto ao qual nos referimos. Segundo Valêncio *et al.* (2011), considerando o momento atual, é possível constatar que a modernidade é intrinsecamente produtora de desastres, caracterizando-se por continuamente criar novos riscos. Esse autor esclarece que tais ameaças estão relacionadas a vários serviços que interligam, de maneira ambígua e inseparável, efeitos bons e ruins, benéficos e maléficos ao bem-estar de um grupo, do coletivo. Beck (1992) qualificou esse ambiente como “sociedade de risco”; Giddens (1991;1997), que também refletiu sobre essas questões, denominou esse mesmo ambiente como “modernidade tardia”.

Apesar de haver manifestações concretas de ameaças naturais e tecnológicas que rodeiam e permeiam o cotidiano das pessoas, importa considerar as relações com as conjunturas materiais, políticas e culturais de cada grupo, entendendo seu contexto sócio-histórico particular.

Ainda de acordo com Valêncio *et al.* (2011), na maioria das vezes as ameaças são desencadeadas pela prática e pela vivência contínuas, discrepantes e ambíguas da vida econômica e social. É também inerente a esse exercício o surgimento de diversos níveis de proteção, com as quais cada grupo específico poderá contar quando estiver diante dos efeitos adversos e perigosos de suas próprias maneiras de agir, ou diante das práticas do outro, as quais reverberam de modo prejudicial sobre a própria pessoa e sobre os demais. Considerados acontecimentos sociais, os desastres permeiam o funcionamento e a estrutura de uma sociedade, deixando nítidas dimensões objetivas e subjetivas, seja na forma como tais eventos são gerados, produzidos, seja na forma como são vivenciados.

Valêncio *et al.* (2009) esclarece:

“Desastre é a concretização de um risco. Este, por sua vez, tornou-se um tema relevante nas Ciências Sociais pela forma preocupante da produção territorial e social da modernidade, isto é, dos excessos, das saturações e dos efeitos indesejáveis que vimos assistir na concretização de fixos e fluxos que associamos ao progresso. Se os riscos podem ser entendidos como os resultados inesperados que têm uma consequência negativa nas atividades ou decisões levadas a cabo, a confiança nos sistemas peritos pressupõe a capacidade renovada de reduzi-los, por

meio de novos olhares, discursos e práticas sobre os elementos materiais da paisagem, isto é, sobre a realidade concreta onde os sujeitos promovem a sua existência cotidiana. Caso as abordagens peritas sobre o meio produzam riscos e persistam, sem conseguir amainá-los, a confiança pública nos sistemas peritos decresce e passa a ser progressivamente questionada.” (VALÊNCIO, 2009, pp. 177).

2.3.4 Desalojados, desabrigados, abandonados

Na ocorrência de um desastre, é preciso levar em conta diferenças que existem entre as pessoas afetadas e aquelas que eventualmente tornam-se desalojadas e desabrigadas; entre estas últimas estão aquelas que passam a ser de fato abandonadas. Entendendo que afetados são todos aqueles que sofrem de maneira direta ou indireta quaisquer tipos de danos, os chamados desalojados e desabrigados são pessoas afetadas que vivem esse dano localizado de maneira central na dimensão da vida privada, o que ocorre pelo fato de terem sua moradia gravemente danificada ou completamente destruída. Ocorre a perda de um espaço privado, um prejuízo que afeta inúmeras famílias em situações de desastres, como uma dor e um drama coletivos. (Valêncio, 2011).

2.3.5 Um drama que se torna público

Valêncio (2011) observa ainda que a presença da mídia é comum em situações de desastres, tornando público o drama vivido pelas pessoas afetadas naquele local. No contexto imediato do pós-desastre, os meios de comunicação provocam a comoção pública diante do problema social, da situação que passa a angustiar as pessoas afetadas após a tragédia. É comum que várias formas de ajuda, doações e trabalho voluntário sejam mobilizados. Nos desastres, é possível observar atitudes essencialmente humanitárias por parte de indivíduos não afetados, como compaixão e solidariedade. No entanto, após o primeiro momento de mobilização, a imprensa normalmente deixa o local afetado. Voluntários também permanecem por algum tempo e depois se retiram.

Assim, tendo sido amparados nos primeiros momentos dessa vivência tão dolorosa, as pessoas afetadas pelo desastre assistem a uma deslegitimação de seus direitos de recuperação, de reabilitação, de restauração. Tal ocorrência pode ser reconhecida a cada movimento de afastamento do outro, a qualquer diminuição das manifestações públicas, que antes demonstravam apoio e solidariedade, no esvaziamento de uma memória da sociedade em relação ao evento ali vivido, ao drama dos que foram afetados. (VALÊNCIO *et al.*, 2011).

Em situações de desastres, não é incomum também um olhar de menos valia para a condição humana, diante daquelas pessoas que viveram, simultaneamente, a perda de

familiares, de sua moradia e de seus meios de trabalho, assim como o ambiente em que se dava a vida comunitária. E é nesse contexto do compartilhar, dos encontros sociais, que se promove a busca por uma humanidade compartilhada, pela troca de valores, de afetos. Há uma medida da falta de significado, da insignificância das pessoas afetadas, uma ideia que a filósofa Olgária Matos (2008) nos apresenta de maneira contundente:

“O tempo na contemporaneidade é fatalizado pela ordem das urgências, o culto dos meios e esquecimento dos fins (...). A “escalada da insignificância” resulta numa lógica de desengajamento em relação ao mundo compartilhado (...) com a dificuldade na criação de laços duradouros, com a obsolescência de valores como o respeito, solidariedade, responsabilidade e fidelidade.” (citada in VALÊNCIO *et al.*, 2011, pp. 22 e 23).

2.3.6 Garantia de direitos e apoio humanitário: olhares para a saúde mental

Considerando a perspectiva de danos à saúde mental, o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2011) entende que situações de emergências e desastres devem ser enfrentadas e manejadas com políticas públicas que vislumbrem cuidados desde a prevenção até o cuidado e o acompanhamento das pessoas afetadas. Um feito importante de tais políticas é o de garantir à sociedade o essencial respeito aos direitos humanos.

O que algumas pessoas afetadas por desastres vivem pode ser considerado o reverso da cidadania. Esse sentimento pode ajudar a deixar visível o que precisa ser melhorado para que haja cuidados dignos, uma atenção a todos os envolvidos que possa ser considerada de fato humanitária. (CFP, 2011).

Nesse sentido, faz-se necessária a comunicação, uma interlocução de qualidade com as esferas públicas, com o objetivo de restabelecimento das condições regulares das casas, das moradias e dos outros serviços que dizem respeito à garantia dos níveis mínimos vitais e sociais, com foco na proteção à cidadania, ao aspecto humanitário, aos direitos humanos. (VALÊNCIO *et al.*, 2011).

2.4 Mundo afora

Emergências e desastres sempre fizeram parte da história da humanidade, de modo que as pessoas, há tempos, sofrem com tais eventos, padecem com alterações climáticas e com movimentações geológicas. Alves refere:

“De acordo com o Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastre 2015-2030 (UNISDR, 2015), entre 2005 e 2015, mais de 1,5 bilhão de pessoas no mundo foram afetadas por desastres. Aproximadamente 23 milhões ficaram desabrigadas, mais de 700 mil pessoas perderam a vida

e mais de 1,4 milhão ficaram feridas. A perda econômica corresponde a mais de US\$ 1,3 trilhão.” (ALVES, 2018, pp. 166).

O ser humano é capaz de gerar guerras, de afetar o clima e as condições ambientais do nosso planeta; possui o potencial para gerar fenômenos como, por exemplo, o “efeito estufa” e o buraco na camada de ozônio, e é afetado por esses eventos. Assim, o homem sofre diretamente o impacto dos desastres (sendo esses provocados ou não). Quando tais repercussões excedem qualquer possibilidade de enfrentamento, pode-se dizer que fica instaurado o trauma. O significado do termo trauma é ferida e possui o potencial de fazer surgir consequências emocionais e/ou físicas como, por exemplo, perda de memória, distúrbios de ansiedade, prejuízos na capacidade de atenção e concentração, entre outros. O trauma pode contribuir também para a vivência de um luto complicado. (ALVES, 2010).

Dois recortes conceituais – o indivíduo e a sociedade – emergem aqui como relevantes para a compreensão dos impactos de desastres e para intervenções que visem a minimização desses impactos, entre as quais se inclui a Psicologia na Gestão Integral de Riscos e de Desastres. Essa área de atuação do psicólogo, atualmente já reconhecida, estuda o comportamento das pessoas em situações de acidentes e desastres, desde atuações preventivas até o pós-trauma, com o intuito de oferecer compreensão, intervir com apoio e ajuda para a superação do trauma daqueles que foram afetados. (BRUCK, 2007, citado por FONSECA, *et al.*, 2015).

2.4.1 A Psicologia da Gestão Integral de Riscos e de Desastres

Essa atuação do psicólogo é diferente do trabalho psicoterápico, e se dá em um *setting* bastante diferente do espaço de um consultório; esse tipo de atendimento pode ocorrer dentro de um abrigo, na casa da pessoa afetada, no banco de uma igreja, a céu aberto.

Mantendo-se o mínimo de privacidade, esse trabalho ocorre em locais nos quais há profissionais de diversas áreas transitando, atuando no desastre também. É uma atuação na qual o psicólogo oferece sua escuta, coloca-se disponível; não aguarda que a pessoa afetada o procure, como ocorre na atuação clínica. Estamos nos referindo a uma outra área de atuação de psicólogos.

Os esclarecimentos a seguir são trazidos por Franco (2015), que aponta características sobre esse espaço de atuação da Psicologia denominado Psicologia da Gestão Integral de Riscos e Desastres, cujo foco de atuação é a saúde mental e as necessidades psicossociais das pessoas afetadas por desastres. O objetivo dessa área de atuação de psicólogos é evitar maiores danos, aliviar o sofrimento imediato e oferecer um apoio que seja efetivo para seu enfrentamento.

Estuda os impactos psicológicos nos indivíduos e nos grupos; propõe-se a atuar no trabalho preventivo e de ajuda aos afetados por uma catástrofe, com o intuito de ajudá-los a reconstruir a vida no pós-desastre.

2.4.2 Comportamento humano: psicólogos atuando em tragédias

Dentre alguns aspectos relacionados à especificidade do trabalho do psicólogo nessa área, Franco (2015) lembra que é uma atuação realizada em equipe; dessa forma, importa que o profissional possa respeitar e conhecer sua equipe, sendo capaz de perceber em cada colega as capacidades técnicas, as habilidades pessoais, assim como os limites de atuação de cada membro da equipe, de cada um que estará atuando na emergência.

Nesse contexto, é fundamental que o psicólogo possa manter um domínio emocional, mesmo estando ele atuando em uma situação que promove a desorganização, e na qual existe o caos. Para tanto, torna-se essencial o autoconhecimento por parte desse profissional, assim como o autocuidado, o reconhecimento de seus limites e do impacto do ocorrido em si mesmo.

Não somos “super heróis” enquanto profissionais, mas humanos que, ao nos dedicarmos ao atendimento na área de emergências e desastres, não há dúvidas de que seremos afetados, cada um em sua medida. Por esse motivo – e daí também a importância dessa atuação se dar em um contexto de equipe –, os coordenadores e responsáveis devem poder reconhecer o limite de cada profissional e rendê-los quando necessário, ou quando o tempo previsto para a atuação for atingido.

Não é desejável o psicólogo atuar em emergências e desastres e ser afetado de tal maneira que acabe adoecido, com sua saúde física e/ou emocional prejudicada. Há, nesse trabalho, limites a serem respeitados: o tempo de atendimento, a necessidade de pausa para alimentação e ingestão de líquido por parte dos profissionais; há a necessidade de cada dupla que irá atuar ser capaz de se olhar e de cada profissional exercitar seu autoconhecimento, no sentido de estabelecer/reconhecer limites: cada um aguenta oferecer escuta e acolhimento por determinado tempo, para determinados relatos, histórias e dores. Assim, lembramos que aquele que cuida merece cuidado, deve se cuidar; dessa forma poderá manter-se capaz de seguir cuidando daqueles que estão diretamente afetados pelo desastre, pela emergência.

Nessa atividade, o atendimento em dupla, com tempo determinado para a retirada de cada um, são manejos importantes para a preservação da saúde de cada profissional. Soma-se a isso o autoconhecimento de cada um, e a ocorrência, após um dia de trabalho, de encontros entre os membros da equipe para trocas, relatos, desabafos, descompressões. Dessa maneira, é

favorecido o seguimento com saúde – psíquica e física – dos profissionais que seguirão realizando atendimentos no decorrer de todo o trabalho.

2.4.3 Gestão Integral: cinco etapas propostas para atuação

Alves (2018) traz esclarecimentos sobre essas cinco fases.

Prevenção

Nessa etapa, os esforços são para o reconhecimento e a avaliação da diminuição de riscos e desastres. Estão nesse momento inseridos os esforços para a percepção dos riscos presentes nas comunidades, para o mapeamento de toda população vulnerável e das áreas de risco.

O trabalho dos psicólogos nesse contexto, é de obter informações sobre os moradores daquela área (estrutura das famílias, vínculos com vizinhos e animais de estimação); escutar e considerar ideias dos moradores para diminuir, dirimir ameaças; estabelecer rotas de, em conjunto com os moradores, verificar atitudes, comportamentos potencialmente perigosos; localizar locais que possam funcionar como abrigos; mapear os animais de estimação e as escolas do local.

Mitigação

Esta etapa implica minimizar ou cercear os impactos que os desastres e ameaças poderão trazer; estudos a respeito das vulnerabilidades da região, incluindo-se aí físicas, sociais, econômicas, culturais e ecológicas; atividades voltadas para a percepção do risco na comunidade; consolidar as relações entre vizinhos; mobilização de toda a comunidade e incentivo a seu envolvimento direto nesses processos; construção de plano de ação alinhado à demanda dos moradores, sendo necessário, para isso, considerar a história, a estrutura já existente, a organização social naquele local e comportamentos diante das ocorrências.

É nessa fase que se desenha um plano de contingência. Trata-se de um significativo documento da Defesa Civil elaborado visando uma hipótese de desastres, objetivando tornar mais fácil a realização das atividades de preparação, aperfeiçoar as ações de resposta e minimizar as possíveis falhas. É construído para um desastre particular, e deve ser capaz de contemplar as seguintes questões: “Qual é o problema?”; “Como, quando e onde ocorre?”; “O que fazer e quem fará?” Definem-se nesse documento as atribuições e os respectivos responsáveis. A área da Psicologia deve desenvolver seu plano próprio de contingência.

Preparo

Não sendo possível dirimir a ocorrência ou a ameaça, a resposta deve ser estrategicamente organizada no decorrer do desastre. O objetivo desses esforços será minimizar os sofrimentos individuais e coletivos. São ações dessa fase: estabelecimento das tarefas dos membros da comunidade e de populações do entorno; realização de treinamentos em escolas e com os membros da comunidade; ordenação da proteção de indivíduos, animais, suprimentos e bens; proteção das moradias; realização de treinamentos de maneiras e de rotas de evacuação das pessoas vulneráveis.

No Preparo, são realizados também: simulações; exercícios com adolescentes e crianças; capacitação de pessoas para os Primeiros Cuidados Psicológicos; ajuda na percepção das potencialidades individuais e coletivas para o enfrentamento da situação e busca por soluções. Esses são esforços importantes no sentido de capacitar a comunidade para enfrentar a ocorrência.

Resposta

Realização das atividades previstas durante a fase de preparação. O esforço aqui se dá no sentido de salvar vidas, diminuir sofrimento e proteger os bens; o plano de emergência predefinido é também colocado em prática. As ações entre as instituições precisam, fundamentalmente, estar alinhadas e previstas nos planos de emergência e de contingência.

As ações dos psicólogos se dão também nessa fase, e devem ser colocadas em prática após uma busca ativa de pessoas afetadas e que estejam em condições de realizar atendimento psicológico. Em uma mesma ocorrência podem atuar diversas equipes de psicólogos. É fundamental que os coordenadores dessas equipes sejam capazes de trabalhar em conjunto, alinhados, pelo bem-estar daqueles afetados pelo desastre.

Recuperação

Esta fase é separada em duas etapas:

- a) Reabilitação: os serviços básicos voltam a funcionar, sendo restabelecidos; são feitas uma avaliação preliminar e a quantificação dos danos para que cooperação externa possa ser solicitada. É fundamental o esforço para promover a sensação de rotina e normalidade tanto quanto seja possível, sendo importante a volta das crianças para a escola e dos adultos aos respectivos trabalhos. Importante conduta também é a de incluir as pessoas afetadas em decisões e processos de recuperação.

- b) Reconstrução: esse é o momento que objetiva ativar fontes de trabalho, estimular a atividade econômica daquela região afetada e restaurar danos materiais, especialmente nos contextos de habitação e de infraestrutura.

2.4.4 Primeiros Cuidados Psicológicos (PCPs)

Um guia organizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) é recomendado para situações como essa: são os chamados Primeiros Cuidados Psicológicos. Trata-se de um manual de fácil leitura para ser utilizado por profissionais que atuarão em emergências e desastres. Um dos aspectos importantes que esse material apresenta é o fato de que esse primeiro cuidado não precisa ser oferecido apenas por psicólogos, mas por pessoas instrumentalizadas para acolher, ajudar e, talvez principalmente, não piorar a situação daquele ser humano em sofrimento, afetado pela catástrofe. Segundo Alves (2018), essas pessoas devem ser treinadas por profissionais da Psicologia que estejam capacitados para essa atuação.

Sobre os PCPs, Alves (2018) esclarece:

“Os PCPs são recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e por outros grupos de especialistas nacionais e internacionais. Trata-se de um guia de apoio psicossocial para indivíduos que viveram situações de extrema angústia e fornece diretrizes básicas para pessoas que prestam assistência pós-desastre. Entre os PCPs estão: oferecer apoio e cuidados práticos não invasivos; avaliar necessidades e preocupações; ajudar as pessoas a suprir necessidades básicas (comer, beber, informações); confortá-las e ajudá-las a ficar calmas; escutar sem pressionar a falar; auxiliar na busca de informações, serviços e suportes sociais; proteger de danos adicionais.” (ALVES, 2018, pp. 173).

Os PCPs trazem, portanto, orientações de cuidados básicos e fundamentais para que um primeiro suporte possa ser oferecido.

2.5 Comportamento humano: pessoas afetadas por tragédias

2.5.1 Subjetividade: reações distintas merecedoras de cuidados

Sublinhando questões de caráter mais subjetivo da vida, vale considerar que várias situações no dia a dia constituem desastres para as pessoas. Quando se considera o contexto de um grupo, tem recebido cada vez maior importância o olhar que é dado para aquilo que representa para cada comunidade o evento ocorrido, no sentido de determinar a especificidade psicológica de uma situação para que seja considerada ou não emergência ou desastre.

Além disso, conforme Figueiredo (2016),

“[...] o que importa não é só a magnitude do evento, mas o que representa para as pessoas que passaram por ele; de outra forma seria

impossível explicar por que as vivências e reações são tão diferentes em cada indivíduo diante do mesmo estímulo: enchente, terremoto, dilúvio é igual para todos, mas o que acontece psicologicamente é diferente para cada pessoa. Precisa-se ter isso muito claro: as pessoas significam acidente e emergência cada uma a seu modo.” (FIGUEIREDO, 2016, p. 12; 14).

Assim, o desastre é compreendido como um acontecimento social trágico, que ocorre em vários planos: no plano simbólico, são vistas interpretações diversas e divergentes do mesmo fenômeno; em um plano concreto, há dimensões socioambientais, sociopolíticas e econômicas. Em quaisquer desses planos, um desastre envolve várias e diversas vivências, considerando-se, portanto, que a forma pela qual uma pessoa será afetada não será a mesma de outra pessoa. Ou seja, a dor pelo que foi perdido não ecoará da mesma forma entre as pessoas. (VALÊNCIO, 2011)

Alves (2010) aponta que, após a ocorrência de um desastre, as reações emocionais de cada pessoa dependerão de alguns fatores: do tipo de desastre, sua magnitude e intensidade; do grau de destruição e do impacto causado. Outros fatores importantes nesse sentido serão a personalidade de cada pessoa, sua história de vida e os respectivos recursos de enfrentamento. Será importante também considerar a rede de apoio de cada pessoa.

A autora observa que, independentemente do formato, o desastre afeta a comunidade, repercute na vida das pessoas, gerando mudanças abruptas para as quais normalmente as pessoas e a comunidade não estão preparadas. E que importa admitir que dor é dor, considerando a perda que foi e está sendo vivida. Em situações tanto de desastres como de emergências, há perdas, há dor; e há, portanto, cuidados a serem providenciados. E esclarece:

“Em situações trágicas, no aspecto psicológico, não existe dor maior ou menor, mais ou menos importante (diferente de necessidades médicas). A mesma atenção e cuidados devem ser dispensados às pessoas que perderam entes queridos, animais de estimação, casas ou álbuns de fotografias. A pessoa sabe que houve perdas maiores e piores – como vidas – e são gratos por não terem sido atingidos, e estão sensibilizados com as perdas e dores dos outros, mas, precisam ter sua perda, dor e sofrimento reconhecidos, valorizados e cuidados.” (ALVES, 2010, pp. 47).

E segundo Alves (2010), é importante considerar sobre uma pessoa afetada por um desastre:

“As pessoas envolvidas perdem a referência, os sentidos, não sabem o que fazer e, fazem qualquer coisa ou não conseguem fazer nada.” (ALVES, 2010, pp. 47).

2.5.2 Situações de emergências e desastres: perdas e dor a serem reconhecidas para a possibilidade de continuidade da vida

Quando pessoas vivem situações de desastre, importa a qualidade dos cuidados oferecidos a elas na ocasião dessa vivência; as pessoas afetadas poderão ter maior ou menor chance de seguir sua vida, de lidar com sua(s) perda(s), de maneira mais ou menos adequada ou adaptada para si. Havendo a compreensão de que fazem parte do nosso dia a dia uma rotina, um contexto de vida que nos são conhecidos, presumidos e que nos transmitem segurança, é importante considerar que, em uma emergência ou desastre, esse mundo presumido não existe mais, como é o caso em Bento Rodrigues, o local em que ocorreu o desastre que estudaremos nessa pesquisa. Nessas situações, pode surgir uma sensação de insegurança frente ao cenário caótico que se apresenta, e torna-se importante olhar para a dimensão da resiliência.

Originalmente, a palavra resiliência foi aplicada à área de estudo da resistência de materiais, referindo-se à “propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 2437). No presente contexto, entre as diversas definições que podem ser encontradas, resiliência pode ser entendida como uma capacidade do ser humano no sentido de não apenas superar situações difíceis e adversas, mas também de utilizar tais situações em seus processos de desenvolvimento e crescimento pessoal. (LEAL; HÖHR; POLICARPO Jr., 2010). Trata-se, portanto, de olhar para a dimensão da saúde e dos esforços para recuperá-la ou preservá-la.

Dependendo da dimensão do desastre ou da emergência, da estrutura de determinada comunidade e de cada indivíduo, assim como do suporte e do atendimento oferecidos nos momentos iniciais após a ocorrência, há uma perspectiva mais – ou menos – difícil e demorada de reparação, de retomada e continuidade da vida. Aspectos individuais, da estrutura de cada um vão importar nesse contexto, pois interferem no manejo particular diante de situações de perdas, de morte, e na possibilidade de colocar-se de forma mais ou menos resiliente.

As reações, após uma perda súbita, dependem de alguns fatores:

“As reações dependem da natureza e da gravidade do incidente, da experiência anterior em crises, do apoio recebido durante a vida, da saúde física, da história pessoal e familiar de saúde mental, da cultura e das tradições e da idade, entre outros fatores.” (ALVES, 2018, pp. 170).

2.6 Perdas, morte e luto

Como podemos definir a morte? Vivemos nosso dia a dia e não necessariamente lembramos muito da morte; se estamos com saúde, se somos jovens, se acreditamos ter ainda

muito para viver, se nos sentimos bem. A morte faz parte da nossa vida, e cada um convive com essa ideia à sua maneira, com suas reflexões e ferramentas emocionais para lidar com a ideia de morrer.

Mas além da constatação de que vamos todos um dia morrer, há outra constatação que é imensamente dolorida, e que coloca cada indivíduo diante do fato de que aqueles que amamos morrerão também. Esse é um fato na vida de todos os seres vivos. A morte faz parte do desenvolvimento humano. Assim, a morte é universal; é definitiva e irreversível. É, no entanto, um limite que organiza nossa vida.

Kovács (2015) aponta um aspecto fundamental em relação às reflexões sobre a morte, esclarecendo que é parte essencial das experiências dos seres humanos, e que é também relativa, pois dependerá da maneira como atinge as pessoas. Assim sendo, todas as representações existentes sobre a morte deverão sempre ser consideradas dentro de um contexto cultural.

2.6.1 Tipos de morte

Morte domada

Segundo Kovács (2015), fazendo referência a Philippe Ariès (1977), relevante pesquisador e autor francês sobre temas relacionados à morte, a morte domada é um conceito que diz respeito a uma atitude próxima com a morte, sendo um evento com o qual havia familiaridade, e que deveria fazer parte do contexto da vida. A autora descreve:

“A morte era esperada no leito, numa espécie de cerimônia pública organizada pelo próprio moribundo. Todos podiam entrar no quarto, parentes, amigos, vizinhos e, inclusive, as crianças. Os rituais de morte eram cumpridos com manifestações de tristeza e dor, que eram aceitas pelos membros daquela comunidade. O maior temor era morrer repentinamente sem as homenagens cabidas.” (KOVÁCS, 2015, pp. 33).

Morte invertida (interdita)

Século XX, a morte passa a ser tratada como fracasso, não sendo mais considerada um acontecimento natural: deve ser escondida, ocultada. A morte, que antigamente ocorria nas casas, tem seu local transferido para os hospitais, e assim os familiares e amigos podem ter dificuldade de acompanhar o ente querido. A morte passa a ser mais solitária, desacompanhada de afetos, mas com a presença de profissionais que tentam invisibilizar a morte, que agora significa impotência, ou ainda imperícia. Sem a presença da família e outros conhecidos da pessoa que está internada, a presença da morte passa a ser menos visível, pois podem ficar

excluídos os choros, a dor, as lamentações e os questionamentos dos parentes e amigos. (KOVÁCS, 2015).

O século XX coloca a morte como um evento que deve ser escondido, como se fosse vergonhoso: a morte deixa de pertencer à pessoa. Sugestão – No século XX a morte passa a ser um evento a ser oculto, como se fosse vergonhoso em muitas circunstâncias ela passa a ser oculta. Kovács esclarece: “A sociedade atual expulsou a morte para proteger a vida.” (KOVÁCS, 2015, pp. 19).

Sobre a “morte invertida”, Kovács (2015) aponta ainda:

“(…) Há uma supressão da manifestação do luto, a sociedade condena a expressão e a vivência da dor, atribuindo-lhes qualidade de fraqueza. Há uma exigência de domínio e controle. A sociedade capitalista, centrada na produção, não suporta ver os sinais da morte. Os rituais do nosso tempo clamam pelo ocultamento e disfarce da morte, como se ela não existisse. As crianças devem ser afastadas do seu cenário, como se esta não ocorresse. Esta supressão do processo de luto traz sérias consequências do ponto de vista psicopatológico. Sabe-se que muitas doenças psíquicas podem estar relacionadas com um processo de luto mal-elaborado.” (KOVÁCS, 2015, pp. 155).

Morte concreta e morte simbólica

“A morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta. Nesta representação de morte estão envolvidas duas pessoas: uma que é “perdida” e a outra que lamenta esta falta, um pedaço de si que se foi. O outro é em parte internalizado nas memórias e lembranças, na situação de luto elaborado. A morte como perda evoca sentimentos fortes (...) e é vivida por todos nós. É impossível encontrar um ser humano que nunca tenha vivido uma perda. Ela é vivenciada conscientemente, por isso é, muitas vezes, mais temida do que a própria morte. Como esta última não pode ser vivida concretamente, a única morte experienciada é a perda, quer concreta, quer simbólica.” (KOVÁCS, 2015, pp.154).

Diversos tipos de perdas, concretas e simbólicas, estão relacionados à morte, As primeiras envolvem a morte física, concreta de alguém. De acordo com Kovács (2011):

“E a morte concreta? Dela sabemos alguns fatos: que é universal, irreversível, porque assim nos disseram ou vimos acontecer com os outros. Podemos fantasiar, temer, desejar, evitar, mas não experienciamos nossa própria morte. Podemos representá-la como finitude, transição, ruptura, alívio, mistério, dor, fascínio, mas nada sabemos sobre suas possibilidades... só intuimos.

Como humanos que somos, sabemos que a morte existe, e esse conhecimento dá significado à nossa vida. E por não sermos divinos não sabemos como nem quando ela ocorrerá.” (KOVÁCS, 2011, pp. 31).

As mortes simbólicas dizem respeito a separações, perdas em função de adoecimento, perda de emprego, só para citar algumas. Em relação às mortes simbólicas, pode ocorrer uma não autorização para essa dor, já que é vista como uma “dor menor”, pois não houve morte concreta.

Sobre a morte simbólica:

“[...] Morremos várias vezes, mas não definitivamente e continuamos a viver com estes significados” (KOVÁCS, 1996, pp.31).

Lembrando Cassorla (1991):

“[...]a morte está sempre presente em nossas vidas, e das mais variadas maneiras. A morte física será a última, mas teremos mortes parciais ou totais nas áreas somática, mental e social, lembrando que essa divisão é apenas didática, pois todas se interpenetram.” (CASSORLA, 1992, pp. 99).

Mencionamos aqui três tipos de morte em vida, segundo Alves (2014):

- a) A perda do filho idealizado: é vivida como uma morte quando crianças nascem portadoras de uma condição diferente daquela que era esperada, desejada (como uma deficiência física ou mental, por exemplo), ou ainda quando passam a ter uma deficiência depois de alguma situação traumática vivida.
- b) A morte de si mesmo em vida: essa morte é vivida quando ocorrem circunstâncias que forcem a pessoa a alterar os caminhos e rumos planejados, e a fazer uma reestruturação de sua vida por conta de uma nova situação ou conjuntura; são alguns exemplos a perda de emprego, a aposentadoria, separações.
- c) A morte sublimada em vida: ocorre em decorrência de furtos (de carros, bolsas, carteira, residências), perda de roupas, objetos pessoais, móveis e utensílios em situações de tragédias; perda de livros, de fotografias; morte de animais de estimação; perda da casa.

Kovács (1992) descreve situações de doenças graves, em que existiu um processo longo de cuidados com os enfermos:

“Nestes casos pode ocorrer o que se chama de “luto antecipatório”. O processo de luto ocorre com a pessoa ainda viva, e é sentida a sua perda como companheiro para uma série de atividades, daquele que cuida, do parceiro sexual, do colega de trabalho. A pessoa ainda não morreu, mas estas perdas já têm de ser elaboradas, com ela ainda viva e de ambos os lados.” (KOVÁCS, 1992, pp. 155).

Desastres e perdas múltiplas são capazes de minar as redes de apoio e aumentar a vulnerabilidade das pessoas. Alves (2010) esclarece que as perdas ocorridas após um desastre podem ser consideradas como individuais ou coletivas.

Há perdas de pessoas queridas e também a morte de si mesmo em vida, quando há perda de partes do corpo, mutilações e deformidades adquiridas. Assim, segundo a autora, nesses contextos, além de perder pessoas queridas, parte da nossa vida, podemos perder tudo o que construímos e conquistamos. No desastre, a sensação é de que tudo o que aprendemos e desenvolvemos durante a vida, como mecanismos de enfrentamento diante de situações penosas e complexas, não são mais úteis.

A autora aponta ainda que perdas múltiplas e simultâneas são mais traumáticas: podem desestruturar e fazer sucumbir as redes de apoio fundamentais e necessárias, diminuindo a confiança. Muitas vezes, quem está presente para oferecer apoio também pode estar em risco. Nesse contexto, importa considerar que o dano psicossocial e o tipo de resposta que será necessária vão depender sempre das características do desastre, de sua intensidade e alcance.

A morte escancarada, presente em desastres

Alves (2018) considera:

“Apesar de traumática, a morte escancarada nem sempre leva ao luto traumático. Porém, mortes violentas e abruptas - sobretudo de crianças e jovens -, que aumentam a sensação de vulnerabilidade e perda de confiança no futuro, extrapolam a condição de compreensão e representam risco para a saúde mental, favorecendo o luto complicado, que necessita de cuidado e assistência profissional. Por outro lado, o luto coletivo, comum em desastres, favorece o compartilhamento e a autorização da dor e pode ser um fator de proteção para o luto complicado.” (ALVES, 2018, pp. 170).

Diferente das mortes que se apresentam em um contexto esperado, mortes inesperadas são bastante complicadas: promovem uma ruptura brusca, sem a possibilidade de qualquer antecipação, preparo. (Kovács, 1992).

Quando nos referimos à morte inesperada, súbita, repentina, devemos considerar o conceito de “morte escancarada”. (Kovács, 2003). Nas emergências e desastres testemunhamos esse tipo de morte.

A morte escancarada invade a vida das pessoas sem que estejam esperando; invade a privacidade e, conseqüentemente, pode prejudicar a elaboração do luto. Esse tipo de morte pode atrair a presença da mídia e instigar a curiosidade; com isso, acaba pertencendo a todos, pois somos tocados por elas. Há uma espécie de consumo desse tipo de óbito. No cotidiano, na TV, as reportagens invadem as casas com a presença de um excesso de imagens e pobreza de conteúdos. (ALVES, 2010).

A autora observa que tais características contribuem para a vivência de uma morte sem um processo de elaboração, uma vez que o enlutado fica exposto às notícias novamente, e de novo, sem respeito ao seu processo de luto. Isso ocorre pois são colocadas imagens do ocorrido, constantemente, sem preocupação, e conforme a necessidade de se vender a notícia. Além da exposição à mídia, surgem, muitas vezes, informações deturpadas e boatos, com exposição da privacidade da pessoa e sua família. A mistura de sentimentos e a falta de tempo para entender os acontecimentos podem atrapalhar cada pessoa no seu processo de elaboração das perdas. (ALVES, 2010).

2.6.2 O processo de luto: tempo dolorido para elaboração e ressignificações

O luto pode ser compreendido como uma reação natural após uma perda, qualquer que seja sua forma: morte, distanciamento, perda de capacidades ou de ambientes familiares, requerendo readaptações internas e externas por parte da pessoa, o que sempre acontece em situações de desastre. (FRANCO, 2015). Nesse processo, imagens que evoquem ou representem o ausente podem ter papel decisivo na elaboração da perda.

Alves (2018) esclarece que o processo de luto é um dolorido tempo de elaboração de uma perda significativa; faz parte da vida e é singular, cada pessoa passa pelo luto no seu tempo, e com características próprias. Vamos considerar que sempre que ocorrer uma perda significativa, um rompimento importante, haverá luto.

Segundo a autora, o luto é um processo normal, saudável e necessário. Com o tempo, a pessoa enlutada consegue começar a fazer planos e aprende a viver sem incluir a pessoa que morreu. Importa ainda ressaltar que não existe um tempo definido para o luto: dessa forma, cada pessoa, conforme o vínculo que mantinha com aquela que faleceu, terá seu tempo interno de elaboração dessa perda.

Ao falarmos sobre luto, segundo Kovács (1992):

“Estamos considerando aqui as perdas onde existia um vínculo, portanto, um investimento afetivo. Quanto maior este investimento, tanto maior a energia necessária para o desligamento. Estes fatos se agravam, quando existia antes uma dependência física ou psíquica com o morto, tornando a reorganização da vida ainda mais difícil. As causas e circunstâncias da perda também têm uma importância no processo de elaboração desta.” (KOVÁCS, 1992, pp. 155).

Há fatores que influenciam o processo de luto a serem considerados: a pessoa perdida; as características pessoais do enlutado; o tipo de morte; experiências de perdas anteriores; a natureza da relação com o que faleceu; a existência de doença mental e se existe ou não uma

rede de apoio social para aquele que está enlutado. Tais aspectos irão interferir na forma que se processará o luto de cada pessoa. (ALVES, 2010).

Assim sendo, é preciso ter em mente que o luto é um processo que faz parte da existência humana, é singular e é uma experiência que traz sofrimento, mobilizando grande energia psíquica. Esse processo não deve ser confundido com doença; é, ao contrário, o processo de construção de um sentido para a vida, sem ter a presença de quem morreu.

Segundo Alves (2010), quando consideramos uma situação de desastre, há circunstâncias no processo que podem propiciar um luto complicado, e os seguintes fatores devem ser considerados: o tipo de morte e, como já mencionado, a exposição à mídia; a possibilidade de haver múltiplas perdas; muitas pessoas envolvidas; segredos em relação à morte ou à sua causa; número insuficiente de cuidadores; falta de apoio e suporte; profissionais de saúde e socorristas eventualmente envolvidos no ocorrido; a existência de corpos mutilados e/ou desfigurados; a ausência de corpo; a dificuldade para se realizar os rituais como velórios, missas, enterro... E a autora esclarece: sempre que perdemos alguém querido, surge a necessidade de atribuímos sentido para aquela perda, para que seja compreendida. Quando a morte ocorre de forma violenta, mais difícil ainda se torna a compreensão e a atribuição de sentido para a perda vivida.

2.6.3 Ocorrências “inomináveis”

Luto complicado

De maneira geral, mortes violentas, repentinas e abruptas, e especialmente que ocorram com crianças e pessoas jovens, excedem nossa capacidade de entendimento, e passam a representar risco para a saúde mental. A relutância à mudança e em abrir mão da pessoa que faleceu são entendidos como a base do luto, e maior fica então a chance de afetar a saúde mental e de desenvolver um processo de luto complicado. Entre os **tipos de luto complicado**, são considerados os seguintes, segundo Alves (2010):

- a) Luto adiado: quando, após a morte de um ente querido, a pessoa não altera seu comportamento, segue agindo como se nada tivesse acontecido, assegurando que tudo está bem. Nesses casos, o luto pode permanecer para sempre adiado, sem haver a conscientização dessa morte, ou pode haver a consciência da perda até anos após a morte, sendo possível então viver o luto.
- b) Luto suspenso: quando há a negação da morte pela pessoa, ou quando a morte não é formalmente confirmada, de maneira que a pessoa fica impedida de vivenciar o luto –

como em casos de desaparecimento, sequestro, por exemplo. Algumas vezes, o processo de luto adiado e suspenso se confundem.

- c) Luto não autorizado: quando não há autorização ou permissão social para que se viva o luto – ou seja, quando profissionais de saúde, parentes e/ou amigos atuam de forma a minimizar a perda, não permitindo o sofrimento. São exemplos: situações de aborto, morte de animais de estimação, de natimortos, da morte de amantes (havendo nesses casos um relacionamento não reconhecido).
- d) Luto crônico: quando depois de um processo de luto acentuado, com sentimentos intensos por longo tempo, ainda apresenta um sofrimento forte e profundo. É preciso destacar que o processo de luto não se encerra, mas passa por transformações.
- e) Luto traumático: pode ocorrer quando há uma morte súbita e inesperada, o que prejudica a compreensão do ocorrido, assim como sua elaboração. Essa categoria de luto pode incluir algumas ou todas aquelas mencionadas acima.

No luto complicado é importante destacar não o tempo de duração de luto e sim a intensidade do sofrimento e a dificuldade de continuar vivendo com risco de adoecimento.

Alves (2014) lembra que vivências de trauma são sempre pessoais e singulares; assim, importa considerarmos que nem sempre uma morte violenta produz um luto traumático, pois a vivência do luto será particular, conforme os recursos de cada ser humano. Segundo a autora, vivências traumáticas podem trazer sentimentos como medo, desorientação, ansiedade, luto, falta de vontade e de capacidade para cuidar de si, dor, tristeza, entre outros. A inexistência do corpo e dos rituais de despedida, como o velório, por exemplo, dificulta a compreensão da morte e pode favorecer o luto complicado.

2.6.4 A possibilidade do luto coletivo

Em situações de desastres pode ocorrer um **luto coletivo**. É um processo desencadeado por catástrofes sem precedentes, que gera sentimentos de profunda angústia, com potencial para abalar a forma como vivemos.

O luto coletivo expõe à sociedade sua vulnerabilidade e traz a visão de que o mundo pode ser um lugar não previsível. São exemplos o Holocausto, tsunamis, atentado terrorista (WTC), entre outros. É um processo coletivo e as pessoas, em conjunto, podem colaborar com a elaboração do luto, pois há uma dor compartilhada por todos. Há autorização para falar sobre a perda, e o luto é vivido por uma comunidade inteira. Segundo Alves (2010), esse pode ser considerado um aspecto favorável para elaboração do luto. Em situações de desastres, estão

presentes a morte escancarada, o favorecimento de um processo de luto complicado e, muitas vezes, um luto coletivo.

Viorst (2003) esclarece: “As pessoas que somos e a vida que vivemos são determinadas, para melhor e para pior, pelas nossas experiências de perda.” (VIORST, 2003, pp. 15). Aqueles que vivenciam um desastre têm suas vidas extraordinária e visceralmente alteradas; têm abortada a ilusão de segurança, já que percebem que também estão expostas a esse tipo de situação.

Na visão de Alves (2010), as ocorrências de desastres não são iguais a outros tipos de traumas: demandarão um apoio diferenciado e, na imensa maioria das vezes, as pessoas afetadas são sobreviventes e enlutadas. A experiência vivida e suas consequências sofrerão influência da personalidade de cada pessoa, das situações desgastantes já vividas, das ferramentas de enfrentamento, das possibilidades de apoio, e das habilidades e capacidades de adaptação. Tal experiência pode gerar até mesmo transformações favoráveis e profícuas.

Segundo esta autora, essas pessoas têm diante de si uma crise que pode promover a ressignificação de valores e de objetivos de vida. A maioria das pessoas afetadas por situações traumáticas tem capacidade para se recuperar: podem tornar-se pessoas mais fortes, mais sensíveis. Algumas encontram causas com as quais se envolvem e pelas quais passam a lutar.

2.6.5 *Dizer adeus*

Importância dos rituais de despedida para os processos de luto

“Que nos debruçemos sobre nossas despedidas, num exercício delicado e despretensioso, feito mãos que semeiam flores, tecem tapetes de retalhos ou peneiram sementes e, assim, tenhamos alma apara compreender que algo sempre fica quando alguém vai embora, que as despedidas mudam o tamanho da nossa alma e que esquisito é um mundo onde a dor é esquisitice e as travessias da dor não são estreitas e demoradas.” (GOUVÊA, 2018, pp. 188).

A vida dos seres humanos é marcada por rituais, que ajudam a destacar um acontecimento – casamentos, formaturas, velórios, entre tantos outros. Nos processos de despedida, os rituais variam de acordo com cada cultura, e ajudam no processo de compreensão de que houve uma morte concreta, de que existiu uma perda, de que alguém de fato morreu.

Os rituais de despedida – por exemplo, o velório – são situações nas quais a manifestação da dor e de sentimentos mais explícitos diante da perda são mais aceitos socialmente: esse é o momento de se despedir, será a última vez em que aquela pessoa – seu corpo – será visto da forma como é, mesmo já sem vida.

Nesses rituais, os parentes, amigos e conhecidos da pessoa que faleceu se encontram, e as conversas podem trazer recortes de sua vida a partir da relação com cada um que está ali se

despedindo. Dessa forma, constrói-se uma espécie de “colcha de retalhos”, com imagens, vivências, características do falecido lembradas nas conversas, e esse processo ajuda os vivos a encontrar conforto, a fazer trocas em um momento doloroso. Naturalmente, os rituais de despedida são feitos para os vivos.

Em situações de desastres, a ausência de um corpo não é incomum: o falecido pode estar desaparecido, ou o corpo pode estar desfigurado e, portanto, não estará concretamente no ritual de despedida, ou o caixão estará fechado.

A área da Psicologia recomenda que o ritual aconteça mesmo na ausência do corpo. Fotos do falecido podem ser colocadas no ambiente do velório, e o caixão, mesmo vazio, deve estar no local, para que, com tais providências, o processo de luto seja favorecido.

O desaparecimento do corpo cria uma situação ainda mais sofrida para os que perderam a pessoa, pois muitas vezes resta a esperança de encontrá-la com vida. Além disso, há uma dificuldade para que a realidade daquela morte seja concebida, validada, compreendida internamente. Se já não é simples a elaboração de uma perda com o corpo do morto presente, muito mais delicado é quando não há o corpo ali para que a despedida aconteça. Colocar dentro do caixão objetos encontrados ou pertences do falecido também é uma providência que, de alguma forma, contribui para a despedida, ajudando os vivos a concretizarem aquela perda, mesmo na ausência do corpo.

Assim sendo, reforçamos a importância dos rituais de despedida para a elaboração do luto, tanto para os adultos como para as crianças, pois a perda é de todos. Tais rituais são necessários, independentemente do tipo de morte, incluindo-se aí as situações de emergências e desastres.

3 DONALD WINNICOTT E A TEORIA DO AMADURECIMENTO

Figura 1 – O brinquedo na lama

Brinquedo encontrado no chão, entre os restos de lama e o mato, durante a visita da pesquisadora a Bento Rodrigues. Esta pesquisa aborda conceitos de Winnicott, entre eles, os objetos transicionais. Dessa forma, encontrar esse objeto tornou-se algo bastante significativo na trajetória da pesquisa, representando simbolicamente alguns temas para os quais voltamos o olhar nesse trabalho (perdas, luto, o bebê e a mãe suficientemente boa, entre outros).

Foto: Laura Antunes

Para refletir sobre a relevância dos cuidados que devem ser oferecidos àqueles que viveram uma situação de desastre, vamos considerar o que Donald Winnicott propõe na sua Teoria do Amadurecimento e em outros conceitos. Vamos estabelecer relação entre os objetos transicionais definidos por Winnicott e as situações de emergências e desastres.

3.1 Conceitos relevantes para a compreensão da elaboração do luto em situações de emergências e desastres

Uma mãe suficientemente boa para um bebê confere segurança e a percepção de um ambiente confiável e presumido. A partir desse ambiente seguro, o bebê tem a possibilidade de desenvolver o que Winnicott considera uma tendência inata para o amadurecimento. (MODEL, 1995).

Na ocorrência de um desastre, nos deparamos com uma situação na qual tudo o que se tinha como presumido não mais existe. A sensação de segurança fica fragilizada ou deixa de existir. Em eventos como o desastre de Mariana, são testemunhados diversos tipos de perdas:

de pessoas, da casa em que se habitava, de roupas, de objetos que importavam, de fotografias, de memórias, da rotina, da escola, da padaria, da igreja.

Explicitamos a importância para os seres humanos – assim como é inicialmente para o bebê – da existência de um contexto no qual o mundo é presumido (conceito esse esclarecido na introdução desta pesquisa); um ambiente seguro, que confere sentido para a existência. Vamos abordar a importância dos profissionais que atuam no pós-desastre, e que podem promover segurança, esclarecimento e amparo, atuando como um “ambiente suficientemente bom” para que pessoas preservem, dentro do possível, seu bem-estar emocional na vivência súbita de um desastre. E demonstrar que um ambiente minimamente confiável pode ser oferecido por profissionais que atuam nesse contexto.

Nesse processo, é relevante mencionar a importância dos objetos transicionais nas situações de desastre. Uma criança, fazendo uso deles, e sobre os quais falaremos mais adiante, pode suportar a ausência da mãe por determinado tempo, conforme esclarece Model (1995) abordando o pensamento de Winnicott. Na situação de desastre, na qual não há mais objetos, a casa, pessoas queridas, memórias, roupas, foram perdidas, como se dará a elaboração das perdas e do luto? Como as pessoas afetadas podem fazer sem a possibilidade de ter consigo objetos pessoais que as ajudem no seu processo de luto?

Considerando os conceitos winnicottianos como base para essa compreensão, surge a reflexão no âmbito psíquico sobre o que ocorre com as pessoas que tiveram perdas significativas em situações de desastre. Para um bebê, a ausência da mãe pode significar uma angústia impensável. Tomando essa situação como um exemplo do que pode ser vivido, pretendemos refletir sobre como pode ser essa mesma vivência para uma criança ou adulto. As obras de Winnicott podem fundamentar essas reflexões.

3.1.1 *Objetos e fenômenos transicionais, mãe suficientemente boa, holding*

O desenvolvimento emocional de uma criança acontece desde o início da vida. Quando se estuda a evolução da personalidade e do caráter, não há como ignorar o que ocorre no primeiro ano de vida de uma criança, tudo o que se passa nesse período. Como aponta Model (1995), Winnicott considera que a experiência do nascimento pode ser significativa, e que a forma como se dá o desenvolvimento emocional no primeiro ano de vida instaura as fundações da saúde mental do indivíduo. No início da vida a criança vive profunda dependência emocional, e seu caminho de desenvolvimento não pode ser compreendido sem que se considere o cuidado que lhe é oferecido. É necessário que exista uma mãe com saúde suficiente para comportar-se de

maneira natural como mãe, sendo seu manejo com o bebê o de uma mãe que Winnicott denomina de “suficientemente boa”.

O autor considera que o bebê nasce com o que denominou tendência inata para o desenvolvimento. Para que o crescimento da criança ocorra naturalmente, são necessárias condições suficientemente boas, entre as quais um ambiente generoso com uma mãe suficientemente boa. É essa presença que propicia o desenvolvimento do vínculo entre a mãe e o bebê que, associado a um elevado grau de adaptação às necessidades da criança, construirá as bases para um desenvolvimento saudável de suas capacidades inatas. É sobre essa base que o sentido de ser, que o sentir-se real pode então se estabelecer como uma característica da personalidade do indivíduo. (WINNICOTT, 2005).

Enquanto percorre seu caminho do estado mais inicial de não-integração para o de integração, o bebê vai estabelecendo o vínculo com a mãe. Assim, a presença de um outro é fundamental, com características, condições e delicadezas específicas, que o autor identifica como o estado em que a mãe suficientemente boa se encontra, e assim, o desenvolvimento ocorre de maneira saudável, levando ao amadurecimento.

Uma mãe suficientemente boa é capaz de propiciar ao bebê um senso de segurança, que pode significar simplesmente estar seguro no colo de maneira adequada (a que Winnicott chamou de *holding*, que será mencionado adiante). Pode ser em um nível físico mais sutil, a mãe ou o ambiente mantém a criança como se estivesse unida a si mesma. Dessa maneira, pode ser considerada a ocorrência de um processo de construção da pessoa, no qual vai-se estabelecendo um vínculo entre sua psique e seu corpo.

Portanto, seguindo o olhar winnicottiano, cada indivíduo traz em si o potencial para se desenvolver e amadurecer. Considerando a importância de uma mãe suficientemente boa para que esse processo siga adequadamente, importa lembrar que é essa presença que propicia o desenvolvimento do vínculo entre a mãe e o bebê, e que, associada a um elevado grau de adaptação às necessidades da criança, construirá as bases para um desenvolvimento saudável das capacidades consideradas inatas da criança. Winnicott considera que esse *holding* feito pela mãe é o fator que viabiliza a passagem de um estado de não-integração – que, como apontado acima, é característico de um bebê recém-nascido – para um estado integrado. De pouco em pouco, na medida em que a integração vai-se firmando, estabelecendo-se como um fato, a criança passa a estar mais constituída como unidade. É importante olhar para o desenvolvimento de um sentido de unidade da personalidade, uma capacidade de sentir-se integrado, ao menos algumas vezes. (WINNICOTT, 2005).

Guardados os devidos contextos e proporções, parece-me possível estabelecer a relação entre a importância de um grupo estável no contexto dos cuidados pós-desastre, e um ambiente estável na vivência inicial de uma criança: nas duas situações a tarefa é oferecer contorno, um sentido orientador, estruturador para uma existência, para que esta não se rompa. Entretanto, se ocorrer a ruptura, para que exista a chance de se reconstituir o sentido de ser. Para Winnicott (1983), qualquer movimento de uma pessoa ocorre em busca de manter a continuidade do ser. É importante considerar que o sentimento de ser não é do âmbito da consciência, e já está presente antes do nascimento. Portanto, se o ambiente não passa por rupturas e reviravoltas, a criança vive a possibilidade de preservar um sentimento de continuidade do ser, e o indivíduo passa a ser dono de uma estabilidade que de outra maneira não teria como adquirir.

Entram em cena, com grande importância, os chamados fenômenos transicionais. Surgem quando a criança começa a viver a separação da mãe, aquela situação que Winnicott descreve como uma angústia impensável. O objeto transicional é uma ponte sobre esse abismo. De acordo com o autor, os objetos transicionais podem ser um paninho, um bicho de pelúcia, uma blusa macia, mas também fenômenos (atitudes, ações, rituais), que trazem conforto para uma pessoa, ajudando a elaborar a distância, a ausência ou a perda de uma pessoa querida. Os objetos transicionais são reconhecidos como tendo papel fundamental no processo de desenvolvimento. Winnicott esclarece que “cada criança ‘transicionará’ alguma parte de seu ambiente, e vai utilizá-la como um ajustador e equilibrador do complicado processo de separação, enquanto se sente ainda ligada à mãe”. A criança pode fazer uso de um cobertor para encontrar a memória da mãe durante o tempo em que está ausente, e assim suportar esse tempo. Essa constatação indica que objetos e fenômenos transicionais facilitam o desenvolvimento de estruturas cognitivas e afetivas do indivíduo, que levam ao desenvolvimento também de uma memória marcadamente evocativa. De acordo com Model (1995), Winnicott compreende que com o tempo esses objetos “finalmente desaparecem, e são transformados no mundo da fantasia, do brinquedo, da imaginação, da criatividade e do simbolismo.” (MODEL, 1995, p. 98).

Os objetos transicionais podem trazer a presença na ausência e possuem uma capacidade apaziguadora forte em situações em que ocorrem rupturas de continuidade. O autor exemplifica situações nas quais os objetos transicionais já foram reconhecidos como provedores de conforto e de soluções. Esclarece que crianças que precisam dormir sozinhas, por exemplo, agarram-se a objetos e experiências que servirão para trazer conforto, para que seja possível suportar os perigos que existem no escuro e a sensação de vazio que surge à noite. (WINNICOTT, 1983).

Nesse contexto, é possível observar também a existência de uma vivência paradoxal, de querer e não querer o objeto. Podemos mencionar um exemplo que considera a ambiguidade de

sentimentos, que diz respeito a empresas que trabalham em situações de desastres, tendo como função recuperar todos os objetos possíveis entre os escombros, a ruína, a devastação vista após uma tragédia, que eram daqueles que faleceram. Além de recuperá-los, essas empresas limpam, removem sangue, sujeiras, e guardam esses objetos para que parentes possam vir buscá-los, ainda que, no primeiro momento, afirmem que não desejam guardar nada. Entretanto, após alguns dias, podem procurar a empresa informando que desejam, sim, guarda-los! Por esse motivo, os objetos são mantidos por um tempo pela empresa, considerando a possibilidade de dúvida, da mudança de sentimentos em relação a manter consigo ou não um objeto da pessoa falecida (um relógio, óculos, uma carteira, uma aliança, um casaco, um documento, uma chave, e tantos outros).

O que o objeto transicional oferece é a possibilidade de sentir-se mais próximo daquele ou daquilo que foi perdido; nesse objeto há o cheiro, o formato, que trazem as lembranças da pessoa a quem o objeto pertencia. Nesse trajeto, existe também a possibilidade de encontrar, internamente, o outro que não está mais presente.

Há também fenômenos transicionais que são entendidos como experiências ligadas à percepção, como uma música, um canto, um espaço no quarto, uma cama. Diferentemente dos objetos transicionais, estes não podem ser carregados, manuseados, mas existem e influenciam o desenvolvimento. O autor considera que a construção de um ambiente confiável envolve fatores fundamentais para a estruturação do indivíduo. Aí se encontra a sensação de previsibilidade. Qualquer situação que abale essa confiança ao longo da vida pode provocar desestruturação e rupturas, não só da saúde, mas também de vida. (WINNICOTT, 1983).

Figura 2 – A marca da lama

Casa em Bento Rodrigues, desabitada desde a enxurrada de lama que devastou esse subdistrito de Mariana no dia 5 de novembro de 2015.

Foto: Laura Antunes

Importa tornar possível o encontro e o estabelecimento da identidade de cada pessoa, e isso deve poder ocorrer de maneira tão sólida e firme que, com o tempo e à sua própria maneira, esse indivíduo consiga ser membro de um grupo, de uma sociedade; que consiga ser ativo e criativo, mantendo sua espontaneidade e um sentido de liberdade (WINNICOTT, 2005). É uma das mais importantes contribuições de Winnicott ao tema da criatividade é a criação, por parte do bebê, dos objetos transicionais, aos quais o sujeito atribui vida e significado. Residem em um mundo ilusório, não sendo realidade interna nem externa – um espaço que Winnicott identifica como espaço potencial entre a criança e a mãe (MODEL, 1995).

3.1.2 Objetos transicionais em desastres

Em uma situação de desastre como o de Bento Rodrigues/Mariana, em que desaparece todo o ambiente físico com o qual as pessoas estão familiarizadas, é preciso refletir não apenas sobre a desestruturação psíquica decorrente, mas também sobre a carência de recursos para a ocorrência de fenômenos transicionais, já que o desastre levou a inúmeras perdas materiais. O que resta para a criança que vivenciou perdas, no sentido de poder encontrar objetos ou situações provedoras de conforto que propiciem a reconstrução de um ambiente seguro?

Essa questão é um aspecto essencial a ser focalizado em pesquisas sobre os impactos de desastres nos quais não são encontrados objetos pessoais, fotografias, blusas, sapatos; desastres nos quais foram perdidos a casa, a escola, o carro; não há mais o cheiro conhecido do irmão, do filho ou da vizinha, não sobrou nada. Quais as formas possíveis de intervenção para a minimização desses impactos após desastres com essas características, com ausências e perdas de tantos tipos?

3.1.3 O indivíduo, a sociedade e o desastre: dor para todos

Considerando os conceitos de indivíduo e de sociedade, Winnicott (2005) entende que a saúde da sociedade depende da saúde individual. No processo de amadurecimento, está em construção a relação do indivíduo com a sociedade que, para o autor, pode ser vista como uma extensão da família. A independência implica que o indivíduo seja capaz de estabelecer uma identificação com a sociedade sem perder sua individualidade, o *self*.

A partir dessa perspectiva, identificar-se de modo exagerado com a sociedade pode levar à perda do *self*. O importante é que a pessoa sinta que está vivendo sua própria vida, arcando com a responsabilidade por suas ações ou pela falta delas. (WINNICOTT, 2005).

Sobre a individualidade, Dias (2003) propõe que:

“(...) a conquista do eu, como identidade, separado do não-eu, demarca um começo do indivíduo – provavelmente o principal, em que se torna capaz de relacionar-se com a realidade externa (...). A conquista da unidade num eu integrado ocorre por volta de um ano ou um ano e meio, no estágio denominado, bem a propósito, de EU SOU.” (DIAS, 2003, pp. 99-100).

Em um ambiente que favorece um “*holding*” satisfatório, um suporte físico e emocional, o bebê consegue efetivar as tendências herdadas, resultando em continuidade da existência, transformando-se em um senso de existir, de *self*, de autonomia, constituindo-se em indivíduo.

Winnicott (2005) entende a expressão *holding* como um segurar. Esse termo vai-se referir ao “segurar” de uma mãe desde quando o bebê está no útero, até um significado que vai se estendendo para o cuidado adaptativo da mãe diante do bebê nascido, da criança, durante a infância, o que inclui o modo de manuseio de seu filho. Esse conceito pode ser ampliado até incluir a função de uma família diante dos cuidados necessários para uma criança. Esse “segurar” pode ser providenciado por alguém que não possua qualquer compreensão intelectual daquilo que possa estar se passando com a criança, mas precisa ter a capacidade de se identificar, de captar como o bebê se sente.

O “segurar” é compreendido não apenas como um acolhimento, mas como uma percepção fina, sutil e sensível das necessidades do bebê, incluindo aí um manejo emocional e físico. (WINNICOTT, 2005). Portanto, em um ambiente que oferece esse “segurar” satisfatório, o desenvolvimento individual pode ser realizado, conforme as tendências herdadas pelo bebê. O que resulta disso é uma continuidade da existência, que passa a ser um senso de existir, de *self*, por fim, de autonomia.

Nessa perspectiva, o indivíduo, não pode ser pensado sem considerar qual é seu lugar na sociedade, que é entendida como “uma duplicação maciça de indivíduos”. Uma sociedade saudável depende da saúde de cada um dos seus integrantes, e é responsável pela manutenção e/ou recuperação da saúde das pessoas.

Segundo Erikson (1987), considerando suas preocupações essenciais, as pessoas vivem em um entorno psicossocial, e estarão diante de uma reedição de uma crise de identidade. Uma

nova crise de identidade pode surgir quando uma ocorrência aproxima o ser humano da possibilidade de morrer, como é o caso na situação de um desastre. Para o autor, essa crise poderia ser assim formulada: “Eu sou o que sobrevive de mim”. (ERIKSON, 1987, p. 141).

Dessa maneira, o ser coloca-se diante do que foi construído durante sua trajetória de vida, sua fé, amor, força de vontade, competência, sabedoria, empenho e fidelidade. Essas disposições pessoais vão estar presentes em questões sociais, nas instituições e em eventos coletivos; entende-se que sem elas não há como serem desenvolvidas relações sociais, não havendo a essência e a pré-disposição para isso por parte de cada indivíduo.

Assim, além da influência do individual no psicossocial, devemos considerar que os aspectos pessoais também são moldados pelo entorno psicossocial no decorrer da vida. Indivíduo e sociedade, possuem sua identidade fortemente interligadas (ERIKSON, 1987).

3.2 A atuação em emergências e desastres: muito a considerar

É nesse contexto que se insere a atuação de profissionais em emergências e desastres. Passa a ser necessário esse trabalho em situações nas quais uma sociedade, um grupo, uma comunidade, compostos por indivíduos que têm sua própria história, singularidade e subjetividade, são afetados por uma situação súbita, com perdas, mortes e destruição. Situações de tal qualidade possuem o potencial de desconfigurar o que era conhecido, que contribuía para uma sensação de pertencimento, compondo a identidade de cada um.

Dessa maneira, o desastre (como o trauma) pode gerar, seguindo a linguagem winnicottiana, uma descontinuidade do ser, uma ruptura. Tal como na relação da mãe com a criança no início da vida, o esforço dos psicólogos que trabalham em situações de emergências e desastres está em oferecer um “segurar” (*holding*) confiável, que possa transmitir segurança e a possibilidade de preservação da saúde, em um momento em que a sensação de segurança foi abalada, em que o mundo presumido não é mais encontrado, o conhecido não está mais presente.

3.2.1 Desastres e a identidade de cada ser

Quando o lugar que para alguém era conhecido, seguro e cheio de significados, deixa de existir, as memórias, a história e a identidade da pessoa são abaladas, sofrem uma alteração. Assim, consideramos ser importante fazer uma reflexão sobre situações de desastres e a questão da identidade. Qual é o meu lugar? O lugar em que vivemos possui um significado. É importante olharmos para esse aspecto, que é subjetivo e particular – o aspecto da compreensão do sentido da perda desse lugar para cada pessoa vivendo uma dada situação.

Macedo e Silveira (2012), a partir de uma revisão da literatura em relação ao conceito de *self*, discutem algumas formas de compreensão desse conceito e do conceito de identidade. Uma das formas compreendidas, através do olhar de Macedo e Silveira para a reflexão de vários autores, sugere que nossa cultura é composta por um sistema de significados, ações, objetos e instituições, reconhecíveis e compartilhados por um grupo específico. Com o tempo, o compartilhar nos fornece uma sensação de pertencimento, o que ajuda as pessoas a sentir-se membros desse grupo, e não de outro.

Uma outra forma de compreensão observada traz a ideia de que é parte do *self* tudo o que o ser humano pode considerar como “seu”, incluindo-se aí não apenas o corpo de cada um, os aspectos psíquicos, mas também, seus pertences, sua casa, família, amigos...Refletindo sobre o desastre de Mariana, com a perda de roupas, casas, membros da família e amigos, fotos de ancestrais, entre outras perdas, cabe questionar: como fica o *self*, a identidade de cada pessoa que foi afetada diretamente? Como passa a se reconhecer?

Sobre a construção do *self*, Macedo e Silveira (2012) articulam pensamento de diversos autores. e um deles sugere que os caminhos, contextos e narrativas de uma cultura misturam-se com a construção de uma memória individual, e direcionam o desenvolvimento de uma memória autobiográfica, a partir da qual o ser humano poderá ser capaz de organizar uma consciência sobre si mesmo, um *self*. Além disso, importa considerar nesse processo de organização a influência das experiências que cada indivíduo viveu em seu passado, os acontecimentos marcantes de sua história pessoal.

Outro esclarecimento levantado pelos autores diz respeito ao fato de que o impacto do passado que é lembrado por um indivíduo afeta sua visão atual de *self*. Esse estudo nos lembra ainda que as pessoas estão constantemente construindo e reconstruindo o *self*, o que se dá para que cada um possa enfrentar as situações que a vida coloca. E esse movimento de construção e reconstrução acontece com base nas memórias do passado e nas esperanças e medos diante do futuro. Essas memórias são entendidas como resultados das várias histórias que contamos sobre nós mesmos, assim como das histórias que são contadas pelos outros sobre cada um de nós.

Pessoas que viveram em locais onde ocorreram desastres têm sua história alterada. Muitas vezes, o lugar em que a pessoa vivia passa a ser reconhecido em função do desastre, dos acontecimentos que lá ocorreram. No caso do desastre de Mariana, a região ficou vinculada ao rompimento da barragem da mineradora Samarco. Perguntamo-nos se os moradores de Bento Rodrigues, distrito de Mariana, afetados por esse desastre, se reconhecem como moradores desse local, que agora tem esse novo registro, essa nova forma de ser reconhecido: sempre associado ao rompimento da barragem dessa mineradora.

Essas pessoas são agora moradores de Mariana, mas sua história, sua noção de eu, de pertencimento, não se vinculam à cidade. Muitas delas sentem necessidade de voltar a cada final de semana para Bento Rodrigues, onde estão sua história e suas lembranças, na qual foi construída uma sensação de pertencimento, a identidade de cada um.

Um aspecto dessa ruptura que deve ser considerado é que, conforme o relato de pessoas que moravam em Bento Rodrigues, não havia indicadores da existência de risco previamente ao desastre. Segundo os moradores, ninguém vivia nesse distrito de maneira tensa e sobressaltada, diferente do caso de moradores de áreas de risco, para os quais está sempre presente a incerteza sobre o futuro (Spink, 2014), e cuja identidade incorpora essa condição e seus custos – ou seja, sofrem comumente discriminação e preconceito por viver em áreas de risco, e já se reconhecem como habitantes de regiões sob risco iminente. Em contraste, no caso de Mariana, a incerteza é vivida no pós-desastre, em relação a seu futuro, à forma pela qual poderão dar continuidade à vida.

Pode-se supor que os processos de reconstrução pós-desastre apresentam características psicológicas e sociais diversas nessas duas situações: naquela na qual não se tem a percepção de uma condição de risco iminente e naquela na qual os moradores têm consciência de estar vivendo em áreas críticas, de risco. Sem o lugar que fazia sentido, que lhes conferia identidade e segurança como moradores, as pessoas afetadas pelo desastre de Mariana devem protagonizar uma nova história, e para isso precisarão de atenção, ajuda, cuidado e suporte.

3.2.2 Crianças vivenciando o desastre: brincadeira sem graça

Dentro dessa necessidade de ajuda e suporte, voltamos aqui a atenção especialmente para as crianças: como ficam sua vida, a imaginação e o brincar em situações de desastres?

O impacto psicológico de situações de desastre deve ser pensado também em relação à vivência desses moradores. Os textos de Winnicott têm contribuído para ampliar esse foco, pela constatação de que contextos bastante diferentes apresentam traços em comum – ou seja, observamos sentido na possibilidade de estabelecer relações entre experiências vivenciadas na infância e aquelas de pessoas (inclusive crianças) que sofrem perdas súbitas em situações de desastre.

No que diz respeito ao processo de desenvolvimento, Winnicott (2005) propõe que a construção de um ambiente confiável é fator fundamental para a estrutura do indivíduo. Aí se encontra a sensação de previsibilidade. “Aprende-se” a confiança. A construção dessa possibilidade de ter confiança no mundo, de sentir que “há um chão para pisar”, é fundamental

e se dá no espaço transicional. Qualquer coisa que abale essa confiança ao longo da vida pode ser profundamente desestruturante.

Propomos aproximar confiança de segurança. Desde a infância, a criança constrói relações, rotinas que compõem o mundo presumido, que traz a sensação de segurança. A vivência de uma situação de desastre promove a ruptura do que é conhecido, abalando profundamente essa sensação de segurança. Um adulto saudável, com a estrutura emocional já desenvolvida, amadurecida, que sobreviveu às falhas do ambiente em seu processo de desenvolvimento, possivelmente viverá essa ruptura de forma diferente daquela vivida pela criança, embora também seja afetado.

Uma vez que as crianças são curiosas, vivas, cheias de movimentos, podem fazer com que adultos subestimem o efeito das perdas. No entanto, conforme esclarece Winnicott (1997):

“A perda de um dos pais, de um amigo, ou de um animal de estimação ou de um brinquedo especial pode roubar todo o sentido da existência, de modo que o que tomamos erroneamente como vida, é o inimigo da criança, uma vivacidade que engana a todos, menos à criança.” (WINNICOTT, 1997, p. 64, 65).

O trabalho “Pedagogia das Emergências” (Ruf, 2014) surgiu da consideração da importância de cuidados pós-desastre. Essa forma de atuação promoveu a compreensão de que traumas gerados por desastres, emergências ou situações que sejam potencialmente traumáticas transformam a vida de crianças de maneira profunda e, por vezes, duradoura. Considerando as rupturas, faz-se necessária a criação de uma rede de suporte que seja confiável, para que seja possível estabelecer a confiança necessária no ambiente, visando estruturar a organização psíquica da criança.

Como já vimos, uma criança que possa fazer uso de um cobertor para encontrar a memória da mãe durante o tempo em que ela está ausente, poderá suportar esse tempo. Além disso, tal recurso pode facilitar o desenvolvimento de estruturas cognitivas e afetivas do indivíduo, e também de uma memória marcadamente evocativa. (WINNICOTT, 1983).

Em uma situação de desastre como o de Mariana, desaparece todo o ambiente físico com o qual a criança está familiarizada, e que lhe provê objetos transicionais. Nessa perspectiva, precisamos refletir: o que resta para a criança escolher como objetos ou situações provedores de conforto que propiciem a reconstrução de um ambiente seguro? Essa questão é fundamental e precisa ser tema em pesquisas sobre os impactos de desastres sobre a população infantil, e formas possíveis de intervenção para a minimização desses impactos.

Outro aspecto enfatizado por Winnicott (1983) é a importância do brincar, da capacidade de imaginar e do exercício da criatividade. Um ambiente físico e social seguro,

confiável e que acolhe a criança sem demandas ou cobranças é uma condição presente nas brincadeiras. Para Winnicott (1983), brincar é fazer, é agir no mundo de forma reflexiva – não é apenas fazer com as mãos, imaginar, sonhar, criar e inventar que estão relacionados ao brincar. Brincar é também se apropriar do mundo, com a possibilidade de tornar singular, único, aquilo que é da esfera do comum, uma maneira de estar no mundo com os outros.

De acordo com Ruf (2014), há relatos de várias situações de desastres e emergências nas quais tem atuado o grupo de profissionais que trabalham com a Pedagogia das Emergências (Líbano, 2006; Faixa de Gaza, 2009; Haiti, 2010; Japão, 2011, entre outros), nos quais são descritas as atividades lúdicas realizadas com as crianças, tais como brincadeira de roda, pega-pega, cantorias com gestos, jogar bola, fazer bonecos. A disponibilidade das crianças para se engajar nessas propostas pode ser considerada uma indicação de que o brincar é uma forma de resiliência.

É importante atentar também para as iniciativas das próprias crianças de utilizar quaisquer recursos disponíveis para brincar, seja solitariamente ou em grupo, referida na literatura como “brincadeira livre”. Valorizar, acolher e respeitar essas iniciativas é um caminho potencialmente promissor para a superação dos traumas decorrentes do desastre, tendo em vista que o brincar é considerado uma motivação intrínseca, autorregulada (Lordelo e Carvalho, 2003), que ocorre espontaneamente em condições ambientais e psicológicas minimamente suficientes, o que enfatiza a importância da reconstrução de um ambiente seguro e confiável no atendimento a crianças em situações de desastre.

3.2.3 Winnicott e um olhar para o luto: nos desastres e emergências, atendimentos fundamentais para a possibilidade de continuidade do Ser

Tendo como base os ensinamentos de Winnicott, reforçamos que os atendimentos nos contextos de emergências e desastres, como o que ocorreu na região de Bento Rodrigues, em Mariana, têm a intenção de oferecer, por meio dos cuidados dos profissionais ali presentes, um ambiente minimamente seguro em um momento em que tudo está ruindo, “fora do lugar”, distante do conhecido, do presumido e daquilo que promovia a sensação de segurança.

Esses profissionais, genuinamente interessados na dor de quem foi afetado pelo desastre, podem oferecer “companhia” para que haja a promoção de um processo de luto que transcorra com saúde – de forma adaptativa para cada um, para que novos objetos e fenômenos transicionais venham ajudar no processo de luto, na transição de uma condição de presença para a ausência que se instaurou – lembrando que, em função do desastre, objetos que anteriormente

cumpriam esse papel – o cobertor, o bichinho de pelúcia – podem não estar mais lá em função do desastre.

Conforme esclarece Winnicott, “quando vemos uma criança infeliz e retraída, certamente podemos fazer mais ao acolhê-la e sustentá-la com simpatia do que ao empurrá-la para um estado de falsa vivacidade e esquecimento. Se ficarmos por perto e esperarmos, geralmente seremos recompensados por mudanças reais na criança, que indicam uma tendência natural a recuperar-se da perda e do sentimento de culpa que a criança tem, mesmo quando, verdadeiramente, não contribuiu para o trágico acontecimento.” (WINNICOTT, 1997, p. 65).

Recorrendo novamente ao pensamento de Winnicott, focando no Ser, sua continuidade e as rupturas que o ameaçam, voltamos o olhar para a compreensão do autor sobre os conceitos de objetos e fenômenos transicionais. Nossa atenção vai para a importância da existência desses objetos, imagens ou fenômenos nos processos de luto.

Susan Sontag (2003) apresenta em um de seus trabalhos a ideia de que “sem dúvida, a paisagem de uma cidade não é feita de carne. Porém prédios destruídos são quase tão eloquentes como cadáveres na rua.” (SONTAG, 2003, pp. 6). Em Bento Rodrigues viu-se a morte do corpo, a morte da casa, das coisas; aquilo que era visível e material desapareceu.

Considerando os conceitos de Winnicott já apresentados, é importante refletir sobre objetos, imagens, fotos e a importância de sua presença para a elaboração da ausência do que foi perdido. Um retrato, uma fotografia, uma imagem têm o potencial de tornar presente aquele (ou aqueles) que está (estão) ausente(s). A imagem pode ser compreendida como um gesto de permanência de alguém ou de alguma coisa com quem se pode manter relações, pelo tempo que se fizer necessário.

De acordo com Belting (2014), é possível perceber que “As raízes da contradição que para sempre caracterizará as imagens: estas tornam visível uma ausência física (de um corpo), transformando-a em presença icônica.” (BELTING, 2014, pp.12). Assim, enquanto a pessoa estava viva, a fotografia representava uma presença; o significado da fotografia é modificado quando ocorre a morte, de modo que passa a representar a ausência.

Ao abordar a questão dos objetos transicionais, Winnicott reflete sobre a relação existente entre uma foto, uma imagem e tantos outros objetos transicionais, no sentido de que fazem permanecer um outro que fisicamente está ausente (ou uma mãe que não está ali no momento, mas já volta, ou alguém que faleceu). É possível assim suportar essa ausência, até que haja o retorno ou a possibilidade de se elaborar aos poucos a ausência, quando essa é fisicamente definitiva.

Assim sendo, parece-nos fazer sentido pensar nas imagens que podem ajudar nos processos de elaboração de luto, no gerenciamento da saudade. As fotos podem funcionar como um “objeto transicional”, um objeto de passagem, para que o enlutado possa ir aprendendo a viver sem a pessoa ou a situação perdida.

Acreditamos ser possível estender esse emprego das imagens para outros objetos que possam também representar de alguma forma aquele que morreu, entendendo aqui o representar como tornar presente o ausente. Assim, cabe considerar um relógio, uma peça de roupa, um quadro, um pente, um brinquedo, um lenço, uma aliança, enfim, objetos que passam, através do afeto neles investido, a representar algo ou alguém que não está mais lá. Esse uso do objeto que Winnicott denominou “objeto transicional”, – que pode ser uma música, um som, um cheiro – é parte do processo de elaboração de luto.

Ao pensarmos em rituais de despedida quando, por exemplo, não se tem o corpo (quando esse não foi encontrado), ou quando o caixão precisará permanecer fechado, a fotografia da pessoa que faleceu, colocada nesse ambiente, enquanto viva, ajuda a elaborar a perda daqueles que ficaram e que precisarão lidar com aquela morte. Nesse contexto, de acordo com Belting (2014), a foto ajuda os presentes a acreditar, cada um no seu tempo naquela morte (ou pelo menos a começar a acreditar) e a viver o luto, que pode ser compreendido como um exercício de construção de imagens, internas e externas.

Para os profissionais que atuam em emergências e desastres, passa a ser importante a consciência de que no local de uma tragédia, como a de Mariana, ainda existe um lugar, mesmo após o desastre. Esse lugar pode estar irreconhecível geograficamente e simbolicamente, mas o que sobrou ali também importa. Mesmo não transmitindo a familiaridade de antes, e não sendo mais referência de segurança, esse lugar é relevante, pois é a partir dele que novas imagens e memórias poderão ser construídas.

Segundo Winnicott, esses profissionais podem contribuir para que novos objetos e fenômenos transicionais possam servir como ajuda no processo de luto, de transição de uma condição de presença para uma condição na qual a ausência se instaurou – lembrando novamente que objetos que anteriormente cumpriam esse papel (o cobertor, o bichinho de pelúcia, a camisa, o relógio, a carteira...) podem eles mesmos não estar mais lá em função do desastre. É importante reforçar a necessidade de recorrer às imagens mentais, que existem e permanecem, além de reforçar a construção de novas imagens mentais, simbólicas e/ou concretas, no sentido de sua visibilidade material.

4 O DESASTRE DE MARIANA

4.1 Uma tragédia que abalou o país inteiro

No dia 5 de novembro de 2015, ocorreu aquela que foi considerada a maior tragédia ambiental do Brasil: o rompimento da barragem de rejeitos de Fundão, da mineradora Samarco, em Mariana, Minas Gerais. Em seguida, rompeu-se também a barragem Santarém, de água, aumentando a força e a intensidade da enxurrada de lama que se espalhou por 650 quilômetros entre Minas Gerais e Espírito Santo. Seu rastro deixou dezenove mortos, entre eles duas crianças, de 5 e 7 anos de idade. Destruiu e mergulhou na lama os distritos de Bento Rodrigues e Paracatude Baixo, em Mariana, e Gesteira, em Barra Longa – perdas materiais e não materiais que causaram dor e sofrimento profundos aos moradores dessas regiões. Desde esse dia, as festas religiosas, os jogos de futebol, o bate-papo com os vizinhos, a lida na terra, o ato simples e amistoso de deixar a porta da casa aberta... tudo isso acabou.

Em seu livro “Tragédia em Mariana – A História do Maior Desastre Ambiental do Brasil”, Serra (2018) relata que Bento Rodrigues foi arrancado do mapa em cerca de dez minutos. Em sua pesquisa sobre essa catástrofe, a autora verificou que, dos 612 moradores de Bento, 400 estavam na região na hora do rompimento da barragem. Desses, cinco faleceram. Impossível não se chocar diante do panorama que a autora descreve sobre o que ocorreu nesse pequeno distrito mineiro:

“Seis moradores tiveram ferimentos graves e foram hospitalizados. Todos perderam suas casas, terrenos, hortas, pomares. Das 251 casas, 207 foram destruídas, o equivalente a 82%. As 44 que restaram, por estarem em partes mais altas, foram saqueadas nos dias seguintes à tragédia. Milhares de animais de criação e de estimação morreram: gado, cavalos, porcos, galinhas, patos, gatos, cachorros, pássaros. Os donos ouviam os gritos dos animais sem nada poder fazer para resgatá-los. Do alto também viram o patrimônio construído com muito esforço se desfazer em segundos, engolido por ondas, que, segundo relatos, chegavam a quinze metros de altura. Telhados, caixas d’água, carros, paredes, móveis, geladeiras, tanques, árvores, portões, botijões de gás, canos, arame farpado, tudo rodopiava em vórtices formados pela lama, como se fossem grandes funis.” (SERRA, 2018, pp. 26).

4.2 Pedra por pedra: a tragédia sendo construída

4.2.1 Responsabilidades compartilhadas

Após o desastre de 5 de novembro de 2015, muito tem sido revelado sobre os problemas causados pelas atividades da Samarco, e que contribuíram para essa ocorrência.

Em uma edição especial do jornal *on-line* da Unicamp, publicada em janeiro de 2018 pela internet, com o título “Vozes e Silenciamentos em Mariana: Crime ou Desastre Ambiental?”, a jornalista Joice Aparecida dos Santos levanta questões sobre a responsabilidade da Samarco², afirmando que a mineradora tinha consciência desde o ano de 2013 de que esse desastre poderia acontecer. Além disso, o Ministério Público de Minas Gerais constatou que o risco de rompimento da barragem de Fundão havia sido informado à mineradora em anos anteriores e que, apesar de tal alerta, nenhuma providência cautelar foi tomada pela empresa. A jornalista informa também que, em 2017, quando da solicitação das licenças para a construção da barragem, a Samarco não produziu um projeto executivo com detalhes técnicos mais aprofundados, tendo entregado apenas dados básicos e poucas informações. No entanto, o projeto foi aceito pela Fundação Estadual do Meio Ambiente, sem questionamentos. Portanto, além da responsabilidade da Samarco, houve visivelmente descaso por parte de órgãos públicos, que se tornam também responsáveis. O que também destaca que foi crime, pelo descaso e tira a ideia de acidente ou fatalidade.

4.2.2 Licenciamento ambiental e técnicas para barragens

Em relação ao licenciamento ambiental exigido para a operação das barragens, Serra (2018) informa que o coordenador da força-tarefa do Ministério Público de Minas Gerais, chefe das investigações no local, verificou inúmeras irregularidades envolvidas no licenciamento ambiental de Fundão. E que a condução do processo se deu com uma velocidade atípica para uma obra de dimensões tão complexas.

A autora esclarece que, por ter estrutura diferente de usinas hidrelétricas de concreto, as barragens de mineração podem ser construídas utilizando outros processos, e um deles é o alteamento a montante – procedimento que, na engenharia, significa ampliar para cima, fazendo uso do próprio rejeito de minério. No entanto, à medida que uma barragem vai sendo alteada, sua estrutura vai-se modificando, e é necessário avaliar constantemente suas condições de segurança e estabilidade.

4.2.3 Licença questionável, recomendações não atendidas

O processo de licenciamento ambiental tem início com a apresentação do Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto no Meio Ambiente – EIA/RIMA –, elaborado por consultores contratados pela empresa que solicita as diversas licenças. No caso da Samarco,

² In <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/01/29/responsabilidade-da-samarco>.

esse relatório ressaltou a importância da mineradora para a vida da comunidade local, para a economia e para a geração de empregos nas regiões de Mariana e Ouro Preto; que não havia comunidades no entorno da barragem; e que Bento Rodrigues distava seis quilômetros de Fundão. No entanto, esse mesmo relatório já alertava para situações graves, em avaliação que a autora transcreve:

“Ainda que resulte em um risco moderado, por ser improvável, identificou-se um evento cujas consequências seriam catastróficas, que corresponde ao rompimento da barragem com efeito dominó sobre a barragem de Santarém. Para este evento, é recomendável o desenvolvimento de um estudo quantitativo, com modelagem do evento e identificação mais precisa de suas consequências, em especial sobre a comunidade de Bento Rodrigues.”³

Nessa análise, os técnicos consideraram que um eventual rompimento poderia ocorrer devido a manutenção realizada de forma inadequada, a falha na estrutura, a material assoreado em quantidade excessiva, a pouca capacidade de retenção e a chuvas em volumes excepcionais. A autora destaca que o estudo trouxe também previsões sobre as consequências do rompimento da barragem: morte e danos físicos de moradores nas áreas a jusante da barragem, destruição de instalações, sólidos e lama arrastados para os cursos de água. E por fim, que esse relatório sugeriu o estabelecimento de um programa de comunicação capaz de garantir a participação da comunidade em todos os assuntos que lhe dissesse respeito, que lhe fosse pertinente. Essa comunicação deveria ocorrer desde a implantação da barragem, e seguir permanentemente, sem interrupções. Tal sugestão incluía a formação de uma comissão de acompanhamento, integrando pessoas da empresa e da comunidade, além de tratar os dados relacionados à expansão e ao monitoramento da barragem, de forma a serem constantemente compartilhados com os moradores da região.

E a autora vai além: faltando apenas a obtenção da licença de operação – o último passo para colocar a barragem em atividade –, a mineradora Samarco mais uma vez não cumpriu todas as condições exigidas. Uma delas era a apresentação do “Plano de Contingência”, com informação às comunidades. O documento entregue tratava apenas da segurança dos trabalhadores, e nada informava às populações que viviam próximo sobre o alerta em caso de emergência. Outra condicionante decisiva era o relatório técnico de construção – o *As Built* –, que registra como de fato a obra foi executada. Esse documento é uma espécie de *check list* do projeto executivo, um diário de construção, que, portanto, só pode ser elaborado após a conclusão da

³In Serra (2018), trecho extraído do EIA-RIMA submetido pela Samarco para obtenção das licenças ambientais exigidas para a implantação da barragem.

obra. No entanto, a empresa apresentou o *As Built* de Fundão antes mesmo do término da obra da barragem. E o relatório definitivo nunca foi entregue. (SERRA, 2018, pp. 117).

A ausência do *As Built* é considerada irregularidade grave, uma vez que esse documento descreve os procedimentos de construção efetivamente realizados e as soluções de caráter técnico adotadas, o que permite identificar as vulnerabilidades da construção. No entanto, as obras de Fundão tiveram continuidade mesmo com a apresentação de um *As Built* apenas parcial. (SERRA, 2018).

4.2.4 Riscos

De acordo com Serra (2018), o Ministério Público Federal pesquisou a estrutura de gestão da Samarco; complexa, composta por vários níveis de gerências, essa gestão foi incompetente no sentido de afastar os riscos relacionados à integridade da barragem de Fundão, e de proteger aqueles que viviam nas áreas próximas a essa estrutura. A autora aponta a questão dos riscos, aborda um documento, entre os vários analisados, por impressionar na precisão que apresentava o que ocorreria em um possível desastre: o “Manual de riscos corporativos”, que indica a análise de um eventual rompimento dessa barragem, sendo sua data do dia 22 de abril de 2015, apenas alguns meses antes do evento que devastou inúmeras vidas, que encerrou histórias e trouxe dores que não tiveram mais fim.

A autora esclarece ainda que as consequências enumeradas relativas a um possível rompimento de Fundão apresentavam correspondências desconcertantes com o que aconteceu na realidade, principalmente em relação ao número de mortes, ditas no documento até 20 fatalidades, diante de 19 mortes como número real após a tragédia:

“2 a 20 mortes, incapacidade permanente a mais de 10 pessoas; impacto sério ou extensivo (20 anos) à terra, biodiversidade, serviços ambientais, recursos hídricos e ar; impactos à segurança ou à saúde da comunidade (50 famílias) ou violação aos direitos humanos, perturbações à vida das pessoas (200 famílias); danos severos a 200 casas ou infraestrutura da comunidade/lugares de importância cultural nacional; processos por violações criminais, resultando em penas de prisão para os funcionários ou agentes ou réu por contencioso cível principal; mobilização de ONGs contrárias ao empreendimento; ação civil do Ministério Público, multas e penalidades de organizações ambientais, ações das famílias das vítimas ou impactadas.” (SERRA, 2018, pp. 180).

Os dois principais executivos da Samarco afirmaram em depoimentos oficiais que não tinham conhecimento de que a barragem de Fundão corresse riscos, segundo Serra (2018). Não faltou análise de riscos, faltaram ações cuidadosas, medidas que deveriam ter sido tomadas para que algo desse porte, uma tragédia dessa proporção não viesse a ocorrer.

4.2.5 Saúde mental: um estudo sobre o desastre da Samarco

Considerando questões de saúde mental, citamos aqui como exemplo questões observadas a partir do trabalho intitulado “Pesquisa Sobre a Realidade de Saúde Mental em Mariana”.

Realizada em conjunto com a Cáritas Brasileira, o Núcleo de Pesquisas Vulnerabilidade e Saúde (NAVeS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), avaliou a situação de saúde das pessoas atingidas pelo rompimento da barragem da Samarco, aproximadamente dois anos após o ocorrido. Participaram da pesquisa 271 moradores de regiões que foram afetadas pela lama de rejeitos; pessoas com idades entre 10 e 46 anos, dos distritos de Bento Rodrigues, Paracatu de Baixo, Paracatu de Cima, Borba, Campinas, Pedras e Ponte do Gama.

Os resultados da pesquisa mostraram que o índice de pessoas que sofrem de depressão entre a população afetada é maior do que na população geral: 28,9% dos moradores afetados pelo rompimento da barragem apresentam depressão, uma proporção cinco vezes maior do que a taxa registrada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em relação à população brasileira em 2015, que era de 5,8%. A preocupação fica ainda maior quando são observados os 46 afetados com idades entre 10 e 17 anos: o resultado foi dez vezes maior em relação àquele observado na população geral com essa mesma faixa etária.

Ainda como resultado dessa pesquisa, 18,2% da população afetada tomam medicamentos para dormir, e 16,9% deles tomam antidepressivos. Junto a essa, uma outra triste constatação foi apontada por esse trabalho de pesquisa: a prevalência de comportamentos suicidas em meio à população afetada está acima da média nacional: 16,4% dos afetados falaram sobre o risco de tirar a própria vida; ao longo da vida, 7,1% da população do Brasil disseram já ter tentado se matar. A maioria passou por algum evento traumático (89,1%); desses, 68,3% contaram que têm pensamentos ou imagens da tragédia, que aparecem de forma recorrente. (www.sp.oglobo.com.br).

5 BRUMADINHO: LIÇÕES NÃO APRENDIDAS DE MARIANA

Diante dessa tragédia ocorrida em Mariana, afetando tantas pessoas, há um silêncio. Há a constatação de tamanha ganância por parte da mineradora, que foi capaz de deixar uma barragem em funcionamento sem os devidos rigores de manutenção e vigilância de sua estrutura, colocando em risco comunidades, natureza, bens, pessoas, famílias, histórias. Essa constatação nos emudece. A partir desse reconhecimento, ou seja, de testemunhar uma ocorrência envolvendo tanta dor, luto e falta de cuidados com os que viveram tantas perdas, vi-me convocada a me aproximar desse desastre, mobilizada tanto como pesquisadora como ser humano.

Após essa ocorrência, mas não tanto tempo depois, assistimos ao rompimento da barragem de Brumadinho, também em Minas Gerais. Essa estrutura fazia parte da mina do Córrego do Feijão, inserida no Complexo Minerador Paraopeba, de propriedade da empresa Vale. Testemunhando com pesar e horror uma lição não aprendida, a repetição de algo tão dramático, não poderíamos deixar de abordar nessa pesquisa o desastre de Brumadinho, ocorrido no dia 25 de janeiro de 2019.

5.1 Quatro anos depois, mais uma tragédia

Por absoluta coincidência, este texto foi escrito no dia 25 de janeiro de 2021, segundo aniversário do desastre de Brumadinho. Que possa representar nossa homenagem e nossa solidariedade às pessoas atingidas pelos rompimentos das duas barragens, e que nos leve a refletir sobre uma dor que as palavras não conseguem explicar.

Parecia impossível, mas aconteceu de novo!

Outra enxurrada de lama. Outra lama, mais lama; e assim, mais mortes, mais perdas, mais dor. Outra barragem de rejeitos se rompeu? Sim... Não em Mariana e seus distritos, em outro lugar, mas dentro da mesma Minas Gerais: Brumadinho.

O rompimento de barragens em áreas de mineração provoca o rompimento de vínculos. E quando vínculos especialmente significativos são rompidos, o resultado é a dor do luto. Muita dor. O rompimento dessas barragens de rejeitos de minério de ferro que ocorrem subitamente – mas não desavisadamente – provoca mortes súbitas. De repente, tudo muda. A vida das pessoas afetadas vira do avesso.

Não foi possível estancar a enxurrada de lama. A ruptura das barragens rompeu também vidas, histórias, memórias, rotinas, relações, ambientes, vínculos, trajetos, vidas presentes, projetos de futuro. A enxurrada não poupou nada em seu caminho. Assim foi quando a lama tóxica avançou sobre os distritos de Mariana; e assim foi apenas dois anos depois na região de Brumadinho. Todos vimos a lama do descaso trazendo mortes e luto. De novo!

“Mariana, nunca mais!!”

(Declaração de Fabio Schvartsman, ao tomar posse como diretor-presidente da Vale, em 22 de maio de 2017)

Bruma é sinônimo da palavra abismo. Abismo tem como sinônimos também as palavras poço, profundidade, fundura; precipício, desbarrancado. Abismo tem ainda o significado de uma abertura profunda de um terreno; diz-se daquilo que é incompreensível. Diz-se também da distância que separa pessoas, lugares. Abismo refere-se a despenhadeiro, caos, buraco muito fundo. (www.sinonimos.com.br, 2018).

Quando, em Brumadinho, veio a lama, instalou-se ali a bruma que significa esse abismo: um buraco (físico e emocional), o incompreensível, o caos.

5.2 De novo, omissão e indiferença

“A lama não passou no meu quintal, passou na minha alma.”

(Depoimento de uma moradora de Brumadinho a um repórter de televisão)

No dia 25 de janeiro de 2019, a tragédia se repetiu em Brumadinho. O que ficou presente, após essa ocorrência dramática, no coração, nos olhares, na mente, na vida das pessoas que foram afetadas mais de três anos antes pelo rompimento da barragem de Fundão, da mineradora Samarco, em Mariana, Minas Gerais? Essas pessoas, já uma vez afetadas, foram abaladas novamente por lama, soterradas emocionalmente pela lama que correu em Brumadinho. E até hoje os ex-moradores de Bento Rodrigues ainda enfrentam as consequências da lama do descaso, do descuido, da negligência daqueles que teriam o dever de prevenir a catástrofe daquele rompimento.

Estão lidando com o avesso em que suas vidas se transformaram; estão lidando com a saudade e a dor diante do tanto foi perdido. Essas pessoas ainda estão esperando pela reparação que lhes é devida, pela, pela restauração de tudo o que perderam desde o rompimento da barragem que destruiu subdistritos de Mariana, no dia 5 de novembro de 2015. Continuam esperando pelas indenizações, pelas novas casas, pela construção do Novo Bento. E por estarem sofrendo essa espera, essa angústia que se prolonga há cinco anos, também foram atingidas pela lama que tirou a vida de mais de 240 pessoas em Brumadinho.

A lama que atingiu Brumadinho as sufocou ainda mais, aprofundou ainda mais o atoleiro do esquecimento em que as autoridades as mantêm. As pessoas afetadas do desastre de Mariana sofreram duas enxurradas: a lama que alterou diretamente suas vidas e, agora, a lama que as obriga a reviver a história que se deu com elas.

5.3 O sofrimento não serviu de lição

Ao longo das entrevistas, nossa pesquisa revelou que a lama que cobriu Brumadinho despertou nas pessoas afetadas em Mariana o sentimento de que o que viveram dois anos antes desse novo rompimento não serviu para nada. Os técnicos responsáveis pela instalação de barragens e as autoridades responsáveis pela emissão de licenças não aprenderam nada com o desastre de Mariana. Mas é fato, a história se repetiu, mais uma barragem se rompeu. E além de lutar, só o que resta às pessoas afetadas é esperar. Esperar... Esperar...

Por quanto tempo é possível suportar essa espera? Como é possível assistir, impotentes, o tempo passar, testemunhando o descaso e as falsas promessas de quem causou tanto sofrimento? E nessa angústia, onde encontrar consolo pelas novas pessoas afetadas da conduta irresponsável de uma empresa que continua colocando vidas e histórias em risco?

5.4 Encontrando sentido em meio a dores e perdas

Ao longo desta pesquisa, buscando elementos e informações que justificam o título da dissertação – “Perdas e Morte como Possibilidades de Ressignificação da Vida: Um Olhar para Experiências das Pessoas Afetadas pelo Desastre de Mariana” – tomamos conhecimento do trabalho do Instituto Camila e Luiz Taliberti, inaugurado em 25 de julho de 2019.

“Trata-se de uma entidade sem fins lucrativos, criada democraticamente em homenagem a Camila e Luiz Taliberti, vítimas fatais do rompimento da barragem no Córrego do Feijão, em Brumadinho.”

“É uma criação de amigos, amigas e familiares para dar continuidade ao trabalho de ambos por justiça e respeito ao próximo e ao meio ambiente brutalmente interrompido pela tragédia em Brumadinho.” (extraído do *site* da entidade: somossementes.org.br).

A presidente do Instituto, Helena Taliberti, perdeu seus dois filhos, Camila e Luiz; perdeu sua nora, que estava grávida; e com ela, perdeu um neto ou neta, antes mesmo de saber se seria um menino ou uma menina. Perdeu o ex-marido e sua atual esposa. Todos estavam em Brumadinho no dia 25 de janeiro de 2019. Todos morreram.

Como avaliar a dor por tantas perdas no mesmo dia, em um único dia? Da dor, da saudade, da catástrofe, nasceu uma Instituição, trazendo, talvez, um novo sentido para uma vida com tantas ausências. E para outros, trazendo inspiração.

O *site* esclarece seu propósito:

“O Instituto nasceu de uma tragédia, mas queremos trilhar um caminho de paz. Queremos somar. Mostrar o que aconteceu e o que podemos mudar.”

A motivação e a atitude de criar o Instituto remetem ao que afirma Viorst (2003):

“(...) Olhar para as perdas é ver como estão definitivamente ligadas ao crescimento. E começar a perceber como nossas respostas às perdas moldaram nossas vidas pode ser o começo da sabedoria e de uma mudança promissora.” (VIORST, 2003, pp. 16).

Diante da possibilidade de crescimento, ressignificação da vida e busca de sentido após situações de desastres, a frase vinculada ao Instituto Camila e Luiz Taliberti é uma das mais impactantes no sentido de sua força e delicadeza, já identificadas nesse trajeto de estudo, e que compartilhamos:

“Tentaram nos enterrar. Não sabiam que éramos sementes.”

(somossementes.org.br, 2019).

5.5 Luta, coragem e determinação para retomar a vida

Afetados pelos rompimentos de ambas as barragens, Mariana e Brumadinho, essas pessoas passaram a ter histórias em comum de alguma forma. Os ex-moradores de Bento Rodrigues puderam ajudar as pessoas que tiveram perdas em Brumadinho, valendo-se da vivência anterior, caminhos já construídos no sentido de manejo com burocracias, vivências em reuniões, contatos com advogados e autoridades, e assim por diante.

Enquanto seguimos caminhando no trajeto de estudo desse tema, sentimo-nos inspirados por sementes como essas, e sempre afetados, testemunhando tamanha dor, tantas perdas e esforços no sentido de continuidade da vida.

De alguma forma, todas as pessoas afetadas por essas duas histórias seguem até hoje sobrevivendo sob a lama: lama que expõe a ausência de atenção legítima e respeitosa por parte dos responsáveis por ambas as tragédias, ambos os crimes. Lama que desnobre de bem-estar e que coloca cada pessoa que viveu uma perda praticamente à mercê de seus próprios esforços, na busca pelo que lhe é de direito, para seguir sua vida com dignidade e com integridade emocional.

Do impacto surgem os monumentos, os memoriais e também a pesquisa que será apresentada a seguir, que aborda o desastre de Mariana, mas também presta uma homenagem a tudo que ocorreu em Brumadinho.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Compreender os impactos que o rompimento da barragem do Fundão, propriedade da empresa Samarco, ocorrido no dia 5 de novembro de 2015, teve na continuidade da vida das pessoas que viviam no distrito de Bento Rodrigues, subdistrito de Mariana, Belo Horizonte.

6.2 Objetivos específicos

- a) Apreender as rupturas vivenciadas pelas pessoas afetadas nos níveis afetivo, individual e social.
- b) Verificar a percepção de pessoas que viviam em Bento Rodrigues e que foram afetadas pelo rompimento da barragem, sobre os cuidados oferecidos pela empresa responsável pelo desastre e pelas instituições públicas pertinentes.
- c) Captar processos de reconstrução e continuidade de vida de pessoas que moravam em Bento Rodrigues.

A partir dos dados obtidos, foram organizadas propostas de melhor qualificação dos profissionais que atuam na área de Emergências e Desastres (E&D).

7 MÉTODO

7.1 A Pesquisa Qualitativa

Esta pesquisa utiliza a abordagem qualitativa, conforme Turato (2005), buscando estudar o impacto dos afetados em seu *setting* natural, com o propósito de realizar interpretações de fenômenos, e considerando de maneira mais profunda os significados que cada pessoa atribua esses fenômenos e como ela representa essas experiências. Compreendemos que o ambiente natural das pessoas é, inquestionavelmente, o local no qual observações ocorrem sem a busca de controle das variáveis na situação de pesquisa.

Abordando características dos métodos qualitativos, Turato (2005) esclarece:

“Primeiramente, o interesse do pesquisador volta-se para a busca do *significado* das coisas, porque este tem um *papel organizador* nos seres humanos. O que as "coisas" (fenômenos, manifestações, ocorrências, fatos, eventos, vivências, ideias, sentimentos, assuntos) representam, dá molde à vida das pessoas. Num outro nível, os significados que as "coisas" ganham, passam também a ser partilhados culturalmente e assim organizam o grupo social em torno destas representações e simbolismos.” (TURATO, 2005, s/p).

A escolha da pesquisa qualitativa com esse tipo de observação está amparada pela constatação da riqueza do ambiente a ser observado, percebido e sentido na forma como se apresenta. Nesse formato, o pesquisador passa a ser instrumento de sua pesquisa, utilizando como ferramentas seus órgãos dos sentidos, apreendendo o que está sendo estudado, podendo representar os objetos em estudo para que possam ser interpretados e, em um momento posterior, compreendidos com maior profundidade. O pesquisador direciona seu interesse para a busca dos significados dos fenômenos. (TURATO, 2005).

O método qualitativo confere maior profundidade aos dados coletados, pois a partir de uma observação apurada e de uma escuta atenta e profunda durante a entrevista, o pesquisador aproxima-se da essência do que está em questão em seu estudo. Importa compreender o significado que as ocorrências possuem para aqueles que as vivenciam. A escolha da abordagem qualitativa decorre de ser este um instrumento eficaz para identificar o significado individual do fenômeno para a vida dos colaboradores da pesquisa.

Em seu texto “A Contextualização Sociológica pela Via do Cotidiano”, Pais (2002) esclarece que a riqueza da imersão do pesquisador implica num aspecto fundamental a ser considerado em pesquisas qualitativas: a explicitação das condições nas quais o conhecimento foi construído. O cotidiano ganha então importância, uma vez que é nesse espaço que se dão as relações entre os indivíduos, nas quais as relações sociais acontecem a partir de normas já

internalizadas, aí incluídos os espaços físicos, os comportamentos, as condutas, as vivências, os encontros. Portanto, nos trabalhos de pesquisa, torna-se fundamental acompanhar as pessoas no seu cotidiano.

7.2 A Observação Participante

“A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida.” (ANGROSINO, 2009, p. 34)

Dentro da perspectiva qualitativa, buscamos instrumentos que possam melhor oferecer a possibilidade de conhecer o cotidiano dos colaboradores – na nossa pesquisa, as pessoas afetadas pelo rompimento da barragem da mineradora Samarco que viviam em Bento Rodrigues, perpetrado em Bento Rodrigues.

O pesquisador entra em um campo que ainda não conhece, que possui regras, estrutura, hierarquias. Portanto, é importante escutar e observar, proceder a um trabalho de autoanálise. É preciso observar a si mesmo e perceber o quê e como aquilo que se aprende e se vive no campo reverbera em sua pessoa como profissional. Mas antes da autoanálise, é preciso suspender o que sabe e conhece para entrar nesse universo que ainda não conhece, e só então ver como reverbera em si.

Compreendendo a observação participante como um propósito científico. O pesquisador precisa ter clareza quanto ao seu objetivo na pesquisa, além de ter ciência do objeto de seu trabalho, do problema que considera, das questões que darão direção ao seu estudo, e das técnicas de coleta de dados que irão complementar sua observação (SILVA *et al*, 2010).

Nesta pesquisa, o trabalho de observação participante inclui visita ao subdistrito de Bento Rodrigues, encontros com profissionais da Defesa Civil de Mariana, participação em Audiência Pública realizada pela Fundação Renova com as pessoas afetadas da comunidade de Bento Rodrigues, além de conversas informais com pessoas que vivem em Mariana, e que trabalham em lojas, restaurantes e hotéis, abordando a tragédia ocorrida em 5 de novembro de 2015.

7.3 A Entrevista Reflexiva

A entrevista reflexiva, um recurso utilizado nesta pesquisa, é compreendida como um encontro interpessoal, sendo valorizada a subjetividade dos participantes, tendo como fundamento o trabalho de Szymanski (2004). A entrevista se constitui como a construção de um conhecimento novo, pela possibilidade de diálogo. Nessa perspectiva, oferece ao

participante um espaço de reflexão sobre o que está sendo abordado. Essa modalidade de entrevista dá início a um processo de intervenção realizado pelo pesquisador, ação que traz ao participante a possibilidade de articulação de novos sentidos. O entrevistador tem atitude ativa, propondo esclarecimentos por meio de questões, foco e aprofundamento e, finalmente, oferecendo a devolução do conteúdo compreendido.

A entrevista reflexiva tem como aspecto fundamental o fato de não fazer uso de um roteiro fechado, sendo então norteadora da entrevista a clareza por parte do pesquisador em relação aos objetivos do seu trabalho e sobre os temas que pretende investigar. Propõe-se a construção de uma pergunta disparadora para iniciar a fala do participante, focando no ponto que se pretende estudar e, simultaneamente, conseguindo trazer amplitude suficiente para que o participante escolha por onde gostaria de começar (SZYMANSKI, 2004).

A questão disparadora utilizada nessa pesquisa é: *Como você se sente hoje depois do tempo que já passou desde o rompimento da barragem da mineradora Samarco, em 5 de novembro de 2015?* A partir das respostas dadas, novas questões puderam ser feitas para aprofundar o tema e ampliar a compreensão. Exemplificando: Como você percebe que lidou, ou que está lidando com as perdas pelas quais passou? O que você acha que o ajudou nesse período que já se passou após o desastre? Existe algum sentimento marcante, recorrente em você, que possa descrever como se sente em grande parte dos dias?

Na entrevista, importa considerar que o que o colaborador fala é o que é possível contar, ou o que quer contar. As respostas não dependem tanto do modo como a pergunta é formulada, e sim da relação entre pesquisador e colaborador. Nessa interação, são importantes a empatia e os devidos cuidados de saber ouvir, de saber como falar. É preciso não esquecer que é também naquilo que falta, que não está lá, naquilo que não foi dito, no silêncio que pode ser percebida a riqueza de um encontro, da construção da realidade que foi possível naquela situação.

7.4 Os colaboradores da pesquisa

Participaram desta pesquisa pessoas afetadas pelo desastre, ex-moradores de Bento Rodrigues que manifestaram disponibilidade para colaborar. Foram recrutadas inicialmente por meio de indicações de profissionais que atuaram nos trabalhos no local e pelas pessoas afetadas pelo desastre, que também indicaram outras pessoas da sua rede de convivência. Os integrantes da pesquisa foram indicados também por profissionais de hotéis e pousadas, que acolheram em seus estabelecimentos algumas pessoas afetadas e com eles conviveram de perto.

A partir desse primeiro conjunto de indicações, os participantes foram convidados a partir da rede de contato daqueles que já foram entrevistados: cada entrevistado indicou outro

participante da pesquisa, formando assim uma rede social de pessoas interconectadas. Esse método é conhecido fora do Brasil como método *snowball* ou *snowball sampling*; aqui no Brasil recebe o nome de Bola de Neve ou Cadeia de Informantes (BIERNACKI e WALDORF, 1981). É utilizado um sistema de referências a partir da rede de contatos, de conhecidos ou de amigos daqueles que já são colaboradores, e assim sucessivamente, até que se alcance o tamanho amostral desejável (DEWES e NUNES, 2013) ou possível nas circunstâncias de realização do estudo. O método Cadeia de Informantes é utilizado em pesquisas que envolvam populações “ocultas”, por ser mais fácil um integrante da população conhecer outro membro dentro de uma conjuntura social particular (BALDIN e MUNHOZ, 2011).

O fato de a pesquisa abordar um tema delicado, presente e atual, envolvendo dor, perdas e luto, justifica o recurso a colaboradores que participaram, de alguma forma, dos movimentos de ajuda, de acolhimento, de resgate durante as ocorrências após o rompimento da barragem. Nenhuma instituição participou formalmente da pesquisa.

Foram entrevistadas 3 pessoas a partir de 18 anos de idade, e foram considerados como critério de inclusão a vontade e o interesse do participante em falar sobre o ocorrido. Não fizeram parte da pesquisa pessoas que estivessem passando por grande sofrimento ou que apresentassem limitação cognitiva e/ou doença psiquiátrica.

7.5 Diário de Campo

“Entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos.” (MINAYO, 2001, p. 17-18).

A partir do enunciado acima, ressaltamos a importância dessa inserção no real e, como parte da construção dessa pesquisa, foi redigido um Diário de Campo representando uma parte do esforço de apreender o que as pessoas afetadas pelo desastre de Bento Rodrigues viveram.

Como parte do trabalho de campo, foram apresentados os registros das observações no Diário de Campo do dia a dia durante a pesquisa, durante esse período de imersão. Durante o processo de escrita, foi possível notar o quanto foi mobilizador o processo relacionado com os afetos, as emoções e a revisão de situações vivenciadas, facilitando a compreensão daquilo que foi visto e vivido pela pesquisadora.

Segundo Pezzato, Botazzo e L'Abbate (2019), o Diário de Campo apresenta

“uma escrita implicada, trabalha ou se materializa como um certo dispositivo que é, a um só tempo, de pesquisa e pedagógico, na medida em que o diarista deposita nele suas reflexões, análises, emoções, descrições do e com o vivido nas atividades do trabalho com a pesquisa, como também de sua própria vida, o que possibilita que outros possam interagir com esses registros e, conseqüentemente, refletir, construir outras relações e redes entre o que está escrito e o que não está escrito., entre o vivido e o não vivido.” (PEZZATO *et al.*, 2019).

Diante de tais considerações, entendemos que o Diário de Campo passou a ser parte fundamental da pesquisa, antecedendo a apresentação dos depoimentos, composto dos registros realizados no decorrer das entrevistas realizadas em Bento Rodrigues.

7.6 Análise temática das entrevistas

A análise temática foi o instrumento utilizado para compreender os relatos dos colaboradores. Segundo Minayo (2000), esse recurso envolve três etapas, cada uma com sua importância específica para o resultado final da análise: Pré-Análise, Exploração do Material e Tratamento e Interpretação dos Resultados Obtidos. O autor aponta que é essa a forma utilizada para alcançar os significados explícitos, assim como os encobertos, em um material qualitativo. A análise temática baseia-se na descoberta de núcleos de sentidos, de eixos que fazem parte de determinada comunicação, e cuja repetição ou cujo aparecimento representem significado relevante considerando o objetivo do estudo.

Por outro lado, é preciso considerar que o trabalho de pesquisa é um trabalho de ressignificação de verdades e de desconhecimentos. Para que seja operacionalizada, a pesquisa deve utilizar uma metodologia que combine com o trabalho que vem sendo realizado, que seja adequado ao seu objeto. Da leitura dos depoimentos surgiram os temas que foram destacados, e foram considerados a informação trazida, os argumentos, as palavras utilizadas, as ideias colocadas. E todos esses aspectos foram incluídos na análise temática efetuada.⁴

Esse método possibilitou a compreensão do que foi apresentado nos depoimentos e nas narrativas, buscando apreender os significados atribuídos pelos colaboradores, aprofundando o que se apresenta em uma primeira leitura. Importa lembrar que a análise temática em uma perspectiva qualitativa busca apreender o sentido simbólico da narrativa. Este sentido nem sempre está manifesto, e não tem um significado único. Os valores, a linguagem, a cultura e seus significados para o colaborador e o pesquisador influenciam a compreensão dos dados

4 Notas de aula. Disciplina: “Pesquisa Qualitativa em Saúde: Conceitos, Teorias e Técnicas”. Faculdade de Saúde Pública da USP. 2019. Docentes: Cristiane Cabral, Fabíola Zioni e José Miguel N. Olivar.

obtidos. A cada nova leitura, novas interpretações surgiram. A compreensão do contexto foi indispensável para abordar o que constitui a narrativa da pessoa sobre o fenômeno pesquisado.

Foram apresentados os eixos de análise, unidades de significados definidas com base nas entrevistas. Os temas das categorias foram surgindo a partir de leitura e releitura desse material, em um processo de aproximação com o sentido das falas, validando a importância do reconhecimento da experiência vivida pelos colaboradores. Nesse exercício de estabelecer categorias, foram destacadas a representação sobre o conteúdo que está sendo estudado. Tendo sido realizada a análise das entrevistas, foi realizada a amplificação com a teoria, cotejando com a literatura consultada. Os temas emergiram a partir da fala dos colaboradores e também da observação participante e do Diário de Campo.

Assim, na análise das entrevistas existem vários núcleos de significados que se sobrepõem e se mesclam. Dessa forma, essa análise constitui um trabalho, mais um retrabalho, e novamente um retrabalho, de maneira que o olhar do pesquisador vai-se apurando, e as unidades de significados vão aparecendo, e elas mesmas se apurando, diante do olhar do pesquisador: os significados vão-se revelando.

Complementando a análise das entrevistas, o Diário de Campo e a observação participante ampliaram a compreensão inicial do processo de cada colaborador, permitindo uma discussão mais geral das categorias que emergiram dos discursos desses participantes.

7.7 Discussão

À análise das entrevistas seguiu-se a discussão, momento em que o pesquisador analisa as percepções dos colaboradores. A discussão é entendida como uma interpretação do pesquisador, uma reflexão de característica sociológica. No entanto, embora a discussão ocorra nesse momento, a reflexão se dá desde o início da pesquisa, como um processo.

A escuta oferecida para cada colaborador afetado por esse desastre e a apreensão dos significados aí presentes tornou-se a essência da pesquisa, com todo o colorido fornecido pela visita de campo, por tudo o que pôde ser vivido, percebido e sentido nessa experiência pela teoria estudada, pelo método de análise das entrevistas, pelo Diário de Campo e pela observação participante.

7.8 Considerações Éticas e a questão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Este trabalho foi desenvolvido de acordo com a Resolução número 466 de 12 de dezembro de 2012, do Ministério da Saúde, sendo esse o documento atual de referência para a

organização da estrutura de funcionamento dos Comitês de Ética em Pesquisas em Seres Humanos.

Para serem garantidos os direitos dos colaboradores desta pesquisa, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Conforme as normas e diretrizes do Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo, as entrevistas foram realizadas mediante a aceitação dos participantes, que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que garante o respeito aos seus direitos. (Anexo 1).

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe com consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que, por si e/ou por seus representantes legais, manifestem a sua anuência à participação na pesquisa. Entende-se por Processo de Consentimento Livre e Esclarecido todas as etapas a serem necessariamente observadas para que o convidado a participar de uma pesquisa possa se manifestar, de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida. (RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. Pesquisado no site bvsms.saude.gov.br).

Em obediência aos cuidados propostos, a pesquisa qualitativa não apresenta riscos diretos. No entanto, é possível que haja algum desconforto para o participante durante a pesquisa, na ocasião do compartilhamento de informações pessoais ou de questões que sejam delicadas ou dolorosas para o participante.

Contando com sua experiência em clínica para realizar as entrevistas, a pesquisadora cuidou para evitar constrangimentos para esses colaboradores, respeitando sua vontade no sentido de responder ou não às perguntas, ou de dar ou omitir informações que pudessem provocar desconforto ou causar constrangimento. Cuidado, atenção, suporte e acolhida foram oferecidos continuamente ao longo de toda a conversa. Não menos importante, foi assegurado o sigilo em relação aos nomes dos colaboradores, preservando assim suas identidades.

Por meio das entrevistas, a pesquisadora reuniu histórias e narrativas sobre como as pessoas afetadas pelo rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco vêm dando continuidade e novo significado à vida, e como reconstroem suas histórias, encontrando sentido na nova condição de vida que lhes foi imposta. Os depoimentos prestados por meio das entrevistas relatam de que forma essas pessoas enfrentaram, logo no primeiro momento, a ocorrência dramática e súbita que as colocou diante de tantas perdas, e o que fizeram ao longo dos dois anos que já haviam se passado quando aceitaram conversar com a pesquisadora.

Como era esperado, a oportunidade de falar sobre o ocorrido, sobre suas vivências e experiências em relação ao desastre foi recebida com entusiasmo pelos entrevistados. De certa

forma, foi um momento de reflexão sobre as situações vividas e de organização de sentimentos, que compartilharam com a pesquisadora, cujo papel foi o de lhes dar ouvidos e acolhimento.

7.9 Análise de Dados

Inicialmente apresentarei os colaboradores, assim como os contextos nos quais foram realizadas as entrevistas, trazendo minha impressão; exibirei o relato de cada colaborador e, em seguida, farei uma análise compreensiva das falas de cada um deles. No passo seguinte, procederei à discussão geral sobre os principais temas, cotejando com a literatura, com os autores que baseiam minha fundamentação. E por fim, farei a exposição das considerações finais dessa pesquisa. O autor de base desse trabalho e que referencia a análise é D. W. Winnicott.

8 OS COLABORADORES, AS NARRATIVAS, A COMPREENSÃO DA HISTÓRIA

Serão abordados três contextos voltados para os colaboradores: faremos a descrição do contexto da entrevista, apresentaremos a entrevista e, por fim, com base em suas narrativas, a compreensão da história pontuando temas relevantes destacados na fala de cada um como.

Para a apresentação das histórias foram retiradas as perguntas e o texto foi organizado. A entrevista com as perguntas e as respostas está no anexo. Após cada entrevista faremos uma análise e compreensão dos principais temas. Os contextos e as entrevistas apresentadas a seguir fazem parte do item – Os colaboradores, as narrativas, a compreensão da história - assim como as compreensões e análises apresentadas na sequência.

Seguiremos com os colaboradores João, Luiza e Rita, na respectiva sequência. Para cada um será apresentada a descrição do contexto da entrevista, a narrativa de cada colaborador e a compreensão/análise a partir do relato de cada um deles.

8.1 Descrição do contexto da entrevista – Colaborador João

A entrevista reproduzida a seguir foi realizada com o colaborador cujo nome fictício é “João”. Recebeu-me em seu local de trabalho, uma oficina mecânica, durante parte de sua manhã de trabalho. No decorrer da entrevista, respeitando sua atividade, fizemos pausas quando chegava um cliente. Após orientar e atender quem entrasse, João voltava a se sentar e continuava sua fala.

A oficina é um estabelecimento simples, e lá já estavam alguns carros aguardando reparo, ou seu dono para retirá-lo. Está situada em uma avenida central de Mariana que, para os padrões da cidade, é bem movimentada. Ficamos sentados em uma espécie de pequeno escritório, composto por duas cadeiras e uma mesa.

João não olhava muito para mim enquanto falava. Apesar da disposição para falar, pareceu-me tímido. Algumas vezes deu risada, achando graça das situações que me relatava. Foi solícito e disponível. Conversamos por quase uma hora, e agradei ao final da conversa. Ele comentou que foi bom o momento da entrevista, que gostou de ter podido falar sobre aquilo que viveu e vive até hoje após o rompimento da barragem da mineradora Samarco.

Todos os outros nomes citados neste relato também são fictícios.

8.1.1 Entrevista

Colaborador: João

Pesquisadora: P

P: Hoje é dia 09 de fevereiro de 2018, e eu vou conversar com o João. Você fala a sua idade e o local onde você nasceu, sua profissão. Como é que você se sente hoje depois do tempo que já passou desde o rompimento da barragem da mineradora Samarco, no dia 05 de novembro de 2015?

João, 48 anos, nascido em Bento Rodrigues, na casa dos meus antepassados. Quando eu nasci, era da minha avó, e agora é do meu pai. Hoje me sinto um pouco frustrado, porque a reparação integral, que seria a reconstrução das nossas casas – o novo Bento, como o pessoal diz, que para a gente não existe novo. Bento é um só. Então existe o Bento original e o que seria o Bento genérico, mas a gente se sente um pouco frustrado porque vê que falta um pouco de empenho da empresa em agilizar o processo. E a gente vê que existem pessoas já mais de idade – meu pai, por exemplo, 84 anos, minha mãe, 80 –, e a gente quer essa agilidade no processo para que essas pessoas possam usufruir um pouco, ainda, do modo de vida que tinham antes. É plantar, é cuidar da casa... A vida pacata no interior. Minha preocupação maior hoje é com os mais idosos. Não só com meus pais, mas com os meus amigos mais idosos, que a gente vê que estão deslocados dentro da cidade, que não têm uma relação. Sempre viveram no interior e não têm uma relação com a cidade. Essas pessoas sofrem muito.

Eu moro aqui em Mariana, mas ia pra lá todo final de semana. Tenho uma casa lá. Eu comprei essa casa em 2011. Antes a gente ia para a casa dos meus pais, e aí apareceu uma proposta de venda dessa casa. A princípio, comprei para investimento, porque as empreiteiras que prestavam serviço para a Samarco sempre procuravam imóveis lá para alugar. Eu comprei para investimento. Quando minha esposa entrou na casa, que era uma casa sem forro, com o telhado, com as telhas mais antigas, telhado mais rústico, minha esposa falou: "Essa casa a gente não vai arrumar para alugar, não. A gente vai usar". Reformamos a casa mantendo as características, e começamos a ir para lá frequentemente. Às vezes ia durante a semana, dormia lá, voltava. E foi assim. Era a segunda casa. Eu tinha a minha casa lá, mas o meu quarto na casa dos meus pais ficou. Até hoje, meu pai respondendo o cadastro, ele falou: "No quarto de João tinha isso, tinha aquilo..."

Eu tenho uma irmã casada que morava lá também. Era nesse esquema meu: ida e volta. Trabalhava durante a semana. E ela estava lá mais presente do que eu: como ela trabalhava com escola, geralmente na sexta à noite ela já ia para lá. Eu ia no sábado. Mas tem a casa do meu pai. Era grande, sete quartos. Nós tínhamos essa relação. Tínhamos a casa, mais os nossos quartos. Os quartos lá da gente continuavam. A gente foi tocando a vida até acontecer o que

aconteceu, e o sonho ir embora.

Mas a gente está aí tentando resgatar um pouco do que restou. A gente vai sobrevivendo, porque, a princípio, o baque foi forte. Meu pai, com dez dias do ocorrido, infartou, teve problema de saúde. Hoje ele usa um cardiodesfibrilador, e aí a gente tem que buscar forças para não ser mais um tormento na família. Tem que tomar consciência de que a gente tem que se reestruturar e tocar a vida. Aos trancos e barrancos, nós vamos tocando a vida, porque a gente vê que tem pessoas que dependem da gente. Então, a gente precisa estar bem para fortalecer essas pessoas também.

A atuação das pessoas afetadas

Às vezes dá um certo desânimo, mas a partir do momento que eu entrei para a comissão de atingidos, em novembro de 2016, a gente vê que pode ser útil, pode ajudar mais pessoas na luta, engajando para ser restituído daquilo que nos foi tirado. Então, são reuniões, tem dia que tem três reuniões durante o dia, são constantes as reuniões, desgastantes e isso passa 3/4 horas numa reunião. Você vê que não houve progresso algum, mas isso faz parte, e a gente tem que se manter de pé, porque como eu digo: “Gente, se fosse fácil, qualquer um fazia, não precisaria da gente estar aqui. Se a gente está aqui é porque não está sendo fácil. Então vamos lutar com unhas e dentes, porque existe lá no Bento pessoas humildes que não têm consciência de como lutar pelos direitos. Então, a gente tem que lutar pela gente e por essas pessoas”. Eu não me sentiria confortável em ver só o meu lado reparado enquanto outras pessoas, que perderam tanto quanto, ou mais do que eu, sem a devida reparação. Chega um ponto que às vezes você está baqueado, você fala: não vou, não dá mais, vou largar tudo. Aí você olha para trás e vê o que já foi feito, o que tem para fazer ainda... E fala: “Não, a gente tem que levar a luta até no final. Pode ser que dá uma pausa, vai com mais calma, não põe tanto empenho, deixa para aos outros correr um pouco. Mas tem que estar ali sempre presente.”

É um misto de tristeza, de angustia, um pouco de raiva porque é uma coisa que poderia ter sido evitada. A gente acredita. Falo: houve homicídio, isso eu tenho certeza que houve. Agora resta as autoridades apurarem se foi culposos ou dolosos, porque, no meu entender, a grosso modo, um pouco que eu entendo por lei, houve um homicídio com dolo eventual. Porque se tinham consciência do que poderia acontecer, e permaneceram insistindo em manter, então é porque houve um dolo eventual. A gente vê que houve um crime, outros falam acidente, tragédia, mas a gente sabe que houve um crime. E esse crime está se renovando. Por incrível que pareça, a empresa responsável pela reparação se chama Renova, mas a gente percebe que esse crime vai se renovando a cada dia, porque, a partir do momento que entra pela empresa que é constituída para uma fundação para reparar os danos, e essa empresa se nega a reparar

danos atingidos dos que comprovadamente são reconhecidos como atingidos, mas que leva para âmbito judicial, para que essas pessoas ainda passem pelo constrangimento, como eu passei, de ter que chegar perante a juíza e explicar tudo o que aconteceu... É muito desgastante. A gente vê que uma empresa que é uma fundação que foi construída para reparar, ela está renovando o dano a cada dia! Qualquer tipo de reparação da dignidade das pessoas está sendo em âmbito judicial. Todas as conquistas até hoje, a única coisa que a empresa fez foi tirar as pessoas e trazer para a Arena e, da Arena para as pessoas irem para os hotéis, para ir para casa alugada, para ter cartão de auxílio financeiro, emergencial, qualquer outro tipo de reparação está sendo por via judicial. Um desgaste desnecessário, porque os próprios funcionários da empresa falam: “A responsabilidade é nossa!” Mas a gente vê que eles não estão assumindo a responsabilidade.

Memórias do dia do desastre

No dia eu estava trabalhando aqui, nesta oficina. Minha esposa tinha viajado para São Paulo, foi buscar mercadoria, que, além da oficina, a gente tem uma loja de roupa. E minha esposa viaja muito para buscar mercadoria, nesse dia ela estava para São Paulo. E parte do depósito da loja era lá em Bento, na casa da gente. Então, ela viajou, e geralmente eu ia em Belo Horizonte para buscá-la à noite. E às vezes, quando a gente chegava aqui um pouco mais cedo, a gente já passava direto, e ia para o Bento para guardar parte da mercadoria. Eu estava trabalhando aqui, já agilizando, porque à noite eu teria que ir buscá-la. Meu pai ia deixar o carro aqui, porque meu pai estava lá em Bento, e toda quinta- feira meu pai toca na banda em Ouro Preto, e era ensaio da banda. E toda quinta-feira ele vem ... vinha para Mariana, e nesse dia, eu pedi para ele vir um pouco mais cedo. E ele veio bem mais cedo do que eu pedi, que ele estava mexendo lá e falou para minha mãe: "Ah, vamos embora mais cedo para Mariana, porque João vai largar algumas coisas no carro. E aí a gente ia resolver tudo que tinha para resolver, como a noite está clara, dependendo do horário que o ensaio acabar, a gente vem até à noite mesmo para Bento. Não vem na sexta de manhã, vem na quinta à noite." Aí minha mãe ainda ficou brava. Falou: "Ah, mas eu tenho que correr muito, vamos passar lá na casa de João, que eu deixo as toalhas lá para ele..." É que ela pegava minhas toalhas, umas roupas lá e lavava. “Eu deixo as toalhas lá, que às vezes eles vêm à noite aqui, e não tem toalha lá.” Minha mãe falou que ainda passou lá na casa da gente, que ela tinha a chave. Tanto eu tinha a chave da casa deles, eles tinham a chave da minha casa. Ela falou: "Passei lá na sua casa e deixei as toalhas dobradas em cima da cama, se vocês forem lá, está lá tudo certinho." Meu pai chegou e deixou o carro aqui.

Eu tinha feito uma cirurgia na gengiva, estava sob efeito da anestesia ainda. Uns quinze minutos depois que o meu pai deixou o carro aqui, meu telefone tocou, era um amigo que tinha trabalhado aqui e tinha começado a trabalhar na Samarco tinha três meses. Ele me ligou chorando, falou: "João, cadê seu pai?" Eu falei: "Meu pai está aqui. Está na rua, aqui." "E sua mãe?" Estranho, chorando perguntando pelo pai, minha mãe... Eu falei: Minha mãe está em casa. "Mas em Mariana ou no Bento?" Eu falei: "Não, está aqui em Mariana, mas por quê?" Ele falou: "Porque a barragem rompeu e vai alagar o Bento. O supervisor pediu para ninguém ligar para fora, para não avisar ninguém para não colocar a população em pânico, mas eu sei que seus pais que estão morando lá no Bento, tem amigos seus... Então liga para quem você quiser que eu estou escondido dentro de um banheiro, porque a ordem, a orientação aqui é que ninguém ligasse para fora." Aí eu falei: Ah, não, rapaz, sempre teve esses boatos que barragem ia romper, que barragem estava rompendo, mas isso é boato. Você que começou na empresa agora, mas sempre aconteceu isso. Aí ele falou: "Não, mas é sério. Para você ter uma ideia, até a parede do escritório aqui, o vidro trincou na hora que deu o rompimento, foi um tremor muito forte... Mas avisa."

Aí eu percebi que estava descendo muito carro de bombeiro, e o bombeiro que atende Mariana é o de Ouro Preto. Então, qualquer evento eles passam aqui. E eu vi descendo muito carro de bombeiro, de polícia, guarda municipal... Alguma coisa houve. Ele falou: "Então liga pra quem você quiser". Aí eu comecei a ligar para o pessoal que eu tinha contato lá no Bento, e os telefones já davam fora de área, já dava caixa postal de imediato. Comecei a ligar nos telefones fixos... Nem chamava, estava mudo! Eu falei: "Alguma coisa está acontecendo." E começou meus amigos, minha irmã me ligando. "O que está acontecendo, você sabe?" Aí eu falei: A melhor maneira de apurar é indo para lá. Vou procurar meu pai, não achei. Fui em casa. Falei: Às vezes eles foram para casa... Quando eu estava voltando, encontrei com ele perto desse viaduto, aí eu falei: "Ô pai, nós vamos ter que ir lá no Bento." "Ir lá por quê?" Eu falei: "A barragem rompeu e vai alagar tudo lá." Aí ele só olhou para minha cara, riu e falou assim: "Você ainda acredita nesses boatos?" Eu falei: "Pai, alguma coisa aconteceu porque está descendo muito carro de bombeiro e polícia. Vamos, pelo menos a gente tira a dúvida. Eu vou. O senhor quer ir?" Ele falou: "Ah, então eu vou com você." Deixei a moto aqui e peguei a caminhonete. Liguei para minha irmã, e minha irmã falou assim: "Eu estou indo para lá. José já foi" (meu cunhado), e eu vou para lá também, porque eu não aguento ficar aqui, não." Eu falei: "Então eu passo aí e a gente vai junto". Quando eu cheguei na casa dela, ela falou: "O José ligou e falou para gente passar por Santa Rita, porque por dentro a estrada já está alagando." Ela falou o local. Esse local dá cerca de sete quilômetros do Bento, que a água

retornou no outro rio, pelo rio Gualaxo. Aí fomos. Daí a pouco ela falou: "Gente, esqueci de falar. Joaquim (irmão do meu cunhado que morava lá.) ligou, falou que conseguiu sair, mas não sabe o tanto de gente que está morta, porque ele saiu por baixo, ele saiu arrastando, que ele tem um problema no joelho, perdeu muleta, perdeu tudo, mas conseguiu sair arrastando pelo morro, e falou que não sabe o tanto de gente que morreu, e a água está passando por cima da casa de papai."

Primeiras imagens da tragédia

Na casa do meu pai eram dois andares, mais o terraço. "Joaquim sempre gostou de aumentar bem as coisas, não deve estar nesse ponto, não." E fomos. Eu liguei o rádio, fomos ouvindo notícia, e muito carro. Passando por Santa Rita, por dentro, dá 23 quilômetros e passando por Santa Rita dá 45, então a gente chegou de Santa Rita até o Bento. Era carro de polícia, era carro batido pela estrada... Quando eu comecei a ver aquele cenário de muito acidente... Tem alguma coisa grave. Quando nós chegamos no alto do Bento (que de Santa Rita e Bento é um vale, então a gente chega por cima), a cerca de dois quilômetros longe do Bento já havia aquele desespero das pessoas chorando pelo canto da estrada, muito carro. E quando nós fizemos a curva, que geralmente avistava onde era a parte baixa, a casa da minha irmã, que eu olhei a montanha, e eu vi a marca da lama na montanha, que já tinha baixado um pouco, falei: "Gente! Isso aí foi grave!"

Quando deu para avistar onde era a casa da minha irmã, a gente só viu uma represa. Praticamente uma represa. A água estava represada. Minha sobrinha começou a chorar, desespero, eu falei: "Gente, o Bento acabou. Acabou tudo." Minha sobrinha começou a chorar, e meu pai falou: "Calma Monica, depois que essa água baixar a gente lava tudo e volta para as nossas casas." Porque a gente não via casas, só via lama, e a gente achava que era água. Água suja, mas era água. E aí, quando começamos esse negócio, eu falei: "Gente, vamos tentar passar por baixo, ali às vezes a pé, pelo canto do mato, dá pra gente passar pra dar assistência às pessoas que estão ilhadas." E a gente não via ninguém. Eu falei: "Cadê todo mundo que estava ali? Porque a gente sabe que morreu gente, mas alguém sobreviveu." O pessoal falou: "Quem estava aí correu para cima, para a igreja. E aí eu peguei o celular e tentei ver, aproximando a câmera do celular. "Mas a igreja está até fechada. Não tem ninguém!" Aquele tráfego de helicóptero, baixa helicóptero e sobe, aquele desespero todo... Eu falei: "Olha aí gente, tem que dar um jeito de alguém ir lá." Quando nós descemos, eu falei: "Não, mas aqui é água suja, dá para pisar." No que eu pisei, atolei até aqui. "Gente, não dá para pisar, não é água, é lama."

Nisso veio uma pessoa que tinha conseguido sair pelo mato: "Olha, tem muita gente, mas não estão no pé da igreja, ficaram com medo de subir um pouco mais. Mas estão na parte de trás, daqui não dá para ver, mas sobreviveu muita gente. Tem muita gente!" Aí começamos a perguntar: "Você viu fulano, você viu sicrano, você viu..." "Ah, não sei, mas tem muita gente que se salvou."

Começa a luta pelos direitos

Aí já deu um certo conforto, um certo alívio, mas a gente não tinha o contato com o outro lado e a noite foi chegando; chegou um ponto que a gente não tinha o que fazer mais. Eu falei: "Vamos embora." Eu estava com meu pai. Meu irmão ficou, porque o Joaquim travou: "Eu só saio daqui na hora que o último morador sair". E o meu cunhado passou a noite com ele lá, deitado num canto da estrada. Não comeu, não bebeu e só conseguiram tirar ele no outro dia. Já eram onze horas da manhã quando o último morador saiu, e ele falou: "Agora eu saio, mas quero ir para a portaria da Samarco. A gente tinha que ir todo mundo pra portaria da Samarco, porque a Samarco já sabia que isso ia acontecer, a gente já vinha questionando em reuniões, e eles sempre falaram que a barragem era segura." E ele foi. Foi sozinho. No carro que levou ele, o motorista quis passar direto pela portaria da Samarco, mas ele falou: "Se você for passar direto eu vou puxar o freio de mão desse carro." Aí o motorista: "Não, mas eu não posso fazer isso, que a ordem é levar o senhor para a Arena." Ele falou: "Não, eu não vou para a Arena, não. A Samarco me tirou de dentro da minha casa."

Foi o primeiro a lutar pelos direitos. Acionou a Samarco para ela o colocar num local digno. "Eu quero um hotel, e um hotel bom. Não quero hotel, não quero pensão, não. Quero um hotel bom." Ele é meu amigo de infância. Nós estudamos juntos, aprontamos muito juntos. Eu falei: "O Joaquim, eu sei que é teimoso. Ele vai dar trabalho." Mas logo que trouxeram ele, colocaram num hotel. Ele falou: "Eu quero roupa, eu quero chinelo, quero roupa nova, não quero roupa usada, não visto roupa usada." Ele exigiu. Mas era um direito dele. Ele falou: "Olha, se fosse uma tragédia natural, um desastre natural, uma enchente, um terremoto, coisa assim... Mas isso é responsabilidade da empresa. A empresa que foi negligente, então a empresa que tem que arcar". Foi algum funcionário da empresa no hotel, e um dos funcionários estava até com a esposa, foi levando umas roupas usadas. Ele saiu e falou: "Não, eu estou enrolado na toalha e não estou com nada por baixo." E abriu a toalha. "Eu só visto roupa nova. Não quero roupa usada, porque a empresa que me tirou e a empresa que tem que me ressarcir." E logo depois, passando um mês depois, ele entrou em depressão. E a depressão dele foi forte, porque ele tem um problema no joelho, o problema agravou, ele tem que fazer uma cirurgia drástica

mesmo. Ele tem que remover parte do osso, entrou em depressão brava. Mas agora, graças a Deus, ele está se restabelecendo, está bem. Já está na luta de novo.

Da Arena para os hotéis

Aí a gente veio. Quando chegamos na Arena, aquele jardim era operação de guerra montado, chegando doativo. Meu pai falou: "Olha, vê o pessoal mais de idade, os amigos da gente, e vê se você consegue levar lá para casa, porque não é justo essas pessoas dormirem aqui." No outro dia, na sexta-feira, fui pra Arena pra ajudar, mas o pessoal falou: "A gente vai permanecer junto com todo mundo, aqui, porque a gente saiu junto, a gente tem que permanecer junto." E foi aí que eu até encontrei com outro amigo meu, Sidinei, e nós fomos conversar com o promotor, Dr. Joaquim. Ele estava numa salinha lá na policlínica, olhando. Vi um senhor lá para entrar com uma ação. Logo que eu olhei, eu disse: "Xi, Silvio, esse promotor novinho... Isso não vai resolver nada. Conversamos com ele, e ele falou: "O pessoal não vai poder ficar na Arena. Eu já vou pedir para que essas pessoas sejam removidas para um hotel e, posteriormente, para moradias dignas, uma casa. Mas a princípio, essas pessoas têm que ser removidas para o hotel. Não é justo essas pessoas dormirem no chão, numa arena." E essa foi a primeira ação, a remoção das pessoas para o hotel. As pessoas foram para os hotéis. Acho que dormiram uma noite só na Arena. Isso foi na sexta-feira, no sábado as pessoas já estavam indo para os hotéis.

Nos hotéis demorou um pouco, porque foi uma determinação que nenhuma família passasse o Natal no hotel. Tiveram que montar uma operação de emergência, para alugar casas para conseguir pôr as pessoas antes do Natal, para que nenhuma família passasse o Natal num quarto de hotel. Mas todas as ações, de lá para cá, foi tudo conseguido via judicial. Nada tinha concessão, cartão de auxílio emergencial.

Algumas conquistas, alguns acordos, falsas promessas

O custo de vida das pessoas em Bento era mínimo em relação ao custo de vida aqui em Mariana. Hoje, qualquer coisa que a gente precisa tem que comprar. Uma alface, um tomate, você tem que comprar, e lá as pessoas cultivavam. E mesmo assim, a luz foi uma conquista, a energia. Porque a energia lá era barata, e aqui, se a gente pagava 80 reais de luz, lá chegou que era 350, 400. Então, foi uma conquista, que era feita a média do que a pessoa gastava. Maior média que a pessoa gastava lá e, a partir dessa média, a empresa tinha que repor o restante. Então, a pessoa se pagava com 80 reais, lá, em média, ela continuou pagando 80 reais. A empresa tem que pagar o restante. Então, todas as conquistas, até hoje, são, igual eu falei. A empresa antes queria aumentar os lucros, e hoje ela quer diminuir o prejuízo. Então, todas as

ações são para diminuir ao mínimo possível o que ela tem que gastar com a reparação da gente. Isso é até cansativo, porque são reuniões aqui, são reuniões em Belo Horizonte, audiência, e às vezes coisas que são estabelecidas por consenso em reuniões, chega na audiência, a empresa não concorda. “Mas vocês concordaram com isso na reunião! “Não, mas aqui...” Aí a juíza tem que analisar o caso, tem que dar a sentença. Às vezes, ações que a juíza já determinou a empresa distorce, o negócio é bem diferente. Muda a interpretação do que a juíza já decidiu. A briga maior da gente hoje está sendo nesse sentido, a gente vê que a empresa está querendo se eximir um pouco da responsabilidade. Ou mesmo ela se sentindo responsável pela reparação, é fazer o mínimo possível.

Cenas de família

Foi embora a minha casa! No domingo, no final de semana que a gente estava lá, minha esposa foi pra lá, que era um feriado de Finados, feriado prolongado, minha esposa foi na sexta. Dificilmente ela ia antes, porque véspera de feriado é dia de mais movimento na loja. Mas como ela tinha chegado cansada, estava meio estressada. Chegou na sexta- feira, meu pai e minha mãe saíram cedo, ela disse: "Eu vou de carona para o Bento com seu pai mais sua mãe." Aí eu falei: “Mas o Júlio foi para a escola!” Ela falou: "Põe Júlio no ônibus e manda ele no ônibus para mim, que eu espero ele lá." Ele foi na sexta-feira de manhã. Minha esposa foi com meu pai, na sexta-feira; eu coloquei meu filho no ônibus na sexta à tarde, e fui para lá no sábado anterior ao dia de Finados. Dia de Finados foi na segunda-feira. Eu fui dia 31. Minha esposa até ficou brava, porque meu filho começou a brincar com as meninas: "Ah, Dia das Bruxas! Dia das Bruxas!" Nós ficamos lá o final de semana todo. No sábado à noite, a gente gostava muito de fazer galinha no fogão a lenha. Minha esposa, tinha feito, meu filho chegou com os amigos, com as crianças lá, todo mundo comeu. Uma bagunça danada, brincando. No domingo, a gente foi passear. A gente tinha um Buggy, um carrinho. A gente foi passear em Camargos, almoçar, que era pertinho, a estrada é de terra. E aí fomos, almoçamos, à noite viemos aqui para visitar um amigo da gente que estava doente, e voltamos para lá no domingo à noite. Foi na segunda. Quando nós chegamos lá, minha esposa falou: "Amor, você não colocou a galinha na geladeira, azedou com o calor." Eu falei: “Não, realmente estragou”. Mas não tem problema, não. Juntei tudo, coloquei numa sacola, joguei fora e lavei a panela. Falei: “Vou deixar a panela em cima do fogão, porque semana que vem a gente volta e eu vou fazer outra.” E já fui deixara panela até em cima do fogão, que depois é só passar água e fazer de novo. E deixei.

Quando aconteceu, eu falei: “Gente, a panela ficou em cima do fogão, minha mãe falou nas toalhas.” Minha mãe até hoje tem hora que ela fala: “Mas no dia que você foi lá, você olhou direitinho em cima da cama se as toalhas não estavam lá?”

Teve um dia que a gente faz celebrações, festas lá de São Bento. Aí minha mãe passando, olhou e falou assim: “Olha o jeito que essa casa está. Coitado do dono dessa casa. Deve ficar numa tristeza quando vir a casa dele assim.” Aí minha sobrinha: “Ô vó, era a casa da senhora!” Ela falou: “Minha casa! Gente, é mesmo, é a minha casa!”. Minha mãe é assim, muito simples, mas muito alto astral. Não se deixa abater. Ela vai para lá com a gente, meu pai agora que está indo. Mas minha mãe foi sempre muito pé no chão. Ela falou: “Deus sabe o que faz. Se Ele colocou a gente nessa situação é porque Ele sabe. Ele tem um propósito.” Minha mãe tem 80, meu pai tem 84. Lá ela fazia todo serviço da casa. Até hoje ela lava, passa, cozinha... Para ela não tem tempo ruim. Ela, meu pai também. Meu pai a gente tem que ficar pondo o pé no freio dele, porque ele quer capinar, quer cortar, fazer as coisas e a gente vê que já não pode mais fazer. Mas, depois que aconteceu, minha esposa falou: “Ah não, passou...” Eufalei: “Alice, o dia que você for lá...”

Remexendo em destroços e lembranças

Eu consegui chegar onde era a minha casa 15 dias depois, fui lá com o pessoal da empresa. Mas quando chegou na parte baixa que era a minha casa, eles não me deixaram descer do carro, falaram que era área de risco. A gente queria procurar alguma coisa, alguma lembrança... Só consegui entrar lá um mês depois, no dia 5 de dezembro. Quando eu cheguei aqui, falei com a minha esposa: “O dia que você for lá você vai desabar, porque onde era a casa da gente a única coisa que ficou foram os três paus da cobertura que eu fiz.”

Parece que foi uma lembrança, porque eu tive uma amputação quando mexi lá, fazendo essa área, em cima do fogão a lenha. Eu estava fazendo um telhado com uma lixadeira. Quando fui cortar um pedaço da madeira, a lixadeira deu uma escapada e pegou no dedo. Então, esse dedo ficou pendurado e foi reimplantado. A parte toda eu consegui reimplantar. Não ficou nem cicatriz. Eu sei que na época fiquei três dias internado aqui. Os médicos aqui de Mariana queriam amputar, eu fui para Ouro Preto. O médico lá em Ouro Preto disse: “Não. Se depender de mim, você vai morrer com esse dedo. É questão de honra, eu vou reimplantar esse dedo.” Reimplantou. E falou: “Só se infeccionar. Se infeccionar, aí não tem jeito, não. Aí já tem que amputar.” Mas fez a cirurgia, eu fiquei acho que quatro horas na mesa de cirurgia, e reimplantou. Então, falei para minha esposa: “A única coisa que sobrou foram os três paus da cobertura para lembrar do dedo que foi implantado.” Ela falou: “Ah, também não é assim, não.”

No dia que a gente foi lá com ela, que até então a gente estava indo, quando ia entrar lá não tinha jeito de entrar de carro. A gente tinha que atravessar o rio e entrar a pé. Atravessamos o rio, chegamos. Meu filho correu na frente, aí ela falou: “Aonde que é a nossa casa? Eu não estou localizando nada aqui.” Aí o Júlio falou: “Ô mãe, eu estou em cima do fogão”. Que ela chegou perto, que ela olhou, que ela pegou na lateral do fogão, do fogão a lenha, ela desabou. Ela falou: “Mas, e a nossa casa?” Eu falei: “Aqui era a nossa casa.” Aqui agora era só lama. A lama já estava seca. Eu falei: “Aqui a gente está em cima de onde era o nosso quarto, em cima de onde era a cozinha.” Ela falou: “Meu Deus...” Desabou, mas logo se restabeleceu, e falou: “É tocar o barco para frente.” A preocupação dela maior é com os meus pais. Ela falou: “Não faz sentido a gente voltar para o Bento um dia e não ter os seus pais lá com a gente.” Então, a gente tem que lutar para ter a reconstrução, a construção do Bento. Mas será possível?

Dificuldades para preservar hábitos e e criar novas rotinas

Toda semana meu pai vinha na quinta-feira para o ensaio da banda e voltava para lá na quinta à noite, ou na sexta de manhã. Por fim, ele só volta na sexta de manhã. “Não pai, a estrada é perigosa, é estrada de terra, deserta. O senhor tem um horário fixo de passar ali toda quinta-feira, alguém pode esperar e querer fazer alguma coisa.” Então, de tanto a gente falar, ele começou a ir para lá na sexta durante o dia. Mas meu pai não suportava ficar aqui dentro de Mariana. Ele vinha, resolvia... Teve um dia que ele tinha uma consulta de manhã e uma à tarde. Ele veio para a consulta de manhã, voltou para o Bento, e voltou à tarde. Fica lá mexendo com as coisinhas dele – o quintal dele dava 2.500 metros quadrados –, cuidar da casa, cuidar do quintal, tinha umas galinhas, lá ele era zelador da igreja. Quando ele não estava em casa, ele estava na igreja. A vida dele sempre foi muito movimentada lá. Estão morando aqui. O que está mantendo ele é a banda, que ele continua tocando na banda em Ouro Preto, tem as atividades. Aí às vezes está cansado de ficar dentro de casa, ele vem pra cá, vem pra oficina, a gente fica batendo papo. Ele fica todo satisfeito quando eu falo assim pra ele. Igual esses dias, que a gente teve uma reunião em Belo Horizonte, eu falei: “Pai, o Júlio vai tomar conta lá da oficina para mim, receber os clientes, agendar serviço. Na hora do almoço o senhor podia ficar lá para ele subir para almoçar.” “Ah, eu fico.” Aí, às vezes ele vem pra cá, fica batendo papo. E é assim que está. Pra ele não está sendo tão drástica a mudança, porque ele já tinha um certo convívio. e a casa em que ele está aqui é dele.

O pior está sendo para as pessoas que estão em casas alugadas, que sabem que está numa casa que não é delas, e que não tem uma definição de quando vão ter a casa delas de volta. Igual ao meu vizinho lá, seu Rubens [nome fictício], pessoas que a vida inteira moraram no

Bento. Sabe, a situação é muito difícil. Acaba tipo cavando os caquinhos. mesmo garimpando, vendo se achava alguma coisa.

Buscando objetos, lembranças do local

Da minha casa mesmo não consegui nada. A única coisa que eu ia tirar era a frente do fogão, e quando eu comecei, fui cavando a lama, fiquei umas duas horas cavando em volta do fogão, só para tirar a frente. Na hora em que eu comecei, ela soltou, no que eu puxei, ela estilhaçou toda na minha mão. Quebrou igual vidro. Parece que a lama tem uma química que em contato com o metal. Danificou que ela quebrou toda. E na casa do meu pai eu consegui, é que ficaram umas paredes em pé, e a televisão ficou. A televisão ficava na parede, ficou atrás da porta, porque a porta da sala caiu e ficou na frente da televisão. Ficou soterrada, soterrada de lama. Você só via a ponta da porta e um pedaço da televisão atrás. Aí consegui umas pessoas lá, conseguimos tirar a porta e conseguimos tirar a televisão. A televisão eu até trouxe, desmontei. Está ali toda desmontada, mas era só lama. Da casa do meu pai, o que eu consegui tirar foi a porta, está praticamente intacta. Está guardada lá na casa dele, e a chapa do fogão eu consegui tirar inteira. Então, o que sobrou mesmo foi só a chapa da frente do fogão da casa dos meus pais, a porta e a televisão. A porta da entrada da sala. A televisão mesmo era só a carcaça, porque os componentes, quando eu consegui limpar tudo, você vê que está tudo corroído. A lama, ela é corrosiva. É uma lama que contém materiais que são para separar o minério, para beneficiar o minério, então aqueles produtos químicos continuam preservados ali.

(...) Igual à minha avó, gente que conviveu, eu convivi com a minha avó até os 18 anos. Minha avó faleceu em março de 87, e as lembranças que a gente tinha da minha avó foram todas perdidas. Fotos. As coisas que a minha avó tinha, que a gente sempre quando chegava nacasa do meu pai... “Ah, isso aqui era de vovó.” O enxoval que a minha mãe teve das minhas irmãs, que a gente tinha passado de um filho para o outro, porque não tinha condição de comprarpara todos. Então, o enxoval que foi das minhas irmãs, que foi meu, tanto que a minha mãe comprou tudo branco, porque serve para os outros filhos. Até pouco tempo, antes do acontecido,minha mãe tinha aquelas malas, aquelas malas iguais de nordestino mesmo. Aquelas malas marrons. O enxoval ficava guardado naquela mala. No dia em que eu vi aquela mala eu falei: “Mãe, eu quero essa mala.” Ela falou: “Pra quê?” Eu falei: “Quando a gente for viajar, eu vou levar essa mala, eu vou com essa mala.” [Trecho excluído] Eu encontrei só um pedaço dessa mala lá jogada num canto. Mas toda destruída. Eu não quis nem pegar, porque parece que era só a tampa da mala que estava toda enterrada no meio da lama. Então falei: “Vou comprar umamala, vou ver nesses antiquários, vou comprar uma mala igual a essa. Para quando a gente for

viajar.” E eu tenho uma lembrança da minha avó, eu tenho uma lembrança que ela tinha uma máquina de costura, daquelas máquinas compactas, assim, preta, a manivela. Um dia a minha esposa falou: “Ô, dona Tânia, vai ter uma festa lá em casa e eu acho essa máquina tão bonita, a senhora me empresta para decorar a mesa?” A mãe falou: “Essa máquina, é? Tem que ter muito cuidado, porque era da avó de João.” “Não, mas é só para decorar, e depois da festa eu entrego para senhora”. Nós trouxemos. Depois a minha esposa falou: “Dona Tânia, vou entregar para a senhora a máquina de costura, a senhora leva para o Bento ou a gente leva?” Ela falou: “Deixa aí por enquanto. Está guardada. Deixa aí por enquanto. E essa máquina ficou aqui. A única lembrança que eu tenho da minha avó aqui. Toda vez que eu vejo a máquina, lembro da minha avó, ali, costurando com aquela paciência, e eu querendo ajudar: “Ô vó, deixa eu, eu vou mais rápido que a senhora.” “Não, calma ...” É demais, não é? A única lembrança que a gente tem da minha avó. Quando for reconstruir o Bento, essa máquina eu quero levar e entregar lá na casa do meu pai. Ela vai ficar aqui por quê?

Conforto na construção das memórias

Eu lembro constantemente, porque as coisas que a gente viveu ficaram muito marcantes na memória. É uma história... Às vezes tem no celular, tem fotos da minha casa. Hoje fiz um mapinha da minha casa, e eu sei onde estava cada coisa, cada pé de fruta, cada pé de jabuticaba, cada pé de laranja, eu sei onde estava o quintal, a localização de cada coisa. Então, é uma coisa que dentro da gente não apaga...

Lembro de onde era a minha casa. Lembro da casa do meu pai, que está lá em ruínas, e direto a gente vai lá, vou lá, entro, vou na casa do meu pai. Um dia cheguei lá, estava faltando uma porta de um quarto. A porta [tinha ficado] pendurada, e não estava mais lá. Roubaram a porta. Então eu vejo que a gente consegue ainda, já tem uma nova referência do local. A gente já consegue visualizar na memória o local do jeito que ficou depois que a lama tomou conta. E a luta da gente agora é para que seja retirada a lama, para que a gente tenha uma relação com o local, sem a lama. A lama não fazia parte do Bento. Então, a lama não pode permanecer ali. E a empresa, a gente vê que está querendo manter a lama ali para não ter trabalho de tirar.

A empresa e os moradores, dois olhares diferentes

Na semana passada a gente teve uma reunião com a equipe de manejo de rejeitos. Eles estão querendo fazer um levantamento, fazer uma sondagem para ver o que vai fazer com os dejetos. Mas a gente vê que a equipe de manejo de rejeitos está folgada. A intenção deles é talvez deixar, porque eles alegam que o trabalho seja muito grande para retirar a lama, já tem

vegetação em cima. Mas a vegetação são [ervas] daninhas que eles plantaram lá para apagar um pouco daquela imagem da lama em si. Então, tem lá as [ervas] daninhas que foram se propagando, que eles plantaram. Tem uma vegetação para disfarçar um pouco, mas antes... Você via tudo lamaçal naquela parte ali.

O que amola é que a gente vê que na parte baixa, principalmente, tem as árvores que ficaram, as árvores resistiram por um certo tempo, mas chegou um momento que começaram a secar. A gente lembra que nós cavamos em volta de um pé de manga lá, nós mesmos procurando um banco de pedra. E a gente cavou para ver se ele sobrevivia. E foi em janeiro de 2017, as mangas cheias de bicho, todas rachadas. Eu falei: “Vamos chupar essas mangas, que vão ser as últimas mangas desse pé.” E foi mesmo, coitado. No início começou a dar, aquele tomatinho, começou a brotar muito lá, e a gente colhia e comia, e chegou um tempo que eu percebi que eu nunca tive dor de estômago e comecei a ter dor de estômago. Ainda comentei com o pessoal: “Nunca tive dor de estômago e estou tendo. Acho que é desse tomatinho que a gente está comendo aqui.” Aí, antes da gente pensar em parar de comer os tomatinhos, os pés já morreram, já não deu mais. Quando eu parei, não tive mais dor de estômago, então realmente tinha alguma coisa, não estava bom.

Dificuldades para as visitas ao local

As visitas ao Bento são a parte essencial, porque houve, sim, um movimento por parte da empresa de tentar impedir a gente de toda forma. Nós tivemos que ir lá com o juiz, na época o Dr. Romeu. A empresa sempre colocando obstáculo, não querendo a presença da gente lá. O juiz falou: “Vai, vamos ver”. Chegou lá o engenheiro da empresa, os advogados, todos tentando convencer o juiz de que era perigoso, que não podia. O juiz falou: “Não, já percebi qual é a intenção dos senhores.” E deu a sentença de que a empresa tinha que manter um acesso digno para a gente, inclusive para passar com carro, fazer uma passagem de pedestre, e o juiz determinou que fosse uma passagem digna para poder entrar com o carro, até caminhões de pequeno porte. Aí que a gente viu que pra manter a relação da gente aqui, a gente vai ter que lutar a cada dia.

Agora, recentemente, no réveillon, a gente passou lá; teve as bodas de prata da minha irmã, que foi lá nas ruínas da casa de São Bento, semana retrasada. O pessoal foi lá, eles falaram: “Cortaram os fios todos da rede elétrica”. Porque a gente pediu para colocar luz lá na parte alta, nos postes que sobraram, e eles falaram que era inviável. Como eu tinha um gerador lá, de energia, pedi para a empresa repor esse gerador antecipadamente pra gente usar lá. Assim que ela repôs, nós começamos a usar lá, eu falei: “Dá para colocar luz nesses postes que estão aqui

inteiros ainda. Vou isolar alguns postes e colocar.” Com um dia, meio dia de trabalho, eu consegui e liguei os postes. A gente acha que foi sabotagem por parte da empresa, porque não foram vândalos que foram lá roubar, porque os fios foram cortados, mas permanecem lá. Falei: “A gente vai lá no carnaval, eu vou emendar os fios. Comprei aquela escada só para isso!”

Então é isso que ajuda, as lembranças, a vontade de que meus pais e as outras pessoas voltem para casa. Então já ajuda a gente a manter a luta. Eu falo que nós não tivemos tempo do luto, porque logo de imediato já tivemos que ir à luta. Então a gente está correndo, sim, é isso que prevalece e dá a força para seguir em frente. Acho que vai ser no momento que estiver tudo resolvido, aí a gente vai poder enfim [fazer o luto].

Cuidados imediatos após o desastre

A princípio, no dia do rompimento, a Samarco demorou muito a prestar assistência. Para você ter uma ideia, os primeiros funcionários da Samarco chegaram em Bento por volta de oito e meia, nove horas da noite, com alguns micro-ônibus para transportar o pessoal. Só que o Bento não tinha acesso, então esses micro-ônibus acabaram atrapalhando, porque bloqueou a estrada e foram poucas as pessoas que tiveram a necessidade de sair nesses micro-ônibus, porque não tinha acesso para dentro de Bento. Então, a desinformação deles era tanta que chegaram com um monte de micro-ônibus que não resolveriam o problema.

Na Arena, especificamente, houve, sim, uma mobilização, mas foi da população e dos funcionários da Prefeitura, Defesa Civil, porque os funcionários mesmo da Samarco ficaram com receio de chegar até a Arena e serem até linchados, porque a revolta inicial da população com os funcionários da Samarco foi muito grande. Posteriormente, quando as pessoas, as famílias já estavam nos hotéis, eles começaram a aparecer. Apareceram funcionários da Samarco mesmo, mas num trabalho mais de investigação, para ver como que a pessoa foi afetada, atingida. Qual a relação da pessoa com a comunidade em si, para evitar fraude, esse tipo de coisa. No meu caso, especificamente, foram dois funcionários da Samarco lá na minha casa, e eu percebi que esses funcionários eram totalmente despreparados para a função que eles estavam exercendo. No caso, teria que ser um psicólogo ou alguma pessoa da área. Só que os funcionários que chegaram lá na minha casa eram funcionários que trabalhavam em mina. E quando eu comecei a relatar para eles qual era a minha relação com o Bento, eles começaram até a se emocionar, começaram a chorar. Falei: “Ô cara, vem aqui para me dar uma assistência, e acaba eu quase tendo que dar assistência pra ele.

Apoio de psicólogos

Mas, passado muito tempo depois, a Samarco fez uma parceria com a Prefeitura de Mariana, e começou a dar assistência através do programa Saúde da Família, do PSF. Mas foi cerca de três meses depois, e cerca de seis meses depois é que foram contratados alguns psicólogos a mais, porque os que tinham para a demanda de Bento e Paracatu não estavam dando conta. Então, foi cerca de seis meses [depois] que a Samarco fez a parceria com a Prefeitura e contratou vários psicólogos para dar assistência mental às famílias.

No meu caso, comecei a fazer um acompanhamento com a psicóloga através do Posto de Saúde lá, que estava atendendo o Bento e Paracatu, mas na terceira sessão eu já parei e falei: “Não, isso não está me ajudando, pelo contrário, estou sentindo que eu estou ficando mais pra baixo, deprimido.” Então conversei com a psicóloga e falei: “Vou dar um tempo, não vou vir aqui mais.” E sumi. E realmente, o que me sustentou foi brigar pelos direitos, correr atrás, porque até então eu só fui reconhecido como atingido numa audiência do dia 10 de outubro de 2016, quase um ano depois, que foi numa audiência judicial que tive meus direitos reconhecidos. E pessoas que estavam na mesma situação que eu até hoje ainda não tiveram os direitos reconhecidos e perderam tudo, perderam casa, criação... Mas é aquela situação que te falei: só fui reconhecido porque a casa em que eu moro até hoje em Mariana pertence ao meu pai. Então, foram os critérios adotados pela empresa na ação emergencial, e que até hoje a gente só consegue reverter isso com a ajuda da justiça. Mas aí a gente vai batalhando e vai conseguindo um direito aqui, outro ali, mas, está sendo difícil. Então, a empresa foi negligente com esse tipo de ajuda no início. E está sendo até hoje, porque até hoje várias pessoas não estão sendo reconhecidas como atingidas. Espero que eu tenha ajudado.

8.1.2 Compreensões, análise: colaborador João

João, 48 anos, nascido em Bento Rodrigues, Minas Gerais. Casado, pai de um filho. Crê em Deus, é dono de uma oficina mecânica localizada em Mariana.

“Gente, o Bento acabou!”

João tem há anos uma oficina mecânica em Mariana, é casado e tem um filho. Já vivia em Mariana antes do rompimento da barragem da Samarco, mas a casa em que cresceu e foi criado ficava em Bento Rodrigues. A casa guardava seu quarto e todo tipo de memória que fez parte da sua infância e do seu crescimento: objetos, móveis, o fogão da cozinha; fotos, sua história. Em Bento Rodrigues viviam seus amigos, seus pais e tudo o que lhe era conhecido.

Além disso, em 2011 João comprou uma casa em Bento Rodrigues: para ele, era uma segunda casa, uma vez que nunca perdeu o vínculo com a casa de seus pais.

Apesar de morar e ter seu estabelecimento comercial em Mariana, João ia a Bento frequentemente, e jamais imaginou a imensa transformação que ocorreria em sua vida. Embora fosse uma pessoa tímida, viu-se impelido a lutar por seus direitos e pelos direitos de outros afetados, e essa necessidade o transformou em uma liderança valiosa em meio aos ex-moradores de Bento Rodrigues atingidos pela tragédia. Hoje João é bastante consciente de que houve ali um crime, e não algo accidental.

O dia em que a vida mudou

No dia 5 de novembro de 2015, João estava em Mariana, e recebeu por telefone a ligação de um amigo que trabalhava na mineradora Samarco, avisando sobre o rompimento da barragem. No primeiro momento, imaginou que fosse boato, mas logo ouviu do amigo a confirmação do ocorrido.

Ainda sob efeito da anestesia após uma cirurgia na gengiva, João viu-se diante de uma realidade que transformou sua vida para sempre; João foi para Bento Rodrigues e a tragédia foi-se apresentando: carros de polícia e caminhões de bombeiros no caminho, carros batidos pela estrada, pessoas chorando. Chegando a Bento Rodrigues, nada poderia anestesiá-lo o impacto trazido pelas imagens que via: “Gente, o Bento acabou!”

Liderança e solidariedade

João passou a participar de reuniões com representantes da Samarco, a frequentar audiências e a discursar diante de inúmeras famílias que, como ele, se viram obrigadas a lidar com questões jurídicas e a enfrentar a dor decorrente de inúmeras perdas. E percebeu que o que foi oferecido aos afetados pela Samarco após o rompimento da barragem não seria suficiente. Em sua avaliação – e ao contrário de sua própria conduta –, a empresa só considera seus próprios interesses; e mais do que isso, se pudesse, não tomaria nenhuma atitude de compensação pela tragédia. Até este momento, o que vem sendo realizado resulta da iniciativa das próprias pessoas afetadas e, em especial, daquelas que assumiram papéis de liderança – como João, que chegou a sair do país com outros colegas buscando seus direitos e os direitos das pessoas de sua comunidade.

Em seu relato como colaborador desta pesquisa, João insiste com força especial na importância dessa luta por seus direitos, e pelos direitos das outras pessoas, como um esforço

que o mantém vivo. Após a tragédia, lutar por providências é para ele uma forma de enfrentamento – e persiste, apesar do desânimo que algumas vezes o abate.

Entremeando os esforços para a luta, transparecem nas ações de João o espírito de solidariedade, a preocupação com seu povo; para ele, esses aspectos tornam-se também uma forma de se sentir vivo. Há um certo desassossego no sentido de estar pensando constantemente em formas de ajudar e de oferecer conforto a seus amigos, seu povo, sua família. Seu próprio conforto não é suficiente, é preciso atender aos outros. O que seria conforto para ele próprio? Esse aspecto de preocupação com o outro está claro em sua fala:

Então vamos lutar com unhas e dentes, porque existe lá no Bento pessoas humildes que não têm consciência de como lutar pelos direitos. A gente tem que lutar pela gente e por essas pessoas. Eu não me sentiria confortável em ver só o meu lado reparado, enquanto outras pessoas, que perderam tanto quanto ou mais do que eu, ficam sem a devida reparação.

Missão sem prazo para terminar

João relata que a lama era corrosiva, e que conseguiu salvar da casa de seus pais a chapa da frente do fogão, a porta e a carcaça da televisão, algumas lembranças materiais; mas além dos pertences de muitas famílias, a lama que cobriu Bento Rodrigues corroeu sonhos e histórias de vida, e é por elas que João hoje se empenha em lutar; é essa luta que o sustenta emocionalmente, que o mantém vivo.

Partiu dele o impulso de se envolver mais diretamente para tentar ajudar e ser útil: “Eu entrei para a comissão de atingidos em novembro de 2016. A gente vê que pode ser útil, pode ajudar mais pessoas na luta [...] para ser recompensado por aquilo que nos foi tirado.”

Sua rotina de trabalho na oficina passou a ser apenas parte das tarefas que cumpre na semana; as outras envolvem inúmeras reuniões, atuando para que a comunidade que foi afetada tenha seus direitos reconhecidos, e para que os danos sejam reparados, em todos os sentidos – materiais, emocionais, físicos. A mudança aconteceu na vida e no dia a dia de João: “Tem três reuniões durante o dia, são constantes, desgastantes; e passa de três a quatro horas numa reunião, você vê que não houve progresso algum, mas isso faz parte [...]: se fosse fácil qualquer um fazia.”

O João reservado, tímido, não existe mais; hoje dá entrevista para canais de televisão se solicitado, sobe em palcos para falar diante de toda a comunidade, de membros da Samarco, de advogados e promotores, como movimentos necessários na luta que vive desde então.

A trajetória de João desde o dia da tragédia mostra que os ex-moradores de Bento Rodrigues estão sendo obrigados a lutar por direitos inquestionáveis. Por respeito à cidadania, por responsabilidade e atenção. Por consideração. E por justiça.

Há um número grande de reuniões longas, desgastantes, cansativas; há a vontade de desistir de toda essa luta, mas, ao mesmo tempo, não dá para parar de lutar; as pessoas afetadas ficam sem opção nesse sentido: se não lutarem, não receberão mesmo aquilo que lhes deve ser restituído.

João fala sobre a luta e a exaustão diante da dor e da tristeza por inúmeras perdas. Além disso, é cansativo também o embate com uma empresa que age com má fé, descaso, que promete e não realiza, e paga caro a advogados que não aceitam o que já foi combinado. João considera a empresa negligente, mas percebe também que sua ação é proposital para evitar ao máximo os gastos com a reparação às pessoas afetadas. A mineradora age constantemente de forma a oferecer o mínimo possível, e à custa de muita luta, e mesmo esse mínimo só é conseguido pela via judicial. João esclarece:

A empresa antes queria aumentar os lucros, e hoje ela quer diminuir o prejuízo. Então, todas as ações são para diminuir o mínimo possível o que ela tem que gastar com a reparação da gente. Isso é cansativo, porque são reuniões aqui, são reuniões em Belo Horizonte, audiência, e às vezes coisas que são consensuadas em reuniões, chega na audiência, a empresa não concorda. (...) Às vezes, ações que a juíza já determinou, a empresa distorce (...) muda a interpretação do que a juíza já decidiu. A briga maior da gente hoje está sendo nesse sentido, de a gente vê que a empresa está querendo se eximir um pouco da responsabilidade ou, mesmo ela se sentindo responsável pela reparação, é fazer o mínimo possível.

E nos conta: “Qualquer tipo de reparação da dignidade das pessoas está sendo em âmbito judicial. Todas as conquistas até hoje [...]” João relata pequenas vitórias que foram alcançadas, não sem esforço, e passar o Natal ao lado de parentes, e não em um quarto de hotel, foi uma delas.

Foi uma determinação que nenhuma família passasse o Natal no hotel. Tiveram que montar uma operação de emergência, para alugar casas para conseguir pôr as pessoas antes do Natal, para que nenhuma família passasse o Natal num quarto de hotel. Mas todas as ações, de lá para cá, foram conseguidas por via judicial.

Percebemos nas falas de João que há uma luta constante para garantir o que não deveria precisar ser solicitado, deveria ser uma preocupação natural: a dignidade humana. A dignidade dos afetados deveria ser preservada a todo custo, após a vivência de tantas perdas. Infelizmente, não foi o que aconteceu no dia em que a lama soterrou distritos de Mariana, e não está sendo

assim até hoje. “A gente vai batalhando e vai conseguindo um direito aqui, outro ali, mas está sendo difícil.”

Cada pequena vitória envolve uma luta. Para a empresa, dormir em um abrigo coletivo parece uma concessão; para os afetados, é uma prova de descaso. Assim, cada ponto precisa ser debatido, como se não fosse natural que os moradores afetados recebessem cuidados depois do desastre, responsabilidade que cabe à empresa de mineração.

João considera a empresa negligente e, além disso, com uma ação proposital de evitar o máximo possível os gastos com os afetados. A sua forma de enfrentamento é lutar pelas providências: no caso dele, é o que mantém vivo.

Uma luta desigual

Após uma ida a Bento Rodrigues, contaram a João que fios haviam sido cortados:

“Cortaram os fios todos da rede elétrica”. Porque a gente pediu para colocar luz lá na parte alta, nos postes que sobraram e eles falaram que era inviável. Como eu tinha um gerador lá, de energia, pedi pra empresa repor esse gerador antecipadamente para a gente usar lá. Assim que ela repôs, nós começamos a usar lá. Falei: Dá para colocar luz nesses postes que estão aqui inteiros ainda. Vou isolar alguns postes e colocar. Com meio dia de trabalho eu consegui, e liguei os postes. A gente acha que foi sabotagem por parte da empresa, porque não foram vândalos que foram lá roubar, porque os fios foram cortados, mas permanecem lá. Falei: A gente vai para lá no carnaval, eu vou emendar os fios... Comprei aquela escada só pra isso.”

João manifesta o sentimento de serem continuamente prejudicados pela mineradora, em todos os sentidos. É preciso muita energia para enfrentar as práticas perversas da Samarco. É preciso lutar por benefícios inquestionavelmente merecidos. É possível considerarmos que ele pode estar em risco, no sentido de que não diminui o ritmo da luta concedendo assim espaço para vivenciar a dor e do sofrimento por tudo que viveu, perdeu e ainda vive. No caso de João, essa luta incansável por direitos é o que o mantém vivendo.

João relata também questões ligadas à honra, a um esforço para, no final das contas, conseguir, vencer, dignificar e honrar. Ele pôde nos relatar inclusive o que lhe dá força e persistência para seguir, para não desistir, apesar da ocorrência de desânimo e cansaços perfeitamente compreensíveis. Dar conta de realizar atividades como comprar uma mala nova igual àquela que a lama estragou e levar para Bento Rodrigues, ou para consertar o que foi estragado, como emendar o fio que foi cortado. Essas são ações que se aproximam de temas como honra e vitória, e um sentido de competência. Ele segue lutando.

8.2 Descrição do contexto da entrevista – Colaboradora Luiza

A entrevista que apresentamos foi realizada com a colaboradora de nome fictício “Luiza”. Recebeu-me cedo, antes do início do seu expediente, em seu local de trabalho, um consultório odontológico. O local é bem arrumado, e Luiza trabalha lá desde quando morava em Bento Rodrigues

Sentamos na sala de espera e Luiza seguiu falando comigo sem interrupção, mesmo quando o telefone tocava. A entrevista durou pouco mais de uma hora.

Luiza é uma moça simples, séria, e me pareceu bastante machucada pelo evento do rompimento da barragem. Conversou trazendo detalhes ao contar sobre o dia do acontecimento, que fez com que perdesse sua casa, seus pertences, pessoas queridas... Enfim, contou minuciosamente, e por vezes, comovida, sobre o que viveu e vivia até então.

Luiza passou a ser uma das pessoas que lideram e organizam movimentos necessários, junto a outras pessoas, na luta pelos direitos dos afetados, por restauração. Foi indicada pelo coordenador da Defesa Civil de Mariana como alguém que poderia conversar comigo; além de conversar, já por telefone Luiza me fez o convite para ir com eles até Bento Rodrigues. Iriam lá no feriado do Carnaval. Minha passagem já estava comprada para retornar para São Paulo, e não foi possível alterar. Mas fiz questão de deixar clara a riqueza do convite e meu desejo de, em um outro momento, poder acompanhá-los até lá e ter o privilégio dessa vivência, como pesquisadora e como pessoa.

Luiza mostrou-se disponível desde o momento do meu contato por telefone. Recatada, conversou longamente sobre o rompimento da barragem de Fundão, e em seguida iria iniciar mais um dia de trabalho. Agradei ao final da entrevista, checando como se sentia após trazer para a conversa conteúdos que mobilizam, que nitidamente mexem bastante com ela, mesmo com a distância temporal em relação ao evento. Não foi difícil notar quanta dor Luiza carrega, e o esforço que lhe custa seguir a vida. Saí de lá agradecida e também sensibilizada.

8.2.1 Entrevista

Colaboradora: Luiza

Pesquisadora: P

P - Hoje é dia 09 de fevereiro, vou conversar com a Luiza. Como é que você se sente hoje, Luiza, depois do tempo que já passou desde o rompimento da barragem da mineradora Samarco no dia 5 de novembro de 2015; Como você se sente hoje?

Eu sou Luiza, tenho 32 anos, sou auxiliar odontológica, nasci aqui em Mariana, mas simplesmente pelo fato de Bento não ter hospital. Eu nasci aqui e fui criada lá. Eu tinha 31 anos de Bento.

Para mim e para minha família, posso falar que cada dia é pior que o outro. Se a gente hoje está viva, é graças à fé que a gente tem, principalmente em São Bento, e pelo fato de que a gente ainda está podendo voltar no Bento nos finais de semana. Eu acho que se não fosse isso também, acho que a gente não estava aqui mais. Acho que é isso, cada dia uma superação, cada dia uma coisa diferente que a gente passa, e com essa diferença a gente tenta dar a volta por cima de alguma forma.

Descanso e sentimento de liberdade em Bento, lembranças do desastre

Quando a gente vai para lá, é uma liberdade, é um descanso. E apesar de quando a gente está lá a conversa ser sempre a mesma, não tem como. Às vezes eu falo: “Vamos mudar de assunto. A gente está no Bento, vamos conversar de coisa boa, de coisa alegre. A gente muda de assunto. Passado um minuto, está na mesma conversa: é sempre o dia 5, é sempre pós dia 5. Então, a gente ainda poder estar indo lá, eu falo que é o nosso psicólogo as nossas idas lá. Minha mãe, por exemplo: por ela, a gente estava morando lá e vindo e voltando trabalhar todo dia, igual a gente fazia. Ela não aceita que a gente vá para lá. Ela queria ter a opção de escolher voltar para o Bento. Tem muitas pessoas que ainda não voltaram lá depois do dia 5. Que não se sentem preparadas. A gente até nem julga, porque na hora que aconteceu a gente não estava lá. A gente não correu da lama. Mas a gente correu de encontro à lama, porque na hora que a gente ficou sabendo, pegamos o carro e fomos, porque tinha os nossos amigos, tinha familiares lá. A gente ficou sem saber realmente o que estava acontecendo, e nossa! Foi tenebroso aquele dia 5. Aliás, se eu estivesse lá, acho que hoje eu não estaria aqui. Eu seria uma das pessoas afetadas, não é? Mas como Deus sabe o que faz... É isso. Sinto pena um dia após o outro.

Sentimentos contra a empresa

É angustia, revolta, é ódio, infelizmente. Entende? Se eu falar para você que eu entendo, que eu não carrego ódio no meu coração, não carrego uma angustia, eu estaria mentindo. O nome Samarco para mim... Chega paciente aqui no consultório de uniforme, eu até evito. Quando a gente coloca o pano de canto, até coloco para lá, para exatamente tampar o emblema. Não tem como gostar, não tem como olhar e não sentir uma revolta, não contra os funcionários, os trabalhadores, mas contra o nome como empresa. É como eu costumo falar, se dependesse de mim, nunca mais voltaria a operar.

O dia em que a gente não puder ir lá mais, não sei. Porque, quando aconteceu, nós ficamos um bom tempo sem conseguir entrar lá, sabe? Foi assim, o povo todo entrando, saqueando e nós, moradores, sendo privados de entrar. Para você ter uma ideia, aconteceu no dia 5 de novembro. Eu só consegui entrar no Bento dia 20 de dezembro. E isso porque a gente foi com a Rede Globo gravar Profissão Repórter. Se não fosse isso, a gente não teria conseguido entrar.

A gente sabe que pelo menos que a empresa quer é isso, privar a gente o tempo todo de estar entrando. Acho que até por isso mesmo que o povo saqueou, porque a empresa deixou. Se ela causou o que ela causou, ela tinha por obrigação colocar uma segurança, para evitar os roubos que aconteceram.

Ações da empresa ignorando o desejo dos moradores

Também eles construíram lá o S3 e o S4, que foi contra a nossa vontade. É uma área do Bento onde hoje eles construíram esse dique como uma forma de conter a lama. Eu não vejo como uma forma de conter a lama. Eu vejo como uma forma da empresa se apropriar das nossas terras, porque seca a lama que está no Bento para não descer para o rio. Mas e a lama que está após o S4? Que está após o Bento? Eles não fizeram mais dique de contenção. Então, por que o S3, se é antes do Bento, e o S4 ser depois do Bento? No finalzinho do Bento? Para que aquilo? Acho que tem todo o manejo da empresa para tentar cada vez mais tomar o que é nosso. Infelizmente, a gente sabe que o mundo gira em torno de quem tem dinheiro. A gente não autorizou a construção desse dique. Os proprietários de onde ele foi feito não autorizaram, não receberam indenização sobre ele. E o que a empresa fez? Foi atrás do governador Fernando Pimentel para ele fazer essa desapropriação temporariamente – sabe-se lá se vai ser temporariamente – para a construção desse parque, desse dique.

Então, a gente sabe que a empresa quer o restante da área. Eles podem até conseguir, mas a gente vai dar muito trabalho para eles. Já sei que vai ser uma luta dura, árdua. Espero que desta vez eles não vençam a gente. Ver o Bento destruído igual foi com a lama, nossa, me doeu demais, principalmente no dia 06, quando clareou. Às 6 horas da manhã, que clareou, que eu vi, que eu pude ver o que realmente tinha acontecido, cheguei numa parte mais alta. Justamente a parte que eu vi foi onde era a minha casa, onde era a minha rua. E você não vê nada. Você só vê barro, só vê lama, não vê um pedacinho do telhado, porque ele já não existia, já não existe mais. E ter sobrado um pedaço da parede... Você não conseguir achar uma agulha sua para contar a história, não conseguir recuperar essa agulha. E você vê quem te fez todo o mal. E você foi criando do pouquinho que sobrou. Isso dói muito. Então, ver lá, destruído, lameado... Doeu

demais, mas ver lá agora alagado, eu acho que dói mais. Porque depois de tudo que a empresa causou, ela ainda conseguiu fazer uma coisa que a gente não queria e a gente sabe que não é para conter o rejeito. Por quê? Será que é só o rejeito que está dentro do Bento que vai fazer mal para o rio? O que está abaixo do Bento não vai descer, não vai prejudicar? Eu vejo esse S3 e esse S4, um começo da empresa tomar o pouco que nos sobrou.

O poder econômico versus o desejo dos moradores

A gente sabe que infelizmente o mundo gira em torno de quem tem dinheiro e em torno do sujo, não é? Eu acho que eles vão acabar conseguindo isso. Infelizmente. Porque o que é decidido não é respeitado. Principalmente o fato que teve uma audiência, e nessa audiência a gente conseguiu não ter permuta. Porque eles queriam fazer o nosso reassentamento. A partir do momento que eles passassem as chaves das nossas casas, eles se apropriavam do Bento. Nós conseguimos isso numa audiência, a juíza homologou, assinou tudo direitinho, mas a empresa, ela já deixou isso. Agora, há poucos dias a gente teve uma reunião. A gente estava discutindo as diretrizes para o reassentamento, e descobrimos que o que a gente entende como permuta, o que ficou decidido como permuta não é o mesmo entendimento que a empresa teve.

Eu costumo falar que é Renova Samarco. Nessa reunião, representantes da Renova até deram o exemplo: quando você tem que se identificar, o cara dá perda total. Quando você tem seguro, ele te ressarcir com outro carro, mas o carro velho, o carro batido eles não te devolvem. Ou seja, a partir do momento que você for indenizado, você não tem mais o restante que te sobrou. Eles vão te indenizar e o Bento ficaria para eles. Não foi esse o entendimento que nós tivemos lá, não foi isso que nós pleiteamos. Nessa reunião houve muita discussão. Até falaram que a ata da audiência ficou meio vaga. Caso dê uma permuta, eles falaram que a juíza tinha que ter explicado mais como que era isso. Sendo que na audiência tinha sete ou oito advogados representando as empresas. E tivemos o mesmo entendimento, só que eles combinam uma coisa e, a partir daquele momento que foi combinado, eles já têm o entendimento que eles querem, sempre favorável a eles. Como que você vai acreditar, votar, acreditar numa empresa que joga sujo com você o tempo todo?

É uma luta e não sei qual vai ser o final dela. O que depende da gente, a gente está fazendo: é indo para lá, é fazendo as nossas festas lá. E em 2016, no dia 30, não sei se foi dia 29 ou 30 de julho, nós realizamos a nossa primeira festa de São Bento lá, após o desastre. Como a gente costuma falar, a gente foi clandestinamente, porque a gente não podia acessar. Nós fomos numa turma de 58 pessoas. A mais nova tinha três anos e o mais velho tinha 80 e alguma coisa. Inclusive é o pai do João, que vai conversar com você depois. A gente foi com lanterna, vela... O caminho

que a gente costumava fazer entrava mesmo atravessando o rio, atolando. Eles dificultaram acesso, jogaram um caminhão de pedra para dificultar, mas a gente conseguiu passar por esse caminho. Aí na festa a celebração começou próximo à Igreja das Mercês, porque a igreja não foi atingida. Começamos a celebração. Um colega nosso, que também foi morador de lá, é seminarista, ele celebrou pra gente. Começou a celebração e descemos em procissão até a praça em frente aos meninos de São Bento. A gente rezou, teve um *banner* com a imagem de São Bento, hasteamos, cantamos, rezamos, choramos, agradecemos e confraternizamos. Foi um momento...foi um momento assim, mágico, que vai ficar para o resto da vida na memória da gente.

Celebrações em meio a ruínas

E a partir dessa festa que a gente fez, nós conseguimos também uma audiência pra gente poder estar fazendo as nossas celebrações lá. Só que pra isso a gente teve que enviar ofício pra Defesa Civil, pra Guarda Municipal, para o Corpo de Bombeiros, Polícia Militar. No ano passado, a gente já conseguiu celebrar a festa dentro das ruínas de São Bento. Foi também maravilhoso! Muito, muito. Cada momento lá é inexplicável. Aí já foi mais gente. Em julho de 2016, nós fizemos a primeira festa de São Bento lá. Em setembro, a gente celebrou Nossa Senhora das Mercês. Nós fizemos também uma quadrilha lá. Semana Santa a gente também faz lá. Tudo que a gente pode é feito lá. Os aniversários do pessoal do grupo também é lá. Começou com a minha prima Olivia, [a Festa] de oito anos dela a gente fez lá. Ano passado teve Bodas de Ouro, de Prata, teve uma Bodas de Prata lá. A gente fez a festa, organizou tudo com 15 dias. Eles não estavam querendo comemorar. Pra eles não fazia sentido comemorar em outro lugar que não fosse lá, e a gente estava com problema lá, porque a empresa tinha colocado uma tenda para proteger o assoalho. e essa tenda havia caído. E a gente não sabia se eles iam conseguir arrumar a tenda. Então a gente falou: “Não, vamos celebrar, vamos fazer a missa, celebrar aqui. Se a Igreja de São Bento não estiver liberada, a gente faz nas Mercês.” Mas a opção era nas ruínas, porque foi lá que eles casaram.

A gente costuma falar: “Deus dá ajuda, São Bento olhando por nós.” E assim a gente vai. Só mesmo a primeira festa que foi clandestinamente. Foi a pé, tivemos que fazer uma caminhadinha boa, mas valeu a pena. Cada momento naquele lugar vale a pena. Também a gente já teve sepultamento lá. Como diz: na alegria e na tristeza é lá que a gente está. Para comemorar, para rir, para chorar... É lá que é o nosso ponto de apoio, o nosso porto seguro. Pro coração mesmo, pra acalmar a alma. Para tentar seguir em frente. A gente fala que na semana a gente tem que ir para lá para recarregar as energias, porque senão, não vai.

Ambiente hostil em Mariana

Pra ser sincera, eu nem sei se estou conseguindo... Além de tudo que a gente passou, e está passando, a gente ouve muita coisa em relação ao preconceito. Aqui na cidade, agora até um pouco menos. Mas no início a gente sofria demais. A gente saía na rua, você ouvia o povo falando: “Ah, o povo do Bento é aproveitador!” Inclusive, logo no início, quando aconteceu, num jornal local, teve um morador de Mariana que escreveu uma matéria e falou que os moradores de Bento eram aproveitadores. Não tínhamos nada, morávamos em casas de lona, sem mobília! Falou que a gente estava extorquindo a empresa. Eu fui até o jornal pra ter o direito de resposta. Apesar de que não foi a resposta que eu queria dar, [porque] minha mãe não me deixou fazer do jeito que eu queria. Mas nós respondemos, e entrei com uma ação contra esse senhor, teve audiência. Foi tenebrosa, também participei. Nessa audiência o promotor falou tudo que ele queria, a juíza falou também, e justamente depois da minha fala, na hora que eu estava falando, nem tinha terminado de falar, essa pessoa simulou passar mal. Sentado de frente para mim, parecia que o homem estava morrendo, tendo um AVC, tendo um infarto. E e assim, na hora que eu vi, comecei a ficar desesperada porque já passou um milhão de coisas na minha cabeça “Nossa, o homem vai morrer, a culpa é minha!” Porque foi justamente depois do que eu estava falando, aí já comecei a imaginar, e naquele momento comecei a chorar, comecei imaginar a minha saída do fórum... A família, todo mundo me crucificando porque ele tinha morrido, sabe? Depois dessa minha fala: “Gente tem que chamar o SAMU, o homem está morrendo!”, os meus companheiros deram água para ele, porque ele estava sozinho. Depois que ele foi voltando, ele voltou; simplesmente, juíza e promotor não fizeram nada. Nem da cadeira eles levantaram. Também, eles já estão acostumados com esse tipo de coisa. A única coisa que a juíza fez foi perguntar para ele se ele tinha tomado café, que foi de manhã. Ele falou que não. Perguntou se ele tinha algum problema de saúde, ele falou que a pressão dele era alta, tomava medicamento, mas nesse dia ele não tomou. Então, ficou o por quê: ele é uma pessoa que não tem condições financeiras. A gente podia pedir até uma indenização em dinheiro, mas aí ficou só para ele se retratar mesmo. Fez a retratação, saiu no jornal. Deu uma amenizada na situação. Também não escreveu mais abobrinha. Mas são momentos que eu estou passando que eu nunca imaginei que fosse passar. Eu nunca tinha entrado num fórum!

Desejo de morrer

É coisa também que a gente ouve que não dá para acreditar. Eu já ouvi, por exemplo, as pessoas falarem: “Ah, devia ter morrido todo mundo!” Realmente, eu também acho, sabe? Devia ter morrido todo mundo porque a gente não estava passando a metade do que a gente está

passando. Parece que você está mendigando! É assim: cada dia pior que o outro. No início, eu já tive o pensamento de pegar meu carro, me enfiar com ele num buraco, porque aí pelo menos já acabava tudo e não ficava sofrendo. Já pensei. Já peguei o carro para fazer isso duas vezes... Cheguei, mas... Deus é mais! Mas, realmente eu também tenho esse pensamento. Devia ter sido a noite que a gente... Teria evitado muita coisa para gente. É, mas não sei se justificava também. Às vezes dá uma vontade assim de sumir, sabe? Como se seus problemas sumissem? Ir para um lugar onde ninguém te conhece e você não vê ninguém? Mas já vi também que não adianta. Todo lugar que você vai seus problemas estão com você. Vai junto. Mesmo que você esteja em outro lugar, é sempre essas conversas, é sempre aquilo, você foca sempre naquilo. Sabe, não muda. O pensamento não muda.

Já não se fala mais na televisão, mas para a gente que está vivendo, é como se fosse hoje. É sempre assim, a cada dia.

Compromissos não cumpridos pela Samarco

Teve assembleia ontem, foi aprovado o projeto, mais é uma coisa que não depende só da gente, também tem os órgãos ambientais, tem que ter o aval. Nós já aprovamos um projeto antes, esse é o segundo projeto. Ele não passou. Quem me garante que esse também não vai passar? E todo prazo que eles dão para gente é burocrático. Tudo tem lei, tudo é isso, é aquilo, pra fazer do jeito que você quer, tem que ser assim.

Está sendo complicado, cada dia é uma exploração, é um aprendizado. Parece que quanto mais o tempo passa, você acha que vai resolver, vai amenizar... E cada dia é pior que o outro, porque não resolve, não resolve, porque é aquele jogo de empurra, aquela enrolação... Quer dizer, dois anos, a empresa já conseguiu a licença para voltar. É bem provável que ela volte a operar antes da reconstrução.

Memórias que reconfortam

Por aí já se vê quanto o mundo é injusto, não é? Tenho a memória de cada cantinho... A gente anda lá no Bento, nas ruas... Cada cantinho, cada momento que a gente viveu dentro de casa... O que a gente viveu ali, não tem como esquecer... Eu espero não esquecer... O que mantém a gente de pé são as lembranças. Conforta. O fato de a gente estar podendo ir lá, poder estar se lembrando... Quando a gente está lá, mesmo que a gente veja tudo destruído, não parece que está, sabe? Não sei explicar o aspecto, mas... a gente vai na casa da minha tia. Não é a minha casa, mas ao mesmo tempo parece que é.

A notícia do desastre

Eu estava trabalhando, era o dia que eu ia sair mais cedo, largava o serviço às 18hs; a patroa tinha ido para BH depois do almoço, eu estava planejando sair do consultório umas 16h40, que ele largava o serviço às 17h00 e a gente ia embora. Eu estava sentada aqui, o consultório já estava todo fechado, só a salinha de espera que estava aberta. Era mais ou menos umas 10 para as 4, meu telefone tocou, era uma das minhas primas me ligando, eu atendi. Ela falou assim: “Luiza, você está sabendo que a barragem rompeu? Eu estou tentando ligar lá no Bento e não estou conseguindo falar com ninguém.” Aí eu disse: “Não, não estou sabendo não, mas deixe que eu tento ligar.” Liguei para toda minha família que estava lá, ninguém me atendeu. Vamos dar uma de *zap*, porque às vezes a pessoa liga, mas não dá para atender, não é? Aí comecei a mandar mensagem *whatsApp*. Falei assim: “Gente, minha cunhada trabalha lá na área, Joana, minha prima trabalha lá na área, vou ligar para uma delas para saber se de fato aconteceu.” Liguei. Só que liguei pra Joana, na hora que ela me ligou eu achei que não fosse ela, achei que fosse uma outra prima minha que eu gravei que se chama Juliana, e eu gravei como Jo também. Aí liguei pra Joana. Falei assim: “Você está trabalhando, é verdade que a barragem rompeu?” Ela me conta assim: “Luiza, é verdade, fui eu que acabei de te ligar para te falar, e é verdade!!!” Aí desliguei o telefone e liguei para casa: “Mãe, a barragem estourou. Estou passando aí agora para te pegar.” Liguei para minha tia, fechei o consultório, entrei no carro e saí. No caminho, peguei uma tia que mora próximo a mim, parei perto do serviço de mãe, já com a porta do carro aberta. Ela estava na porta, eu falei: “Mãe, vamos embora, vamos embora, porque a barragem estourou!” Aí tinha uma senhora que morava no Bento, e também pediu carona, ela e a filha dela. Minha mãe falou assim: “Vou pegar a minha bolsa”, e entrou na clínica onde ela trabalha pra pegar a bolsa, e a mãe não voltava. Aí eu disse assim: “Não, nós vamos embora, a mãe vai ficar para trás, está demorando.” Ao invés da mãe pegar a bolsa, foi registrar o ponto. Na hora que ela entrou no carro, o carro já estava em movimento. Nós fomos sentido ao Bento, e eu chorando, a dona que estava dentro do carro falando que tinha derrubado a escola, que todos tinham morrido, que a menininha dela tinha morrido...

A caminho de Bento, desespero, desviando da lama

Aí fomos naquele desespero, eu acelerando, eu sou meio pé quente... acelerando e chorando. Aí eu começava a lembrar das pessoas... Só minha mãe que não estava chorando. Eu começava a lembrar das minhas coisas, aí que eu chorava mais ainda... E mãe pedia pra gente se acalmar, porque não tinha morrido ninguém, que era só uma água que tinha passado e a gente ia reconstruir de novo... E eu acelerando e o carro não andava. Era alguma coisa que estava me

segurando. Quando a gente chegou num certo ponto da estrada, tinha alguns carros parados, eu parei o carro, tinha os moradores do Bento, eles falaram: Olha, não tem como passar... Quando eu olhei para um lado da estrada... vi o que estava acontecendo... A lama já estava chegando!!! A gente parou o carro. E eu parei o carro num lugar meio estranho. Um tio meu, casado com a irmã do meu pai, estava lá também. Aí, do meio do mato desceram uns amigos meus gritando: "Vão embora, porque a lama está chegando..." E eles iam arrancando os cabelos: "Vão embora que o Bento acabou, morreu todo mundo, vão embora que a lama está chegando..." Aí eu pedi para esse tio meu virar o meu carro porque senão... não sei se eu ia dar conta. Ele entrou no carro e não conseguiu virar, não conseguiu sair com o carro. Ele inventou tudo que é desculpa: que o barro estava muito na frente. Aí eu falei assim: "Deixa que eu viro o carro." Entrei no carro, não sei explicar como que eu consegui virar. Até hoje eu fico me perguntando. Ele ia embora. Depois que a gente virou o carro e veio embora, de um lado da estrada, que a lama fez o retorno e voltou, a lama já estava aproximando da estrada. O carro não passava de 40, não chegava a 20, e a lama vindo. E ainda tinha uma ponte de madeira para gente atravessar, e eu só imaginando assim, pensava comigo: "Não vai ter mais ponte, nós vamos morrer." Eu só imaginava que a gente ia morrer. Que a lama estava chegando... Como se fosse uma coisa puxando, sabe? Me fugiu agora a palavra. A gente passou a ponte, eu disse: "Bom, perfeito, graças a Deus." E assim, árvore caindo, sabe...? A gente voltou; teve um certo ponto da estrada que é uma encruzilhada que a gente tem acesso à Vila Samarco. Tinha uns mineiros que tinham parado nessa encruzilhada, e eles disseram que eles tinham que ir, que tinha que salvar a menina dele, outro gritando que tinha que salvar a mãe, e minha mãe tentando acalmar todo mundo. Na ida também, na hora que a gente estava indo, teve um momento na estrada – eu não sei como meu braço ainda existe, porque o tanto que minha mãe me socou... para eu parar de chorar, para eu prestar atenção no que estava fazendo, se não quem ia morrer era a gente. Teve um momento na estrada que ela pediu para gente fazer silêncio e rezar a oração de São Bento. Nós rezamos, e depois que a gente rezou, foi um minuto em silêncio, e depois começamos o desespero de novo. Aí, na hora que a gente parou nessa encruzilhada que tinham os meninos, minha mãe falou: "Não, gente; vamos voltar, porque não tem para onde ir, vocês prestam atenção, não morreu ninguém..." Mãe ainda falou assim com o rapaz que falou que tinha que salvar a filha dele: "Você presta atenção, porque se você for, você vai morrer e a gente não pode olhar a sua filha, não. Você tem que estar vivo para cuidar dela." Aí a gente voltou para Vila Samarco. Parou um carro lá na praça, e a senhora que estava comigo começou a passar mal. Então as pessoas chegavam para socorrer, isso devia ser umas 5 horas mais ou menos, 5 e 20. Sei que a gente ficou lá até 7 horas da noite fazendo sabe-se lá o quê.

Primeiras providências da Samarco – em causa própria

Chegou um rapaz que trabalhava na Samarco, que ia muito lá no bairro da minha tia com a gente. Na hora que minha mãe viu, ele saiu correndo num canto e falou com ela assim: "Marília, morreu todo mundo. Não sobreviveu ninguém. Morreu todo mundo." Aí ela ficou com aquilo para ela, também ela falou com a gente. Lembro que tinha uma turma de homens lá no meio da praça; pensei assim: "Vou ali para saber notícia, são funcionários, estavam trabalhando." Consegui entrar no meio deles, tinha um homem no meio passando uma listagem. Perguntei se tinha alguma notícia do Bento, como é que estava o povo, o que tinha realmente acontecido. Ele me pediu licença e falou assim: "Você me dá licença, mas eu não quero saber de nada, só estou aqui para eu passar uma listagem, quero saber quem dos meus funcionários está vivo, quem está morto". Falei para ele assim: "Eu espero que todos estejam vivos, porque a minha família e os meus amigos estão lá no Bento, e eu estou aqui sem saber notícia."

Acessos bloqueados, ajuda para chegar a Bento

A vila é um lugarejo aqui próximo de Mariana e próximo do Bento também. A gente esperou até 7 e meia, falei assim: "Mãe, vamos para Santa Rita?" Santa Rita é um distrito também que era bem próximo do Bento. "Acho que lá vai ser mais fácil para a gente ter notícia." Tem uma tia minha, que mora lá. Fomos. Mais uma vez, o carro não chegava. Nós andamos, andamos... Quando chegou em Santa Rita, minha tia falou que tinha acabado tudo, que na hora que ela chegou para ver, para tentar ajudar as pessoas, estava a igreja, que é do lado da igreja de São Bento, estava uma dando barrigada na outra, uma encontrando a outra. A última cena que ela viu foi de uma casa batendo na igreja e saindo rodando pelo Bento inteiro. Passou um amigo meu indo para a estrada, onde os policiais tinham feito um entroncamento para não entrar ninguém, porque já havia escurecido e iam parar as buscas. Eles diziam que quem estava lá dentro do Bento ia continuar lá até clarear. Fui de carona com esse colega meu e passei a noite lá na estrada para ver se tinha alguma notícia. Quando clareou, 5 horas da manhã, fui para uma parte mais alta, para que na hora que clareasse... para eu ver. Foi a primeira cena que eu tive. Foi no rumo da minha casa... não tinha nada. Só via um telhado que era de um galpão que ficava um pouco distante da minha casa, coberto pela lama, e o ônibus que levava os meninos para a escola também, só via o teto dele. Por essa cena, não dava para acreditar que tinha sobrevivido alguém. Sabe, parecia que todo mundo tinha morrido, que não tinha sobrado nada...

No dia seguinte, abrigo na Arena

No dia 6, era mais ou menos umas 10 horas que o pessoal foi saindo. Os policiais falaram que a gente não podia entrar, mas que na hora que os carros saíssem, eles iam parar para ajudar a gente, para a gente ver as pessoas. Não aconteceu isso. Os carros passavam, as caminhonetes passavam, tudo direto. Eu só fui ver mesmo os meus familiares e os meus amigos aqui em Mariana. Era meio dia... A gente voltou para cá e quando chegamos na Arena, que era o ponto que estava acolhendo as pessoas, ainda quase fui presa; não me deixaram entrar mesmo. Quando consegui entrar, vi o pessoal e fui agradecer a ele. Fui um pouquinho atrevida. Mas fui lá agradecer, falei: “Obrigada, eu consegui entrar”. Ele me pegou pelo braço e falou: “Você vai sair daqui agora!” Começou a falar umas coisas comigo. Falaram que uma tia minha estava entrando, irmã do meu pai; na hora que ela viu ele me segurando pelo braço, para me colocar para fora, ela caiu no chão desmaiada. Ele falou que ia me prender, me colocou para fora, eu dei a volta e entrei de novo. Aí eu não fui lá perto, não. Foi a hora que a gente entrou na Arena. Que foi outro tanto de caixãozinho com coberta, com travesseiro... foi horrível.

Instalação provisória, a perda da liberdade e da convivência que havia em Bento

Não chegamos a dormir; o Dr. Joaquim já entrou com uma ação obrigando a empresa a arrumar os hotéis para locar a gente. Foi só o tempo de fazer a distribuição e levar a gente para cada canto. Ficamos juntos entre aspas, porque eu, minha mãe e um tio meu com uma tia fomos para um hotel. Minha tia com o marido dela e a menina foram para outro. De uma certa forma, separou. Depois de dois dias que a gente conseguiu reunir mais um membro da família no Hotel Providência. Detesto hotel! Vou acordar e na hora que eu acordar acabou? Não acaba. Foi preciso também o Dr. Joaquim ajuizar uma ação para obrigar a empresa a retirar a gente até antes do Natal. Colocar a gente em casa até o Natal. Hoje a gente mora em um apartamento. Antes a gente morava em uma casa, tinha espaço. Não só o espaço da casa, tinha mais espaço... Sentar na praça... Hoje a gente não faz isso. Sai só mesmo de casa para o trabalho, quando tem alguma reunião e mais nada. Costumo até falar que não tenho mais vida social. Você não tem prazer em fazer, sabe? Você faz, mas não é qualquer prazer. Você faz por fazer. Aqui em Mariana a gente não tem prazer... Você tinha tudo... Antes de acontecer, a gente tinha reformado lá em casa, trocado o forro, eu mais minha mãe, pintado a casa toda, eu tinha arrumado um quarto, trocado a janela, colocado uma janela toda de vidro. Era de vidro, mas era basculante. Coloquei um insulfilme azul, meu quarto estava todo pintadinho de azul e branco. Tinha uma parede que minha colega ia fazer o escudo do Cruzeiro e a raposa, para mim. A gente tinha trocado alguns móveis, comprado guarda-roupa novo para mim e para minha mãe, uma cama

de casal para ela. Eu estava naquele processo de separar minhas roupas, tirar as que eu não ia usar para doar e as que eu ia ficar... Lavar para guardar tudo limpinho, tudo organizadinho... Para você ter ideia, eu estava com um saco de roupa para mandar para minha tia dar para os outros. Inclusive no dia 5 eu vim trabalhar com a minha pior roupa. A blusa que eu vim trabalhar, eu já tinha separado para dar. Não era a blusa que eu mais gostava, mas ela estava por cima do saco que eu tinha colocado. Falei assim: "Vou usar essa blusa pela última vez. No final de semana lavo ela e coloco para eu dar de novo." A única coisa que eu tinha colocado no meu guarda-roupa novo eram as minhas camisas do Cruzeiro... E a minha coleção de moto, que eu tinha. Que são as minhas duas paixões. E assim, mais nada. Então estava preparando as coisas para guardar, lavando os cobertores para deixar tudo cheirosinho... Então... eu estava com um saco de roupa para eu doar no dia 5 e no dia 6 eu que estava precisando de doação... É estranho, não é?

Objetos e memórias perdidos

Perdi meu pai eu tinha 7 anos de idade, faz 25 anos que ele morreu. Vai fazer 26 anos. Eu tinha que pegar uma foto. E hoje eu não tenho mais essa foto. Era mais ou menos um mês antes de ter acontecido, meu irmão que mora em Santa Rita tinha ido lá em casa. Eu sou apaixonada por porta-retrato, então a estante de casa era cheia de porta-retratos. E tinha um que estava minha mãe, meu irmão e meu pai. Eles tiraram essa foto lá em frente ao restaurante. Esse porta-retrato estava lá em casa. No meio da tarde meu irmão tinha ido lá, e falou assim: "Ah, vou levar esse porta- retrato lá para casa." Aí falei: "Não, você não vai levar não, (eu nem estava na foto), porque esse porta-retrato é daqui de casa." E não deixei ele levar. A mãe deixou, eu não deixei. E assim, as fotos que tinha do pai estavam todas comigo. Então, hoje não tenho mais. O álbum de casamento dos meus avós, de 50 anos. Foi a última vez que toda a família, não faltou ninguém. Estavam os filhos, netos, genros, a nora, porque é uma nora só. Os irmãos da minha avó, sobrinhos dela... Estava a família toda. Hoje a gente não tem mais. O álbum estava com a minha tia e eu fiquei com o CD. Com as fotos. Tinha colocado no meu computador. Hoje não tem mais nada. Hoje acabou tudo. Não tem mais nada... Igual à foto do meu pai. Meus irmãos não têm, era eu que tinha. Por egoísmo meu, eu não deixei ele levar, não deixei ele ter... Um dia você tem tudo, no outro dia você não tem absolutamente nada... Não poder voltar mais ali à hora que você quer... Tem hora que é assim: você deita, aí pensa assim: "É mentira, eu vou dormir, amanhã vou acordar na minha cama, deitada na minha casa." Aí, quando você acorda que você olha pra cima, você não está na sua casa. Não é a sua cama, não é a sua casa... É muito difícil... As pessoas que a gente perdeu... É muito estranho, igual ao

Flavinho. Ele morava duas casas abaixo da minha. Ele brincava de bicicleta o dia inteiro. No final de semana que eu estava em casa, ele passava e eu costumava brincar: "Ei Flavinho cruzeirense!" Aí ele entrava: "Eu não sou cruzeirense, sou corintiano!" Então, você saber que não está aqui mais... Uma criança, 7 anos... Tinha todo um futuro pela frente. Podia não dar uma pessoa boa, mas quem ia dizer? Você não tem aquele sorriso mais, é muito louco, é isso. Essas coisas assim eu não gosto de pensar. Se eu tivesse perdido alguém da minha família, nossa, acho que tinha enlouquecido. É muito louco!!! Porque é muito louco... Umas das perguntas que não têm resposta. E pela proporção poderia ter ido mais gente... A avó do Flavinho. Eles estavam na casa, eles estavam na mesma casa, e não conseguiu. E teve um colega nosso também que a lama arrastou, e ele estava próximo ao Flavinho. Ele tentou puxar o Flavinho, só que não conseguia. Ele falava assim: "Flavinho, fica firme que da próxima vez que a lama vier ela vai jogar a gente no barranco, e a gente segura numa árvore." E assim, ele conversando com o Flavinho, tentou dar força, orientar ele. E teve uma hora que a lama veio, levou ele, ele não viu mais... Aparentemente podia ter feito alguma coisa, socorrido, mas não deu; podia ter esticado o braço, mas não dava... Se você vê ele contando... Nossa é muito louco. A Rosana estava com o pai dela. Ele estava segurando a mão dela, com o outro irmãozinho. A lama veio e ele não conseguiu segurar, a pressão foi mais forte e levou ela. Não sei o que que é pior, você estar segurando e... Depois disso acho que não conversei com ele.

Eu nem lembro... Sei que as comunidades que vieram de fora, todo dia tinha gente visitando, conversando... Nem lembro. A gente chora ainda. A Marta, no início ela teve que fazer um acompanhamento, até mesmo para dar a notícia para ela que ela tinha uma égua e a égua dela morreu. A égua estava grávida. Para dar essa notícia pra ela, teve que fazer um acompanhamento. Mas hoje ela não faz mais. Hoje ela é uma farmácia. Mas até dar a notícia para ela... A gente costuma falar que é o que mantém a gente viva, a fé. E você vê que é obra de Deus, porque era muita gente para ter morrido. O pai da minha prima morava no final da minha rua, tinha um sítiozinho. Ele estava com um problema no joelho, então andava com uma muleta. Fazia tudo no sítio, mas com a muleta. Não conseguia andar direito. A saída dele foi um milagre. Ele levantou para tomar água e ouviu um barulho. Ele já ia subir na laje para ver o que estava acontecendo. Na hora que começou a subir a escada, ele disse assim: Foi a barragem que estourou. E ele sempre falava que a barragem ia estourar. Ele sempre tinha um plano de fuga dele. Ele desceu e foi embora. Foi pro curral... Já estava aquele barulho, o gado começou a pisotear, ele conseguiu sair, pulou a mesma cerca, perdeu a muleta, aí arrumou um pedaço de pau... Se você vê o gado, o percurso que ele fez com a perna debilitada, você não acredita. Foi Deus que tirou ele, porque, sabe, é uma coisa que não tem explicação. É Deus mesmo, Deus

existe, Deus estava ali... Pode falar que cinco pessoas, não é pela proporção... Não morreu ninguém!

Perda de referências da própria história

... Perdeu sua identidade! Perdeu tudo que você viveu. Você nasceu de novo, está começando a vida, só que não é o nascer de novo... Você escolheu que vai viver. Entendeu? Você não fez essa escolha. Você não tem essa escolha. É isso que você vai passar e você só consegue enxergar coisas ruins, não consegue enxergar uma coisa boa, um final feliz. É assim, um dia após o outro, é só pretexto, é só chateação é... o que vier é lucro... Alegria? Só quando a gente está no Bento. Quando a gente está lá, quando dá meia-noite a gente vai até a igreja de São Bento, reza, canta, cada hora tem um momento para fazer um discurso, choro... E assim vai levando. É só lá. Não aceito, não aceito. Mesmo a vida mostrando o que aconteceu, para morrer você não vai levar nada; hoje você tem tudo, amanhã você não tem nada. Mesmo assim, eu ainda sou apegada às minhas coisas. Não às coisas que eu tenho hoje, para mim tanto faz. Se quiser chegar lá em casa e quiser pegar minhas roupas, tudo e levar. Mas as coisas que eu tinha... a tal blusa! Uma blusa... Dá revolta. Era meu, sabe? Era meu. Eu trabalhei para adquirir, eu escolhi, eu ganhei...: Minha avó tinha me dado uma colcha, eu tinha 13 anos de idade. Foi a terceira coisa que eu coloquei no armário. Eu nunca tinha usado. Eu nunca tinha colocado ela na cama. Estava guardada. Tirei ela do pacote, eu lavei, ela secou, eu dobrei, passei, dobrei e coloquei dentro do guarda-roupa, e falei: “Depois que eu organizar tudo, todo o guarda-roupa, tirar o outro velho que eu ia dar para um tio meu, e arrumar meu quarto, aí eu vou colocar ela na cama. Eu não tive esse prazer de colocar! Eu tirei do plástico, vi como ela era, peguei, eu toquei, mas... Eu ainda não tinha usado, sabe? Ela ficava lá dentro do meu guarda-roupa. Eu olhava para ela... Era um presente que minha avó me deu, minha avó já não estava mais presente. Era meu, era meu... E hoje eu não tenho. Então, quando eu lembro das minhas coisas que hoje não tenho mais, que não tem como eu ter mais, a pessoa não está aí para me dar mais... Nossa, me revolta. É aonde vem mais a revolta, vem o ódio, a vontade não sei de quê... Por exemplo, se falar na minha frente, acho que eu mataria. Acho que eu torcia o pescoço, o sabe? As pessoas falam: “Você perdeu tudo, a gente não pode se apegar.” “Mas eram as minhas coisas!!!” Eu guardava o caminho de mesa do meu avô. Meu avô morreu com 82 anos. Agora 16 de junho faz 10 anos que ele morreu. Eu guardava o carnê de INSS dele. Há quantos anos ele já tinha aposentado? Já estava nem para existir mais... Mas eu guardava, estava lá. Vez em quando eu pegava a minha caixinha lá com os papéis, ficava olhando... Hoje você não ter, você não ter mais o que pegar... Que dinheiro que paga? Não tem... Meu RG e carteira de trabalho...

Eu tive que fazer de novo. Não sei se esse novo significa uma Luiza nova, sendo que os meus pensamentos são velhos... Para fazer uma nova história, eu não sei. É muito estranho.

Quando a minha avó morreu, a gente reunia só no quarto dela. Ela ficou muito tempo acamada então, o quarto dela era onde ficava toda família. Quando ela morreu, a gente continuou. De repente, como se ela estivesse lá. Depois da morte, a gente ia para a casa dela, sentava todo mundo lá no quarto dela e ficava como se ela estivesse ali. Mesmo que a minha tia tenha trocado os móveis, tinha o cantinho da cama dela, e a gente sabia: é como se ela estivesse... E hoje não tem nada disso. Não tem a parede! A gente conheceu, a gente viveu ali, mas hoje não tem... Está no fundo... Nem a blusa, nem cheirinho... Dá uma amenizada, aquela lembrança... Você estando lá dentro, é como se estivesse mais próximo. Mesmo estando destruído, mesmo não tendo aquele cantinho, mesmo não tendo a cama, mas é como se você estivesse mais próximo de tudo que você tinha, de tudo que você viveu, sabe? Como se a minha avó estivesse ali? Mas hoje a gente fala que não está assim.

Você viu como a vegetação já está? O mato? Você pode ir que não vai ver a mesma cena. É como se estivesse em um outro lugar... O cenário hoje é diferente, tem muito mato. A única coisa que... [riso] que me vem na cabeça... Nos dias que quando eu tentei ir, tentei entrar no Bento... Se eles tivessem me deixado entrar. Acho que seria isso. Vou te contar: a gente encara, mesmo... A gente atravessava o rio, um puxando o outro para a gente conseguir, para pelo menos ter aquele gostinho de você estar lá, de você andar, viver aquilo, sabe? Nós passamos muita dificuldade nesse sentido. Nós arriscamos muito. Era como se estivesse pisando naquela areia movediça que ia só puxando... Nós fizemos muito disso andando para tentar achar alguma coisa.

Até hoje a gente vai lá, na esperança também de achar alguma coisa. Tem um lugar lá perto da igreja, próximo da casa do meu avô... A imagem de São Bento está ali. E minha prima um dia sonhou também com a imagem de São Bento nesse mesmo lugar. Falei: “Acho que é um sinal. Acho que já passou da hora da gente começar a cavar. Para tentar achar alguma coisa. Perto da casa da minha avó tinha dois pés de manga, que ainda continuam lá, perto da igreja. Agora acho que já está caindo. Naquele primeiro pé de manga, meu avô tinha colocado um banco de pedra, de um lado e um banco de pedra do outro. Era onde a gente dormia aos domingos. A gente costuma falar que se o banco de pedra falasse... ele tinha muita história... [risos]. Ali o povo sentava para namorar, ali eram os encontros. Minha mãe, a gente ficava muito... minha mãe, 59 anos de Bento... A gente começou a cavocar ao redor do banco, do pé de manga, para ver se achava. A Renata disse: “Acho que é pedra”. Você deu o primeiro sinal que pudesse ser o banco. Minha mãe chorou... Era alarme falso... Sempre que a gente ia, a gente

andou procurando... Um dia, passando na igreja de São Bento, logo de frente, um amigo nosso parou: “O que tá acontecendo? Acho que eu estou em cima do banco de pedra.” A gente já começou a cavocar e realmente nós achamos o banco. E achamos ele assim: as duas pernas aqui, e a outra aqui, juntas. Não era junta, porque tinha a árvore separando, e as duas estavam juntas. A gente não tirou ela, ainda não. São pequenas coisas que trazem um alento. Você tem que continuar, tem que ficar... acho que é isso.

8.2.2 Compreensões e análise – Colaboradora Luiza

Luiza, 32 anos, auxiliar odontológica, solteira. Crê em Deus. Nasceu em Mariana apenas porque em Bento Rodrigues não tinha hospital; foi criada lá e tinha 31 anos de Bento Rodrigues.

“Quando clareou, 5 horas da manhã, fui para uma parte mais alta para que na hora que clareasse... para eu ver. Foi a primeira cena que eu tive. Foi... no rumo da minha casa... não tinha nada. Só via um telhado que era de um galpão que ficava um pouco distante da minha casa, coberto pela lama e o ônibus que levava os meninos para a escola também, só via o teto dele. Por essa cena, não dava para acreditar que tinha sobrevivido alguém. Sabe, parecia que todo mundo tinha morrido, que não tinha sobrado nada..”

Luiza tinha 32 anos quando nos encontramos para a entrevista. Nasceu em Mariana apenas porque em Bento Rodrigues não havia hospital. “Eu nasci aqui e fui criada lá. Eu tinha 31 anos de Bento.” Luiza já trabalhava em Mariana antes do rompimento da barragem da Samarco, ia para lá e voltava para Bento Rodrigues todos os dias. Trabalha como auxiliar odontológica e cursa faculdade de Direito.

Seu pai faleceu quando ela tinha sete anos, então já na infância Luiza havia sido apresentada à dor de uma perda. Vivia com sua mãe em Bento Rodrigues e cultivava amor por seu lugar, por sua casa, sua comunidade. Bento Rodrigues era seu lugar.

O momento da tragédia

Quando a lama de rejeitos começou a passar pelos distritos de Mariana, Luiza estava trabalhando e foi avisada por uma prima, por telefone. Em vez de fugir da lama, seguiu para Bento Rodrigues para ver o que estava acontecendo: correu de encontro à lama. Logo avisou sua mãe, e seguiu, com outros parentes, para encontrar uma realidade difícil de acreditar: foram ver com seus olhos a destruição que a lama de rejeitos de minério de ferro foi capaz de deixar. E esse foi apenas o início de um processo de dor, de luta e de elaboração do luto por tantas perdas que viriam a vivenciar.

Paixões e perdas

Luiza é apaixonada por porta-retratos e pelo Cruzeiro. Sua casa tinha acabado de passar por uma reforma, estava recém-pintada; o quarto de Luiza estava com as paredes pintadas em azul e branco, e a paixão pelo Cruzeiro seria colocada também na parede, em uma pintura do escudo do time que sua amiga faria no seu quarto. Os porta-retratos já ocupavam uma estante na casa. A lama levou tudo isso; a cor azul que simboliza esperança, e o branco que representa paz, pintados na parede do quarto, foram cobertos pelo marrom pesado da lama suja que cobriu Bento Rodrigues – suja por ser corrosiva; suja por ser fruto de um enorme descaso, fruto de um crime. A esperança e a paz foram perdidas naquele momento, excluídas da vida de Luiza.

Vida sem graça

Luiza vive em Mariana e fala da falta de prazer e de alegria que passou a experimentar. Perdeu sua casa, seus pertences, fotos, amigos, sua vida como era antes. Conta sobre uma vida nova que traz uma realidade que é difícil de acreditar, de conceber:

Tem hora que é assim: você deita, aí pensa assim: é mentira, eu vou dormir, amanhã vou acordar na minha cama, deitada na minha casa... Aí, quando você acorda, que você olha pra cima, você não está na sua casa. Não é a sua cama, não é a sua casa... é muito difícil...

E ainda:

Hoje a gente mora em um apartamento. Antes a gente morava em uma casa, tinha espaço. Não só o espaço da casa, tinha mais espaço... sentar na praça... hoje a gente não faz isso. Sai só mesmo de casa para o trabalho, quando tem alguma reunião, e mais nada. Costumo até falar que não tenho mais vida social. Você não tem prazer em fazer, sabe? Você faz, mas não é qualquer prazer. Você faz por fazer. Aqui em Mariana a gente não tem prazer.

Uma história de várias perdas, de objetos, daquilo que constituía a sua vida.

Nova rotina: testemunhando injustiças e burocracias sem fim

Passou a fazer parte dessa vida sem gosto uma série de reuniões, de assembleias, audiências. Hoje parte de sua rotina é estar nesses ambientes e assistir a acordos fechados que não são cumpridos, ter mais e mais audiências que não chegam a um fim, a um bom resultado, que são inúteis, que não trazem providências, soluções ou mais ainda, parecem agir contra eles:

(...)Na audiência tinha sete ou oito advogados representando as empresas... e tivemos o mesmo entendimento só que, eles combinam uma coisa e, a partir daquele momento que foi combinado eles já têm o entendimento que eles querem, sempre favorável a eles. Como que você

vai acreditar, votar, acreditar numa empresa que joga sujo com você o tempo todo?

Luiza deixa claro que não é possível confiar na mineradora em momento algum, seja quanto às promessas feitas, às indenizações propostas ou aos prazos estabelecidos para reconstruções de Bento, pois os temas são discutidos perante juízes, com advogados presentes, e a empresa não cumpre. O sentimento de injustiça e de abandono faz morada no dia a dia dessa nova vida de Luiza.

Ela não tem mais prazer. Sente que sempre está no prejuízo, a perda segue superando tudo. Vai a reuniões que prejudicam sua vida social, não tem mais vida própria. É uma luta diária para ter sua vida de volta, sem qualquer rastro de esperança.

O peso do ressentimento

Após tanta destruição e tanta perda, Luiza é uma pessoa que passou a carregar consigo um imenso ressentimento diante de tudo o que vem vivenciando, resultado do que a empresa fez com todos eles, do que não fez, sendo negligente e injusta. Sente muita raiva da empresa. Em seu entendimento, além de não indenizar, a empresa segue prejudicando as pessoas afetadas, olhando apenas para seus próprios interesses.

(...) O que é decidido não é respeitado. Principalmente o fato que teve uma audiência, e nessa audiência a gente conseguiu não ter multa. Porque eles queriam fazer o nosso reassentamento. A partir do momento que eles passassem as chaves das nossas casas, eles se apropriavam do Bento. Nós conseguimos isso numa audiência, a juíza homologou, assinou tudo direitinho, mas a empresa, ela já deixou isso. Agora, há poucos dias a gente teve uma reunião. A gente estava discutindo as diretrizes para o reassentamento, e descobrimos que o que a gente entende como permuta, o que ficou decidido como permuta não é o mesmo entendimento que a empresa teve.

Percebemos uma característica bastante marcante na vivência de Luiza com muitos sentimentos negativos voltados para a empresa: sente revolta, e faz parte de suas ações o esforço para tornar a vida da empresa mais difícil, mesmo sabendo que a luta não é mesmo fácil: “(...) A gente sabe que a empresa quer o restante da área. Eles podem até conseguir, mas a gente vai dar muito trabalho para eles. Já sei que vai ser uma luta dura, árdua.”

No dia a dia, trabalhando como auxiliar de dentista, precisa fazer esforço quando recebe um paciente que trabalha na Samarco, para separar da empresa o trabalhador, que não tem culpa pelo rompimento da barragem. Para Luiza, a mineradora não deveria mais existir. É possível notar que a “lama” conseguiu entrar em seu ambiente de trabalho e no seu coração – além dos âmbitos de sua vida pessoal e social. Ou seja, a vivência de ter que gerenciar seus sentimentos

e sua postura diante de um paciente que é trabalhador da mineradora é um exercício, um esforço emocional que não era necessário antes dessa tragédia. Luiza conta:

É (...) revolta, é ódio, infelizmente. (...) Se eu falar para você que eu entendo, que eu não carrego ódio no meu coração, não carrego uma angustia, eu estaria mentindo. O nome Samarco para mim ...chega paciente aqui no consultório de uniforme, eu evito até... Quando a gente coloca o pano de canto, até coloco para lá, para exatamente tampar o emblema. Não tem como gostar, não tem como olhar e não sentir uma revolta, não contra os funcionários, os trabalhadores, mas contra o nome como empresa. (...) Se dependesse de mim, nunca mais voltaria a operar.

O ser humano surpreende trazendo um novo desastre: o preconceito

Ao lado de outros inúmeros afetados, Luiza vivencia a dor de muitas perdas. Além dessas – perda de pessoas, de suas casas, de tudo o que tinham –, ela viveu o impacto do preconceito de moradores de Mariana:

Além de tudo que a gente passou e está passando, a gente ouve muita coisa em relação ao preconceito. Aqui na cidade (...), no início a gente sofria demais. A gente saía na rua, você ouvia o povo falando: Ah, o povo do Bento é aproveitador...

Diante de situações de preconceito vividas, em uma delas Luiza acabou em uma audiência para ter direito de resposta a um enunciado preconceituoso que foi colocado no jornal. Relatou a forma injusta como foi tratada no tribunal, acabando por se sentir ainda culpada pelo mal-estar criado durante a audiência pela pessoa que a magoou com a publicação preconceituosa.

Agravando essa ferida, as pessoas afetadas ainda escutaram frases como a que Luiza relata:

É coisa também que a gente ouve que não dá para acreditar. Eu já ouvi, por exemplo, as pessoas falarem: “Ah, devia ter morrido todo mundo! Realmente, eu também acho, sabe? Devia ter morrido todo mundo, porque a gente não estava passando a metade do que a gente está passando. Parece que você está mendigando!”

Uma fala como essa pode ferir e doer até mais que uma perda – uma ferida que emudece e que leva ao desejo de morrer.

A vida que tinha antes, enfim, em nada se parece com essa vivida após a tragédia do dia 5 de novembro de 2015.

“Eu estava com um saco de roupa para eu doar no dia 5, e no dia 6 eu que estava precisando de doação... é estranho, não é?”

Imensidão de dor e vontade de não existir mais: a ideação suicida

É assim: cada dia pior que o outro. No início eu já tive o pensamento de pegar meu carro, me enfiar com ele num buraco, porque aí pelo menos já acabava tudo e não ficava sofrendo. Já pensei. Já peguei o carro para fazer isso duas vezes... Cheguei, mas... Deus é mais... Mas, realmente eu também tenho esse pensamento. Devia ter sido a noite que a gente... Teria evitado muita coisa pra gente...

Às vezes dá uma vontade assim de sumir, sabe? Como se seus problemas sumissem? Ir para um lugar onde ninguém te conhece e você não vê ninguém? Mas já vi também que não adianta. Todo lugar que você vai seus problemas estão com você. Vai junto. Mesmo que você esteja em outro lugar é sempre essas conversas, é sempre aquilo, você foca sempre naquilo... Sabe, não muda. O pensamento não muda.

Além do que perderam com a passagem da lama, Luiza nos mostra que sofrem também com o que as pessoas dizem. Apresenta uma realidade difícil de considerar, e revela o desejo de sumir, de ir para alguma realidade outra, outro lugar, no qual o sofrimento e os problemas não existissem. Deus é para ela fundamental enquanto fator de proteção, mas não impede que haja o pensamento recorrente, a ideação recorrente. Luiza relata que chegou a pegar seu carro, não uma, mas duas vezes, para “se enfiar com ele num buraco”. Não o fez. Mas isso nos mostra a força do desconsolo, do esgotamento, da desesperança, do não enxergar alento, nem justiça, nem alívio. Um forte desejo de morrer, de se matar para não sofrer.

Quase enlouquecer

Apesar de várias perdas, Luiza não perdeu ninguém de sua família; segundo ela, caso isso ocorresse, teria enlouquecido. No entanto, perdeu, sim, pessoas próximas pelas quais tinha afeto, carinho, e com as quais convivia. Difícil crer na ausência de uma criança com quem brincava, que morreu com a passagem da lama. Ele não aparece mais com sua bicicleta. Essa criança agora existe na lembrança; é mais uma memória que fica.

O que foi embora

Ver o Bento destruído igual foi com a lama, nossa, me doeu demais, principalmente no dia 06 (...), 6 horas da manhã que clareou, que eu vi, que eu pude ver o que realmente tinha acontecido, cheguei numa parte mais alta, justamente a parte que eu vi foi onde era a minha casa, onde era a minha rua. E você não vê nada. Você só vê barro, só vê lama, não vê um pedacinho do telhado, porque ele já não existia, já não existe mais... e ter sobrado um pedaço da parede... Você não conseguir achar uma agulha sua para contar a história, não conseguir recuperar essa agulha.

Luiza fala sobre a dificuldade da lembrança, já que a lama passou por cima de tudo e ela não conseguirá encontrar nada que recorde sua vida anterior. Na ocasião do nosso encontro, era nítido como a raiva ainda latejava, junto com a dor por tantas perdas.

Como é possível seguir, qual é o manejo necessário para ser capaz de seguir a vida tendo sido privada de tudo o que lhe era caro, e que conferia sentido àquela existência? Para quem não viveu uma experiência desse porte, me parece ser difícil conseguir mensurar a profundidade do vazio deixado pelo rompimento dessa barragem; a profundidade do deparar-se com aquilo que não mais existe. Que subitamente não está mais lá.

Perda da identidade. Perdas. Perdas. Perdas.

Luiza traz o sentimento de revolta com tudo o que perdeu de sua vida, aquilo que tinha antes do rompimento da barragem. O apego que sente diz respeito ao fato de não poder ter de volta o que foi perdido. Quando alguém menciona que é preciso desapegar, ela sente muita raiva, raiva de querer matar. O apego é com as coisas passadas, não as presentes.

Entre o que se perdeu, Luiza ficou sem seu RG e sua carteira de trabalho; precisou tirar novamente. Essas são de fato perdas com conotações simbólicas especialmente significativas, pois, com a passagem da lama, as pessoas afetadas perderam suas identidades junto ao que se perdeu. Luiza fala:

“Meu RG e carteira de trabalho... eu tive que fazer de novo... Não sei se esse novo significa uma Luiza nova, sendo que os meus pensamentos são velhos... para fazer uma nova história, eu não sei. É muito estranho.”

Não existe Luiza nova, só a velha ressentida. Sente que seus pensamentos são velhos.

Esquecidos na tragédia: simbólica e concretamente soterrados por tanta lama

Já não fala se mais na televisão, mas para a gente que está vivendo... é como se fosse ... que aconteceu hoje... está sendo complicado... Cada dia é uma exploração... É um aprendizado... Parece que quanto mais o tempo passa, você acha que vai resolver, vai amenizar... é cada dia é pior que o outro, porque não resolve, não resolve, porque é aquele jogo de empurra, aquela enrolação... Quer dizer, 2 anos, a empresa já conseguiu a licença para voltar. É bem provável que ela volte a operar antes da reconstrução... Por aí já se vê quanto o mundo é injusto, não é?

Fato muitas vezes assistido após ocorrências trágicas, após desastres, há uma espécie de apagamento daquilo que ocorreu, um silêncio na mídia, o fato ocorrido que não é mais mostrado, por não ser mais notícia. No entanto, a dor, as perdas, a falta de justiça, tudo isso

segue na vida das pessoas afetadas, que se percebem esquecidas, como se tivessem sido deixadas de fato embaixo de toda a lama.

Diante da sensação de marasmo, do tempo passando, de nada acontecer, de injustiças seguindo, e de ver a Samarco driblando a situação, esquivando-se como pode de suas responsabilidades, não é difícil compreender o que Luiza quer dizer quando relata que cada dia fica pior.

Sem que a mídia acompanhe o que ainda está se passando com eles, o mundo vai esquecendo Bento Rodrigues. Em 25 de janeiro de 2019, vimos romper a barragem em Brumadinho. Mais lama, e as pessoas afetadas pelo rompimento da barragem ocorrido em 2015 ainda mais esquecidos. Mais soterrados. Assim, a sensação é que para eles, ex-moradores de Bento Rodrigues, é uma luta já perdida. De repente, como foi para Luiza, não dá mais vontade de seguir vivendo.

8.3 Descrição do contexto da entrevista: colaboradora Rita

A entrevista apresentada a seguir foi realizada com a colaboradora de nome fictício “Rita”. Recebeu-me em sua casa no dia em que a conheci, e combinamos para o dia seguinte a realização da entrevista. Um pouco como aspecto de cidades de interior, um pouco pela fama que Rita ganhou, nosso encontro se deu de maneira incomum. Ao sair de uma loja em Mariana, comentei com as vendedoras sobre o motivo de minha visita à cidade. Perguntaram então se eu já havia conversado com a Rita da moto. Disse que não, mas que ela já tinha sido recomendada. As moças então apontaram a direção de sua casa, e sugeriram que eu fosse até lá, mesmo sem telefonar. Caminhei na direção apontada, e vi que vinha na mesma direção um rapaz que estava na loja. Perguntei se sabia qual era a casa da Rita, e ele disse que se a moto estivesse na frente da casa ela estaria lá. E estava... Agradei e fui recebida pela Rita. Expliquei o propósito da minha visita, conheci seu filho, seu pai e sua mãe. Rita aceitou participar da pesquisa, e comentou que já tinha falado com tanta gente, que poderia, sim, falar comigo também...

A entrevista foi realizada na sala da casa. Falou com honestidade, sem estender ou detalhar o assunto – parecia não haver mais o que aprofundar no sentido do lamento. Aconteceu o que aconteceu, estavam seguindo a vida, gratos e esperançosos. Em sua fala parecia não haver espaço para rancor ou pesar. Com jeito mineiro, fez questão que eu ficasse para almoçar. Mostrou-me toda a casa, os cachorros no quintal, apresentou-me a toda a família. E mostrou-me vídeos do dia do rompimento da barragem. Deixou-me muito à vontade, como se me conhecesse há tempos. Iria em seguida para o trabalho, e combinamos que eu retornaria para que ela pudesse me mostrar suas premiações.

8.3.1 Entrevista

Colaboradora: Rita

Pesquisadora: P

P - Hoje é 09 de fevereiro e eu vou conversar com a Rita; me fala o seu nome completo, sua idade e sua profissão. Como é que você se sente hoje depois do tempo que já passou, desde o rompimento da barragem da mineradora Samarco, que foi no dia 05 de novembro de 2015?

Meu nome é Rita, tenho 38 anos, sou moradora de Bento Rodrigues, e antes eu era auxiliar de serviços gerais. Hoje sou cabeleireira em domicílio. Hoje eu me sinto cheia de esperança.

Esperança e saudades da vida tranquila em Bento

Tenho esperança da reconstrução do novo Bento, dos meus pais ganharem a casa deles de novo, e a gente ter aquele sossego e aquela paz que a gente tinha lá em Bento Rodrigues. Que a vida na cidade é completamente diferente. É muito agitada, é corrida, e lá em Bento Rodrigues a gente vai ter a nossa paz e sossego, e aquela vida tranquila que a gente tinha.

Perturbação do sono, medo. E depois, esperança.

Eu fiquei um bom tempo sem dormir. Eu tive insônia. Agora é que eu estou dormindo... Fiquei mais de ano sem dormir. Dormia depois das 5 horas da manhã. Ficava só pensando, ficava apreensiva, tinha medo. Quando lembrava daquele dia, que foi a tarde do terror, a noite do terror, eu sentia medo, muito medo, mas agora estou tranquila, estou em paz e eu estou cheia de esperança mesmo. Que as coisas deem certo. Eu agradeço a Deus hoje pela vida, pela vida de cada um que sobreviveu naquele dia terrível, naquele tsunami de lama, e rezo também por aquelas pessoas que a lama levou, que não conseguiram sobreviver. Que elas tenham paz e que estejam em um bom lugar. Eu acho que chegou a hora, que chegou a hora deles, e que se nós conseguimos sobreviver, é porque Deus tem um propósito bom para nossa vida. Entendeu? Se Deus quer algo melhor para a gente. Daí... esperança. Gratidão e esperança.

A notícia do desastre, agradecimentos

No dia do desastre eu estava trabalhando e ouvi no rádio que a barragem tinha estourado. Aí eu fui. Em vez de eu correr para o mato com os meus companheiros de serviço, corri para a frente da lama. Eu atravesssei na frente da lama gritando para as pessoas correrem: "Corre que a barragem estourou, a barragem estourou..." Aí eu penso assim: Se eu tivesse parado para ver o que era, que eu nem sabia... Eu sabia que a barragem tinha estourado, eu sabia

que o barulho era a lama chegando, mas eu não sabia que ela estava tão perto. Aí, eu paro para pensar, se eu tivesse parado para ver o que era, não teria dado tempo, ela teria me levado, porque assim que eu atravessasse a ponte ela arrancou a ponte. E se eu paro também para pensar... Se eu não tivesse ido, muitas pessoas teriam morrido. Não teria avisado. As pessoas iam ficar esperando: "Que barulho é esse?" Se eu tivesse parado e se eu tivesse ido. Aí eu agradeço por eu não ter parado e por eu ter ido, e agradeço por cada um que eu consegui avisar, e cada um foi avisando o outro; eu tinha medo de não ter conseguido. Paro às vezes e o meu corpo até arrepia... Se eu tivesse parado, se não tivesse ido. O medo da noite é isso. Fico lembrando daquele momento, e fico imaginando se eu tivesse parado, se eu não tivesse ido... mas se eu não tivesse ido, eu teria morrido, porque ia achar que a minha família toda tinha morrido também. Às vezes paro e penso assim; mas depois penso, agradeço a Deus por ter me usado naquele momento, naquele dia, por eu ter ido e ter dado conta. Entendeu? Por ter dado conta. Eu já dei, aí eu já vou ficando mais tranquila e vou criando a minha paz. Comecei a pensar só em coisas boas, e não no que aconteceu. Aí comecei a me achar, achar a mim mesma, interior...

Registros do 5 de novembro

Naquele dia, 05 de novembro, lá por volta de quinze para as quatro da tarde, a gente estava trabalhando. Eu trabalhava terceirizada da Samarco, na área do meio ambiente. A gente fazia mudas para a Samarco reflorestar as áreas que ela devastava. Nosso líder chamou a gente para conversar. Nós estávamos conversando, fazendo um diálogo para falar exatamente desde a hora que a gente levantou até a tarde. Aí a gente começou a escutar um barulho; um menino falou: "Que barulho é esse?" Alguém falou assim: "Ah, pau de arara", que é o ônibus que estava chegando. O ônibus passou e o barulho continuou. Eu falei: "Gente, não é o ônibus." O segurança ligou o rádio de comunicação. No que ligou o rádio de comunicação, as pessoas estavam gritando que a barragem tinha estourado. Mas gritando não com a gente, gritando entre eles: "Corre fulano, corre beltrano", e a barragem chegando aqui. "Tchau procês. Vou avisar o meu povo". Eu corri, peguei a minha moto e saí pela rua gritando, buzinando: "Corre, a barragem estourou! A barragem estourou, corre que a barragem estourou!" E as pessoas acreditando, uma correndo atrás da outra, avisando a outra, pegando a outra, todo mundo correu. Correu todo mundo para o alto. Aí eu não vi nada. Eu só gritava, buzinaava, cheguei lá em casa, gritei: "Mãe, corre, chama todo mundo que a barragem estourou, a barragem está vindo aí!" Virei a moto e voltei, ainda. Voltei para encontrar a lama, mesmo... Fui avisando as pessoas e as pessoas, correndo. A gasolina da moto acabou e eu a empurrei, deixei a minha "motinha" lá e voltei. Continuei correndo: "Corre que a barragem estourou!", ajudando as pessoas. Tinha um

caminhão lá que estava ajudando as pessoas, jogava as pessoas em cima do caminhão. Ajudei a jogar mais gente em cima do caminhão, o caminhão foi embora. Quando eu vi que não tinha mais ninguém, aí subi também.

Imagens de Bento sob a lama, desespero

Quando cheguei lá no alto que eu vi. Quando olhei para trás, não existia mais o Bento. Aí encontrei com meu filho lá em cima, eu não o peguei, só avisei e voltei para avisar outras pessoas, ele e meus pais, e eu saí com ele. Lá em cima que nós nos encontramos e olhamos para baixo, e vimos que o Bento estava assim, acabado. A gente só gritava: "Gente, por que é que fizeram isso com a gente?" "A Samarco nos enganou". A gente gritava. Estávamos desesperados no dia. Foi isso que aconteceu no dia 05 de novembro. Nós ficamos lá até o dia 06. No dia 06 nós fomos resgatados. Saímos em fila indiana e os ônibus vieram trazendo a gente. Viemos para a Arena Mariana, na Arena fez a triagem; passamos o dia, tomamos banho, ganhamos a roupa. À tarde nós fomos para o hotel e ficamos um mês e três dias no hotel. Nós mudamos para uma casa na rua Santana número 140, e depois de lá nós viemos para esta casa onde estamos hoje. Porque lá era apartamento, e meu pai estava passando mal, não estava dando conta, porque ele mexia com a roça, com as coisas dele, aí a gente veio para esta casa. E o meu menino... até hoje ele tem medo de chuva, de barulho, tem medo de zueira. Ele fez tratamento psicológico. Ele pergunta se tem barragem aqui. Ele morre de medo de tudo. Na última sessão dele, escreveu tudo o que ele tinha medo, rasgou e jogou no lixo. Mas ainda tem medo. Mas nós vamos trabalhando isso.

Lembranças preservadas

Sabe o que alivia? Porque já existia *facebook*. Tudo a gente passava no *facebook*. Quando a gente tem saudade, a gente vai lá no *facebook*, fotos, vídeos... A gente revive o passado, aquilo que a gente viveu. Isso vai amenizar a saudade. E é assim. E eu tinha mania, tudo eu registro, até hoje. Tudo que eu faço, eu gravo. Mas só que é assim: dele, eu tinha um celular que tinha gravação dele desde o nascimento até 5 anos, e o celular foi embora na lama. Aí eu perdi essas memórias. Mas a sorte é que eu tinha uns vídeos dele no *facebook*. E vídeos de todas as minhas amizades, porque a gente fazia sempre reunião. A gente revê, às vezes. Coloquei *youtube* na televisão, aí a gente vê pela televisão. É assim que a gente via lá em casa. Que a gente vivia. Eu lembro até do cheiro da minha casa. O cheiro do meu quarto. Eu lembro. Lembro do cheiro da comida lá de casa, fogão a lenha, cheiro da fumaça. Eu sinto tudo isso. o Lucas tem no álbum dele. Meu irmão trouxe o álbum dele, conseguiu pegar, estava em cima do

guarda-roupa. Minha casa... A casa não foi toda embora. Ele tem o álbum dele desde o nascimento. Aí a gente revive a saudade, não é?

Vida simples perdida, saudade do lugar perdido

A gente vivia tranquila. Nós tínhamos uma vida saudável, vida tranquila, sossegada. A gente vivia feliz, via todo mundo. A gente tinha medo da barragem de Santarém, que era uma barragem d'água. A gente não tinha conhecimento da barragem de Fundão, que é essa que se rompeu. Eles construíram acho que em 2008, e a gente nem tinha conhecimento dela. A gente tinha medo da barragem de água, mas acabou que a de água está lá até hoje, e foi a de Fundão que veio e destruiu. Eu tenho saudade do meu quarto, da sala, de cada cômodo dentro de casa...

Resignação, fé e esperança

Mas depois da saudade, me sinto aliviada, porque eu estou bem com a minha família, o meu filho está comigo, meus pais estão comigo. A gente sobreviveu àquele caos. Eu acho que para mim foi assim: um teste de Deus para a gente tentar viver melhor. A única coisa que não tem volta é a morte, entendeu? E a gente está viva. Vamos correr atrás e vamos tentar resgatar, tentar viver da melhor maneira possível e todos os dias agradecer a Deus. Fui melhorando porque eu tinha família. Isso ajudou. Tenho meu filho, meus pais, minha irmã, minha família toda junta. Isso foi me aliviando, porque a única coisa que não tem solução é a morte. Isso foi legal.

Confiança no apoio da Samarco

Foi bom porque não foi fenômeno da natureza. Se fosse fenômeno da natureza, a gente estava até hoje na lama, porque essa empresa desde o início deu a mão para a gente, ela está ajudando, e às vezes eu acho que os órgãos públicos atrasam um bocado as coisas. Mas a gente foi assistida. A gente está sendo assistida. A gente mora em casa alugada, são eles que pagam o aluguel. Eles dão um cartão benefício para o chefe da família, para ajuda de custo. Vinte por cento para cada membro. Eles nunca deixaram de nos amparar. Eles ampararam, mas não de espontânea vontade. O Ministério Público em cima, exigindo que eles façam essas coisas. Porque se for só por conta deles, não fariam, não. Mas eles estão ajudando, na medida do possível.

Participação da comunidade, fé, confiança no futuro

A comunidade, foi praticamente cem por cento, um só que não votou. A comunidade toda focada naquilo que todo mundo quer: voltar para a nova comunidade, e cada um ter a sua casa, ter seu terreno no tamanho que era, e a vida que a gente tinha. A vida digna, a vida nossa, a casa nossa, tudo nosso. Porque a gente está cuidando de uma coisa que não é nossa, entendeu? Eu fui lá em Bento acho que tinha um mês e pouco. Mas aí eu voltei várias vezes. Fui em missa, fui na Semana Santa e... Só assim mesmo que eu vou. Fui em um casamento lá em dezembro de Bodas de Ouro, Bodas de Prata... Só assim que eu vou. Mas ficar que nem o pessoal vai, não vou não. Dá saudade, a gente vai dar uma volta lá. E é bom, mas a gente acaba voltando triste, porque a gente sente que tá abandonando. Abandonando a nossa casa que não foi embora. Preferia que ela tivesse ido embora. Aí está lá... porque abandonei. A gente revê as pessoas. De tudo isso fica assim, a gente tem gratidão a Deus por ter nos poupado da morte naquele dia e esperança na reconstrução da nova comunidade.

Mudança de vida, reconhecimento pela coragem

Eu trabalhava fichada, e nas horas vagas eu mexia com cabelo. Aqui eu fiquei desempregada, aí comecei a postar no *facebook*. As pessoas começaram a me procurar e, graças a Deus, eu tenho bastante cliente. Um pintor que ficou sabendo da minha história, ele pintou um quadro sem conhecer o Bento, imaginando como foi naquele dia: eu na moto, as pessoas correndo, cachorro... E ele colocou uma pomba em cima, que ele diz que é o anjo de guarda que estava me guiando. É a Rita da moto, é a heroína do Bento, é a heroína de Bento Rodrigues, é a menina da moto e assim eu recebi vários prêmios também. Tenho várias medalhas... Recebi o diploma do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais. Fui no programa, lá em São Paulo. Fui lá e recebi também uma placa, de heroína. Recebi também uns prêmios: uma moto, uma compacta *print*, recebi um prêmio em dinheiro... Recebi várias medalhas: medalha da Ordem dos Advogados, medalha de Aldralha, poema. Alguém fez um poema também. Fui em vários programas, todo mundo me procurava: a heroína de Bento Rodrigues. Fiz documentário para a Espanha, para os Estados Unidos, agora há pouco tempo, agora fiz um na TVE. Às vezes eles me procuram para falar. Meu jeito é esse, sempre de ajudar. Eu gosto sempre de ajudar. Às vezes cortava o cabelo dos outros de graça, sempre gostei de ajudar as pessoas que mais precisam. Tanto é que eu entrei aqui em Mariana num grupo que chama Grupo de Ajuda. A gente ajuda as pessoas com cesta básica, a gente paga uma mensalidade de 20 reais por mês, e com esse dinheiro a gente compra mantimentos da cesta, empresta cadeira de banho, às vezes

alguém está com uma cama, doa para a gente e a gente doa para a pessoa... É um grupo de mulheres que ajudam as pessoas. Só isso mesmo.

8.3.2 Compreensões e análise: Colaboradora Rita

Rita, 38 anos, solteira, mãe de um filho. Vivia em Bento Rodrigues. Era auxiliar de serviços gerais, hoje é cabeleireira em domicílio. Crê em Deus.

Vou avisar o meu povo. Eu corri, peguei a minha moto e sai pela rua gritando, buzinando: "Corre, a barragem estourou! A barragem estourou, corre que a barragem estourou!"

Rita morava em Bento Rodrigues até o dia 5 de novembro de 2015. Trabalhava em uma empresa de replantio de árvores, que prestava serviços para a mineradora Samarco. Dona de bom ânimo diante da vida, é mãe de um menino, criança ainda, e tem uma moto, que é o transporte que a leva de casa para o trabalho e, ao final do dia, de volta para casa. No dia 5 de novembro, Rita não voltou para casa depois do trabalho.

O dia em que a vida mudou para sempre

"Quando cheguei lá no alto que eu vi. Quando olhei para trás não existia mais o Bento."

Rita estava com seus colegas, no meio do expediente, quando começaram a escutar um barulho forte, diferente. Demoraram um pouco para entender que barulho era aquele. Ela era a única mulher do grupo e, ao se dar conta de onde vinha aquele som tão intenso, enxergou a enxurrada de lama já vindo em sua direção e na direção dos colegas. Em vez de correr com os colegas para tentar se salvar, Rita pegou sua moto e seguiu em direção à lama, para avisar as pessoas; foi gritando para as pessoas correrem, porque a barragem tinha rompido. Os colegas de trabalho gritavam para que ela voltasse, para que se protegesse, com imenso susto diante de sua atitude. No entanto, ela seguiu o impulso de ir alertar as pessoas que estavam no caminho da lama. Depois disso, seguiu em direção à sua casa, gritando também e avisando as pessoas sobre o que estava acontecendo: "Eu só gritava, buzina, cheguei lá em casa, gritei: "Mãe, corre, chama todo mundo, que a barragem estourou, a barragem está vindo aí!" Rita ajudou a salvar a vida de várias pessoas.

O dia do desastre: vida em risco, imagens que ficam

"No dia do desastre eu estava trabalhando e eu ouvi no rádio que a barragem tinha estourado. Aí eu fui. Em vez de eu correr para o mato com os meus companheiros de serviço, eu corri para frente da lama. Eu atravessei na frente da lama gritando para as pessoas correrem: "Corre

que a barragem estourou, a barragem estourou..." Aí eu penso assim: Se eu tivesse parado para ver o que era, que eu nem sabia..., eu sabia que a barragem tinha estourado, eu sabia que o barulho era a lama chegando, mas eu não sabia que ela estava tão perto. Aí, eu paro para pensar, se eu tivesse parado para ver o que era, não teria dado tempo, ela teria me levado, porque assim que eu atravessasse a ponte ela arrancou a ponte. E se eu paro também para pensar... se eu não tivesse ido muitas pessoas tinham morrido."

Rita apresenta em seu relato o terror provocado pela lama, e uma situação em que agiu por impulso. Essa imagem ainda está forte, relatada com intensidade. Corria risco de vida e salvou muita gente. O impacto da situação ainda transparece em seu relato.

Perdas. Medo e, novamente, gratidão

Por pelo menos um ano a vivência daquele dia perturbou suas noites de sono. A insônia passou a fazer parte de sua vida, de modo que só conseguia dormir quando o dia já estava chegando.

Rita perdeu sua casa, seu trabalho, suas noites com um sono mais regular; perdeu tudo o que vinha agregado àquela vida que tinham em Bento: o espaço, a terra onde seu pai plantava, a calma, a vida como ela era; a rotina conhecida, a vizinhança com quem convivia.

Em Mariana, ela e sua família foram inicialmente morar em um apartamento alugado pela mineradora. Seu pai, no entanto, não conseguiu se adaptar no espaço de um apartamento, e assim sendo, solicitaram uma mudança de moradia, e passaram a viver em uma casa, também alugada pela Samarco.

Sua fala mostra um pouco dessa vivência:

"A vida na cidade é completamente diferente. É muito agitada, é corrida e lá em Bento Rodrigues a gente vai ter a nossa paz e sossego e aquela vida tranquila que a gente tinha. Eu fiquei um bom tempo sem dormir. Eu tive insônia. Agora que eu estou dormindo... Fiquei mais de ano sem dormir. Dormia depois das 5 horas da manhã. Ficava só pensando, ficava apreensiva, tinha medo. Paro às vezes e o meu corpo até arrepia... se eu tivesse parado, se não tivesse ido. O medo da noite é isso. Fico lembrando daquele momento e fico imaginando se eu tivesse parado, se eu não tivesse ido... mas se eu não tivesse ido, eu teria morrido porque ia achar que a minha família toda tinha morrido também."

E recorrentemente, aparece a gratidão:

"Às vezes paro e penso assim; mas depois penso... agradecer a Deus por ter me usado naquele momento, naquele dia, por eu ter ido e ter dado conta. Entendeu? Por ter dado conta. Eu já dei, aí eu já vou ficando mais tranquila e vou criando a minha paz. Comecei a pensar só em coisas boas e não no que aconteceu. Aí comecei a me achar, achar a mim mesma, interior."

O medo passou a fazer também da vida de seu filho:

“E o meu menino... até hoje ele tem medo de chuva, de barulho, tem medo de zueira... Ele fez tratamento psicológico... Ele pergunta se tem barragem aqui... Ele morre de medo de tudo. Na última sessão dele, escreveu tudo o que ele tinha medo, rasgou e jogou no lixo. Mas ainda tem medo; mas nós vamos trabalhando isso, né Lucas?”

Reconhecimento

Rita passou a ser conhecida como “a Rita da moto”, “a heroína do Bento”, “a heroína de Bento Rodrigues”, “a menina da moto”. Recebeu vários prêmios e medalhas, além do diploma concedido pelo Corpo de Bombeiros da Polícia Militar de Minas Gerais. Ganhou também uma moto. Foi convidada a participar de programas de televisão e a fazer documentários internacionais. Na sua simplicidade, nos conta:

“Meu jeito é esse, sempre de ajudar. Eu gosto sempre de ajudar. Às vezes cortava o cabelo dos outros de graça, sempre gostei de ajudar as pessoas que mais precisam.”

No decorrer da entrevista, escutando o relato sobre o dia 5 de novembro de 2015, a partir do momento em que a barragem se rompeu, onde ela estava, o que fazia e como reagiu, percebemos quão vivo o evento ainda se mantém em sua memória. Rita relata a situação com todos os detalhes – barulhos, o susto, o alerta para que as pessoas corressem, enquanto ela própria corria em direção ao terror. Voltou. O que a fez voltar? A necessidade de ajudar.

Rita viu a lama de perto, viu Bento Rodrigues desaparecendo, mas sentiu necessidade de ajudar. Além disso, não podia parar: se parasse, poderia ser alcançada pela lama. Ao lado de vários outros moradores de Bento, permanece no entorno do distrito, na mata, até o dia 6 de novembro, quando o resgate chegou. Relata o resgate e como então foram cuidados: receberam roupas, foram levados para um hotel e depois mudaram-se para casas. Ela está agradecida:

“Saímos em fila indiana e os ônibus vieram trazendo a gente; viemos para a Arena Mariana, aí da Arena fez a triagem; passamos o dia, tomamos banho, ganhamos a roupa; aí a tarde nós fomos para o hotel e ficamos um mês e três dias no hotel. Nós mudamos para uma casa na rua Santana número 140 e depois de lá nós viemos para esta casa onde estamos hoje.”

Gratidão, apesar de tudo

Hoje Rita vive em Mariana. Sua casa em Bento Rodrigues foi invadida pela lama de rejeitos, e apesar de ter permanecido em pé, já não é mais habitável. Lá ela morava com seus pais e seu filho. Continuaram vivendo juntos em Mariana, e o fato de toda a família ter sobrevivido a essa tragédia trouxe para ela o sentimento de imensa e permanente gratidão.

“Eu agradeço a Deus hoje pela vida, pela vida de cada um que sobreviveu naquele dia terrível, naquele tsunami de lama, e rezo também por aquelas pessoas que a lama levou, que não conseguiram sobreviver. Que elas tenham paz e que estejam em um bom lugar. Eu acho que chegou a hora, que chegou a hora deles e que se nós conseguimos sobreviver, é porque Deus tem um propósito bom para nossa vida. Entendeu? Se Deus quer algo melhor para a gente. Daí... esperança. Gratidão e esperança.”

O fato de ter ajudado alivia a ansiedade criada pelo desastre. Esse sentimento de gratidão e sua fé seguem presentes em sua vida. E Rita sempre agradece a Deus.

“(...) Penso assim, agradecer a Deus por ter me usado naquele momento, naquele dia por eu ter ido e ter dado conta. Entendeu? Por ter dado conta. Eu já dei, aí eu já vou ficando mais tranquila e vou criando a minha paz.”

Nova vida. Recomeços

Vivendo em Mariana, Rita passou a divulgar pelo *facebook* seus talentos como cabeleireira, e assim passou aos poucos a ter clientes, situação que também lhe trouxe um sentimento de gratidão:

“Eu trabalhava fichada e nas horas vagas eu mexia com cabelo. Aqui eu fiquei desempregada, aí comecei a postar no *facebook*... as pessoas começaram a me procurar e graças a Deus eu tenho bastante cliente.”

Um exercício para buscar calma

“Comecei a pensar só em coisas boas e não no que aconteceu. Aí comecei a me achar, achar a mim mesma, interior, entendeu?”

Para Rita, a fé em Deus, o fato de toda a sua família estar viva, todos juntos, e a capacidade de cultivar gratidão pela vida são, sem dúvida, fatores de proteção.

9 DISCUSSÃO GERAL

Reflexões sobre dor, sofrimento, perdas, luto e busca de sentido para seguir vivendo.

Como apresentamos no método, faremos uma ampliação do olhar, trazendo os temas que surgiram a partir da compreensão do relato de cada colaborador, cotejando com a literatura que seguirá baseando a pesquisa.

Para iniciar a discussão geral, trazemos o nome desta pesquisa, lembrando o que é essencialmente fundamental: “Perdas e morte como possibilidade de resignificação da vida: um olhar para experiências das pessoas afetadas pelo desastre de Mariana.” Esse tema provoca reflexões que dizem respeito à possibilidade ou não de encontrar sentido no viver após a ocorrência de um evento tão trágico como o que ocorreu no dia 5 de novembro de 2015 em Mariana, Minas Gerais, Brasil.

Pensamos nas palavras de Elizabeth Kübler-Ross (1998) em seu livro “A Roda da Vida”, em que se refere sobre o que aprendeu com seus pacientes, que estavam próximo de morrer. A autora conta que testemunhou essas pessoas refletindo sobre como havia sido sua vida, seu passado. Fala também que aprendeu com eles aquilo que é verdadeiramente significativo para a vida, e não para a morte. No desastre de Mariana, o que era importante e significativo para aqueles que perderam tanto? A ausência desses elementos significativos podem ter tornado quase insuportável continuar a viver a vida, como mostram os depoimentos. E também a forma como esse tanto que foi perdido, causou, sem dúvida, impacto para as pessoas que moravam em Bento Rodrigues.

Kübler-Ross aprendeu muito com pessoas que, na maioria das vezes, morreram em decorrência de doenças. O desastre nos coloca diante de uma perda dramática e repentina no sentido de ser “de uma hora para outra”. Aquilo que é precioso abre crateras quando é arrancado, quando deixa de existir. Diante de um acontecimento dessa magnitude, é fundamental refletir sobre o que de fato é significativo na vida enquanto valor para cada um.

Ainda considerando as falas de Kübler-Ross, transcrevemos o relato sobre uma vivência que teve na Polônia em um dos trabalhos de ajuda humanitária:

“A capacidade de recuperação daquela gente era infinita. Sua coragem e vontade de viver impressionavam-me fortemente. Em certas ocasiões, achava que sua determinação era a única responsável por seu alto índice de recuperação. A essência da existência delas, como constatei, e a de todas as criaturas vivas, era simplesmente seguir adiante, sobreviver. Para alguém que um dia escrevera que seu objetivo era entender o significado da vida, aquela era uma lição das mais profundas sobre a vida e o viver.” (K. ROSS, 1998, pp. 77-78).

A autora nos fala sobre a compreensão do significado da vida. Um dos questionamentos trazidos por essa pesquisa é como as pessoas fazem, fizeram e se fizeram para seguir vivendo após o rompimento da barragem de Fundão e de tantas perdas, feridas e dor. Kübler- Ross nos estimula a refletir sobre essa questão.

Viktor E. Frankl (1991), sobrevivente de campo de concentração, oferece olhares profundos sobre o viver e seu sentido.

“(...) A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar a sua vida de modo que tenha sentido. Pois não somente uma vida ativa tem sentido, em dando à pessoa a oportunidade de concretizar valores de forma criativa. Não há sentido apenas no gozo da vida, que permite à pessoa realizar valores na experiência do que é belo, na experiência da arte ou da natureza. Também há sentido naquela vida que – como no campo de concentração – dificilmente oferece uma chance de se realizar criativamente e em termos de experiência, mas que lhe reserva apenas uma possibilidade de configurar o sentido da existência, e que consiste precisamente na atitude com que a pessoa se coloca face à restrição forçada de fora sobre seu ser. (...). Mas não se encontra sentido apenas na realização de valores de criação e de experiência. Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo como o destino e a morte. Aflição e morte fazem parte da existência como um todo.” (FRANKL, 1991, pp. 67).

Seria essa uma forma de compreender resiliência? Pensamos que essa é uma realidade, que é, sim, a resiliência, um conceito sobre o qual falaremos mais adiante.

Frankl (1991) descreve a possibilidade de existir sentido na vivência também de situações de sofrimento, de restrição. E segue:

“Pela maneira como uma pessoa assume seu destino inevitável, assumindo com esse destino todo o sofrimento que se lhe impõe, revela-se, mesmo nas mais difíceis situações, mesmo no último minuto de sua vida, uma abundância de possibilidades de dar sentido existência. (...). A pessoa interiormente pode ser mais forte que seu destino exterior, e isto não somente no campo de concentração. Sempre, e em toda parte, a pessoa está colocada diante da decisão de transformar a sua situação de mero sofrimento numa realização interior de valores.” (FRANKL, 1991, pp. 68).

No decorrer deste trabalho, vamos considerar de que forma a busca por sentido e a resiliência estiverem presentes, ou não, nos depoimentos analisados.

Lama e sofrimento, lama e luto: a dor sentida por cada afetado

Não há dúvida de que as pessoas afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão viveram e ainda vivem momentos de dor, sofrimento, aflição, angústia, saudade. Vivem o luto

por tantas perdas. A partir da fala dos colaboradores dessa pesquisa, pudemos reconhecer a existência da lama que penetrou nos poros de cada um deles; e vivendo a devastação causada pelo rio de lama, cada um pôde responder emocionalmente a seu modo, valendo-se de seus recursos internos.

Considerando que o luto é um processo particular que vai sendo elaborado, os afetados seguem lidando com suas dores, com as marcas que suas perdas deixaram e, lamentavelmente, com uma realidade que contempla uma falta de restauração e de cuidado por parte dos responsáveis por tamanha tragédia. Uma restauração concreta – reconstrução de casas, a construção do Novo Bento, indenizações –, para ajudar a promover, quem sabe, uma possibilidade de parte de uma restauração emocional. Uma vez que essa falta de reparo segue por parte dos autores do desastre, a ferida fica permanentemente aberta, visível e ainda ferindo.

Diante da ferida, cada colaborador possui sua vivência e seu manejo, sua forma de então seguir vivendo.

“(...) O sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para o outro, de uma hora para outra. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento. (...) Cada qual tem sua própria vocação ou missão específica na vida; cada um precisa executar uma tarefa concreta, que está a exigir realização. Nisto a pessoa não pode ser substituída, nem pode sua vida ser repetida. Assim, a tarefa de cada um é tão singular como a sua oportunidade específica de levá-la a cabo.” (FRANKL, 1991, pp. 98).

Para Frankl (1991), podemos inclusive inverter a pergunta: no lugar de tentar reconhecer qual é o sentido da vida, devemos nos colocar no lugar de indagados, e verificar o que a vida espera de nós. Há aqui a compreensão de que cada situação que nos é apresentada é um desafio para o qual cada um deve trazer uma resposta.

A questão da falta de sentido da vida dos afetados é visível. Luiza viveu perdas e traz o fato de não aceitar, de não encontrar sentido, valor, no que recebeu e que é novo para ela, como roupas, por exemplo. O que era dela antes da tragédia tinha junto o esforço para adquirir, o valor sentimental, o que cada coisa e cada objeto representavam. O que é novo é um “tanto faz” para ela; não nutre de sentido sua vida:

“Não aceito, não aceito. Mesmo a vida mostrando o que aconteceu, para morrer você não vai levar nada; hoje você tem tudo, amanhã você não tem nada. Mesmo assim eu ainda sou apegada às minhas coisas. Não as coisas que eu tenho hoje... para mim tanto faz. Se quiser chegar lá em casa e quiser pegar minhas roupas e levar, pode... Mas as coisas que eu tinha... tal blusa! Uma blusa... Dá revolta. Era meu, sabe? Era meu. Eu trabalhei para adquirir, eu escolhi, eu ganhei...: Minha avó tinha me dado uma colcha, eu tinha 13 anos de idade. Foi a terceira coisa que eu

coloquei no armário. Eu nunca tinha usado. Eu nunca tinha colocado ela na cama. Estava guardada.” (Luiza, colaboradora).

Encontrando sentido na tragédia

Cada pessoa tem seu tempo de elaboração diante do que a vida lhe apresenta; há vivências belas e de imensa alegria, e há vivências que trazem extrema dor e sofrimento. A partir de características muito particulares, cada indivíduo reage a seu modo diante das situações. Frankl (1991) esclarece:

“Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado, e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação - podemos pensar numa doença incurável, como um câncer que não se pode mais operar - somos desafiados a mudar a nós próprios.” (FRANKL, 1991, pp.101).

Aqueles que foram afetados pelo mar de lama que correu após o rompimento da barragem de Fundão já não tinham como atuar e alterar aquela realidade. A barragem já havia rompido. Quando souberam do que havia acontecido, suas casas, seus bens, objetos, além de pessoas queridas já haviam sido levados pela lama, cobertos pelas imensas quantidades de rejeito de minério.

Lembramos a vivência de João: sua vida foi-se reconfigurando e ele foi solicitado pela vida, por toda a situação instaurada, a responder de uma forma que não era seu modo habitual de ser. Temos a seguinte colocação desse colaborador nesse sentido:

“Gente, se fosse fácil qualquer um fazia, não precisaria da gente estar aqui. Se a gente está aqui é porque não está sendo fácil. Então vamos lutar com unhas e dentes, porque existe lá no Bento pessoas humildes que não têm consciência de como lutar pelos direitos. Então, a gente tem que lutar pela gente e por essas pessoas.” (João, colaborador da pesquisa).

De dono de oficina mecânica em Mariana, BH, recatado e tímido, João passou a ser uma liderança significativa, e segue lutando; passou a ter vivências como a de se colocar diante de inúmeras famílias de afetados, de profissionais da Renova, em assembleias, de falar no microfone trazendo propostas, esclarecimentos; sendo líder. Esse movimento por restauração de propriedades, do que lhes é de direito, o levou até para fora do país, na busca por ajuda e reconhecimento da condição dos afetados. Sem dúvida, diante do que a vida lhe apresentou

naquela ocasião da tragédia, João passou a participar de um tipo de vida que solicitou mudanças em seu modo de ser.

As perdas e a morte como possibilidades de ressignificação da vida, de seu sentido, de nós mesmos, podem se configurar como algo a ser considerado, podendo trazer um movimento de mudança, de reconfiguração de um existir e, quem sabe, de descoberta de novos sentidos para o viver.

Noal (2020), psicóloga sanitária, profissional da Organização Médicos sem Fronteiras, pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (Cepedes/Fiocruz) e colaboradora da Fiocruz Brasília, traz reflexões sobre como encontrar sentido quando tudo que era essencial fica perdido após um desastre:

“É bem claro que os grandes desastres e epidemias nos dão a certeza de que a gente não tem o controle da vida e das formas de interagir com o mundo. Eles nos confrontam o tempo inteiro com o potencial da própria morte e também a morte da nossa rede socioafetiva. Isso faz com que a gente ressignifique a nossa forma de viver no mundo. A gente desperta um olhar de muito mais afeto àquilo que de fato é essencial, que são as relações humanas, o carinho, o cuidado. As relações socioafetivas são muito mais fortes do que as estruturas materiais. Dou um exemplo fazendo um comparativo com os grandes terremotos: tudo que era sólido, material e palpável pode se dissolver em minutos. Mas o que fica é o que de fato tem valor: aquele que cuida, que não é necessariamente alguém da família. Pode ser um vizinho, um colega de trabalho ou às vezes até uma pessoa que está doente no mesmo tempo que eu e que possibilita que eu me reconheça como ser humano no olhar do outro. Em eventos como esses, as relações humanas são alteradas de uma forma muito profunda, desde que a gente pare e se conecte com aquilo que podemos ressignificar. Do contrário, a gente só se conecta com a dor daquilo que foi perdido. (NOAL, 2020, pp. 19).”

A Psicologia: atuando no momento da dor em que a ausência inicial de sentido se faz presente; ajudando na elaboração da realidade que se apresenta

Vários psicólogos foram contratados pela Samarco na ocasião do rompimento da barragem de Fundão. No entanto, será que possuíam, ou possuem, o preparo para os atendimentos em uma situação como a de um desastre? Na parte inicial desta pesquisa, descrevemos o formato de atuação do psicólogo que atua em situações de emergências e desastres, as particularidades desse trabalho, e a presença essencial desses profissionais para o cuidado com a saúde mental das pessoas afetadas por tragédias.

Sendo uma área nova da Psicologia, ainda em construção, há que reconhecer algumas especificidades desse formato de atuação. Nomeada hoje de **A Psicologia na Gestão Integral de Riscos e Desastres**, trata-se de um atendimento que se dá em um *setting* bastante diferente do espaço de um consultório. Esse tipo de atendimento pode ocorrer no interior de um abrigo,

na casa da pessoa afetada, no banco de uma igreja, a céu aberto. Mantendo-se o mínimo de privacidade, esse trabalho ocorre em locais nos quais há profissionais de diversas áreas transitando, também atuando no desastre. É uma atuação na qual o psicólogo oferece sua escuta, coloca-se disponível.

Franco (2015) aponta características sobre esse espaço de atuação, lembrando que o foco é a saúde mental e as necessidades psicossociais das pessoas afetadas por desastres, além da busca por promover alívio ao sofrimento imediato e oferecer um apoio que seja efetivo para seu enfrentamento. Além disso, o autor reforça que essa área estuda os impactos psicológicos nos indivíduos e nos grupos; propõe-se a atuar no trabalho preventivo e de ajuda aos afetados por uma catástrofe, com o intuito de ajudá-los a reconstruir a vida no pós-desastre.

Existem algumas especificidades nessa área da Psicologia. No mesmo trabalho, o autor destaca que é uma atuação realizada em equipe; dessa forma, importa que o profissional possa respeitar e conhecer sua equipe, sendo capaz de perceber em cada colega as capacidades técnicas e as habilidades pessoais, assim como os limites individuais para atuar na emergência. Nesse contexto, é fundamental que o psicólogo possa manter um domínio emocional, mesmo atuando em uma situação que promove a desorganização, e na qual existe o caos. Para tanto, torna-se essencial o autoconhecimento e o autocuidado, o reconhecimento de seus próprios limites e do impacto do ocorrido em si mesmo.

Não somos “super heróis” enquanto profissionais, mas humanos que, ao nos dedicarmos ao atendimento na área de emergências e desastres, certamente seremos afetados, cada um na sua medida. Por esse motivo – e daí também a importância dessa atuação se dar em um contexto de equipe –, os coordenadores e responsáveis devem poder reconhecer o limite de cada profissional e rendê-los quando necessário, ou quando o tempo previsto para a atuação for atingido.

A ideia não é atuar, prestar ajuda e ser afetado de forma a voltar adoecido para casa. Nessa atividade, o atendimento em dupla, com tempo determinado para a retirada de cada um, são manejos importantes para a preservação da saúde de cada profissional. Somam-se a isso o autoconhecimento e a ocorrência, após um dia de trabalho, de encontros entre os membros da equipe para trocas, relatos, desabafos, desconpressões. Dessa maneira, o seguimento é favorecido, preservando a saúde psíquica e física dos profissionais, que assim poderão continuar realizando atendimentos no decorrer de todo o trabalho.

Naturalmente, o preparo desse profissional envolve também estudo e familiaridade com especificidades das situações de emergências e desastres – como tais ocorrências podem afetar as pessoas, o que documentos internacionais e nacionais propõem. Importa um preparo no

sentido de conhecer temas como perdas, morte e luto, e esses conceitos associados a mortes repentinas, trágicas, violentas, como as que ocorrem em catástrofes. Além disso, fazem parte dessa formação a participação em simulações de desastres em treinamentos frequentes: esses ensaios permitem que o profissional vislumbre o que deverá ser um momento real de catástrofe, e estimulam trocas, reflexões e crescimento do profissional.

Há hoje instituições e empresas que promovem cursos e formações na área de emergências e desastres; e há grupos já formados de profissionais que se interessam por essa área, e que estão em constante treinamento, mantendo-se preparados e atualizados para o caso de serem chamados a atuar em uma situação de emergência ou desastre.

Um desses grupos é o NIPED – Núcleo de Intervenções Psicológicas em Emergências e Desastres. Esta pesquisadora participa deste núcleo, que é composto por psicólogos que desejam se envolver com esse campo da Psicologia. Além de realizar simulados na entidade, esses profissionais treinam mensalmente por ocasião dos encontros do NIPED, para que estejam qualificados para prestar atendimento de qualidade, que é fundamentado em estudos e leituras.

O NIPED é um braço da empresa Prestar Cuidados em Psicologia, que atua nas áreas de perdas, morte e luto. Assim, como não poderia deixar de ser, há a parte da empresa que lida com morte e luto, e que se volta para vivências desse tipo causadas por situações de emergências e desastres.

Dessa forma, fica evidente a especificidade do papel do psicólogo na atuação em ocorrências trágicas como a do desastre de Mariana. Não vimos profissionais com tais características de preparo prestando atendimento aos afetados após o rompimento da barragem de Fundão.

João relata como foi o cuidado emocional oferecido pela mineradora já na Arena, local onde as famílias dos afetados se reuniram inicialmente:

“Na Arena, especificamente, houve sim uma mobilização, mas foi da população e dos funcionários da prefeitura, defesa civil, porque os funcionários mesmo da Samarco ficaram com receio de chegar até a Arena e serem até linchados, porque a revolta inicial da população com os funcionários da Samarco foi muito grande. Posteriormente, quando as pessoas, as famílias já estavam nos hotéis, eles começaram a aparecer; apareceram funcionários da Samarco mesmo, mas num trabalho mais de investigação, para ver como que a pessoa foi afetada, atingida. Qual a relação da pessoa com a comunidade em si, para evitar fraude, esse tipo de coisa. No meu caso, especificamente, foram dois funcionários da Samarco lá na minha casa e eu percebi que esses funcionários eram totalmente despreparados para a função que eles estavam exercendo. No caso, teria que ser um psicólogo ou alguma

pessoa da área. Só que os funcionários que chegaram lá na minha casa eram funcionários que trabalhavam em mina. E quando eu comecei a relatar para eles qual era a minha relação com o Bento, eles começaram até a se emocionar, começaram a chorar. Falei: O cara vem aqui para me dar uma assistência e acaba eu quase tendo que dar assistência pra ele.” (Colaborador João).

Segundo esse relato, o que foi oferecido foi uma visita investigativa, e não de apoio e acolhimento. Entre os profissionais enviados pela Samarco, não havia esse preparo para a atuação em emergências e desastres.

Como já foi anteriormente apresentado, considerando o que é proposto nos Primeiros Cuidados Psicológicos (PCPs), guia de apoio psicossocial recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015) para o atendimento a pessoas que passaram por experiências como a do rompimento da barragem de minério (como já contextualizado na parte inicial deste trabalho), lembramos que não era necessário que a mineradora enviasse psicólogos nos momentos iniciais para ajudar os afetados, mas sim pessoas qualificadas para não causar mais danos do que os que já estavam sendo vivenciados. Não foi o que aconteceu.

Um dos aspectos importantes que esse material dos PCPs apresenta é o fato de que esse primeiro cuidado não precisa ser oferecido apenas por psicólogos, mas sim por pessoas minimamente instrumentalizadas para acolher, ajudar e, talvez principalmente, não piorar a situação daquele ser humano em sofrimento, afetado pela catástrofe. Segundo Alves (2018), essas pessoas devem ser treinadas por profissionais da Psicologia que já estejam capacitados para essa atuação.

Assim sendo, os PCPs trazem orientações de cuidados básicos e fundamentais para que um primeiro suporte possa ser oferecido:

“Os PCPs são recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e por outros grupos de especialistas nacionais e internacionais. Trata-se de um guia de apoio psicossocial para indivíduos que viveram situações de extrema angústia e fornece diretrizes básicas para pessoas que prestam assistência pós-desastre. Entre os PCPs estão: oferecer apoio e cuidados práticos não invasivos; avaliar necessidades e preocupações; ajudar as pessoas a suprir necessidades básicas (comer, beber, informações); confortá-las e ajudá-las a ficar calmas; escutar sem pressionar a falar; auxiliar na busca de informações, serviços e suportes sociais; proteger de danos adicionais.” (ALVES, 2018, pp. 173).

Em seu depoimento, João complementa:

“Muito tempo depois, a Samarco fez uma parceria com a Prefeitura de Mariana e começou a dar assistência através do programa de saúde da família (...). Mas foi cerca de três meses depois, e cerca de 6 meses depois é que foram contratados alguns psicólogos a mais, porque os que tinham, para a demanda de Bento e Paracatu não estavam dando conta.

Então, foi cerca de 6 meses que a Samarco fez a parceria com a Prefeitura e contratou vários psicólogos para dar assistência mental às famílias.”

Esse relato mostra claramente a despreocupação, o descuido da mineradora com a população afetada. Não percebemos demonstração de urgência em cuidar. “Investigadores” são enviados prontamente, pois esses iriam cuidar dos interesses da empresa; o humano ferido não recebeu, por parte da Samarco, qualquer cuidado nesse sentido nos momentos iniciais do pós-desastre. No caso de João, ele foi procurar, individualmente, atendimento psicológico no Posto de Saúde que estava atendendo pessoas de Bento Rodrigues e de Paracatu, outro distrito de Mariana afetado. Portanto, já foi um contexto de atendimento clínico, e para João, a percepção foi de que as sessões com a psicóloga não o estavam ajudando. Para ele, seguir lutando pelos direitos de todos foi o que o sustentou, e o que o sustenta até agora.

É interessante pensar que os “cuidados” oferecidos são no interesse de checar o vínculo dos afetados com Bento Rodrigues, ver se as queixas procediam e não o que eles realmente precisavam. Esses investigadores mencionados são funcionários da Samarco, que entraram em contato com as pessoas afetadas para ver se os que estavam indo para hotéis eram efetivamente pessoas que viviam em Bento Rodrigues, se não haveria fraude nesse sentido. João relata:

“Posteriormente, quando [...] as famílias já estavam nos hotéis, eles começaram a aparecer, mas apareceram funcionários da Samarco mesmo, mas num trabalho mais de investigação para ver como que a pessoa foi afetada, atingida. Qual a relação da pessoa com a comunidade em si para evitar fraude.” (Colaborador João).

Leonardo Boff (1999), abordando a filologia da palavra cuidado, aponta:

“Como os filósofos nos advertem, as palavras estão grávidas de significados existenciais. (...). Alguns estudiosos derivam cuidado do latim cura. (...). Outros derivam cuidado de cogitare-cogitatus (...). O sentido de cogitare-cogitatus é o mesmo de cura: cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação. O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim. Passo então a dedicar-me a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida. Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Como dizíamos, estamos diante de uma atitude fundamental, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude. (...). A atitude de cuidado pode provocar preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade. (...). Com razão, o grande poeta latino Horácio (65-8 a.C.) podia finalmente observar: — o cuidado é o permanente companheiro do ser humano. Quer dizer: o cuidado sempre acompanha o ser humano porque este nunca deixará de amar e de se desvelar por alguém (primeiro sentido), nem deixará de se preocupar e de se inquietar pela pessoa amada (segundo sentido). Se

assim não fora, não se sentiria envolvido com ela e mostraria negligência e incúria por sua vida e destino. No limite, revelaria indiferença que é a morte do amor e do cuidado.” (BOFF, 1999, pp. 41, 42, 43).

Indiferença, falta de responsabilidade e descuido foram a conduta da mineradora em relação àqueles que viviam em Bento Rodrigues, afetados por essa tragédia.

Além do descaso e da falta de prontidão para ajudar, vindos da empresa Samarco, foram incontáveis perdas vividas pelas pessoas afetadas, com impacto particular para cada um. Entre o muito que foi perdido, aqueles que viviam em Bento Rodrigues perderam seu lar, o lugar que abrigou por tempos suas histórias. Sentir-se pertencendo a um lugar, a um espaço, a um ambiente importa para os seres humanos; essa sensação de pertencimento foi tirada pela lama de cada um que vivia em Bento. Há luto, há dor, há saudade.

9.1 O lugar que nos pertence

“O importante não é a casa onde moramos, mas onde, em nós, a casa mora.” (COUTO, 2002, pp.53).

Saber que determinada região é parte daquilo que forma a identidade de uma pessoa, juntamente com o que já foi vivido ali, nos mostra a relevância de um local que carrega tantos significados, para a construção do caminho de vida de cada pessoa.

Para a Psicologia Ambiental, segundo Moser (1998), doutor em Psicologia pela Universidade René Descartes-Paris V, professor de Psicologia Social e de Psicologia Ambiental, e diretor do Laboratório de Psicologia do Ambiente, é importante considerar o conceito de dimensão temporal, que diz respeito simultaneamente a uma projeção no futuro e a uma referência ao passado. A relação de uma pessoa com o tempo é fundamental para essa área da Psicologia, como esclarece esse autor:

“O indivíduo tem uma noção de tempo que está relacionada com a duração de sua vida, que é muito dependente do seu ciclo de vida. Mas enquanto o ciclo de vida de uma pessoa tem características bem peculiares, tantas outras coisas existem com ciclos de vida diferentes. (...) Em Psicologia Ambiental a noção de história é importante. Não se deve esquecer que é através de sua história residencial que o indivíduo constrói uma identidade residencial (conceito de place identity, introduzido por Proshansky), que vai influenciar a sua percepção e a sua avaliação da sua residência atual.” (MOSER, 1998, pp. 123-124).

Neto (2017) fala sobre a relação entre a casa, o lar e o habitante; traz a ideia de fenomenologia do espaço arquitetônico e do habitar, esclarecendo que a casa é o lugar onde uma pessoa se estabelece para a construção de um lar:

“A casa é um lugar concreto, pessoal e íntimo. Este reduto “pessoal” constitui, por sua vez, o domínio onde o morador é todo-poderoso: portas para dentro, somos donos e senhores. No nosso reino, transformamo-nos em “divindade criadora”, capaz de ditar as leis e estabelecer um novo mundo, um mundo próprio, dentro do próprio mundo.” (NETO, 2017).

Figura 3 – Os vestígios da lama revelam a altura a que chegou a inundação

Casa de ex-moradores de Bento Rodrigues, povoado interditado após a invasão da lama. Detalhes cuidadosos acima da porta, formato da janela, construção que indica a presença passada de vidas, gostos, modos de ser agora ausentes nesse lugar. O número da casa, revelando que havia o endereço de um lar no qual já não é possível estar.

Foto: Laura Antunes

“Quando a gente vai para lá, é uma liberdade, é um descanso... e, apesar de quando a gente está lá... a conversa sempre ser a mesma, não tem como. Às vezes eu falo: Vamos mudar de assunto... a gente está no Bento, vamos conversar de coisa boa, de coisa alegre. A gente muda de assunto. Passado um minuto, está na mesma conversa; sempre o dia 5, é sempre pós dia 5. Então, a gente ainda poder estar indo lá, eu falo que é o nosso psicólogo as nossas idas lá.” (Luiza, colaboradora).

Estabelecer um mundo próprio dentro do mundo maior em que todos vivemos, remete ao processo de construção de uma identidade de quem ali vive. Em Bento Rodrigues, não só o distrito todo foi destruído, o espaço com locais compartilhados pela comunidade, como escola, igreja, padaria: foi destruído também o local mais particular do viver e do estar de cada um. Desapareceram objetos particulares, pessoais, com histórias e memórias foram soterrados, devastados, perdidos; o cheiro do quarto, a pintura daquela parede, a forma daquele fogão, que guardava histórias de encontros, almoços, conversas. Foram destruídos os espaços onde as

peessoas dormiam, a sala onde se reuniam, o lar onde se sentiam seguras após um dia de trabalho; a casa de cada um, de cada família que ali foi constituída, entre aquelas paredes.

Disso que se foi – como nos leva a refletir a frase de Mia Couto (2002), apresentada acima – nos parece que o vínculo existe quando a casa mora em nós – o vínculo com esse espaço descrito por Neto (2017):

“O lar é a habitação individualizada, uma expressão da personalidade e dos modos de vida – integra memórias, imagens, desejos, temores, passado e presente –, comportando um conjunto de rituais, ritmos, pessoas e rotinas quotidianas, que se assumem como o reflexo do habitante, dos seus sonhos, esperanças, dramas e memórias. O habitante é quem há de definir a sua própria vida dentro da casa, com o intuito de aí formar um lar. É o destinatário final, aquele para quem se constrói e o que viabiliza a existência do espaço doméstico, será aquele que tomará posse da casa, manipulando-a e utilizando-a, de forma a adequá-la ao seu modo de vida e a preenchê-la de significado. Como referiu o poeta francês Noël Arnaud: “Sou o espaço onde me encontro”.” (NETO, 2017).

E o autor complementa:

“O lar é uma experiência intrapsicológica e pluridimensional, difícil de descrever de forma objetiva. Habitar implica psique e alma, para além das qualidades formais e quantificáveis. A psicologia revela-se um instrumento de especial relevo para a compreensão e interpretação do lar; a essência do lar, na sua dupla função de espelho e suporte da psique do seu habitante, tem sido representada mais amiúde na poesia, literatura, cinema ou pintura do que na arquitetura.” (NETO, 2017, s/p).

“A cidade não é um lugar. É a moldura de uma vida (...).” (COUTO, 2002).

Quando pensamos nas perdas dos afetados por essa tragédia, olhamos para um âmbito que não é do concreto, do arquitetônico. Como esclarece o autor citado acima, falar sobre lar nos aproxima de dimensões subjetivas e de significados não quantificáveis. É disso que estamos falando ao voltar nossos olhares para tantas perdas vividas, para o lugar que se foi. E podemos considerar o quão impactante é a realidade da não reconstrução que, até o momento em que elaboramos essa pesquisa, não havia sido cuidada, concretizada, respeitada. Para Couto (2002), “Quem constrói a casa não é quem a ergueu, mas quem nela mora.” Tudo o que os ex-moradores de Bento Rodrigues construíram eles perderam.

João comenta:

“O pior está sendo para as pessoas que estão em casas alugadas, que sabe que está numa casa que não é dela e que não tem uma definição de quando vai ter a casa dela de volta... Igual o meu vizinho lá, seu Rubens, pessoas que a vida inteira moraram no Bento. Sabe, a situação é muito difícil.

Acaba tipo cavando os caquinhos. Tipo mesmo garimpando vê se achava alguma coisa... Da minha casa mesmo não consegui nada. A única coisa que eu ia tirar era a frente do fogão e quando eu comecei, fui cavando a lama, fiquei umas duas horas cavando em volta do fogão, só para tirar a frente. Na hora em que eu comecei, ela soltou no que eu puxei, ela estilhaçou toda na minha mão. Quebrou igual vidro. Parece que a lama tem uma química que em contato com o metal.” (João, ex-morador de Bento Rodrigues).

"O dia que você for lá [...] você vai desabar porque, onde era a casa da gente, a única coisa que ficou foram os três paus da cobertura que eu fiz." (João, colaborador).

9.2 Renovar, reconstruir, restabelecer, ressignificar?

O que é a reconstrução desse espaço? É possível reconstruir? Nasceu uma Fundação, a Renova (APÊNDICE A), para atuar no sentido dessas reconstruções/reparações, com o propósito de amparar as pessoas afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão.

Podemos refletir sobre o significado de reconstruir. Para a Samarco, ou para a Fundação Renova, pode ser simplesmente construir uma casa para cada ex-morador de Bento; para cada pessoa afetada, no entanto, pode ser ter de volta a casa que se perdeu.

Considerando a atuação da Renova, vemos que ela foi criada para prestar atendimento aos afetados por esse desastre, renovar as propostas de atuação, porém sem levar em conta as necessidades dos afetados. O que então vem sendo renovado? Quem define, nessa trajetória, o que deve ser renovado?

Com qual alcance e profundidade poderá se dar o que está estabelecido como missão da Fundação Renova? Como que seria possível para essa Fundação e para a Samarco restabelecer os modos de vida e a organização das comunidades que perderam suas casas no dia 5 de novembro de 2015, como proposto na missão da Renova?

É possível restabelecer? Os enlutados afetados por essa tragédia não querem renovar, mas resgatar o que perderam. Ao pensarmos em luto, compreendemos que esse é um processo não de renovação, mas de ressignificações daquilo que foi perdido.

Reflexões ainda importantes dizem respeito ao fato de haver uma proposta de restituição, por parte da Renova, da Samarco, daquilo que foi perdido no desastre. Em relação a esse aspecto, é pertinente uma discussão que diz respeito a como é ser restituído de tudo o que se perde em uma tragédia como essa, além dos objetos, da casa. Para os afetados, isso sempre depende de cada um.

Portanto, há uma consideração importante no sentido daquilo que é restituído, o que pode ser restituído, e o que nunca será restituído. Essas questões estão presentes nas falas dos

três colaboradores desta pesquisa, e envolvem memórias, fotos, presentes que lembram pessoas que morreram e que, portanto, não há como serem resgatados. Ressaltamos que, para a empresa, trata-se de um ganho do âmbito material: é uma casa, qualquer casa. Para o afetado, é a casa que tinha, que nunca mais terá, ou a casa que imagina poder ter, próximo da que tinha, mas que a empresa não concederá. É valioso o cuidado no sentido de pensar em como aproximar a casa que a empresa concederá da casa de desejo de cada pessoa afetada.

Segue o que Luiza relata:

“Você tinha tudo... Antes de acontecer a gente tinha reformado lá em casa, trocado o forro eu mais minha mãe, pintado a casa toda, eu tinha arrumado um quarto, trocado a janela, colocado uma janela toda de vidro. Era de vidro mas era basculante. Coloquei um insulfilm azul, meu quarto estava todo pintadinho de azul e branco. Tinha uma parede que minha colega ia fazer o escudo do Cruzeiro e a raposa, para mim. A gente tinha trocado alguns móveis, comprado guarda-roupa novo para mim e para minha mãe, uma cama de casal para ela...”

Figura 4 – Casa de moradores de Bento Rodrigues, invadida pela lama

O significado do espaço/lugar na construção da subjetividade: onde havia vida, agora há mato e lama

Foto: Laura Antunes

Fazemos aqui uma breve reflexão sobre a foto acima, que mostra o que restou dessa construção. Uma paisagem devastada, com mato e lama que invadiram o espaço. Detalhes na porta revelam cuidados e gostos dos moradores. A casa que já foi um lar é agora uma ruína, uma sucessão de espaços vazios que revelam falta de cuidados e evidenciam um crime: a

tragédia causada pela pelo transbordamento de lama contaminada, que impede a continuidade de qualquer forma de vida nessa região.

9.3 Bento Rodrigues: também um lar

“A cidade não é um lugar. É a moldura de uma vida (...).”
(COUTO, 2002, s/p).

De um local fazem parte pessoas, que formam vínculos entre si; fazem parte lugares de convivência, entre os quais uma rotina é vivida, e ajuda na construção da sensação de pertencimento e de uma identidade. A história de uma vida, registros de vivências em família, com vizinhos, tudo isso mora lá, em Bento Rodrigues. Uma bela fala de Padre Nunes (COUTO, 2002, s/p) ilustra o valor da terra: “Quando a terra se converte num altar, a vida se transforma numa reza.” Lá em Bento, a lama que soterrou a cidade não soterrou a necessidade dos afetados de buscar seu lugar, sua identidade, um local onde encontrem sentido e pertencimento.

Acompanhando os relatos de João, vemos como importa a nossa “casa”, no sentido de ser o lugar onde nos construímos e passamos a nos reconhecer, com tudo o que dela faz parte. A expressão casa está sendo usada aqui de maneira ampla e profunda, na qual estão incluídos os espaços físicos, as relações, as vivências em grupo, o crescimento, as construções de cada ser. Sentir-se pertencendo e saber que determinado local abriga sua história, suas memórias, tem importância para os seres humanos. Há esse lugar que pertence a cada um. Para os afetados, suas casas estavam e estão em Bento Rodrigues. João conta: “As visitas a Bento é a parte essencial. Para manter a relação da gente aqui, a gente vai ter que lutar cada dia.” O refúgio onde ele se reconhece, onde existe sua história, está em Bento Rodrigues.

João, particularmente, morava já em Mariana; no entanto, tinha uma casa em Bento e a de seus pais era lá também. Interessante constatar que quando João fala de casa, fala na casa verdadeira, a sua, em Bento. A que foi alugada em Mariana não tem para ele o sentido de sua casa.

Ele conta também sobre a preocupação com o sentimento dos mais velhos nesse sentido: “Os meus amigos mais idosos [...] estão deslocados dentro da cidade, [...] sempre viveram no interior e não têm uma relação com a cidade.” Observamos nesse relato o valor do local em que se vive: a relação deles como lugar de habitação era com o subdistrito de Bento Rodrigues. Lá fazia sentido, em Mariana não faz.

9.4 Enraizamento e identidade

A Psicologia Ambiental tem como uma de suas características o fato de trazer para dentro do contexto psicológico o âmbito do espaço que é físico, concreto. Ao longo do tempo, autores nessa área de conhecimento vêm-se esforçando em sua produção para compreender a relação entre a pessoa e o ambiente. Há a constatação de que ambos formam uma unidade, de modo que o ambiente determina o humano, assim como é determinado por esse humano. Dessa maneira, quando olhamos para um ambiente físico, não é possível distanciar-lo de suas características simbólicas; o âmbito social de um ambiente passa a ser valorizado, assim como seu aspecto temporal, e não apenas a faceta espacial propriamente dita.

Massola e Svartman (2018) esclarecem que, levando em conta essa perspectiva de tempo, uma dimensão psicológica passa a ser considerada, podendo ser compreendida como um processo não consciente no qual os indivíduos separam suas experiências em presente, passado e futuro; e tais divisões atuam no sentido de conferir ordem, coerência e significado à vida de cada um.

Citando Lewin (1970), esses autores consideram que o espaço de vida de uma pessoa não é restrito ao momento presente, mas abrange de fato passado, presente e futuro, e essas formas temporais variam de pessoa para pessoa, e são importantes diante da formação de expectativas, objetivos, circunstâncias projetadas. Assim, a forma como um ambiente é percebido pode ser alterada pela passagem do tempo, pois surge uma familiaridade com o entorno, de modo que um espaço inicialmente indiferente para alguém pode passar a ser um lugar denso em significados. (Massola e Svartman, 2018).

Podemos ponderar que as pessoas que viviam em Bento Rodrigues experimentaram um passado com qualidades particulares, tanto sociais como relacionais. E que, após o rompimento da barragem de Fundão, passaram a viver um presente novo, não planejado ou desejado, não familiar, que os desalojou de um viver específico e que é permeado por espera, dor, saudade e luta. Ao mesmo tempo, encontram-se diante de um futuro incerto, ficando à mercê de processos e decisões de autoridades que se encontram fora do alcance de seus maiores esforços.. Ao abordar o aspecto do desenvolvimento do potencial humano, Massola e Svartman (2018) lembram que, ao transitar entre passado, presente e futuro, considerando nessa trajetória o aspecto da tradição, pode ocorrer o processo de estruturação do sentido de uma identidade pessoal.

A Psicologia Ambiental apresenta diante dessas questões o conceito de enraizamento. Recorrendo a Zimbardo e Boyd (2008), os autores afirmam que um passado positivo confere

raízes, um chão e um sentido de continuidade da vida. Diante da questão de sentido, um lar não é apenas um espaço físico, concreto, mas é envolto em aspectos sociais. O fundamento de um lar está relacionado à capacidade recorrente de investimento de sentido. Não falamos, portanto do universo palpável, objetivo. Enraizamento seria o resultado da recorrência dos ambientes vividos, fazendo existir uma familiaridade com os lugares habitados, da qual, eventualmente, o indivíduo não possui tanta consciência. Fundamentalmente, enraizamento significa estar completamente em casa.

Ainda segundo Massola e Svartman (2018), a palavra enraizamento é usada também como algo que sustenta a identidade pessoal e coletiva, em contextos percebidos como estáveis e integrados ao viver e às experiências de cada pessoa. Além disso, há autores que consideram que indivíduos enraizados podem ficar restritos, no sentido de serem incapazes de vincular-se a ambientes que venham a se tornar seus, mas que não sejam seu próprio ambiente de vida e de trabalho. Diante dessa colocação, seria lícito supor que as pessoas que viviam em Bento Rodrigues antes do rompimento da barragem possam apresentar tal incapacidade? Ou alguns deles? Ponderamos, no entanto, que o fato é que foram arrancados de sua vida e de seu ambiente conhecido, familiar, o ambiente que preservava suas histórias, que nutria suas raízes.

Seguindo as reflexões sobre o lugar que cada um habita e o sentido desse lugar na vida de cada pessoa, observamos a definição de Hummon (1992) sobre o sentido de lugar, que seriam as percepções subjetivas que as pessoas desenvolvem a respeito de seus ambientes e seus sentimentos sobre eles. Algumas pessoas, esclarece ainda, apresentam um sentido de lugar enraizado, ou seja, marcado e caracterizado por um significativo sentido de lar. (Massola e Svartman, 2018).

A área da Psicologia Social também apresentou estudos sobre questões relacionadas ao lar, mostrando que muitas vezes a vivência de um lar está profundamente vinculada à experiência de receptividade que cada ser humano pode experimentar estando na companhia de outras pessoas.

Observando o aspecto simbólico dessas vivências, Massola e Svartman (2018) consideram que seria muito difícil uma criança sentir sua casa como um espaço de segurança e pertencimento sem que houvesse uma vivência inicial de ser acolhida pelos outros. Essa constatação mostra que a casa traz uma experiência que é de caráter simbólico. Nesse sentido, o socioambiente, será compreendido abrangendo a cultura de um povo, sua história e estrutura política, sua memória coletiva. Traz também em seu significado a junção das dimensões do espaço e do tempo.

Lembrando considerações de Winnicott, autor de base dessa pesquisa, diante do processo de desenvolvimento infantil, entende-se que:

“A experiência positiva de lar deriva de um ambiente que seja percebido como seguro e estável, capaz de reconhecer a singularidade da criança. A experiência de um lugar como um lar deriva, portanto, de relações com outras pessoas nas quais essas experiências foram vividas e abrigadas em um determinado espaço, progredindo gradualmente para formas mais complexas de vínculo.” (...) Na casa humana, o tempo da convivência que apoia receptividade e acolhimento é também o espaço que simboliza vínculos anteriores e que se pretende manter ao longo de gerações. Dessa experiência hospitaleira inicial pode-se compreender sua derivação metafórica para a noção de comunidade como lar ampliado: a busca de um espaço público e coletivo que seja capaz de sustentar experiências de pertencimento, ou seja, formas de convivência que refletem segurança, respeito e participação pessoal”. (MASSOLA e SVARTMAN, 2018, s/p).

O acolhimento em um lar pode se dar em cada casa; portanto, ampliando essa experiência, olhamos para quão acolhidos e sustentados podemos nos sentir em uma comunidade. Assim era em Bento Rodrigues: a vivência de pertencimento nesse espaço coletivo, comunitário, marcava a vida daqueles que viviam ali. Quando a lama devastou essa comunidade, as pessoas perderam suas casas, seus lares, seus amigos – a vivência de sentir-se em casa naquela localidade que chama de Bento. Deriva fortemente desse vínculo que existia com o distrito a necessidade das pessoas que moravam ali voltarem recorrentemente para Bento. Ali está sua identidade, é a essa região que pertencem, mesmo após a passagem da lama e a destruição por ela deixada. É ali que se reconhecem, que celebram, que choram, que resgatam lembranças, que resgatam sua identidade. Essas pessoas são de Bento Rodrigues.

Nesse contexto de comunidade, Massola e Svartman (2018) entendem que tanto a atividade individual quanto a coletiva transformam o ambiente e, nesse movimento, estabelecem maneiras pelas quais esse ambiente vai sendo apropriado. Há um sentimento de comunidade que se origina, de maneira profunda, em características daquele lugar, tanto objetivas quanto subjetivas.

A importância da estrutura de uma comunidade, desse espaço físico, porém simbólico e subjetivo, é validada quando consideramos que

“Se a ação do indivíduo e do grupo é parte fundamental da estrutura espaço-temporal, tal estrutura pode promover uma desorganização da identidade psicossocial e coletiva ou, ao contrário, permitir que esta identidade esteja ancorada em um passado que a alimenta, em um presente que se abre em caminhos sobre os quais pode deliberar, e em um futuro que sente como produto de suas decisões individuais e coletivas.” (...) “A participação que permite ao indivíduo sentir-se responsável pelo futuro de sua coletividade e, ao mesmo tempo,

herdeiro de um passado comum, o qual engloba a memória coletiva, a cultura e o lugar, é relacionada por alguns autores a formas de enraizamento que fomentam o crescimento pessoal e coletivo.” (MASSOLA e SVARTMAN, 2018, s/p).

Sobre sentir-se enraizado e vivenciar o sentido de casa, Terkenli (1995) esclarece:

"[...] o enraizamento carrega o potencial de ampliar o ser pessoal ao tornar os indivíduos cômicos de sua própria identidade e das possibilidades que surgem ao estender suas circunstâncias de vida ao passado e ao futuro" (TERKENLI, 1995, pp. 330).

Autores que se debruçaram sobre esses temas argumentam ainda que sentir-se em casa, dependendo de permanecer naquele lugar e de ter familiaridade com esse, está relacionado com a possibilidade de cada indivíduo perceber que o lugar é seu, considerando aqui que tanto cada pessoa quanto o coletivo sentem-se responsáveis pela existência daquele lugar.

Concretamente, Bento Rodrigues não existe mais. O lugar que era daquelas pessoas que ali viviam foi transformado em uma área não mais habitável. No entanto, para as pessoas afetadas, pela destruição da comunidade que ali existia, “tudo morava ali”. E elas voltam para reencontrar, voltam para estar em Bento Rodrigues. Talvez possamos ponderar que o mundo interno e externo dessas pessoas ruiu. As memórias ficam preservadas, uma vez que objetos, pertences, casas foram destruídos; e as raízes, de alguma forma, em algum lugar interno, permanecem, sendo sempre buscadas. Estar em Bento é uma forma potente de reconexão com suas raízes.

Simone Weil (2001) aponta uma forma de definir enraizamento:

"Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro" (WEIL, 2001, pp. 43). A memória, como ferramenta fundamental dos seres humanos, tem conseguido manter vivos tesouros do passado, na vida das pessoas que viviam em Bento Rodrigues; seu presente não traz até agora a possibilidade de construir bons pressentimentos para o futuro.

A construção de um futuro depende do alimento oferecido pelo passado; um passado, no entanto, digerido e relacionado às questões do presente. (Massola e Svartman, 2018). Esse presente, para as pessoas afetadas por tanta lama, foi para sempre alterado. Seu futuro segue imprevisível.

Relatos da colaboradora Luiza mostram a força do lugar, o Bento:

“Cada momento lá é inexplicável, é inexplicável(...). Em julho de 2016 nós fizemos a primeira festa de São Bento lá. Em setembro a gente celebrou Nossa Senhora das Mercês; nós fizemos também uma

quadrilha lá. Semana Santa a gente também faz lá. Tudo que a gente pode é feito lá. Os aniversários do pessoal do grupo também são lá. Começou com a minha prima Olivia o de 8 anos dela, a gente fez lá. Ano passado teve bodas de ouro, de prata, teve bodas de prata lá (...). A gente costuma falar: Deus dá ajuda, São Bento olhando por nós... e assim a gente vai. Só mesmo a primeira festa que foi clandestinamente. Foi à pé, tivemos que fazer uma caminhadinha boa, mas...valeu à pena. Cada momento naquele lugar vale à pena. Também a gente já teve sepultamento, lá. Como diz: Na alegria e na tristeza é lá que a gente está. Para comemorar, para rir, para chorar... é lá que é o nosso ponto de apoio, o nosso porto seguro. Para o coração mesmo, para acalmar a alma... Para tentar seguir em frente. A gente fala que na semana a gente tem que ir para lá para recarregar as energias porque se não... não vai.”

Bento Rodrigues traz segurança, é um ponto de apoio. Muitos dos afetados pela tragédia querem estar lá, seja para comemorar, seja para chorar, rir, estar uns com os outros. Dessa maneira, vão construindo o sentido do que foi destruído. Tornam verdadeiras as palavras ditas no casamento: juntos na alegria e na tristeza. A cidade se configura como um lar, que acolhe, que nos faz pertencer.

Lembrando o conceito proposto por Winnicott (1990), direcionado ao bebê, *holding* diz respeito a uma sustentação física e emocional, nos braços da mãe e na subjetividade materna. Considerando a constituição do bebê como uma unidade, podemos aproximar tal conceito ao contexto de um lar. Falamos em acolhimento quando consideramos uma casa que é lar, e que nos oferece também uma espécie de *holding* – nos configura, nos deixa seguros, confortáveis e acolhidos, recebendo o contorno de paredes concretas, mas de todo o significado presente ali, nessa estrutura configurada como lar.

Entre as formas de definir o conceito, Winnicott apresenta o *holding* também como uma forma de provimento e um suporte ambiental suficientemente bons. Portanto, essa ideia se apresenta além do que a figura materna pode oferecer, trazendo uma perspectiva de cuidado que inclui outros fatores presentes e implícitos no início da vida de um bebê. Podem estar incluídos nessa consideração os cuidados de pai, avós, pediatras, terapeutas, médicos, grupos sociais e até o momento histórico vivido. (Winnicott, 1990).

Dessa forma, para além do universo infantil, compreendemos que a sustentação diz respeito também ao local que habitamos, onde nos recolhemos, nos encontramos internamente, tendo continência por parte desse espaço que é lar, familiar e essencial.

Luiza traz outra fala significativa para pensarmos sobre a importância da casa como lar, do lugar como lar, e desse aspecto tão subjetivo, com memórias e histórias registradas, e que trazem sentido para a existência:

“A gente anda lá no Bento, nas ruas... Cada cantinho, cada momento, que a gente viveu dentro de casa. (...)Principalmente o que a gente viveu ali, não tem como esquecer... Eu espero não esquecer... O que mantém a gente de pé são as lembranças. Conforta.”

9.5 Memórias, lembranças, pedaços da vida

Para as pessoas afetadas pelo desastre em Mariana, as memórias estão em Bento e não podem ser apagadas. Além disso, as memórias não deixam que esqueçam o que já viveram – o mundo esquece, esquecerá, eles não. A lama não conseguiu soterrar as memórias. Percebemos então que cada pedaço da casa lembra o que foi deles. Essa pode ser a explicação da necessidade de irem para Bento. É como se esses pedaços ajudem a trazer a vivência do local que lhes pertencia.

Repetindo a frase de Couto (2002) “A cidade não é um lugar. É a moldura de uma vida (...)”, os afetados encontram em Bento a moldura de suas vidas, e sem ela é difícil seguir vivendo. Estar em Bento Rodrigues traz para eles o chão, simbólica e literalmente; traz contorno, pertença; é lá que reconhecem sua identidade, reencontram quem são e seguem melhor. Além de lar, de familiaridade, a cidade resgata sua identidade

Percebemos também que cada pedaço pode estar guardando, escondendo o que foi deles, e que esperam encontrar, como Luiza esclarece:

“Até hoje a gente vai lá, na esperança também de achar alguma coisa. Tem um lugar lá perto da igreja, próximo da casa do meu avô... a imagem de São Bento está ali. E minha prima um dia sonhou também com a imagem de São Bento nesse mesmo lugar. Falei: Acho que é um sinal. Acho que já passou da hora da gente começar a cavar. Para tentar achar alguma coisa. (...) Meu avô tinha colocado um banco de pedra, de um lado e um banco de pedra do outro. Era onde a gente dormia aos domingos; a gente costuma falar que se o banco de pedra falasse... ele tinha muita história... (risos). Ali o povo sentava para namorar, ali eram os encontros (...). A gente já começou a cavoucar e realmente nós achamos o banco. São pequenas coisas que trazem um alento. Você tem que continuar, tem que ficar (...).”

Fica claro que há a necessidade de cavar para encontrar coisas da vida; localizar qualquer objeto ou referência é importante, pois assim os afetados encontram um pedacinho do que tinham, do que viveram, do que já foram. De quem são. Perderam sua casa, seus pertences, e também suas referências e sua identidade.

A dor e o impacto que ver, pela primeira vez, o que foi perdido, e como a lama levou o que dizia respeito ao existir de cada um, transparecem na fala de Luiza:

“Ver o Bento destruído igual foi com a lama, nossa, me doeu demais, principalmente no dia 06 quando clareou, 6 horas da manhã que clareou, que eu vi, que eu pude ver o que realmente tinha acontecido, cheguei

numa parte mais alta, justamente a parte que eu vi foi onde era a minha casa, onde era a minha rua. E você não vê nada. Você só vê barro, só vê lama, não vê um pedacinho do telhado, porque ele já não existia, já não existe mais... e ter sobrado um pedaço da parede... Você não conseguir achar uma agulha sua para contar a história, não conseguir recuperar essa agulha.” Nada mais do que a constituição, no sentido da história de vida, de sua identidade, estava lá.

9.6 Perdas lá fora, perdas dentro de cada um: perda de si

Seguindo as reflexões em relação a tanto que se perdeu, e à possibilidade de elaboração de cada um diante daquilo que passou a faltar, há também a questão do lidar com uma situação que traz não só a perda de pessoas queridas, mas também a perda de lugares, de histórias, de registros, de distritos inteiros. Bento acabou, e foi por pouco que as pessoas afetadas não acabaram também. Talvez alguns deles sintam que se perderam também, porque o que os constitui se perdeu.

Em publicação (sem data) colocada na página do Instituto Quatro Estações, “Luto e Cuidados Paliativos”, Franco aborda essa questão da perda de si:

“Quando alguém que amamos morre, não é somente a perda do outro que leva ao sofrimento psicológico e fisiológico (...), mas a perda do *self*. Reconstruir o novo *self* leva tempo, à medida que a perda do amado é incorporada a este novo *self*, pós-luto. Assim, uma parte do *self* inclui espaço para uma relação contínua com o morto. Trata-se de fazer a transição entre amar as pessoas que estão presentes para amá-las em sua ausência.” (FRANCO, s/d).

O trecho citado fala para perda do outro; podemos incluir nessa reflexão perdas como aquelas sofridas pelos ex-moradores de Bento Rodrigues. É preciso reconstruir-se, configurando um novo *self* sem aquilo que lhes era constituinte. Como a autora comenta, esse é um trabalho psíquico que leva tempo.

9.7 Construindo memórias

Falando sobre novas memórias já construídas, Luiza diz:

“Também ajuda. Acho que ajuda até mais do que memórias antigas. O que mantém a gente de pé. O fato de a gente estar podendo ir lá, poder estar se lembrando; quando a gente está lá, mesmo que a gente vê tudo destruído, não parece que está, sabe? Não sei explicar o aspecto, mas... a gente vai na casa da minha tia. Não é a minha casa, mas ao mesmo tempo parece que é.”

Podemos constatar que cada pedaço lembra o que foi deles, e por isso precisam ir lá, estar em Bento Rodrigues. É como se o fragmento trouxesse a memória do todo. Falaremos sobre a questão da memória e sua importância, um tema central nesta pesquisa.

Para Rita, outra colaboradora desta pesquisa, os afetados nutrem desejos comuns, como revela em sua fala:

“A comunidade toda focada naquilo que todo mundo quer: Voltar para a nova comunidade e cada um ter a sua casa, ter seu terreno no tamanho que era e a vida que a gente tinha. A vida digna, a vida nossa, a casa nossa, tudo nosso. Porque a gente está cuidando de uma coisa que não é nossa... Entendeu?...Eu fui lá em Bento acho que tinha um mês e pouco... Mas aí eu voltei várias vezes. Fui em missa, fui na semana santa e... só assim mesmo que eu vou. Fui em um casamento lá em dezembro de bodas (...) de prata... só assim que eu vou; mas ficar que nem o pessoal vai, não vou não. Dá saudade, a gente vai dar uma voltalá. E é bom... Mas a gente acaba voltando triste porque a gente sente que a gente está abandonando. Abandonando a nossa casa que não foi embora. Preferia que ela tivesse ido embora. Aí está lá... porque abandonei. A gente revê as pessoas...

Vemos a sensação de abandono da casa que lhe pertencia e que, apesar da lama não ter destruído, impossibilitou que continuasse sendo habitada. Sua casa concreta continua, mas o lar e o entorno não estão mais lá. Em volta só há destruição. A casa ainda existe, mas já não pode ser dela, cuidada por ela: não podem viver em Bento, pois está interditada, e porque os vizinhos, amigos, a escola, a vida da cidade não estão mais lá. Há então o sentimento de abandono, de estar deixando lá algo de seu, que é seu. Preferia que a casa tivesse sido destruída, pois assim não elicitaria a memória do que não pode mais ser habitado, embora esteja concretamente lá – falta a moldura. Podemos notar a dor nessa fala. Se sua casa já não existisse concretamente naquele local, não haveria o sentimento de estar deixando para trás algo de seu – o que é seu, concreta e subjetivamente –, algo que não tem mais permissão para lá estar, para ser seu.

A lama que entrou em Bento Rodrigues é tóxica, composta por rejeitos de minério; alojou-se nas construções que não foram destruídas, ou nas partes das casas e estruturas que permaneceram em pé. O subdistrito passou a ser considerado área de alto risco; após a tragédia, foi instalada uma sirene para alertar trabalhadores e visitantes caso ocorra um novo rompimento da barragem. Soando a sirene, quem estiver na região tem o tempo de dez minutos para sair e chegar até a arte mais alta, local considerado um ponto de apoio. (www.g1.globo.com).

O rastro da lama trouxe a impossibilidade de seguir uma vida ali, de retomar a história naquele lugar, com aquela comunidade. Além do mundo que cada um constrói em sua casa, seu lar, é nítida a importância das relações sociais, da vida entre amigos e pessoas daquele distrito.

A Psicologia Ambiental traz reflexões importantes sobre os lugares em que construímos, que habitamos, onde vivemos. O olhar vai além da casa de cada um, alcança a vizinhança, abrange a cidade.

9.8 A vida após a lama

Com base na proposta de construção do Novo Bento, discutida em oficinas realizadas pela Fundação Renova e com a participação de ex-moradores de Bento Rodrigues, foi decidida a planta do que será construído. Nesse trabalho, foram submetidas solicitações dos afetados no sentido de que no Novo Bento, e na medida do possível, as construções sejam semelhantes da casa que cada um possuía. Além disso, foi solicitado que seja reproduzida a estrutura de vizinhança, de modo a preservar os vizinhos com os quais as pessoas já tinham relações mais estreitas de confiança, de ajuda mútua. Assim, um morador do Novo Bento deveria ter ao lado da sua residência o mesmo vizinho que tinha em Bento Rodrigues.

Podemos perceber o significado dessa solicitação ao avaliar importância da sensação de pertença, de comunidade, de familiaridade com o que se tinha, buscando preservar ao máximo esse formato na construção do Novo Bento. Mas podemos ponderar: será que querem o Novo Bento? Ou estarão buscando a Bento que perderam? Talvez por isso seja tão difícil chegar num acordo: por desejarem aquilo que perderam.

9.9 O espaço, o lugar e as pessoas: uma dimensão identitária

Nas relações entre indivíduo e ambiente, a Psicologia Ambiental contribui procurando compreender percepções, ações, atitudes, significados ambientais, considerando sempre o comportamento relacionado a essas relações. Jerônimo e Souza (2015) apontam para o seguinte:

“Entre os ambientes significativos, encontram-se as categorias de espaço e lugar, que são indicadas por Tuan (1980) pelas experiências comuns. Portanto, segundo o autor, o espaço é a liberdade e o lugar é a segurança. A noção de espaço e lugar ocupa uma posição central na compreensão das relações do homem com seu ambiente. Seguindo as categorias acima, a Psicologia Ambiental descreve que os lugares, para o sujeito, traduzem sua subjetividade. Pazzini e Jerônimo (2009) salientam que os lugares manifestam a obra simbólica do ser humano, contemplando a emoção e a afetividade da sua vida. Conforme Gonçalves (2002), o lugar apresenta-se carregado de emoções, pois é nesse ambiente constituído que as marcas são postas e configuram-se nas lembranças. Lugar e subjetividade se entrelaçam pelas vivências, pelo simbolismo, pela dimensão identitária que faz parte tanto da singularidade de cada sujeito, quanto da manifestação das aprendizagens sociais que se voltam ao coletivo. O sujeito constrói e revela sua subjetividade nos lugares” (JERÔNIMO E SOUZA, 2015, pp. 81-82).

A fala de Luiza considera sem sentido a vida como ela é agora, e revela a perda de identidade sentida e a visceral relevância do lugar – daquele lugar, vivido, familiar, seu – para a existência de bem-estar e de um existir possível:

“Perdeu sua identidade! Perdeu tudo que você viveu. Você nasceu de novo, está começando a vida, só que não é o nascer de novo... você escolheu que vai viver. Entendeu? Você não fez essa escolha. Você não tem essa escolha. É isso que você vai passar e você só consegue enxergar coisas ruins, não consegue enxergar uma coisa boa, um final feliz. É assim, um dia após o outro, é só pretexto, é só chateação é... o que vier é lucro... Alegria? Só quando a gente está no Bento. Quando a gente está lá, quando dá meia noite a gente vai até a igreja de São Bento, reza, canta, cada hora tem um momento para fazer um discurso, choro... e assim vai levando. É só lá.” (Luiza, ex-moradora de Bento, colaboradora).

Recortando também um trecho da fala da colaboradora Rita, já apresentada anteriormente, sublinhamos a importância do lar que é seu, da vida de cada um que foi construída ali, no lugar habitado por cada um, e por aquela comunidade:

“Voltar para a nova comunidade e cada um ter a sua casa, ter seu terreno no tamanho que era e a vida que a gente tinha. A vida digna, a vida nossa, a casa nossa, tudo nosso.” (Rita, ex-moradora de Bento).

Moser (1998) apresenta um campo de atuação que diz respeito à qualidade do ambiente, um conceito que nessa discussão deve ser considerado, tendo em vista o impacto que a mudança delugar exerce sobre as pessoas afetadas pelo desastre:

“São estudos que tratam do estresse mas, sobretudo, tratam da noção de conforto, algo que vem se tornando cada vez mais importante. Quais são as variáveis que vão fazer o indivíduo se sentir confortável ou desconfortável? Quais são as variáveis do contexto físico e social que contribuem para o conforto? (...) São, também, analisadas as estratégias de adaptação, ou seja, como o indivíduo se adapta ao ambiente físico construído que existe ao seu redor? Quais são as modalidades e limites da adaptação? Limites também, porque se o ambiente for muito constringente, o indivíduo pode não ser capaz de se adaptar; ou então pode se adaptar a um custo tão alto que poderá desenvolver problemas de saúde.” (MOSER, 1998, pp.128-129).

Rita relata que após os momentos iniciais na Arena Mariana, para onde foram direcionados após o desastre, seguiram para hotéis em Mariana, onde permaneceram por um mês e três dias. As vivências que se seguiram dialogam diretamente com o que Moser nos apresenta em seus esclarecimentos:

“Nós mudamos para uma casa na rua Santana número 140 e depois de lá nós viemos para esta casa onde estamos hoje. Porque lá era apartamento e meu pai estava passando mal, não estava dando conta, porque ele mexia com a roça, com as coisas dele, aí a gente veio para esta casa.” (Rita, ex-moradora de Bento Rodrigues, colaboradora).

No âmbito do social, do local onde se vive, da casa inserida nesse contexto, podemos lembrar a Deusa Héstia, da mitologia grega. Héstia é a deusa do lar, do que torna doméstico e familiar.

Tendo como símbolo o fogo de uma lareira, Héstia representava esse fogo que deveria permanecer aceso nos lares gregos, simbolizando a luz e a paz que nessas casas deveriam existir. Era um fogo sagrado que deveria estar sempre aceso. Uma de suas principais funções era justamente a de revelar o quão significativo era o lar na vida social, política e também religiosa na Grécia da antiguidade. (APOLLONIO, 2017).

“Era também do fogo de Héstia que era levado pelos colonos gregos quando iam fundar uma nova cidade noutra região, como o fizeram na Magna Grécia, no sul de Itália, ou na Ásia Menor.

O fogo grego iluminava assim a nova pátria, criando um elo de ligação sentimental e religioso. Héstia simbolizava também, por isso, a continuidade da civilização, a força divina que estava acima das revoluções, destruições, invasões ou migrações.” (APOLLONIO, 2017, Héstia - Deusa do Lar e do Fogo Interior, s/p).

A imagem de força divina, que supera, por exemplo, as destruições, alinha-se com o movimento dos afetados. Podemos relacionar o que a deusa traz em sua representação com uma proteção quase sagrada – uma representação próxima do sentimento atribuído ao lugar pelos ex-moradores de Bento Rodrigues: uma terra que lhes confere sentido, mesmo destruída; que os reconecta com quem eram, com a vida que viviam ali. Há algo que precisa ser encontrado em Bento Rodrigues, para que a vida fora de lá seja suportável. Há a saudade, a sensação de pertencimento e a dor. As visitas a Bento Rodrigues costumam nutrir a alma. Os afetados vão diversas vezes a Bento porque lá encontram nutrição para a alma.

O sentido mais profundo de lar está na oração a Héstia:

“Ó Grande Héstia
Deusa do Fogo Interior;
O fogo que habita
nossos Corações;
Chamo tua presença
a tua Força e a tua Paz;
Para Consagrar em todos nós
o nosso Sagrado Lar Interior;
Aquele que nos aquece,
que nos ilumina e nos transforma.
Esteja presente na
nossa Centelha Divina;
Nos abençoando, nos protegendo
e nos transformando no caminho
do Amor, da Luz e da Verdade.

Abençoada seja.” (Héstia - Deusa do Lar e do Fogo Interior, 2017, s/p).

Ir para Bento, ocupar o espaço, fazer festa e marcar presença é uma parte da luta dos afetados. É uma forma de protesto em relação à Samarco – um protesto não violento, mas que tem impacto, porque é como se fosse uma celebração religiosa, e traz esse significado aos que viviam ali. Percebemos claramente a importância do lugar: ir para Bento Rodrigues é o que traz a vários deles a energia positiva para continuar lutando: há ritual, há pertença, há grupo, há compartilhamento.

Há um fato simbólico nesse contexto: entre as construções que conseguiram permanecer em Bento, a Igreja ficou em pé. O sagrado é uma das dimensões da construção de significado, do transcendente, de uma dimensão espiritual. Saporetti (2014) aponta que a espiritualidade se configura como uma das características do ser humano, e está relacionada ao modo como o indivíduo busca e expressa sentido e significado, assim como sua conexão com o momento vivido, o si mesmo, a natureza no seu entorno, aquilo que é significativo e sagrado. Abordando a questão da espiritualidade de forma mais aprofundada, Saporetti (2014) nos leva a refletir:

“Espírito, do latim, *spiritus* significa sopro e se refere a algo que dá ao corpo sua força vital e demonstra a relação do plano material com a dimensão imaterial, oculta, divina ou sobrenatural que anima a matéria. O espírito conecta o ser humano a sua dimensão divina e transcendente. Nesse sentido, alguns autores, denominam a Espiritualidade como “Uma qualidade do indivíduo cuja vida interior é orientada para Deus, o Sobrenatural, ou o Sagrado.” (...) A Espiritualidade move-se para além da ciência e da religião instituída. Ela é considerada mais primordial, mais pura e mais diretamente relacionada com a alma em sua relação com o divino. (...). A percepção espiritual da realidade dá ao indivíduo uma dimensão mais ampla de significados para os eventos da vida diária e pode reorganizar subjetivamente suas experiências. (...) Tal percepção pode ser atingida através de rituais religiosos, da prece, meditação, da arte, do contato com a natureza, do sofrimento e até mesmo do relacionamento amoroso.” (SAPORETTI, 2014, www.alemsoma.wordpress.com, s/p).

Figura 5 – Simbolicamente, a Igreja de Bento sobreviveu à enxurrada de lama

Local onde fica a capela, que foi interditada; seu espaço passou a ser usado para a colocação de objetos e pertences que foram sendo encontrados em Bento Rodrigues.

Foto: Laura Antunes

9.10 Mundo rompido, a lama que invade a existência

“Lá em cima que nós nos encontramos e olhamos para baixo, e vimos que o Bento estava assim, acabado. A gente só gritava: “Gente, porque que fizeram isso com a gente?” (...). A gente gritava. Estávamos desesperados no dia. Foi isso que aconteceu no dia 05 de novembro.” (Rita, ex-moradora de Bento Rodrigues, colaboradora).

O desastre provoca o desabamento do ambiente, de um mundo que era seguro, presumido. Parkes (2009) retoma o conceito de mundo presumido. Para o autor, “a crença de que uma visão particular do mundo é verdadeira e real a coloca em uma categoria mental bastante diferente de outros tipos de construção.” (PARKES, 2009, pp. 44). É essa mesma crença que dá às pessoas a capacidade de reconhecer o mundo à sua volta e de lidar com ele com confiança.

Lembramos ainda da importância do que nos aponta Parkes (1998) nesse sentido:

“Todos nós, desde que nascemos, construímos internamente um modelo de mundo, um conjunto de concepções que servem de base àquilo que conhecemos como mundo, e, então, planejamos nosso comportamento de acordo com esse mundo. Como ele é baseado na realidade, representa uma base sólida e útil para pensamentos e comportamentos. Confiamos na precisão dessas concepções para nos manter orientados no mundo e para controlar nossa vida. Qualquer coisa que coloque em dúvida esse modelo nos incapacita. [...] Surgem discrepâncias entre o mundo que é e o que deveria ser (com base em nosso modelo interno) que não podem ser ignoradas. [...] Somente quando a mudança é muito grande e importante ou quando ameaça profundamente as concepções já arraigadas é que pode trazer dificuldades ou causar resistência. [...] Uma vez que confiamos na posse de um modelo interno acurado do mundo para nos manter em segurança, as pessoas que tiverem perdido a confiança nesse modelo sentem-se inseguras. (PARKES, 1998, pp. 115-116).

Em seus relatos, João chega a minúcias – o detalhamento de como ficaram as coisas quando a lama tomou conta de tudo. Em que lugar estava cada coisa quando a vida conhecida foi interrompida. Refere-se às toalhas deixadas por sua mãe, como um fazer habitual e cheio de carinho; à panela em cima do fogão... Parece um filme, a vida estava acontecendo. Há um registro claro da cena em que o filme parou quando a lama invadiu, o que estava sendo vivido: o lidar cotidiano e o relacionamento entre parentes e amigos, ilustrados por um fazer diário com cuidados, hábitos e gestos, como o de deixar toalhas limpas e o de colocar a panela no fogão. Veja – a cena ficou congelada na memória de cada afetado, mas a lama continuou correndo, levando tudo consigo ou soterrando o que tinha sido vivido até aí.

Franco (2012) cita Parkes, a partir do livro “*Psycho-social transition: a field of study*”, escrito por ele em 1971:

“Parkes definiu mundo presumido como o único mundo que o ser humano efetivamente conhece, que inclui tudo o que sabe ou pensa saber. Inclui sua interpretação do passado, as expectativas do futuro, planos e preconceitos. Qualquer um desses aspectos terá forçosamente que mudar quando ocorrer uma mudança na vida da pessoa.” (FRANCO, 2012, pp. 57).

Neste trabalho, recorreremos ao conceito de Winnicott sobre a vivência do “*holding*”, fundamental para o bebê na construção de um primeiro ambiente habitável, que confere segurança, previsibilidade.

“O aconchego do colo materno é visto por Winnicott como o primeiro lugar para ser, como primeiro “mundo” que o bebê – em processo contínuo de conquista do sentimento de ser – poderá habitar. Os braços envoltivos da mãe, o ato de segurar o bebê, adaptando-se ao seu corpo, a adequação às suas necessidades, a proteção quanto às agressões fisiológicas são elementos que referem-se ao que Winnicott nomeia de *holding*. Como afirma Dias (2003, p. 209), no *holding* “[...] devem estar incluídas todas as experiências sensoriais necessárias: ser envolvido, por todos os lados, num abraço vivo, que tem temperatura e ritmo e que faz o bebê sentir tanto o corpo da mãe como o seu próprio corpo”. (RIBEIRO, 2019, pp. 237).

Ribeiro (2019) segue ainda, esclarecendo o resultado de um *holding* satisfatório para o bebê:

“O bebê a que nos referimos acima, por ter tido um *holding* satisfatório, pôde ser desencarregado de levar em conta o ambiente e “seguir em frente”, sem ter de ficar em estado de alerta em relação a ameaças de invasões ambientais. Em suma: um ambiente que propicia um *holding* satisfatório tem como (...) “resultado uma continuidade da existência, que se transforma num senso de existir, num senso de *self* e finalmente, resulta em autonomia” (Winnicott, 1967a/2005, p. 11).” (RIBEIRO, 2019, pp. 237).

Os conceitos de Winnicott nessa pesquisa fundamentam as reflexões sobre a possibilidade de construção de um senso de segurança, de um ambiente confiável e de cuidados suficientemente bons, para o desenvolvimento de pessoas saudáveis (psíquica, fisicamente, integrados) e com possibilidade de seguir assim amadurecendo. Analogamente, é extremamente importante que o *holding* seja reconhecido e oferecido às pessoas afetadas nessa situação em que perdas rompem com o ambiente presumido, em que o que é básico, seguro, confiável está sob ameaça.

Com base nos conceitos de Winnicott, para que exista um ambiente suficientemente bom deve existir também uma mãe suficientemente boa. Essa mãe é presente e disponível – para o bebê, dentro da teoria de Winnicott –, capaz de atender às suas demandas, conter

angústias, amparar emocionalmente e aceitar suas manifestações; oferece, portanto, bem-estar e compreensão, e assim a criança pode aprender a sentir-se segura.

Em situações de emergências e desastres, são os profissionais da Psicologia que ajudarão a constituir um ambiente suficientemente bom – um ambiente no qual há um esforço no sentido de construir confiança e um nível mínimo de segurança em um momento em que, para o afetado, essa qualidade deixou de existir. Cabe a esses profissionais construir um mundo presumível, no qual o que é conhecido, familiar, seguro e confiável é importante para as pessoas. O desastre destrói a possibilidade de o mundo seguir nesse formato, especialmente no momento pós-desastre, em que o mundo, a vida e as pessoas estão em ruínas.

Em Bento Rodrigues, o que era conhecido não é mais encontrado; o ambiente agora transformado não confere conforto, não é mais reconhecível. O que sobrou após a passagem da lama? Como as pessoas que viviam ali agora podem sentir-se seguras? Como retratar caminhos? Observamos sentimentos humanos, juntos, entrelaçados, diante de uma ocorrência difícil de mensurar. Vemos seres humanos perplexos diante de uma situação de desastre.

“Nós fomos sentido ao Bento e eu chorando, a dona que estava dentro do carro falando que tinha derrubado a escola, que todos tinham morrido, que a menininha dela tinha morrido... Aí fomos naquele desespero, eu acelerando, (...) acelerando e chorando.” (Luiza, colaboradora).

Figura 6 – Essa marcou nossas vidas

Imagem de uma das casas por onde a lama passou, no subdistrito de Bento Rodrigues

Foto: Laura Antunes

9.11 O que os sustenta

A força da religiosidade

As pessoas afetadas por esse desastre buscaram a espiritualidade como conforto para um mundo em ruínas.

Pessini (2018) observa que há inúmeras publicações abordando o tema da dimensão espiritual do ser humano, e que essa é uma parte a ser considerada como relevante quando se trata dos cuidados no contexto da saúde das pessoas.

O autor relata que a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), oferece uma visão integral do ser humano, apresentando o âmbito espiritual dos indivíduos, não deixando de lado o fato de que fazem parte da identidade de uma pessoa aspectos culturais, psicológicos, sociais, biológicos e espirituais de sua existência. (PESSINI, 2018). Segundo Pessini: “A dimensão da espiritualidade é fator de bem-estar, conforto, esperança e saúde.” (PESSINI, 2018, pp. 59).

Pasa (2013) apresenta questões relacionadas à fé e à espiritualidade como aspectos importantes na busca por uma vida plena, com sentido, mesmo em momentos de sofrimento:

“A vida concreta é transcendida por meio de significados que lhe são atribuídos, tais como: vida como presente de Deus, por exemplo, ou como lugar em que a pessoa é posta à prova ou mesmo abençoada e protegida. (...) Para Fowler, 270 a fé é uma postura existencial dinâmica que molda as ações e reações do indivíduo em face do mundo.²⁷¹ Então, é a fé que vai ajudar a formar as iniciativas e respostas, nortear e orientar as interpretações, ou seja, a fé torna-se integrante do caráter da pessoa, revelando sua influência diante da perda de alguém amado. Nesse sentido, as práticas religiosas e a confiança em Deus são fortes propiciadoras de resiliência. (PASA, 2013, pp. 107-108).

Vemos que a espiritualidade - a fé, a confiança em um deus —, ajudam a suportar a tragédia. Apesar da desgraça, Luiza consegue acreditar que é um milagre terem morrido poucas pessoas. Relata a fuga, que parecia impossível, dada a sua deficiência física. “Só pode ser um milagre”, segundo suas palavras.

“A gente costuma falar que é o que mantém a gente viva. É a fé. E você vê que é obra de Deus porque era muita gente para ter morrido. O pai da minha prima morava no final da minha rua, tinha um sítiozinho. Ele estava com um problema no joelho, então andava com uma muleta. Fazia tudo no sítio, mas com a muleta. Não conseguia andar direito. A saída dele foi um milagre. Ele levantou para tomar água e ouviu um barulho: Foi a barragem que estourou. E ele sempre falava que a barragem ia estourar. Ele sempre tinha um plano de fuga dele. Ele desceu e foi embora. Foi no curral... já estava aquele barulho, o gado

começou a pisotear, ele conseguiu sair, pulou a mesma cerca, perdeu a muleta, arrumou um pedaço de pau... Foi Deus que tirou ele porque, sabe, uma coisa que não tem explicação. É Deus mesmo, Deus existe, Deus estava ali.” (Luiza, colaboradora).

Ao falar sobre a influência da fé e das religiões nos processos de resiliência, Pasa (2013) apresenta a posição de Rocca Larrosa:

“As religiões sempre tentaram dar uma resposta, uma interpretação aos limites, um sentido para poder lidar com e superar as situações adversas: escassez, catástrofes, carências ou sofrimentos diante do sentimento de desvalimento, de desproteção e de necessidade de ajuda que o ser humano tem diante do sofrimento. A crença em um ser superior, ou em vários, constitui uma força de sustentação, recuperação e de proteção e atinge a solidão interior de quem padece a dor, motivando um vínculo com um outro transcendente com quem se pode contar e se sentir seguro. Esse poder contar com o ser superior e sua presença é um pilar fundamental para o consolo, especialmente diante de situações difíceis: pobreza, violência, morte e luto.” (PASA, 2013, pp. 108).

A fala da colaboradora Rita nos remete também a esse aspecto da fé, da religiosidade, diante do desastre que afetou suas vidas:

“Eu agradeço a Deus hoje pela vida, pela vida de cada um que sobreviveu naquele dia terrível, naquele tsunami de lama, e rezo também por aquelas pessoas que a lama levou, que não conseguiram sobreviver. Que elas tenham paz e que estejam em um bom lugar. Eu acho que chegou a hora, que chegou a hora deles e que se nós conseguimos sobreviver, é porque Deus tem um propósito bom para nossa vida. Se Deus quer algo melhor para a gente. Daí... esperança. Gratidão e esperança.” (Rita, ex-moradora de Bento).

Ajudar o próximo: solidariedade

Situações de desastres são de tal qualidade que é comum que, em meio ao caos, as pessoas reúnam forças para ajudar, para atuar em prol de um bem comum. Constatamos que, além da prefeitura e, naturalmente, da Defesa Civil, houve um movimento de apoio por parte daqueles que foram afetados. Como já foi mencionado, aqueles que estão precisando de ajuda mostram forças e reações para também ajudar. É importante refletir sobre tais atitudes de ajuda, compreendendo que a força que move as pessoas para ajudar-se mutuamente pode ser uma forma de resiliência diante de uma situação de desastre. Falaremos ainda sobre o tema resiliência.

A capacidade de ser solidário relaciona-se com a capacidade de enxergar o outro e de preocupar-se com ele; relaciona-se com uma ação de ajudar a quem precisa. Parkes (1998) esclarece que pessoas recém-enlutadas podem sentir necessidade de receber apoio e proteção

daqueles que também tenham passado pela mesma perda, e que também estejam vivendo um momento bastante desorganizado. Essa situação faz com que possam receber a segurança que aos poucos os ajudará a aceitar a realidade que estão vivendo depois do desastre.

É possível perceber pessoas que, enquanto estão vivenciando dor e sofrimento, demonstram a capacidade de olhar para a dor do outro, de preocupar-se com o sofrimento alheio. A partir da fala de João, podemos observar que pessoas saem de suas dores e prestam atenção ao momento de dificuldade do outro, sendo solidárias:

“Aos trancos e barrancos nós vamos tocando a vida porque a gente vê que tem pessoas que dependem da gente. Então, a gente precisa estar bem para fortalecer essas pessoas também.”

Albuquerque (1997) acredita que os vizinhos, familiares e amigos são de importância fundamental para prestar ajuda às pessoas afetadas por um desastre. Reforça, entretanto, que tal suporte seria especialmente fundamental nos primeiros momentos: assim que possível, a ajuda aos afetados deve ser gerenciada pelas instituições que, supostamente, dispõem de maior organização e conhecimento técnico para dar continuidade ao suporte.

As memórias

“(...) Principalmente o que a gente viveu ali, não tem como esquecer... Eu espero não esquecer... O que mantém a gente de pé são as lembranças. Conforta.” (Luiza, colaboradora).

“Eu lembro até do cheiro da minha casa. O cheiro do meu quarto. Eu lembro. Lembro do cheiro da comida lá de casa, fogão a lenha, cheiro da fumaça... Eu sinto tudo isso... Minha casa... a casa não foi toda embora.” (Rita, colaboradora).

Jerônimo e Souza (2015) esclarecem:

“Conforme Gonçalves (2002), o lugar apresenta-se carregado de emoções, pois é nesse ambiente constituído que as marcas são postas e configuram-se nas lembranças.” (JERÔNIMO E SOUZA, 2015, pp. 82).

Há situações vividas e que puderam ficar preservadas na memória. Há também, e é importante mencionar, novas memórias que já começaram a ser construídas, novas imagens, novos registros a serem guardados. Essas novas memórias estão sendo geradas a partir daquilo que as pessoas podem ver e viver agora. Cada ida a Bento Rodrigues, cada encontro, almoço ou cerimônia comemorativa realizada lá produz vivências que poderão ser lembradas. Estar em Bento Rodrigues, mesmo na condição em que o distrito se encontra, passar lá o Carnaval...

Cada experiência vivida ali constrói situações que poderão ser lembradas mesmo após a passagem da lama.

No entanto, mesmo podendo estar em Bento Rodrigues, agora é um Bento cheio de mato e de lama. Há lama pelas paredes das casas, por cima das ruas. Além de destruir a natureza, de poluir o rio Doce, de matar espécies de peixes, a lama encobriu a história de muitas pessoas. Serão sempre comparados o velho e o novo Bento. Será que pode ser chamado de Bento? Assim como pessoas não podem ser substituídas, memórias também não.

A lama esconde tudo o que era importante para eles, os objetos, os móveis; ela cobre as memórias. É preciso tirar a lama, mesmo com tudo destruído, e ver o que eram posses de todo tipo. João fala de um Bento, mesmo que destruído, sem a lama. A lama esconde tudo, aquilo que é mais caro para eles.

Essa que falamos é uma lama tóxica, corrosiva, que destrói. Lama venenosa, cheia de rejeitos, suja. Não é o húmus que virará ser humano. Fontelles (2016) apresenta um trecho do livro “Saber Cuidar, ética do humano – compaixão pela terra” de Leonardo Boff (1999); refletimos então sobre o que nutre e faz nascer o ser, em oposição a essa lama que inviabiliza vidas de qualquer espécie:

“Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: essa criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil.” (FONTELLES, 2016, www.chegadetrabalho infantil.org.br, s/p).

Rita fala sobre suas memórias – algumas perdidas, outras preservadas – como algo que ajuda a confortar a dor e a saudade:

“Sabe o que alivia? Porque já existia *facebook*. Tudo a gente passava no *facebook*. Quando a gente tem saudade, a gente vai lá no *facebook*, fotos, vídeos... a gente revive o passado, aquilo que a gente viveu. Isso vai amenizar a saudade. (...) E eu tinha mania, tudo eu registro, até hoje.

Tudo que eu faço, eu gravo. Mas só que é assim: Dele, (de seu filho) eu tinha um celular que tinha gravação dele desde o nascimento até 5 anos e o celular foi embora na lama. Aí eu perdi essas memórias. Mas a sorte é que eu tinha uns vídeos dele no *facebook*. E vídeos de todas as minhas amizades, porque a gente fazia sempre reunião... a gente revê, às vezes. Coloquei *youtube* na televisão, aí a gente vê pela televisão. Assim que a gente via lá em casa. Que a gente vivia (...). Ele (seu filho) tem o álbum dele desde o nascimento. Aí a gente revive a saudade, não é?" (Rita, colaboradora).

A lama não levou as memórias. Os objetos transicionais já não estão acessíveis, mas a memória cumpre esse papel. Conforta, aproxima.

A colaboradora Luiza perdeu todas as fotos, conta com dor o que representavam para ela. Perdeu as memórias. Quer sua casa de volta, quando acorda se imagina na sua cama, mas a verdade não é essa: a vida é feita também de memórias que a lama não levou. Luiza traz também consigo memórias que doloridas, que não gosta de recordar:

"Mais uma memória que fica; uma memória que dói de lembrar. É muito estranho, igual ao Flavinho. Ele morava duas casas abaixo da minha. Ele brincava de bicicleta o dia inteiro. No final de semana que eu estava em casa, ele passava e eu costumava brincar: "Ei Flavinho cruzeirense!" Aí ele entrava: "Eu não sou cruzeirense, sou corintiano." Então, você saber que não está aqui mais... Uma criança, 7 anos... Tinha todo um futuro pela frente. (...) Você não tem aquele sorriso mais, é muito louco, é isso. Essas coisas assim eu não gosto de pensar." (Luiza, ex-moradora de Bento).

O colaborador João conta: "A luta da gente, agora é para que seja retirada a lama para que a gente tenha uma relação com o local, sem a lama. A lama não fazia parte do Bento. Então, a lama não pode permanecer ali."

João nos fala sobre objetos que foram preservados, por não estarem em Bento Rodrigues no dia do desastre, e menciona também o desejo de encontrar coisas que trazem lembranças. Muitas coisas pertencem a Bento, ficam na memória, o que não cabe em lugar nenhum da memória é a lama, que nunca esteve lá e nunca deveria estar. Mas está. Além disso, conta sobre outras perdas que envolvem histórias, memórias: "A lembrança que a gente tinha da minha avó, as lembranças, foram todas perdidas. Fotos..."

Em uma situação de desastre como a de Bento Rodrigues/Mariana, em que desaparece todo o ambiente físico com o qual as pessoas estão familiarizadas, e que provê objetos transicionais, é preciso refletir não apenas sobre a desestruturação psíquica decorrente, mas também sobre a carência de recursos para a ocorrência de fenômenos transicionais, uma vez que inúmeras perdas materiais aconteceram com o desastre.

Objetos, fotos, roupas são investidos de afeto e podem ajudar nos processos de elaboração das perdas como objetos transicionais, contribuindo para suportar e enfrentar as ausências. Muito foi perdido, mas muito foi preservado internamente, “virtualmente”, salvos em *facebook*, ou salvos concretamente. De qualquer maneira, os relatos revelam que as memórias confortam, acolhem, ajudam a vivenciar a saudade. Há memórias doloridas, mais difíceis de lembrar. Mas a lama não devastou todas as lembranças, e as pessoas afetadas foram capazes de encontrar algum sustento emocional com a ajuda desses tesouros preservados na memória.

Apoio psicológico

Não há dúvidas da importância do apoio psicológico aos afetados por emergências e desastres. Esse suporte no momento pós-desastre e no formato de um atendimento psicológico de longo prazo, sendo psicoterapia, são fundamentais para a restauração de cada indivíduo. A psicoterapia é indicada conforme a necessidade de cada pessoa: muitas das que passam por situações dessa qualidade possuem recursos internos para ir elaborando a situação trágica.

Na visão de Mattedi (2008), é tarefa específica da área da Psicologia

“compreender e intervir sobre os efeitos que o desastre exerce sobre o comportamento individual e sobre as condições subjetivas dos indivíduos afetados pelo desastre. Ele vê a intervenção psicológica como um meio de se produzir e aplicar conhecimentos que possam ser utilizados para cuidar dos efeitos negativos causados pela ruptura da vida cotidiana, cuidando da saúde mental dos indivíduos que, direta ou indiretamente, foram afetados.” (MATTEDI, 2008, texto: “Desastres naturais: perdas e reações psicológicas de vítimas de enchente em Teresina-PI”, pp. 4).

Além de sequelas físicas, visíveis, a vivência do desastre, desse crime ambiental, sem dúvida deixa marcas para a vida toda. Pessoas das mais variadas idades foram afetadas, e muitas precisaram de atendimento psicológico, psiquiátrico ou ambos. Precisaram de ajuda.

Em matéria publicada no site do jornal Estado de Minas, no dia 24 de fevereiro de 2019, Lilian Monteiro aborda o tema do suporte emocional. A autora esclarece que há três anos o acompanhamento das famílias afetadas pelo drama do rompimento da barragem de Fundão vinha sendo realizado pela Rede de Atenção Psicossocial de Mariana. No início de 2016, a equipe Conviver foi constituída para atender às demandas, e a comunidade passou a ter acesso a uma rede de suporte multiprofissional composto por terapeutas ocupacionais, psiquiatras e psicólogos, além de assistentes sociais e arteterapeutas. Os atendimentos na Rede de Atenção Psicossocial de Mariana foram revelando que as crianças e os adolescentes, assim como os

adultos, passaram por significativas mudanças no seu modo de vida, no sentimento de pertencimento e na sua rotina. Como todas as pessoas afetadas, enfrentaram um deslocamento forçado, saindo de áreas rurais para a cidade. Vivendo em casas alugadas pela Samarco, instalaram-se em bairros dispersos, ficando assim distante de suas redes de suporte afetivo, de familiares e de amigos. Para as crianças, particularmente, ocorreram situações de isolamento: a forma de brincar foi modificada, e os passeios, os encontros e a vivência mais livre experimentada no ambiente rural se perderam.

Os atendimentos para as pessoas afetadas passaram a ser oferecidos em Unidades Básicas de Saúde (UBSs), organizadas para o atendimento específico dessa população. São realizadas também buscas ativas e atendimentos domiciliares. Além disso, são realizados acompanhamentos nas escolas municipais, além de atuações terapêuticas coletivas em espaços públicos de Mariana.

Após a ocorrência do desastre de Brumadinho, os profissionais das equipes de saúde mental que atuam em Mariana passaram a amparar aqueles que viveram o rompimento da barragem do Fundão, no sentido de acolher o sentimento de reviver a tragédia de 2015, após assistir ao que foi vivido em Brumadinho.

Em meio a tanto a ser cuidado, é importante relembrar um desastre dentro do desastre: as pessoas que viviam em Bento Rodrigues e passaram a viver em Mariana precisaram levar seus filhos para as escolas nessa região mais urbana. As crianças viveram a dor do preconceito, do bullying, quando crianças de Mariana passaram a chamar as crianças de Bento Rodrigues de “pé de lama”. Essas crianças foram rechaçadas, e tal tratamento se deu com tanta força que foi construída em Mariana uma escola que ganhou o nome de chamada Escola Municipal Bento Rodrigues, frequentada exclusivamente por crianças que viviam anteriormente em Bento Rodrigues. Ficamos sem palavras diante de um fato como esse. Em desastres, podemos observar o que há de melhor no ser humano, enquanto oferta de ajuda, solidariedade e amparo; no entanto, nos deparamos também com o que há de pior. Esse episódio expõe preconceito, rejeição, descaso, maus-tratos. Tais atitudes podem ser computadas como alguns dos danos provocados por toda essa tragédia.

Oliveira (2018) esclarece que quando se trata do planejamento de ações de proteção humana, crianças devem ter prioridade:

“Quanto menor a idade, maior a vulnerabilidade, uma vez que existem diferenças no senso de percepção de risco, na capacidade motora, na utilização da visão periférica, entre outros. O Brasil tem o maior contingente de crianças e adolescentes da América Latina, quase 58

milhões, correspondendo a cerca de 30% da população geral.” (OLIVEIRA, 2018, pp.31).

Essa autora destaca também que, em grande parte dos desastres, as crianças representam praticamente a metade de mortes, têm maior propensão para lesões físicas, e maior dificuldade acessar ajuda ou cuidados de saúde. Oliveira lembra:

“As crianças são mais vulneráveis a infecções, desnutrição e expostas ao perigo de se separarem de seus familiares. A longo prazo, geralmente as consequências dos desastres afetam mais as crianças que os adultos, especialmente aqueles que vivem em ambientes socialmente desfavorecidos. São encontrados também problemas psicológicos, tais como transtornos de estresse pós-traumático (TEPT), depressão e impactos na saúde física e mental, bem como na nutrição e educação.”(OLIVEIRA, 2018, pp. 30-31)

Com o rompimento da barragem de Fundão, duas crianças que viviam em Bento Rodrigues morreram. O filho de Rita, colaboradora dessa pesquisa, além de perder vários brinquedos, pertences, roupas e sua casa, passou a ter medo de barulhos fortes como o da chuva, por exemplo. Vivendo em Mariana, perguntava para a mãe se lá existia alguma barragem. Realizou tratamento psicológico e recebeu todo o apoio de sua mãe nesse processo de enfrentamento dos medos e de busca por uma rotina mais leve.

Figura 7 – Escola de Bento Rodrigues

Escola de Bento Rodrigues, assolada pela lama.

Foto: Laura Antunes

Danos

Enquanto licenças ambientais eram elaboradas, vistorias eram realizadas, documentos eram providenciados para o funcionamento da barragem, e os movimentos necessários eram conduzidos para o acompanhamento do “bem-estar” daquela estrutura, alguns profissionais tentaram contribuir para evitar o rompimento não. Obviamente, falharam nesse esforço. A lama

de rejeitos espalhou-se por áreas imensas. Leonard Farah (2019), capitão do Corpo dos Bombeiros que atuou nas primeiras horas da tragédia em Mariana, conta o que viu:

“Meu celular vibrava intensamente. Consegui abrir uma foto antes de perder o sinal, e a imagem que vi me aterrorizou. Era uma vista aérea da extensão da barragem que havia se rompido. Realmente não estávamos preparados para o que estava por vir.” (FARAH, 2019, pp. 59).

Considerada um dos maiores desastres ambientais do mundo, a tragédia causou danos incomensuráveis ao ambiente, afetando rios, plantações, matas nativas. Como esclarece Chagas (2017), a simples existência de um licenciamento ambiental seria insuficiente para garantir segurança. Entre os vários problemas revelados pela lama estão a notória ausência de fiscalização e a falta do planejamento exigidos pela legislação para o licenciamento da obra.

As perdas afetam as pessoas em vários níveis, e seus efeitos vão grudando nas pessoas como a lama que cobriu objetos e casas. Deixam sequelas de longo prazo, como a depressão que atingiu várias pessoas afetadas. Não se poderia imaginar que até tomates ou mangas que crescem no lamaçal e com rejeitos ficariam contaminados, e seriam nocivos à saúde.

Sobreviver ou voltar a viver

Em meio à luta por reparação, e no esforço no sentido de prestar ajuda uns aos outros, o sentimento é de se salvar em meio ao caos. É relevante refletir sobre o que mobiliza no ser humano a consciência de que ficou a salvo após tamanho desastre.

Estudos demonstraram que muitas vezes os sobreviventes experimentam um sentimento de culpa justamente por terem sobrevivido, quando tantos outros faleceram. Essa sensação alerta para o risco de suicídio.

Nesse sentido, vale refletir sobre o que significa sobreviver e o que é voltar a viver. Podemos afirmar que a vida após uma ocorrência como essa tragédia jamais será a mesma. Para os três colaboradores desta pesquisa, até aquele momento a vida que passaram a ter fora de Bento Rodrigues era pior do que a vida que tinham antes do desastre. Entretanto, notamos diferenças nas suas percepções e vivências.

Luiza parece estar tentando sobreviver após perdas tão doídas. A vida perdeu a graça, e só encontra alegria quando pode ir para Bento Rodrigues. João segue liderando uma luta que ainda não terminou, e isso o mantém vivo, sobrevivendo, aguardando para ver o que virá. Rita tem a seu lado uma disposição para uma vida com gratidão: segue sua vida, mas consciente de que há algo sendo aguardado, que é a construção do Novo Bento – esse novo lugar que

supostamente trará consigo uma melhor qualidade de vida, uma calma que antes existia no seu dia a dia, uma casa que será sua.

Recursos de enfrentamento

Lutar para quê, buscando o quê? Os moradores de Bento Rodrigues afetados pelo desastre buscam objetivos que deveriam ser alcançados sem luta. Buscam direitos. Além de tudo o que perderam do ponto de vista material e afetivo – tantas perdas que talvez nunca sejam passíveis de ressarcimento –, lutam por condições de cidadania, por respeito e atenção. Lutam para conseguir consideração. Lutam por justiça.

A preocupação é em relação ao tempo que cada um aguenta lutar, o desgaste que as pessoas afetadas podem suportar. Sabe-se que esse processo que envolve cuidados e indenização será longo. Quais recursos de enfrentamento cada pessoa afetada pode utilizar? Há aqueles que se mantêm a luta; há os que nem lutam, esperam que outros o façam; há os que estão deprimidos, sem condições de lutar.

Nessa situação do desastre, cada pessoa afetada teve que enfrentar a necessidade urgente de se afirmar, de assumir posturas, de brigar pelo que foi perdido e que tenta recuperar. Vem a necessidade de lutar para que a dignidade de cada um seja mantida.

Segundo Krum e Bandeira (2008), um tipo de reação psicológica a situações e eventos adversos diz respeito à elaboração de estratégias de enfrentamento, também conhecidas como coping. Esse conceito pode ser compreendido como esforços utilizados por cada pessoa, tanto no âmbito cognitivo quanto no comportamental, buscando lidar com demandas internas e externas que sobrecarregam ou excedem o que cada indivíduo traz como recursos pessoais.

Desde o tempo dos campos de concentração nazistas, trabalhos vinham sendo realizados apontando para reações psicológicas dos sobreviventes desses locais. Nesse contexto dos campos, observou-se que modificações nas respostas emocionais dependiam da fase da vivência traumática e de diferenças particulares em avaliar e enfrentar o evento. Observou-se também de que maneira o coping e os mecanismos de defesa contribuem para a sobrevivência em situações extremas, já sinalizando para conteúdos de discussões mais atuais sobre coping e trauma. Diferentemente de outros agentes estressores, o trauma tem a particularidade de envolver eventos que promovem a ocorrência de lesões severas, incluindo perda da vida, iniciando de maneira rápida e normalmente atingindo um número grande de pessoas (Krum e Bandeira, 2008).

Ainda são poucos os estudos que abordam o tema de *coping* em situações de emergências e desastres. Trazemos um exemplo de pesquisa, descrita por Krum e Bandeira:

“Foi encontrada a investigação de Norris e cols. (2001) com uma amostra heterogênea de adultos mexicanos ($n= 24$) como forma de avaliar as construções particulares da experiência do trauma e de suas sequelas. Parte dos participantes havia sido atingida por um desastre tecnológico (explosão de esgoto em Guadalajara em 1992) e outra porção foi vítima de dois furacões na Flórida e em Oaxaca (Andrew em 1992 e Pauline em 1997, respectivamente). A avaliação foi feita em 1997, através de entrevista não-estruturada, mas iniciada com o que os autores consideraram a pergunta norteadora: *Como o desastre afetou você e os outros que viviam aqui?*” (KRUM e BANDEIRA, 2008). Estudo derivado desse e que focalizou as estratégias de *coping* mais empregadas pelas comunidades mexicanas para enfrentar situações de desastres foi o de Ibañez, Buck, Khatchikian e Norris (2004), que utilizaram uma amostra semelhante a do estudo anterior (...). (KRUM e BANDEIRA, 2008, s/p).

Neste último exemplo, entre as categorias de resposta, foi observado:

“A última categoria diz respeito à *busca por significado*, a qual articula esforços para dar sentido ao evento através da espiritualidade ou da tentativa de aprender com o trauma.” (KRUM e BANDEIRA, 2008, s/p).

Voltando o olhar para os três colaboradores deste trabalho, pudemos perceber o recurso de enfrentamento do qual cada um fez uso:

- a) João, no lugar de atendimentos psicológicos que, de acordo com sua percepção, não o ajudaram tanto, segue na luta por seus direitos e os de seu povo – sejam esses direitos no sentido material, de ter novamente uma casa, ou a indenizações, ou o direito a dignidade e respeito. De qualquer modo, sua luta é o manejo que desenvolveu para enfrentar e sobreviver a todo o lamaçal que entrou em sua vida. A fé também é parte de sua forma de enfrentamento.
- b) Luiza passou a experimentar uma vida pesada, carregada de ressentimentos, raiva e saudade. Além da fé, da religiosidade, seus recursos de enfrentamento foram as visitas a Bento Rodrigues, a busca por restaurações e a luta inclusive por poder estar lá em Bento, uma vez que nos primeiros momentos após o rompimento da barragem não lhes foi permitido entrar no distrito, seja por questão de segurança, seja por posturas da Samarco no sentido de dificultar acessos e conforto aos afetados. Nesse sentido, ela relata:

“Para mim e para minha família, posso falar que cada dia é pior que o outro. Se a gente hoje está vivo, é graças à fé que a gente tem, principalmente em São Bento, e pelo fato de que a gente ainda está podendo voltar no Bento nos finais de semana. Eu acho que se não fosse isso também, acho que a gente não estava aqui mais. (...) Aquela lembrança...Você estando lá dentro, é como se estivesse mais próximo. Mesmo estando destruído, mesmo não tendo aquele cantinho, mesmo

não tendo a cama, mas é como se você estivesse mais próximo de tudo que você tinha, de tudo que você viveu.” (Colaboradora Luiza).

- c) Rita, após noites sem dormir, foi desenvolvendo um olhar de gratidão por estar viva, por ter com ela também vivos todos da sua família. Além disso, em sua vida mostra-se a compreensão de um propósito maior, e o valor da religiosidade entra como recurso utilizado para enfrentar tanto horror. Gratidão e fé fazem parte de seu enfrentamento.

Luto

“Era carro de polícia, era carro batido pela estrada... quando eu comecei a ver aquele cenário de muito acidente... tem alguma coisa grave. [...] Já havia aquele desespero das pessoas chorando pelo canto da estrada. [...] Eu vi a marca da lama na montanha [...] Gente! Isso aí foi grave. Quando deu para avistar onde era a casa, a gente só viu uma represa.” (João, colaborador).

Buscar significados, encontrar sentido após perdas vividas são esforços presentes no processo de luto. Para Parkes (1998), as pessoas ficam de luto porque amam, ou seja, a dor está relacionada com amor. Quando construímos vínculo com alguma pessoa, ficamos de luto quando a perdemos. Quanto mais significativo o vínculo, maior será a dor da perda.

O luto é um processo, segue com começo, meio, mas não necessariamente um fim, pois uma perda vai sendo elaborada ao longo do tempo. A pessoa enlutada segue esse processo com esforço no sentido de aprender a viver sem aquilo ou aquele que foi perdido, dando novo sentido ao seu viver.

Considerado um fenômeno bastante complexo e demandante de intensa energia psíquica, o luto é descrito por Stroebe, Stroebe e Hansson (1993) como um processo com cinco dimensões, conforme as reações observadas:

- a) Dimensão Intelectual do Luto, marcada por confusão, desorganização, falta de concentração, intelectualização, desorientação, negação.
- b) Dimensão Emocional do Luto: choque, entorpecimento, raiva, culpa, alívio, depressão, irritabilidade, solidão, saudades, descrença, tristeza, negação, ansiedade, confusão, medo.
- c) Dimensão Física do Luto: alterações no apetite, visão borrada, alterações no sono, inquietação, dispneia, palpitações cardíacas, exaustão, boca seca, perda do interesse sexual, alterações no peso, dor de cabeça, mudanças no funcionamento intestinal, choro.
- d) Dimensão Espiritual do Luto: sonhos, impressões, perda da fé, aumento da fé, raiva de Deus, dor espiritual, questionamento de valores, sentir-se traído por Deus, desapontamento com membros da igreja.

- e) Dimensão Social do Luto: perda da identidade, isolamento, afastamento, falta de interação, perda da habilidade para se relacionar socialmente.

(FRANCO, s/d, pp. 5-6).

Dentro da temática do luto e de sua delicadeza, constatamos que na ocorrência da morte, não é apenas a perda do outro a responsável por trazer sofrimento fisiológico e psíquico: há também a perda do *self*. A reconstrução de um novo *self* é um processo trabalhoso. Franco esclarece:

“Reconstruir o novo *self* leva tempo, à medida que a perda do amado é incorporada a este novo *self*, pós-luto. Assim, uma parte do *self* inclui espaço para uma relação contínua com o morto. Trata-se de fazer a transição entre amar as pessoas que estão presentes para amá-las em sua ausência. Desta maneira, viver o luto significa: aceitar a realidade da perda, enfrentar as emoções do pesar, adaptar-se à vida sem a pessoa, encontrar maneiras adequadas para lembrar o falecido, reconstruir a fé e os sistemas filosóficos abalados pela perda, reconstruir a identidade e a vida.” (FRANCO, s/d, pp. 5-6).

As pessoas que viviam em Bento, afetadas e enlutadas, não se deparam com a questão de reconstrução do *self* exclusivamente devido à perda de alguém: além de pessoas queridas, há perdas incontáveis que precisam enfrentar.

Nesse processo de elaboração de perdas, há fases reconhecidas e batizadas. Elizabeth Kübler-Ross expõe as seguintes fases do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

Essas fases do luto não seguem uma sequência ordenada como a que foi descrita; ao contrário, elas vão sendo vivenciadas de modo particular, conforme cada pessoa elabora seu luto e atravessa esse processo. Kübler-Ross esclarece inclusive que apenas algumas pessoas conseguem vivenciar a fase da aceitação.

Devemos considerar também que aceitar não significa concordar com a perda, ou com as perdas, mas, sim, concordar em dar continuidade na vida, apesar do que viveu. A vida que segue pede um aprendizado no sentido da convivência com a perda; o enlutado pode crescer conhecendo os sentimentos que vivencia, e ir se ajustando ao novo formato da realidade, encontrando inclusive sentido nessa nova configuração de sua existência.

Sendo um processo natural e profundamente dolorido, o luto é, portanto, um fenômeno universal, mas cada pessoa o vive a seu tempo. O luto é necessário para a elaboração de uma perda significativa. Esse processo traz para o enlutado vários sentimentos e reações, entre eles a raiva, e a negação, como descrito acima. Algumas dessas reações se manifestam no relato dos colaboradores deste trabalho, atingidos de uma só vez por tantas perdas.

João manifesta raiva, mas é importante considerar que ele parece tentar amenizar um pouco seus sentimentos: será que se pode falar sobre um pouco de raiva, como aparece em seus relatos, após ter vivido tantas perdas?

É compreensível que uma pessoa que está de luto há pouco tempo mostre resistência em aceitar a realidade após o que foi perdido, e Parkes (1998) lembra que a resistência a receber mudanças significativas nem sempre deve ser considerada um aspecto negativo. É importante discutir a questão das fases do luto que hoje têm sido relativizadas, mas a negação parece ser uma proteção necessária para um trauma como o rompimento de uma barreira e todos os efeitos decorrentes.

Kovács (2015) esclarece que, por não ser possível olharmos para a morte o tempo todo, uma medida de negação deve existir. Esse recurso é mais comumente observado no começo do processo do luto, e pode vir acompanhado de uma sensação de choque e entorpecimento. Assim como a tristeza, a negação é uma resposta observada com frequência no processo de luto entre as pessoas que passam por situações de perdas.

Refletindo sobre o alcance dos efeitos desse desastre, que foram além das perdas vividas pelos moradores de Bento Rodrigues, afetando a natureza, o Rio Doce e suas belezas, consideramos que muitas pessoas devem ter experimentado tristeza diante dessa história. Foi de fato imensamente triste o que aconteceu. As pessoas afetadas diretamente pelo desastre, aquelas que perderam casas, parentes, amigos, vivenciam a tristeza como parte desse processo de luto. Essas pessoas não tomaram consciência do rompimento da barragem através das notícias mostradas pela televisão: sentiram diretamente o impacto da violência da lama de rejeitos. A lama invadiu suas vidas concretamente.

Além da negação e da tristeza (também chamada de depressão), o processo de luto envolve também a barganha. Diante de algo que não desejamos, há o impulso de barganhar, de tentar “dar um jeito”, de negociar ou trapacear, como se fosse possível reverter a realidade. Esse impulso está no relato de João:

“Depois que essa água baixar a gente lava tudo e volta para as nossas casas. Porque a gente não via casas, só via lama e a gente achava que era água, né?” (Colaborador João).

Como elaborar um processo de luto por tantas perdas? Desastres instauram muitas ausências e, para as pessoas afetadas pela tragédia de Mariana, isso não foi diferente. Faltam a casa, o lar, o amigo, o filho, a foto; falta a água limpa do Rio Doce, tratado carinhosamente por vários mineiros como o Doce Rio; falta a vida como ela era. Estão ausentes a escola, a padaria, a vida pacata, a rotina conhecida e apreciada. Falta. Diante das perdas, portanto, é fundamental viver e elaborar o luto. E sobre esse tema, é importante refletir sobre uma maneira proposta para compreender esse

processo: o Modelo Dual de Enfrentamento do Luto. Proposto por Stroebe e Schut (1999), esse modelo identifica dois tipos de movimento, em um modo dinâmico: um movimento do enlutado orientado para a perda e outro orientado para a restauração.

Perdas

Há processos vividos por seres humanos que quebram a normalidade, destroem as bases de referência da pessoa, como a perda por morte, a perda da casa, dos objetos – perdas concretas e perdas afetivas.

“O álbum de casamento dos meus avós, de 50 anos. Foi a última vez que toda a família, não faltou ninguém... estavam os filhos, netos, genros, a nora, porque é uma nora só. Os irmãos da minha avó, sobrinhos dela... estava a família toda. Hoje a gente não tem mais. O álbum estava com a minha tia e eu fiquei com o CD. Com as fotos. Tinha colocado no meu computador. Hoje não tem mais nada. Hoje acabou tudo.” (Colaboradora Luiza).

“Gente, o Bento acabou. Acabou tudo! Foi embora minha casa...” (Colaborador João).

“Olhamos para baixo, e vimos que o Bento estava assim, acabado.” (Colaboradora Rita).

De acordo com Alves e Oliveira (2017), desastres podem causar a perda de vidas, de atributos físicos, como visão, audição, partes do corpo; de animais de estimação, de moradia, de bens, como carros, móveis e fotografias; de histórias de vida, como separação de membros da comunidade; de trabalho, de saúde psíquica. “Não existe dor maior ou menor, nem classificação de perdas mais ou menos importantes. Seja qual for a perda, a dor da pessoa deve ser respeitada, considerada e acolhida.” (ALVES e OLIVEIRA, 2017, pp. 25).

Oliveira (2018) constata que em desastres é comum que seja identificada como afetada a pessoa que perdeu algum parente, sua casa, como as pessoas que viviam em Bento Rodrigues e sofreram perdas diretamente. No entanto, há pessoas que são afetadas indiretamente. Por exemplo, um motorista que transportou os corpos dos mortos, um funcionário da Defesa Civil, ou um espectador de uma tragédia que saiu ileso. Há ainda ex-mulheres, ex-maridos, pessoas de uma região que viram pela televisão ou escutaram pelo rádio a notícia do desastre, bombeiros, policiais, socorristas, médicos, repórteres, psicólogos, voluntários etc.. Todos serão considerados afetados diante da tragédia, cada um na sua medida.

Essa diversidade de pessoas afetadas por um desastre, seja direta o indiretamente, envolve inúmeras perdas, e o luto de todas elas deve ser acolhido, validado e respeitado. Nesta pesquisa adotamos o termo “afetados”, e não “vítimas”, fazendo referência a qualquer pessoa que tenha sido atingida pelo desastre, seja direta ou indiretamente, podendo ser tanto as pessoas que tiveram sua casa destruída como os profissionais que prestaram socorro e atuaram nos resgates.

Perder o que gostamos, ou quem gostamos, nos traz dor e sofrimento; no caso dos afetados por esse desastre, são muitos os tipos de perdas. As falas acima dão uma ideia da dimensão do que se configurou nesse sentido, do que foi perdido. A perda de um objeto investido de memória torna-se uma perda significativa. O que foi perdido não se configura

apenas como um objeto que facilmente pode ser substituído: não se trata simplesmente de um porta-retrato ou de uma colcha. Esses objetos estão permeados de histórias e afetos. Como a mineradora Samarco pode ter a compreensão dessas questões? Pois, no caso, não seria apenas comprar um novo porta-retratos: o que se perdeu levou com ele as memórias e seus significados. Como pagar por isso?

“Vou deixar a panela em cima do fogão que, semana que vem a gente volta. [...] E deixei. [...] Quando aconteceu eu falei: "Gente, a panela ficou em cima do fogão, minha mãe falou nas toalhas [...]. (Colaborador João).

Portanto, é interessante ponderar: não é o valor material da toalha ou dos lençóis, mas a memória do que era mais do que uma casa ou dos objetos em seu interior: era o lar das pessoas afetadas, onde viveram por vários anos. Como esses valores podem ser restituídos?

Consideramos ser essa uma das grandes contribuições da Psicologia nessa área; o esclarecimento de uma subjetividade presente, de vínculos que existem entre os objetos e as pessoas – e não apenas entre as pessoas –, pois pertences também são investidos de afetos: um presente da avó, a blusa que era da mãe; a foto na qual estava o pai de alguém, já falecido, e assim por diante. Como atribuir valor a tais perdas? São irreparáveis, e talvez esse reconhecimento torne mais nítida a dimensão da dor por perdas dessa qualidade.

Perdas materiais, como as casas destruídas pela lama, têm impacto importante, pois era uma construção que não está mais visível, reconhecível, não existe mais. João trouxe relatos que apresentam o momento de constatações desse tipo de perda:

“Minha mãe [...] olhou e falou assim: "Olha o jeito que essa casa está. Coitado do dono dessa casa. Deve ficar numa tristeza quando vê a casa dele assim." Aí minha sobrinha: "Oh vó, era a casa da senhora!" Ela falou: Oh minha casa. Oh gente é mesmo, é a minha casa.” (João, colaborador).

E ainda:

“Atravessamos o rio, meu filho correu na frente: "Onde que é a nossa casa? Eu não estou localizando nada aqui" [...] "Oh mãe, eu estou em cima do fogão". Que ela chegou perto, que ela olhou, que ela pegou na

lateral do fogão à lenha aí ela desabou. Ela falou: "Mas, e a nossa casa?" Eu falei: "Aqui era a nossa casa." Aqui era só lama. A lama já estava seca, eu falei: "Aqui a gente está em cima da onde era o nosso quarto, em cima da onde era a cozinha..." Ela falou: "Meu Deus ..." (João, colaborador).

Nos relatos, as perdas são descritas em detalhes. Em um desastre como o de Mariana, há muitas perdas materiais, mas seu valor vai além da perda física. Em Bento Rodrigues, a lama destruiu casas e tudo aquilo que morava dentro delas, objetos que foram perdidos: fogão, geladeira, móveis, roupas, livros, diversos objetos de uso de cada morador, cama e tantos outros. Sabemos, no entanto, que esses objetos carregavam histórias, lembravam pessoas, talvez fossem presentes que alguém ganhou. Assim, quando tantos desses objetos são perdidos, deixam saudades das histórias que em cada um deles habitava. Reforçamos aqui, portanto, o aspecto de algo imbuído de um valor difícil de ser mensurado quando se pensa em indenizar ou restituir algo que foi perdido.

Em relação à perda das casas, cada pessoa afetada recebeu alguma forma de moradia, seja no hotel, seja na casa alugada. Mas a perda a que se referem é de seu lar, que nunca mais voltará, porque mesmo as casas prometidas pela Renova – que por enquanto são sonhos –, terão ainda que ser habitadas para que voltem a ser um lar. Assim, um fato da maior seriedade nesse contexto é que mesmo que novas casas sejam construídas, e mesmo que a mineradora Samarco e a Renova atendam o pedido dos afetados no sentido da construção desejada, essas casas precisam se transformar em lar.

Essa é uma preocupação séria, presente na vida dos três colaboradores dessa pesquisa e mencionada anteriormente nesta discussão: a casa que é um lar, as questões subjetivas envolvidas no habitar. Como a Samarco poderá suprir essa ausência, a dos lares? As pessoas que viviam em Bento Rodrigues desejam a construção do Novo Bento? Ou, na verdade, querem suas casas-lares de volta? Talvez esta seja outra perda irreparável, uma vez que construir um lar dependerá de habilidade, força, investimento emocional de cada um, do tempo e das novas vivências ali construídas.

Rita se vê cuidando hoje de algo que não é dela, de uma casa que não é de sua família. Outros relatos apontam ainda outras perdas: mencionamos aqui a perda de uma rotina, do mundo presumido, do previsível, de um dia a dia, de uma vida:

“Meu pai não suportava ficar aqui dentro de Mariana. [...] Fica lá mexendo com as coisinhas dele, o quintal dele dava 2.500 metros quadrados, cuidar da casa, cuidar do quintal, tinha umas galinhas, lá, ele era zelador da igreja... [...] A vida dele sempre foi muito movimentada lá.” (João, colaborador).

O pai de João perdeu a vida movimentada em Bento, perdeu a vida que era dele, construída por ele. Enquanto pesquisadora, no trabalho de realização das entrevistas, pude testemunhar o desânimo aparente no rosto do pai de Rita; ao chegar em sua casa para entrevistá-la, seu pai estava ali, com os braços apoiados na janela que dava para a rua, e me viu chegar. Depois de cumprimentá-lo, perguntando se estava tudo bem, respondeu dizendo algo no sentido de um viver mais sem graça, que ali não tinha nada para fazer; ele estava ali parado, olhando a rua. Em Bento ele tinha espaço, criava animais. Quantas perdas irreparáveis!

Seguindo na constatação das perdas vividas, consideramos aqui a perda do futuro, de sonhos que foram interrompidos.

“A gente tinha trocado alguns móveis, comprado guarda-roupa novo para mim e para minha mãe, uma cama de casal para ela... Eu estava naquele processo de separar minhas roupas, tirar as que eu não ia usar para doar e as que eu ia ficar... lavar para guardar tudo limpinho, tudo organizadinho... (...). Para você ter ideia, eu estava com um saco de roupa para mandar para minha tia dar para os outros. Inclusive no dia 5 eu vim trabalhar com a minha pior roupa. A blusa que eu vim trabalhar, eu já tinha separado para dar. Não era a blusa que eu mais gostava. Mas ela estava por cima do saco que eu tinha colocado... Falei assim: Vou usar essa blusa pela última vez. No final de semana lavo ela e coloco para eu dar de novo.” (Luiza, colaboradora).

Luiza, arrumando a casa que descreve com detalhes: investimento na casa, no lar, do seu jeito. Enfatiza o que pretendia doar, o que não usava mais. Fala com mágoa de um sonho que foi interrompido. Na situação do desastre houve a perda do futuro pretendido, prospectado. Nada mais do que contribuiria para sua existência continuava ali. Encontra-se um vazio onde se via a imagem do futuro, de possibilidades de vida, da concretização de desejos e expectativas.

Refletindo sobre situações drásticas, traumáticas, de desastre, podemos ponderar: aquele futuro foi perdido; o que será o novo futuro? Ele pode ser pensado agora? É possível nas fases iniciais do luto pensar em futuro? As pessoas que viviam em Bento Rodrigues desejam criar um novo futuro? Há o temor de um novo investimento, porque pode ser novamente perdido?

Farias (2010) lembra que a morte delimita nossa razão, nossa consciência e nossa habilidade para perceber e apreender o que se passa; coloca limites, enfim, à perspectiva de vida de cada um. O sonho de algo futuro, o sentimento de desejar e trabalhar para alcançar as aspirações, as perspectivas do amanhã foram interrompidas. Entre as perdas, perderam-se sonhos, expectativas de futuro, aspirações. Como se faz o resgate de sonhos? É possível mensurar o valor desse tipo de perda?

Ainda sobre as perdas, as pessoas afetadas tiveram também prejuízos sociais e financeiros. Viviam em uma comunidade, com encontros e vivências sociais que foram

interrompidas quando foram viver em Mariana: essas pessoas passaram a morar em bairros diferentes, e sua rede de relações foi drasticamente prejudicada. Viviam em uma sociedade, perderam o entorno. O vizinho não mora mais na vizinhança; o trajeto q para ir buscar um pão não é mais aquele, e naquele trajeto havia eventualmente encontros, cumprimentos, trocas que não são mais vividas.

Financeiramente houve perdas. O custo de vida em Bento Rodrigues era menor, até pelo fato de que muitos dos que viviam lá cultivavam em seus quintais seu próprio alimento, plantavam sua comida. Morando em Mariana, as pessoas afetadas viram sua vida ficar mais restrita financeiramente e, com isso, seu padrão social mudou. A condição financeira mudou. João nos conta sobre essa mudança de vida.

“O custo de vida das pessoas em Bento era mínimo em relação ao custo de vida aqui em Mariana. Hoje, qualquer coisa que a gente precisa tem que comprar. Uma alface, um tomate, tem que comprar e lá as pessoas cultivavam.” (Colaborador João).

Fenômenos e objetos transicionais na elaboração do luto

Em uma situação de desastre como a de Bento Rodrigues/Mariana, em que desaparece todo o ambiente físico com o qual as pessoas estão familiarizadas, assim como objetos investidos de afeto e significado, refletimos sobre o processo de elaboração das perdas. Reforçamos aqui a preocupação diante de um processo de luto no qual a pessoa afetada não terá o apoio de objetos transicionais – uma peça de roupa que a ligue de alguma forma à pessoa que faleceu, ou um objeto que decorava a casa destruída. Foram perdidos sob a lama os recursos que ajudariam a fazer uma transição no sentido de confirmar a perda, de elaborar a dor, de constatar a ausência, de abrir espaço para a saudade. Esses objetos estariam representando por um tempo a presença daquele que morreu, a falta do lar, compensando de alguma forma essas ausências. Diante dessa tragédia, há uma carência desses recursos que consideramos uma forma importante de ajuda na elaboração dos lutos.

“Era a única coisa que eu tinha colocado no meu guarda-roupa novo, eram as minhas camisas do cruzeiro... E a minha coleção de moto, que eu tinha. Que são as minhas duas paixões. E assim, mais nada. Então estava preparando as coisas para guardar, lavando os cobertores para deixar tudo cheirosinho...” (Luiza, colaboradora).

Conquistas

Refletindo sobre esse aspecto, podemos verificar quantas condições vão-se apresentando em ocorrências de desastres, colocando as pessoas afetadas em situações ainda mais penosas, além de toda a dor e todas as perdas que já enfrentavam. No contexto da tragédia

de Mariana, além de tudo o que já haviam perdido, essas pessoas corriam o risco de passar o Natal distante de seus familiares; e de uma hora para outra, ter que pagar na conta de luz um valor muito mais alto do que lhes custava em Bento Rodrigues.

Foram essas as primeiras conquistas, mas pela via judicial. Apesar disso, cada gesto que parece pequeno pode representar um grande ganho. Nossa reflexão vai no sentido de que a questão é obter o resultado, a conquista daquilo que deveria ser naturalmente oferecido a quem teve tantas perdas. Essa luta não deveria existir.

A Samarco. a Renova. A constatação de um crime.

"Gente, por que que fizeram isso coma gente?" "A Samarco nos enganou". A gente gritava. Estávamos desesperados no dia." (Rita, colaboradora).

"A Samarco já sabia que isso ia acontecer, a gente já vinha questionando em reuniões e eles sempre falaram que a barragem era segura." (João, colaborador).

Nas palavras de Parkes (1998), "a combinação de morte repentina, inesperada, horrível e precoce, com toda a raiva e suspeita que a segue, mais a lentidão do processo legal, podem levar a família ao estresse e deixar de apoiar seus membros, gerando problemas psicológicos duradouros". (PARKES, 1998, pp. 161).

Nas falas de João, percebemos que houve a leitura de que a Samarco em várias situações agiu de má fé: "A empresa antes queria aumentar os lucros, e hoje ela quer diminuir o prejuízo. Todas as ações são para diminuir ao mínimo possível o que ela tem que gastar com a reparação da gente." Continuam os relatos da atuação de má fé por parte da mineradora. Junto a isso, há de fato a constatação de um crime:

"Olha, se fosse uma tragédia natural, um desastre natural, uma enchente, um terremoto, coisa assim... mas isso é responsabilidade da empresa. A empresa foi negligente, então a empresa tem que arcar." (João, colaborador).

E ainda:

"Houve homicídio, isso eu tenho certeza que houve. [...] Porque, se tinham consciência do que poderia acontecer e permaneceram insistindo em manter, então é porque houve um dolo eventual." (João, colaborador).

Considerando a atuação da Fundação Renova, cujas mantenedoras são as empresas Vale, Samarco e BHP Billiton, vemos que foi criada para prestar atendimento às pessoas afetadas por esse desastre; no entanto, apresenta propostas de atuação sem levar em conta as

necessidades dos afetados. O que então vem sendo renovado? Quem vai dizer o que deve ser renovado? O descaso, a negligência e a má fé seguem presentes.

“A gente vê que houve um crime [...]por incrível que pareça, a empresa responsável pela reparação se chama Renova mas[...]esse crime vai se renovando a cada dia porque, [...] a empresa que é constituída como uma fundação para reparar os danos [...]se nega a reparar danos [...].” (João, colaborador).

No estatuto da Fundação Renova consta, no Capítulo 3 do artigo sexto:

“A Fundação tem por objetivo exclusivo gerir e executar medidas previstas nos programas socioeconômicos e socioambientais, incluindo a promoção de assistência social aos impactados, em decorrência do rompimento da barragem de propriedade da Mantenedora Principal, localizada no Complexo de Germano, em Mariana.” (Estatuto da Fundação Renova, 2019, cap.3).

O estatuto da traz ainda princípios como o da transparência, da moralidade e da eficiência. Olhando para as ações da Samarco no decorrer desse tempo, João relata:

“A empresa sempre colocando obstáculo, não querendo a presença da gente lá. (Em Bento Rodrigues). Chegou lá o engenheiro da empresa, os advogados, todos tentando convencer o juiz de que era perigoso, que não podia. O juiz falou: "Não, já percebi qual é a intenção dos senhores." E deu a sentença de que a empresa tinha que manter um acesso digno para a gente, inclusive para passar com carro...fazer uma passagem de pedestre e o juiz determinou que fosse uma passagem digna para poder entrar com o carro, até caminhões de pequeno porte. Aí que a gente viu que... Para manter a relação da gente aqui, a gente vai ter que lutar a cada dia. Agora, recentemente, no réveillon, a gente passou lá, teve a bodas de prata da minha irmã que foi lá nas ruínas da casa de São Bento, semana retrasada, pessoal foi lá, eles falaram: "Cortaram os fios todos da rede elétrica". Porque a gente pediu para colocar luz lá na parte alta, nos postes que sobraram e eles falaram que era inviável. Como eu tinha um gerador lá, de energia, pedi para a empresa repor esse gerador antecipadamente para gente usar lá. Assim que ela repôs, nós começamos a usar lá, eu falei: Dá para colocar luz nesses postes que estão aqui inteiros ainda. (...). A gente acha que foi sabotagem por parte da empresa porque não foram vândalos que foram lá roubar, porque os fios foram cortados, mas permanecem lá.” (João, colaborador).

Em outro exemplo de atitude questionável, a Samarco pede para que os funcionários que estavam trabalhando no momento do rompimento da barragem não avisem ninguém; ou seja, a empresa esteve sempre mais preocupada em preservar sua imagem do que em preservar o bem-estar de seus funcionários. Podemos pensar sobre quem são os verdadeiros vândalos. As ações de má fé ficam bastante visíveis.

A Samarco tenta se eximir de suas responsabilidades, fazendo o mínimo indispensável, pensando apenas em si mesma; diante disso, quem defende os afetados? Eles mesmos precisam lutar para defender seus direitos. Na compreensão de Luiza, além de não indenizar as pessoas afetadas pelo desastre, a empresa ainda causa novos prejuízos. Luiza sabe que a luta é difícil, mas o sentimento é de tornar a vida para a empresa difícil.

“(...) Na audiência tinha sete ou oito advogados representando as empresas... e tivemos o mesmo entendimento só que, eles combinam uma coisa e, a partir daquele momento que foi combinado eles já tem o entendimento que eles querem, sempre favorável a eles. Como que você vai acreditar, votar, acreditar numa empresa que joga sujo com você o tempo todo?” (Luiza, colaboradora).

Nessa fala, Luiza afirma literalmente que não dá para confiar na Samarco em nenhum momento, nas promessas, indenizações; discute-se, mas não se cumpre. Sentem-se abandonados, injustiçados, em assembleias em que votam sem certeza.

“É angústia, revolta, é ódio, infelizmente. Entende? Se eu falar para você que eu entendo, que eu não carrego ódio no meu coração, não carrego uma angústia, eu estaria mentindo. O nome Samarco para mim... chega paciente aqui no consultório de uniforme, eu evito até... Quando a gente coloca o pano de canto, até coloco para lá, para exatamente tampar o emblema. Não tem como gostar, não tem como olhar e não sentir uma revolta, não contra os funcionários, os trabalhadores, mas contra o nome como empresa. É como eu costumo falar, se dependesse de mim, nunca mais voltaria a operar.” (Luiza, colaboradora).

Para Luiza, é difícil até receber funcionários da Samarco no consultório de dentistas onde trabalha. Traz muitos sentimentos de raiva, ódio da empresa. Por ela, Samarco não deveria existir.

Sentir suas perdas, sua dor, sua situação sendo olhada com desconsideração pode trazer ao ser humano mais sofrimento do que aquele já vivido na situação de desastre; é o olhar do outro sem dar a devida importância para o que os afetados estão vivendo. O descaso fere. Foi esse o tratamento dado pela mineradora aos que viviam em Bento Rodrigues antes de o desastre acontecer:

“Numa audiência do dia 10 de outubro de 2016, quase um ano depois, que foi numa audiência judicial que eu fui reconhecido como atingido e tive os meus direitos reconhecidos.” (João, colaborador).

Quanta ganância, desrespeito e desumanidade! As pessoas afetadas ficam diante de uma poderosa empresa da mineração, sentem-se desamparadas, sofrem injustiças e precisam seguir na luta para que seus direitos tenham atenção. O que é entendido como direito para eles, e o que

é direito dos afetados na visão da mineradora Samarco? Falamos em direitos humanos, em direito a restaurações de bens, de dignidade, da vida de pessoas que se viram atropeladas por essa catástrofe, e que passaram a ter que dar conta de um novo universo; o universo das assembleias, reuniões, frustrações; o universo de um tempo de espera sem fim, de promessas não cumpridas.

A Samarco faz ofertas que resolvem no momento, como as de colocar as pessoas afetadas em hotéis, e depois nas casas alugadas por ela. Para a sociedade é como se a Samarco estivesse de fato cuidando; no entanto, a perda foi maior do que o que oferecem. Além disso, lembramos que quando se trata de construir uma estrutura como essa da barragem de Fundão, havendo comunidade no seu entorno, e reconhecendo-se o risco que a presença da estrutura traz para os moradores, é prática manter um canal aberto de conversa entre a empresa e a população local; essas pessoas devem estar cientes do plano de contingência elaborado, devem participar de simulações de situações de emergências.

Além disso, deve existir um trabalho preventivo, como já descrevemos nesta pesquisa ao apresentarmos as cinco fases de um desastre, que é um cuidado na fase do preparo. Há todo um esforço, como esclarecemos anteriormente, no sentido da atuação dos psicólogos junto à comunidade, reconhecendo o território, as vulnerabilidades daquela população, as rotas de fuga, e assim por diante. Nada disso foi feito pela mineradora. Nenhum cuidado com os que viviam em Bento Rodrigues foi tomado. Alguns deles nem sabiam da existência da barragem de Fundão.

“Nós tínhamos uma vida saudável, vida tranquila, sossegada... A gente vivia feliz, via todo mundo... A gente tinha medo da barragem de Santarém, que era uma barragem d'água. A gente não tinha conhecimento da barragem de Fundão, que é essa que se rompeu. Eles construíram ela acho que em 2008, e a gente nem tinha conhecimento dela.” (Rita, colaboradora).

Resiliência

Acreditamos que possivelmente haja entre os afetados aqueles que reagirão com mais resiliência diante dessa tragédia, e outros com menos. João tem caminhado de maneira a encontrar sentido na vida após suas perdas, mantendo sua fé; tem convivido com sua mãe e sua esposa, que, conforme ele nos relata, mostraram atitudes resilientes no percurso.

Rita segue sua vida com a gratidão e a esperança que nos relatou; mantém a fé como forte alicerce diante da trajetória que ainda seguirão.

Luiza, também amparada pela fé, pela religiosidade, caminha buscando ressignificar sua vida, encontrar algum sentido após tamanha tragédia.

Expressão já definida anteriormente nesse trabalho, a resiliência diz respeito a um agir de modo a aguentar e não sucumbir diante de situações adversas. Mais que isso, a resiliência pressupõe um enfrentamento de forma adaptativa, com o propósito de uma transformação pessoal ou grupal, e de superação das adversidades.

Essa capacidade tem na sua essência a interação com experiências vividas em tempos passados, as relações construídas ao longo da vida, o ambiente, a genética. Para exercitar a resiliência, é importante atribuir um sentido à existência, de modo a criar motivação e força para seguir, sem que o esforço seja para sobreviver, e sim para viver.

Sendo um dos primeiros estudiosos a discutir esse conceito, Frederic Flach, em 1996, avaliou que a resiliência depende da habilidade de reconhecimento da dor que está sendo vivida, da percepção de seu sentido, e da capacidade de tolerância durante um tempo, até que a situação possa ser resolvida de maneira construtiva. (ANGST, 2009).

Ainda são poucos os autores que abordaram como a interferência da fé, da espiritualidade, ou a pertença a um grupo, comunidade ou instituição religiosa ajuda na superação dos sofrimentos pessoais e sociais. Vanistendael (1996) considera que o sentido da vida como alicerce de resiliência pode estar associado a uma filosofia de vida e, muitas vezes, à vida espiritual, à fé religiosa. Inserida no conceito de resiliência está a ideia de que a pessoa resiliente não nega a crise, e é capaz de vê-la como oportunidade. O autor esclarece:

“Os estudos sobre resiliência sugerem uma mudança de paradigma ao propor como enfoque principal a capacidade das pessoas e grupos de superação de experiências traumáticas, demonstrando uma perspectiva de esperança. Assim, ao invés de salientar os aspectos negativos do conflito, tenta-se enfatizar e promover as forças e capacidades para reagir e superar as adversidades.” (VANISTENDAEL, 1996, pp.107).

Segundo o autor, a aceitação de si constitui uma das condições para o desenvolvimento da capacidade de resiliência. Ter atendidas as necessidades físicas básicas (segurança física, saúde, alimentação, sono etc.) e ser capaz de manter as redes de contatos informais, como família, amigos e, vizinhos, são aspectos que contribuem para a construção da capacidade de resiliência.

Os três colaboradores desta pesquisa trazem a fé e a espiritualidade como algo que os sustenta. Cada um a seu modo, no entanto, com seus valores, bagagens de vida e propósitos, segue a trajetória nessa nova vida que lhes foi imposta. Enfrentam uma dor por perdas que não terão a possibilidade de serem restituídas, e mantêm-se ligados ao sentimento de esperança diante da construção do Novo Bento. Lutam ainda por direitos e, sobre esses, Farias (2010) coloca a seguinte reflexão:

“(...) O ser humano é um ser de participação, um ator social, um sujeito histórico pessoal e coletivo de construção de relações sociais o mais igualitárias, justas, livres e fraternas possíveis dentro de determinadas condições histórico-sociais. Que ideia de ser humano está pressuposta na luta pelos direitos humanos? A resposta clara será: o ser humano vem dotado de sacralidade porque é sujeito de direitos e de deveres inalienáveis e se mostra como um projeto infinito. (FARIAS, 2010, s/p).

Sobre o cuidado

Infelizmente percebemos o descuido recebido pelas pessoas afetadas por esse crime coberto por lama. Ainda hoje, no ano de 2021, esperam por suas novas casas. Os lares ficaram em Bento; serão necessários esforços e tempo para, quem sabe, novos lares serem efetivamente construídos. A luta segue. A vida segue. A saudade e a elaboração das perdas seguem também, cada um deles caminhando a seu tempo, a seu modo, com seus recursos.

Finalizando essa discussão, trazemos uma fala sobre cuidado, um recurso que não foi oferecido dignamente e humanamente por uma empresa, para indivíduos que de repente se viram soterrados por tanta lama. Esperamos que esta pesquisa colabore para instrumentalizar os profissionais que atuarão em emergências e desastres para que, com esses, sim, as pessoas afetadas encontrem sustento, cuidado, escuta e acolhimento. Esperamos também que os relatos aqui apresentados, que nos trouxeram os colaboradores, sejam capazes de nos oferecer um pouco da dimensão de um desastre dessa magnitude. Que suas experiências possam ecoar em nós. Farias (2010) questiona:

“Que imagem de ser humano projetamos quando o descobrimos como um ser-no-mundo-com-outros sempre se relacionando, construindo seu habitat, ocupando-se com as coisas, preocupando-se com as pessoas, dedicando-se àquilo que lhe representa importância e valor e dispondo-se a sofrer e a alegrar-se com quem se sente unido e ama? A resposta mais adequada será: O ser humano é um ser de cuidado, mais ainda, sua essência se encontra no cuidado. Colocar cuidado em tudo o que projeta e faz, eis a característica do ser humano” (FARIAS, 2010, s/p).

E segue:

“O cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o ethos fundamental humano. Quer dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir. Um modo-de-ser não é um novo ser. É uma maneira do próprio ser de estruturar-se e dar-se a conhecer. O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano. Sem o cuidado, ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, define-se, perde sentido e morre. Se ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si

mesmo e por destruir o que estiver à sua volta. Por isso o cuidado deve ser entendido na linha da essência humana (que responde à pergunta: o que é o ser humano?). O cuidado há de estar presente em tudo. (FARIAS, 2010, s/p).

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora muitas vezes sejam previsíveis e, portanto, evitáveis, desastres e emergências normalmente ocorrem em condições inesperadas, desorganizando a vida das pessoas afetadas, destruindo bens materiais, projetos e sonhos, com vivências de dor, perdas, mortes e luto.

O crime ambiental ocorrido em Mariana é o foco deste trabalho, tendo sido nosso olhar direcionado para o subdistrito de Bento Rodrigues. O rompimento da barragem de Fundão, ocorrido no dia 5 de novembro de 2015, trouxe consequências indescritíveis no sentido da dor vivida pelas pessoas afetadas por essa tragédia. Houve perdas irreparáveis: testemunhamos perdas ambientais gravíssimas, a poluição lamentável do Rio Doce; vimos perdas de vidas: pessoas faleceram nessa tragédia, duas eram crianças; perdas incontáveis e significativas: de casas, de lares, de objetos, fotos, roupas, móveis. Perdas de histórias, de memórias. Perdas de modo de vida, de vizinhos que deixaram de viver próximo uns aos outros. Perdas financeiras: as pessoas que viviam em Bento Rodrigues, e lá plantavam seus alimentos, tiveram o custo de vida aumentado quando foram viver em Mariana. Vivendo na cidade, perderam a tranquilidade da vida rural. Perderam a escola de seus filhos, a proximidade da padaria e do bar que frequentavam cotidianamente. Perderam aquela vida. Perderam a sensação de segurança.

O conceito da Defesa Civil que estamos considerando define desastre como o “Resultado de eventos adversos, naturais ou provocados pelo homem, sobre um ecossistema vulnerável, com danos humanos, materiais e/ou ambientais e consequentes prejuízos econômicos e sociais.” Esta pesquisa sublinha a importância do papel da Psicologia da Gestão Integral de Riscos e Desastres no enfrentamento das perdas e nas estratégias e esforços de apoio no processo do luto.

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de tentar compreender os impactos que o rompimento dessa barragem teve na continuidade da vida das pessoas em Bento Rodrigues. Apresentamos histórias que nos mobilizam em função de danos e perdas vividos, de descasos sofridos, de profundas alterações da vida. Pudemos acompanhar de perto aspectos do maior desastre ambiental do Brasil, que confirmam a necessidade de prestar cuidados àqueles que vivem tragédias desse porte.

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, com observação participante e entrevistas reflexivas; os três colaboradores deste trabalho consideravam Bento Rodrigues seu lar. Os resultados foram obtidos por meio da análise temática, e entre os principais temas obtidos foram

encontrados: luto; danos, psíquicos e ambientais; perdas; mundo presumido; identidade e pertencimento; resiliência; memórias, religiosidade, suporte psicológico.

Este estudo pretende contribuir com a Psicologia, e mais particularmente com os profissionais dessa nova área de atuação – emergências e desastres –, provocando reflexões, trazendo conhecimento e propondo possibilidades de maior qualificação para esses psicólogos que ajudarão pessoas afetadas por situações desse porte.

Surpreendentemente, as pessoas afetadas encontraram forças para, mesmo sob um mar de lama, lutar e perseguir seus direitos. Referimo-nos à própria lama, a lama tóxica que trouxe rejeitos de minérios e passou por cima de Bento Rodrigues e de outros distritos de Mariana. Mas falamos também de uma lama simbólica – a lama do descuido, da falta de apoio. Uma lama de certa forma mais tóxica do que aquela que escorreu quando a barragem se rompeu. Esses dois tipos de lama destruíram as casas e abalaram a vida das pessoas, trazendo dor, perdas e desalento.

Após o rompimento da barragem, tiveram impacto as ações de resposta por parte da Samarco, mas principalmente as ações indesejáveis: o descaso, a negligência, a má fé. Já vivendo uma situação que provocou perdas incontáveis, os moradores afetados experimentaram também o sentimento de falta de cuidado, da negligência, de ainda ter que lutar contra a empresa que provocou o dano, que lesou tantas pessoas.

Diante de um desastre que atinge de modo invasivo a vida das pessoas, e traz perdas repentinas, o mundo vivido de repente aparece desfigurado, alterado. Já não é o mundo conhecido. Parkes (1998) explica que o enlutado é ejetado de um mundo que conhecia, que lhe conferia segurança, que era familiar; e que, além disso, era parte de sua identidade.

Nossa identidade é aquilo que nos coloca como diferentes de um outro, e é composta pela identidade, também chamada de *self*, pelos papéis vividos pela pessoa, suas características físicas, seus costumes, sua profissão, seu nível social, seu local de nascimento. Todos esses fatores podem ser afetados pela morte ou por uma perda significativa devido a uma morte. No desastre de Mariana, foram muitas mortes, muitas perdas.

Desastres abalam a identidade e o senso de pertencimento, as pessoas sentem medo, têm preocupações. No entanto, como em outros desastres, também em Bento houve manifestações de solidariedade e conforto. Pessoas humildes e simples foram afetadas: crianças, idosos, famílias inteiras, mas as pessoas ajudaram uns aos outros. A ajuda mútua foi vista na luta coletiva pelos direitos, por dignidade e por restauração. Foi preciso dedicar esforço e persistência para que as pessoas afetadas pelo desastre fossem reconhecidas em seus direitos; para que fossem reconhecidas como afetadas!

A obrigatoriedade de haver um promotor de justiça ao lado dessas famílias foi mais um alento. Representando os moradores afetados, o promotor uniu-se a eles e passou a lutar por

eles, também com indignação e solidariedade. E com o tempo foram validados alguns direitos dessas pessoas. Mas sempre com luta, judicialmente, demoradamente.

Ocorre que a luta por dignidade, pelo respeito por parte da mineradora e de autoridades nunca termina, precisa ser constante. E junto vem o desgaste. Até quando as pessoas afetadas pelo desastre do rompimento da barragem manterão sua resiliência? É preciso encontrar forças para seguir, e os mais vulneráveis são amparados pelos que se encontram mais fortalecidos nesse sentido.

O desastre ocorreu em 2015, e ainda há situações de sofrimento, há momentos em que as pessoas afetadas sentem sua impotência – momentos que podem trazer resignação. São informados de decisões que talvez não tenham ferramentas para enfrentar. Entretanto, continuam a lutar. João deixou claro que, embora em muitos momentos sinta cansaço, precisa seguir na luta, enfrentar as dificuldades, A elaboração do luto virá depois, na sua reflexão.

Acompanhando a reunião na Arena Mariana, com a presença do promotor e da equipe da Renova, observamos união, amizade e desejo de lutar com determinação pelas reparações. As pessoas querem sua casa de volta, ou o que seja o mais semelhante possível com o que era o seu lar: o lar que era deles, que era reconhecido, confortável física e emocionalmente.

Foram tantos tipos de perda, tantos danos! O prejuízo ambiental foi visto pelo mundo todo; o prejuízo físico de alguns pôde ser acompanhado por aqueles de convívio mais próximo. O dano psíquico é vivido e sentido internamente, é compartilhado pelos que estão próximo, mas ainda não é possível avaliar quão profundos foram seus efeitos. Houve diagnósticos de depressão, pensamentos suicidas após essa tragédia. Muitos outros efeitos foram observados: medos potencializados, dificuldade para dormir, medo de barulhos, até mesmo do barulho da chuva.

Durante minha permanência em Bento Rodrigues, a dimensão do desastre ficou escancarada. Havia no local muito vazio, um sentimento de “não mais”. A morte de tantas coisas estava latente. Não dá mais para viver lá. Em seu relato, João lamenta: o Bento Rodrigues conhecida acabou, não existe mais. Nesse vazio, cresce a importância das memórias, dos objetos, das lembranças, que ajudarão na elaboração do luto.

Memórias e lembranças, histórias, fotos, roupas e tanto mais, tudo perdido. Pessoas morreram. Atentamos para a importância das memórias, das lembranças. E João afirma que a busca de sentido, amparado naquilo que se pôde preservar internamente como registros, não é um exercício fácil. Sobre a possibilidade de resiliência, vimos que uma das condições importantes é a capacidade de reconhecer a dor e de atribuir sentido a ela; e a tolerância para suportá-la.

Não se sabe quanto tempo ainda será necessário para que as restaurações ocorram, para que as pessoas afetadas sejam atendidas em todos os seus direitos, para que tenham novamente casas que sintam como suas. Não se sabe por quanto tempo estarão de sobreaviso, na luta, alertas, até que suas rotinas possam de fato voltar ao que eram, sem tantas interrupções com reuniões e audiências.

Mas apesar de todo o desgaste, de tantas frustrações, as pessoas afetadas seguem lutando. Nessa trajetória, caminham com a determinação daqueles que vão tentando seguir a vida, mesmo que ainda esperando por reparações. Estão dispostos a encontrar novos sentidos e novas imagens, condições necessárias no caminho a ser seguido para a continuidade da vida, para a elaboração do luto e a construção de novos significados. Mesmo sob o mar de lama, apesar das mortes e de tantas perdas, mesmo depois do susto, do contato com a realidade atual, com a nova forma de vida, os moradores de Bento Rodrigues, cada um a seu modo, caminham exigindo ações das autoridades e da mineradora, para que ocorra a reparação, nos mais diversos aspectos.

Perdas vividas demandam um processo de luto. As reações diante dessa situação são dolorosas: algumas já foram vividas no momento do desastre, outras ainda virão. Entrar em contato com a realidade, dar-se conta do que aconteceu é um processo difícil. É um processo de admitir o que não é desejado – e no caso do rompimento da barragem, o que não era esperado.

Refletindo sobre luto e desastres, Franco (2012) fundamenta:

“Trabalhar com pessoas enlutadas requer a clareza de identificar em que aspectos o mundo presumido mudou, com o que a pessoa pode contar para efetivar essa mudança e construir para si um novo significado. Ser vitimado por um desastre e, como consequência, enlutar-se coloca em questão muitas crenças básicas, necessárias para garantir a segurança da pessoa, como a estabilidade do mundo, a regularidade da resposta das pessoas. (FRANCO, 2012, pp. 57).

Farias (2010) lembra que tratar do tema da morte é de grande valia, pois embora esbarre nos limites mais radicais do ser humano, abre também uma das mais significativas possibilidades: a de revisão de valores e de sentidos.

Esperamos que o episódio do desastre da barragem da Samarco, que se deu devido a um rompimento, não se encerre como fechamento, mas possa criar para os moradores uma oportunidade de abertura e crescimento, apesar de toda a dor inerente a tantas perdas causadas por essa tragédia. A barragem se rompeu abrindo um caminho inesperado, que causou danos incalculáveis. Talvez o Novo Bento Rodrigues traga novas possibilidades de abertura e crescimento para os afetados.

A mineradora Samarco, em conjunto com o Instituto Renova, não demonstrou cuidado algum com as pessoas que sofreram tantas perdas, afetadas por tal tragédia; ao contrário, dificultou da forma como pôde a luta daqueles que viviam em Bento Rodrigues, a luta por seus direitos, pela retomada de uma vida digna. As conquistas nesse sentido deram-se sempre por vias judiciais. O descuido esteve presente desde a emissão de laudos ambientais e durante as manutenções necessárias da estrutura de Fundão; o descuido está presente, pois o Novo Bento Rodrigues ainda não está construído, não foi entregue, e a luta das pessoas afetadas ainda não pôde ter fim.

Reforçamos a importância dos profissionais da saúde que cuidarão das pessoas afetadas, tanto no momento imediato do pós-desastre, como também contemplando um atendimento de mais longo prazo. Para que haja continuidade do cuidado, é fundamental a manutenção do suporte, dos atendimentos psicológicos oferecidos. Por exemplo, a ocorrência do rompimento da barragem de Brumadinho levou as pessoas de Bento a reviver as angústias vividas no evento do rompimento da barragem de Fundão ocorrido no dia 5 de novembro de 2015. Sentimentos e dor se reacendem e novos sentimentos surgem, como a percepção de que nada se aprendeu de tudo o que viveram e ainda vivem, pois o rompimento de uma barragem aconteceu novamente.

Mesmo sem esse novo rompimento, a continuidade do suporte é essencial, de acordo sempre com a necessidade de cada pessoa afetada, para manutenção da saúde e a possibilidade de construção de ferramentas psíquicas para que se dê a continuidade da vida; para que a força para lutar e a resiliência sigam existindo.

Podemos considerar como suportes oferecidos a longo prazo os atendimentos psicológicos, individuais ou em grupo; a realização de rodas de conversa a todos que se sentiram afetados de algum modo pela tragédia; a oferta de suporte medicamentoso, acompanhamento psiquiátrico para aqueles que necessitarem; visitas de psicólogos às escolas, especialmente a escola construída para crianças que viviam em Bento, para conversas com as crianças e colaboradores; apoio emocional aos profissionais da saúde, lembrando que aqueles que oferecem suporte nesse sentido também precisam ser cuidados. Podemos pensar também na importância de treinamento para os profissionais da saúde locais, que estarão na região permanentemente, para qualificá-los nos atendimentos relacionados à área de emergências e desastres, e para que se familiarizem com a realização das rodas de conversa, por exemplo; e no conhecimento do conteúdo proposto pela cartilha dos Primeiros Cuidados Psicológicos, para assim darem continuidade a esse suporte, além dos atendimentos que já realizavam em sua prática.

Enfim, importa que haja um trabalho de longo prazo, e que nenhum tipo de suporte seja interrompido pouco tempo após o início. Já foi visto em outros eventos de emergências e desastres que a mídia e os profissionais da saúde permanecem por algum tempo envolvidos com a situação, enquanto há medidas emergenciais a tomar, e enquanto o impacto da ocorrência ainda gera notícias. Em certo momento, vão embora, e as pessoas afetadas ficam esquecidas, desamparadas, privadas de cuidados que são necessários. É preciso considerar que os efeitos de um desastre como esse podem trazer consequências para a saúde mental e física cujos sintomas talvez não se manifestem imediatamente; e que as pessoas afetadas pelo rompimento da barragem de Fundão ainda precisam preservar sua força para lutar e, dentro do possível, sustentar a resiliência. Portanto, é compreensível que necessitem de suporte emocional para enfrentar esses desafios.

Reforçamos ainda a importância dos Primeiros Cuidados Psicológicos. Sendo um formato de suporte que não é realizado exclusivamente por psicólogos, torna-se extremamente bem-vindo o uso desse conhecimento para a atuação em situações de emergências e desastres, que envolvem a presença de profissionais de diversas áreas. A partir dos PCPs, esses profissionais podem, sim, oferecer apoio, escuta, acolhimento, reconhecendo também o que não devem fazer, ou seja, ações e atitudes que poderão eventualmente causar ainda maiores danos às pessoas afetadas. É uma base de informações que ajuda a balizar o atendimento de quaisquer profissionais, não só psicólogos, nesse momento inicial de pós-desastre.

Podemos considerar acolhimento e cuidado também aos afetados a realização de eventos para que esse desastre siga sendo lembrado. São importantes os rituais de aniversário do rompimento da barragem da Samarco e os eventos para marcar a data do dia 5 de novembro. Da mesma maneira, a construção de memoriais em homenagem aos que perderam a vida nessa tragédia um recurso da maior importância. Essas ações ajudam a validar e reconhecer o que foi vivido, a não deixar que o desastre seja esquecido. Memoriais transformam-se em uma representação concreta, física daquilo que ocorreu, e podem passar a ser local de visitas recorrentes por parte dos que foram afetados e por pessoas que visitam a região, mantendo a tragédia como parte presente da história, um monumento inserido no ambiente em respeito a tanto sofrimento.

É tarefa essencial dos profissionais da Psicologia o cuidar. No desastre de Mariana, a lama de rejeitos fez a terra, antes fértil, transformar-se em solo árido, seco, ferido. O ser humano é terra fértil, que aguarda e depende de cuidados para germinar, para dar frutos. Lembrando Winnicott, o bebê, estando em um ambiente fértil, que confere segurança e oferece os cuidados

de uma mãe suficientemente boa, está em um terreno que possibilita a vivência do que Winnicott considera uma tendência inata para o amadurecimento.

Esperamos que esta pesquisa contribua no sentido de ajudar a fundamentar a prática dos profissionais que atuam na área da Psicologia na Gestão Integral de Riscos e Desastres. No pós-desastre, momento em que a vida do ser humano enfrenta uma profunda erosão, esperamos que a escuta e o acolhimento oferecidos pelos profissionais que atuarão nesse contexto sejam suporte; que esses profissionais possam reconhecer os pedaços de solo fértil no espaço emocional das pessoas afetadas, e ajudar a nutri-los, para que a continuidade da vida seja possível, em meio à aridez das perdas súbitas.

Ainda lembrando Winnicott (2005):

“Às vezes, segurança significa simplesmente ser adequadamente seguro no colo. Tanto em nível físico como em níveis mais sutis, a mãe ou o ambiente conservam a criança meio que unida a si mesma.” (WINNICOTT, 2005, pp. 7).

Continuando,

“O desenvolvimento, em poucas palavras, é uma função da herança de um *processo de maturação*, e da acumulação de experiências de vida; mas esse desenvolvimento só pode ocorrer num *ambiente propiciador*. A importância deste ambiente propiciador é absoluta no início, e a seguir relativa; o processo de desenvolvimento pode ser descrito em termos de dependência absoluta, dependência relativa e um caminhar rumo à independência.” (WINNICOTT, 2005, pp. 27).

Esperamos que as pessoas que viviam em Bento Rodrigues possam encontrar sentido em suas trajetórias de vida, no caminho de elaboração de tantas perdas; que encontrem um ambiente favorável e propício para o acolhimento para que, nesse processo, possam sentir-se reintegrados a si mesmos e à sua vida; que seus caminhos sejam aos poucos reconstruídos em solos férteis, e que possam experimentar o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque, F. J. B. (1997). A psicologia social dos desastres: existe um lugar para ela no Brasil? In *Trabalho, organizações e cultura* (pp. 221-228). São Paulo, SP: Coletâneas ANPEPP.
- Alves, E. G. R. (2006). *Pedaços de mim: O luto vivido por pessoas com deformidade facial adquirida pós-trauma bucomaxilofacial e sua interferência no seu desenvolvimento* (Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo). Recuperado de <https://repositorio.usp.br/item/001543562>.
- Alves, E. G. R. (2010). Desastres coletivos: perda, morte e luto. (3 Vols.). In *A Arte de morrer – visões plurais* (pp. 282-304). São Paulo, SP: Comenius.
- Alves, E. G. R. (2014). Desastres: Intervenções em Luto Coletivo. In F. S. Santos (Org.). *Tratado brasileiro sobre perdas e luto*. (pp. 415-423). São Paulo, SP: Atheneu.
- Alves, E. G. R. (2018). Da psicologia dos desastres à psicologia da gestão integral de riscos e desastres. In Fukumitsu, K. O. (Org.). *Vida, Morte e Luto – Atualidades Brasileiras* (pp. 166-181). São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Alves, E., & Oliveira, D. (2017). Psicologia da gestão integral de riscos e desastres. In Gunther, W., Ciccotti L., & Rodrigues A. *Desastres: Múltiplas Abordagens e Desafios*. (pp.17-32). Rio de Janeiro, RJ: Elsevier.
- Angrosino, M. & Flick U. (Coord.) (2009). *Etnografia e Observação Participante*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Angst, R. (2009). Psicologia e Resiliência: uma revisão da literatura. *Psicologia Argum*, 27 (58), 253-260. Recuperado de: periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/viewFile/20225/19509.
- Apollonio. (2017). *Héstia, Deusa do Lar e do Fogo Interior*. Recuperado de <https://wicca.sucessoecultura.com/bruxariamoderna/hestia-deusa-do-lar-e-do-fogo-interior/>.
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011). *Snowball (Bola de Neve): Uma Técnica Metodológica para Pesquisa em Educação Ambiental Comunitária*. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. PUCPR. Curitiba.
- Beck, U. (2011). *Sociedade de Risco: Rumo a uma outra Modernidade*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Belting, H. (2014). *Antropologia da Imagem*. Lisboa: KKYM.

- Biernacki, P., & Waldorf, D. (1981). *Snowball Sampling: Problems and Techniques of Chain Referral Sampling*. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/004912418101000205>.
- Boff, L. (1999). *Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra*. Recuperado de <https://leonardoboff.org/2020/08/21/saber-cuidar/>.
- Cabral, C., Zioni, F., & Olivar, J. M. N. (2019). *Pesquisa Qualitativa em Saúde: Conceitos, Teorias e Técnicas*. (comunicação pessoal). Faculdade de Saúde Pública da USP.
- Cassorla, R. M. S. (1992). Reflexões sobre a psicanálise e a morte. In Kovács, M. J. *Morte e Desenvolvimento Humano* (pp. 91-112). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cogo, A. S, César, A. V. L, Prizanteli, C. C., Jabur, E, Hispagnol, I. G. R, Franco, M. H. P, Rodriguez, M. I. F & Torolho, P. R. D. (2015). A Psicologia diante de Emergências e Desastres. In M. H. P. Franco (Org.). *Intervenção Psicológica em Emergências: Fundamentos para a prática* (pp. 17-60). São Paulo, SP: Summus.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2011). *Abandonados nos desastres. Uma análise sociológica de dimensões objetivase simbólicas de afetação de grupos sociais desabrigados e desalojados*. Brasília, DF: Autor.
- Corrêa, M. A. S. (2000). *Morte simbólica, não-ser em vida: construindo o conceito*. Recuperado de encurtador.com.br/bwBOW.
- Costa Neto, S. B., & Helou, S. (Orgs.) (1995). Césio-137. *Consequências Psicossociais do Acidente de Goiânia*. Recuperado de https://www.saude.go.gov.br/images/imagens_migradas/2016/12/cesio-137-consequencias-psicossociais-do-acidente-de-goiania.pdf.
- Couto, M. (2002). *Frases sobre Cidades de Mia Couto*. Recuperado de: <https://www.poetris.com/frases/cidade/mia-couto>.
- Couto, M. (2003). *Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Dewes, J. O., & Nunes, L. N. (2013). *Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: Uma Descrição dos Métodos*. (Trabalho de Conclusão de Curso de Estatística, Instituto de Matemática, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Recuperado de <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/93246>.

- Dias, E. O. (2003). *A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora.
- Erikson, E. H. (1987). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara S.A.
- Espírito Santo. Defesa Civil. (2012). Lei 12.608, de 10 de abril de 2012. Vitória, ES: Autor.
- Farah, L. (2019). *Além da Lama – O emocionante relato do capitão dos bombeiros que atuou nas primeiras horas da tragédia em Mariana*. São Paulo, SP: Editora Vestígio.
- Farias, E. (2010). “Homens ou Animais?”. Recuperado de: <https://www.estadometaoia.wordpress.com>.
- Figueiredo, C. R. L. D. (2016). Política de Defesa Civil e a Garantia de Direitos. In *Conselho Regional de Psicologia de São Paulo: Psicologia em Emergências e Desastres*. São Paulo, SP: CRP/SP.
- Fonseca, J.P., Biasoto, L. G. A. P., Vicente, R. G., Ramos, R. S., & Padovan, S. (2015). A Psicologia diante de Emergências e Desastres. In Franco, M. H. P. (Org.). *Intervenção Psicológica em Emergências: Fundamentos para a prática*. São Paulo, SP: Summus.
- Fontelles, C. C. (2016). *Cuidar é transformar o Mundo. E a Mudança deve Começar Agora*. Recuperado de: encurtador.com.br/cmQV6.
- Franco, M. H. P. (2012). Crises e Desastres: a resposta psicológica diante do luto. *OMundo da Saúde*, 36(1), 54-58. Recuperado de: <https://bvsmms.saude.gov.br>.
- Franco, M. H. P. (Org.). (2015). *A Intervenção Psicológica em Emergências – Fundamentos para a Prática*. São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Franco, M. H. P. *Luto como Experiência Vital*. Recuperado de https://www.4estacoes.com/pdf/textos_saiba_mais/luto_como_experiencia_vital.pdf.
- Franco, M. H. P. *Luto em Cuidados Paliativos*. Recuperado de https://www.4estacoes.com/pdf/textos_saiba_mais/luto_em_cuidados_paliativos.pdf.
- Frankl, V. E. (1991). *Em Busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

- Fundação Renova. (2019). *Estatuto da Fundação Renova*. Recuperado de <https://www.fundacaorenova.org/wp-content/uploads/2020/07/estatuto-registrado-2019.pdf>.
- G1. (2015, 5 de dezembro). *Rompimento de barragem da Samarco, em Mariana, completa um mês*. Recuperado de <http://especiais.g1.globo.com/minas-gerais/2015/desastre-ambiental-em-mariana/1-mes-em-numeros/>.
- Giddens, A. (1991). *As Consequências da Modernidade*. São Paulo, SP: Editora UNESP.
- Giovacchini, P. T. (Org.). (1995). *Táticas e Técnicas Psicanalíticas*. – D. W. Winnicott. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Gomes, E. R. B., & Cavalcante, A. C. S. (2012). Desastres naturais: perdas e reações psicológicas de vítimas de enchente em Teresina-PI. *Psicologia e Sociedade*, 24(3). Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000300025>. Acesso em 03/05/2019.
- Gouvêa, T. V. S. (2018). Quando a Morte Chega em Casa: O Luto e a Saudade. In Fukumitsu, K. O. (Org.). *Vida, Morte e Luto – Atualidades Brasileiras* (pp. 182-192). São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Grolnick, S. (1993). *Winnicott – O Trabalho e o Brinquedo: Uma Leitura Introdutória*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Houaiss, A. & Villar, M.S. (2001) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda.
- Instituto Camila e Luiz Taliberti. (2019). *Tentaram nos enterrar. Não sabiam que éramos sementes*. Recuperado de <https://www.somossementes.org.br>.
- Jerônimo, R. N. T., & Souza, R. V. C. (2015). Psicologia Ambiental: Um Estudo acerca da Resistência frente à Mineração em Içara. *Psicologia & Sociedade*, 27(1)80-86. Recuperado de www.scielo.br/pdf/psoc/v27n1/1807-0310-psoc-27-01-00080.pdf.
- Kovács, M. J. (2003). *Educação para a Morte. Temas e Reflexões*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2011). A Morte Em Vida. In M. H. P. Franco, et al. *Vida e Morte – Laços da Existência* (pp. 11-32). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

- Kovács, M. J. (Org.). (2015). *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Krum, F. M. B., & Bandeira, D. R. (2008). Enfrentamento de desastres naturais: o uso de um coping coletivo. *Paideia* 18(39). Recuperado de <https://www.scielo.br/j/paideia/a/xRGfLt5xxs7LXkt9cmPG4jM/abstract/?lang=pt>.
- Kübler-Ross, E. (1985). *Sobre a Morte e o Morrer*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Martins Fontes.
- Kübler-Ross, E. (1998). *A Roda da Vida*. Rio de Janeiro, RJ: Sextante.
- Lacerda Neto, F. (2017). *A Casa, o Lar e o Habitante – Fenomenologia do Espaço Arquitetônico e do Habitar*. Recuperado de: <https://wsimag.com/pt/arquitetura-e-design/22710-a-casa-o-lar-e-o-habitante>.
- Leal, A.L., Röhr, F., & Policarpo Júnior, J. (2010) *Resiliência e Espiritualidade: algumas implicações para a formação humana*, 15(1) 11-24.
- Lei 12.983, de 2 de junho de 2014. (2014, 2 de junho). Altera a Lei nº 12.340, de 1º de dezembro de 2010, para dispor sobre as transferências de recursos da União aos órgãos e entidades dos Estados, Distrito Federal e Municípios para a execução de ações de prevenção em áreas de risco e de resposta e recuperação em áreas atingidas por desastres e sobre o Fundo Nacional para Calamidades Públicas, Proteção e Defesa Civil, e as Leis nºs 10.257, de 10 de julho de 2001, e 12.409, de 25 de maio de 2011, e revoga dispositivos da Lei nº 12.340, de 1º de dezembro de 2010. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12983.htm. Acesso em 10/08/2018.
- Lima, C.M.G., Dupas, G., Oliveira, I., & Kakehashi, S. (1996). *Pesquisa Etnográfica. Iniciando sua Compreensão*. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 4(1) 21-30.
- Lordelo, E.R., & Carvalho, A.M.A. (2003). Educação Infantil e Psicologia: para quê brincar? *Psicologia, Ciência e Profissão*, 22(2) 14-21.
- Macedo, L.S.R., & Silveira, A. C. (2012). Self: Um conceito em desenvolvimento. *Paideia*, 22(52) 281-289.
- Magalhães, T. As contribuições da espiritualidade e da Pastoral Católica no desenvolvimento da resiliência em jovens de 18 a 29 anos. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, 398(x).
- Marchezini, V. (2009). Dos desastres da natureza à natureza dos desastres. In *Sociologia dos desastres – construção, interfaces e perspectivas no Brasil* (pp. 48-57). São Carlos, SP: RiMa Editora.

- Massola, G. M., & Svartman, B. P. (2018). Aspectos Psicossociais das Interações entre pessoas e Diversos Contextos Socioambientais – Enraizamento, Tempo e Participação na Psicologia Ambiental. *Estud. Psicol. (Natal)*, 23(3). Recuperado de: <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20180028>.
- Mattedi, M. A. (2008). A abordagem psicológica da problemática dos desastres: um desafio cognitivo e profissional para a psicologia. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28(1), 162-173.
- Medeiros, C., & Aiello-Vaisberg, T. M. (2014). Reflexões sobre Holding e Sustentação como Gestos Psicoterapêuticos. *Psicol. Clin* 26(2). Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pc/a/wLtHmFGfDBWy4vR5Mwdt9Nb/abstract/?lang=pt>.
- Minayo, M. C. S. (2000). *O Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo, SP: Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (Org.). (2001). *Pesquisa Social. Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Ministério da Integração Nacional. (2007). *Política Nacional de Defesa Civil* Recuperado de encurtador.com.br/dsGZ7.
- Ministério da Saúde (2012). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, DF: Autor.
- Model, A. H. (1995). As raízes da criatividade e o uso do objeto. In P. L. Giovacchini (Org.). *Táticas e Técnicas Psicanalíticas – D. W. Winnicott*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Molina, R. (2011). Psicologia de Emergências e Desastres na América-Latina: Promoção de Direitos e Construção de Estratégias de Atuação. In Conselho Federal de Psicologia (Org.). *A psicologia das emergências e desastres e compromisso social: a experiência latino-americana*. Recuperado de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2011/06/emergencias_e_desastres_final.pdf.
- Moser, G. (1998). Psicologia Ambiental. *Estudos de Psicologia*, 3(1)121-130. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n1/a08v03n1.pdf>.
- Nucci, N. A. G. (2018). Educar para a Morte: Cuidar da Vida. In Fukumitsu, K. O. (Org.). *Vida, Morte e Luto – Atualidades Brasileiras* (pp. 62-74). São Paulo, SP: Summus Editorial.
- Oliveira, D. R. (2018). *Crianças em situações de riscos e desastres: Atenção Psicossocial, Saúde Mental e Direitos Humanos*. (Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo). Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-04092018-103504/pt-br.php>.

- Oliveira, M. (2009). *Manual de Gerenciamento de Desastres*. Recuperado de <https://www.ceped.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/09/Manual-de-Gerenciamento-de-Desastres.pdf>.
- Organização das Nações Unidas (ONU). (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Paris, França: Autor.
- Organização das Nações Unidas (ONU). (1947). *Definição de Desastre*. Recuperado de <https://brasil.un.org>.
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2015). Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). *Primeiros Cuidados Psicológicos: Guia para Trabalhadores de Campo*. Brasília, DF: Autor.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto. Estudos sobre a Perda na Vida Adulta*. São Paulo: Summus.
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e Perda: As Raízes do Luto e suas Complicações*. São Paulo, SP: Summus.
- Pasa, F. M. L. (2013). “Eles Partiram Cedo”: Morte, Luto e Resiliência diante da Fé Cristã. (Tese de mestrado, Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Recuperado de <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/5870#:~:text=Citation%3A,resili%C3%A2ncia%20diante%20da%20f%C3%A9%20crist%C3%A3>.
- Pessini, L. (2018). Espiritualidade, finitude humana, medicina e cuidados paliativos. In Fukumitsu, K. O. (Org.). *Vida, Morte e Luto – Atualidades Brasileiras* (pp. 49-61). São Paulo: Summus Editorial.
- Pezzato, L. M., Botazzo C., & Labbate, S. (2019). O Diário como Dispositivo em Pesquisa Multicêntrica. *Saúde e soc*, 28(3). Recuperado de <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/DHWtPbhBJQ6gcJzhqSdrG9w/?lang=pt>.
- Psicologado. (2012). *Winnicott – Principais Conceitos*. Recuperado de www.psicologado.com/abordagens/psicanalise/winnicott-principais-conceitos.
- Ribeiro, C. V. (2019). Para além do inconsciente verbalizável e da memória lacunar: a psicanálise sob o olhar de Loparic. *Revista Natureza Humana*, 21(2)220-257.
- Ruf, B. (2014). *Destroços e Traumas: Embasamentos Antroposóficos para Intervenções coma Pedagogia de Emergência*. São Paulo, SP: Antroposófica.

- Saporette, L. A. (2014). Conceituando Espiritualidade. Recuperado de <https://alemsoma.wordpress.com/2014/02/24/conceituando-espiritualidade/>.
- Serra, C. (2018). *Tragédia em Mariana – A História do Maior Desastre Ambiental do Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Shepherd, R, Johns J., & Robinson, H. T. (Org). (1997) *D. W. Winnicott – Pensando sobre Crianças*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Silva, M. O. L., Oliveira, S. S., Pereira, V. A., & Lima, M. G. S. B. (2010). Etnografia e Pesquisa Qualitativa: Apontamentos sobre um Caminho Metodológico de Investigação. Recuperado de <https://pt.scribd.com/document/160320362/Etnografia-e-Pesquisa-Qualitativa-Apontamentos-Sobre-Um-Caminho-Metodologico-de-Investigacao>.
- Sontag, S. (2003) *Diante da Dor dos Outros*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Spink, M. J. (2014) *Viver em áreas de risco: tensões entre gestão de desastres ambientais e os sentidos de risco no cotidiano*. São Paulo, SP: Educ.
- Stevanim, L. F. (2020). “É o Momento de nos Reinventarmos como Humanidade” – Psicóloga que já esteve em mais de 40 países em desastres e epidemias, Débora Noal ressalta que os afetos e o cuidado ajudam a superar o sentimento de impotência. Recuperado de encurtador.com.br/cglAS.
- Stroebe, M. & Schut, H.(1999). The dual process model of bereavement: rationale and description. *Death studies*, 23(3)197-224.
- Szymanski, H. (Org.). (2002). Entrevista Reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In *Entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva* (pp. 8-61). Brasília, DF: Liber Livro Editora.
- Terkenli, T. S. (1995). Home as a Region. *Geographical Review*, 85(3)324-334. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/215276>.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista Saúde Pública* 39(3). Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0034-89102005000300025>.
- Valêncio, N. (2009). Vivência de um desastre: uma análise sociológica das dimensões políticas e psicossociais envolvidas no colapso de barragens. In *Sociologia dos desastres – construção, interfaces e perspectivas no Brasil* (pp. 176-196). São Carlos, SP: RiMa Editora.

- Valêncio, N. (2011). A Sociologia dos Desastres: Perspectivas para uma Sociedade de direitos. In Conselho Federal de Psicologia. *Psicologia das Emergências e Desastres na América-Latina: Promoção de Direitos e Construção de Estratégias de Atuação* (pp.13-30).
- Viorst, J. (2003). *Perdas Necessárias*. São Paulo, SP: Melhoramentos.
- Weil, S. (2001). *O Enraizamento*. Recuperado de: <https://www.trama.ufscar.br/o-enraizamento/>.
- Winnicott, D. W. (1983). *O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1990). Os Objetivos do Tratamento Psicanalítico. In Winnicott, D. W. *O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional*. (pp. 128-139). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1994). Sobre “o uso de um objeto.”. In *Explorações Psicanalíticas* (pp. 170-192). Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul.
- Winnicott, D. W. (1997). O efeito da perda sobre as crianças. In Shepherd, R., Johns, J., Robinson, H. T. (Orgs). *Pensando sobre Crianças* (pp. 64-65). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Winnicott, D. W. (2005). *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (2005). *Tudo começa em Casa*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- World Conference on Disaster Risk Reduction (WCDRR). (2015). *Sendai Framework for Disaster Risk Reduction 2015-2030*. Recuperado de https://www.unisdr.org/files/43291_sendaiframeworkfordrren.pdf.

APÊNDICE A – A FUNDAÇÃO RENOVA

A Fundação Renova foi criada pela empresa Samarco em 30 de junho de 2016, para realizar todos os procedimentos necessários para a reparação dos danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão, em Mariana (MG). É responsável pelo cumprimento do Termo de Transação e Ajustamento de Conduta (TTAC), o compromisso jurídico que obriga a empresa Samarco a reparar os danos causados pelo rompimento da Barragem de Fundão, no município de Mariana (MG), em 5 de novembro de 2015.

Um acordo firmado por dezenas de entidades, entre órgãos da federação, como IBAMA, ICMBio, ANA, órgãos estaduais e municipais, as empresas Samarco, Vale e BHP, além de representantes do comitê de bacias, estabeleceu diretrizes de como o processo seria desenvolvido.

As ações de reparação foram divididas em duas frentes principais. A primeira é a da reparação em si, voltada para reverter ou diminuir os impactos causados pelo rompimento — aqui está incluído o manejo de rejeito, a reconstrução das vilas e as indenizações. A segunda é a de compensação, para ressarcir a sociedade pelos danos gerais causados na vida das pessoas — restauração florestal, recuperação de nascentes e saneamento para os municípios ao longo do rio Doce são alguns exemplos.

O TTAC define o escopo da atuação da Fundação Renova, que são os 42 programas que se desdobram nos muitos projetos a serem implementados nos 670 quilômetros de área impactada ao longo do rio Doce e afluentes. As ações em curso são de longo prazo, porém as metas de curto prazo envolvem atendimento nas áreas de economia, educação e saúde.

A missão da Renova é restabelecer os modos de vida e a organização das comunidades que perderam suas casas pela passagem do rejeito após o rompimento da barragem de Fundão: os distritos de Bento Ribeiro e Paracatu de baixo, em Mariana; Gesteira, em Barra Longa; e comunidades rurais nos respectivos municípios.

O Novo Bento Rodrigues

O programa de reassentamento prevê a construção do Novo Bento Rodrigues, em terreno escolhido pela comunidade em maio de 2016. Segundo a Fundação, o projeto no Novo Bento Rodrigues teria sido aprovado em janeiro de 2017, tendo sido realizadas naquele ano oficinas com 164 famílias. No entanto, segundo depoimentos de moradores, a aprovação somente ocorreu em assembleia realizada em fevereiro de 2018.

Os passos seguintes seriam a elaboração dos projetos de engenharia e estudos ambientais para dar entrada no pedido de licenças ambiental e urbanística. Devido à pandemia

do Coronavirus, a programação foi alterada, e os trabalhos paralisados teriam sido retomados em junho de 2020.

(*) As informações apresentadas neste trabalho foram extraídas do *site* da Fundação Renova em 28 de janeiro de 2021, e complementadas com dados da internet e depoimentos de moradores de Bento Rodrigues.

ANEXO A – DIÁRIO DE CAMPO

O início da trajetória. Fevereiro de 2018.

Mariana, a chegada. Ainda no ônibus, a visão dos primeiros pedaços de Mariana me emocionou. Desembarque. Rodoviária charmosa, pequena. Ainda não sabia que o escritório da Defesa Civil era ali mesmo, no andar de cima da rodoviária.

Um táxi me levou para a locadora de carros; em dois minutos já estava lá. Tudo menor, mais perto, nessa cidade mineira. Mesmo sendo rápido, deu tempo de conversar com o taxista sobre o motivo da minha estadia ali. Logo ele já estava falando sobre o desastre com a barragem da Samarco, esclarecendo que os ex-moradores de Bento Rodrigues agora moravam em Mariana e que, na sua impressão, estavam bem instalados. Comentou também que, decorridos dois anos desde o desastre, Mariana agora já estava com a vida mais normalizada. Perguntei se ele saberia indicar mais ou menos onde, em Mariana, essas pessoas estavam morando, imaginando, a partir do que havia visto pela TV, que seria em um bairro, um conjunto habitacional. Ele me contou que os que perderam suas casas em Bento Rodrigues estavam morando “espalhados” por Mariana.

Entrando na locadora de veículos, vi do outro lado da rua, bem em frente ao local onde eu estava, uma escola com o nome Bento Rodrigues. Perguntei ao funcionário da locadora sobre o nome da escola, já que estávamos em Mariana: ele esclareceu que aquela é a escola que foi construída exclusivamente para os alunos que moravam em Bento Rodrigues, uma escola só para ex-moradores daquele distrito. Naquele momento, a história que fui pesquisar foi ficando real – ganhou corpo, estava visível bem ali, na minha frente. De novo, fiquei comovida. O rapaz me entregou o carro e me orientou em relação ao caminho para chegar até a pousada em que estaria hospedada, indicando a direção que eu deveria seguir.

Na pousada, tendo passado por algumas ruas e caminhos de Mariana, cheguei ao quarto com um sentimento de encantamento pela cidade – as ruas, as construções, as flores enfeitando as janelas das casas, tudo tão charmoso, tão bem cuidado, encantador – e ao mesmo tempo, senti junto uma tristeza que me fez chorar. Percebi que ter visto aquela escola e ali ter tido essa primeira percepção da realidade, do que aconteceu naquele lugar, me tocou profundamente. Como me senti triste... Então, de fato, estava ali a escola que acolhia os alunos que eram de Bento Rodrigues. Por quê? Porque há dois anos uma barragem de rejeitos de minério ferro se rompeu, e a lama que dela veio assolou aquele distrito de forma definitiva. Em Bento não havia mais a escola, não havia mais casas habitáveis. Não havia mais rotina, trabalho, crianças passando, pessoas no bar. Não havia mais Bento Rodrigues. E era sobre isso que eu queria falar.

A emoção acalmou, arrumei minhas roupas no quarto e avisei a agente da Defesa Civil de Mariana, com quem eu havia feito contato, que já estava na cidade, e que aguardaria para saber sobre a possibilidade de nos encontrarmos para conversar. Depois de um tempo, veio o recado marcando nosso encontro para as 9h00 do dia seguinte, na Defesa Civil de Mariana. Grata pelo atendimento, eu tinha aquela primeira noite para estar ali, em Mariana, aguardando o início dos trabalhos no dia seguinte.

Primeiro passeio

Eram quase seis da tarde. Fui caminhar, e cheguei a uma igreja muito bonita, e havia outra logo à sua frente. Na primeira começava uma missa. Da porta da igreja viam-se as montanhas, o fim da tarde – uma paisagem nada corriqueira para nós, paulistanos moradores de São Paulo.

Que privilégio participar daquela missa, sob uma arquitetura incrível, ao lado de pessoas que me pareciam pouco urbanas, e tendo ao longe uma vista que inspirava serenidade! O sentimento foi de gratidão pelo que eu estava vivendo, pela oportunidade de pedir sabedoria, força e calma para absorver o que viria nos dias seguintes; de pedir para estar apta, inteira e presente, ter habilidade para acolher as falas e os olhares, para fazer valer a chance de promover ao menos algum conforto para aqueles que eu pudesse ouvir. Enfim, para que a vivência dos dias em Mariana fosse aproveitada da melhor maneira possível.

Naquele dia 6 de fevereiro, cheguei a uma cidade bem cuidada que acolheu as pessoas afetadas de uma história de total descuido. Mariana recebia pessoas que haviam sido afetadas por um tipo de ocorrência que jamais imaginariam; pessoas que viveram perdas, que foram obrigadas a sair de onde moravam porque no dia 5 de novembro de 2015 a lama de rejeitos passou violentamente por todo Bento Rodrigues, arrastando quase tudo o que tinham. Das pessoas, “pedaços” ficaram “em pé”. Como se sentiram os moradores de Bento Rodrigues depois que a lama as atingiu, concreta e emocionalmente? Como cada pessoa afetada se sente tendo passado por essa ruptura na vida? Era sobre isso que eu queria falar, era sobre isso que eu queria ouvir. Lá em Mariana pude começar minha imersão de fato em todo esse evento.

Meus dias em Mariana

Em qualquer movimento meu pela cidade, para fazer uma refeição ou uma compra no trajeto para o escritório da Defesa Civil, ou parando para um café, para quem eu perguntasse se morava na região na ocorrência do rompimento da barragem da Samarco, os relatos sobre esse momento logo vinham e, junto, os sentimentos que tiveram, o que viram, como a cidade ficou...

aproximadamente dois anos depois, as “marcas” deixadas pela lama, lá em Mariana mesmo, estavam ainda bem presentes: nas falas dos comerciantes, nas histórias contadas pelos funcionários da pousada na qual me hospedei, na fala do taxista com quem conversei...e assim por diante.

No dia seguinte, tive o privilégio de passar um tempo escutando o chefe da Defesa Civil de Mariana, que atuou com sua equipe no dia em que a barragem se rompeu. Com franqueza e boa vontade, relatou sua própria vivência, descreveu aquele dia e o impacto para ele e para a equipe da Defesa Civil. A conversa foi de uma riqueza e, para minha surpresa, me foi oferecida uma visita a Bento Rodrigues no dia seguinte, com um agente da Defesa Civil, caso não piorasse o tempo e desde que não houvesse alguma ocorrência à qual tivessem que atender. Saí do encontro com um sentimento de gratidão e com expectativa em relação àquela possibilidade.

Antes de acabar o dia, o agente da Defesa Civil enviou uma mensagem solicitando meu nome completo, RG e CPF, e confirmando que na manhã do dia seguinte iríamos até Bento Rodrigues.

É difícil descrever o quanto me senti agradecida, presenteada e imensamente feliz por ter essa oportunidade. O acesso a Bento Rodrigues estava interditado, só seria possível na companhia da Defesa Civil. E assim eu fui.

Bento Rodrigues, uma comunidade despedaçada

Sáímos cedo na viatura da Defesa Civil. Fomos eu, o motorista e uma agente da Defesa Civil que também havia trabalhado em Bento Rodrigues no dia 5 de novembro de 2015, logo após o rompimento da barragem da Samarco.

Estrada de asfalto por um tempo, e logo uma estrada de terra e paisagens bonitas. Eu olhava curiosa e ansiosa para ver de perto o que até aquele momento só via pelas reportagens de televisão – a versão real daquilo que, em função dessa lente, eu havia construído no meu imaginário. A cada trecho do caminho já esperava encontrar Bento Rodrigues. Apareceu primeiro a área que já estava demarcada, batizada de Nova Bento – ou, pelo menos, a indicação daquilo que deverá ser o Novo Bento.

A agente da Defesa Civil pediu que o motorista parasse o carro para que eu pudesse descer por um instante, fotografar, sentir, olhar. Vi urubus entre a paisagem. Seguimos um pouco mais e chegamos a uma espécie de portaria. Ao ver a viatura da Defesa Civil, um rapaz se aproximou e perguntou se era eu que estava ali, para confirmar os dados que havia recebido na véspera. Fomos autorizados a seguir. Chegamos a Bento Rodrigues.

Logo no início do trajeto, vi uma casa que havia sido exibida em uma das reportagens, onde ex-moradores de Bento Rodrigues se reuniam, onde riam e choravam; onde faziam refeições e até passavam algumas noites. Essa casa estava coberta por uma lona, e parecia estar mais cuidada, prestando-se a esses encontros. Pude reconhecê-la.

Conforme seguíamos, a agente da Defesa Civil e o motorista contavam situações registradas após a tragédia. Além de todo o sofrimento, moradores desalojados ainda eram roubados por pessoas que entravam em Bento e pilhavam o que conseguiam carregar de casas que haviam ficado desocupadas. Batentes de portas foram arrancados, vãos de janelas ficaram só com o contorno da alvenaria. O que pensar disso? Como entender essa conduta de um ser humano? Continuamos seguindo.

Um pouco mais adiante, o motorista estacionou a viatura e pudemos descer. A agente caminhou comigo, mostrando e permitindo que eu visse, tocasse, sentisse, fotografasse tudo aquilo que, de dois anos para cá, já é quase nada. O lugar está cheio de morte, nada mais. O motorista não quis nos acompanhar, disse não querer ver aquilo novamente.

A escola apareceu primeiro, com frases escritas no muro, com o amarronzado deixado pela lama e já com muito mato crescido desde o dia do rompimento da barragem. O cenário que pude ver, que já era fúnebre, não podia ser comparado ao que foi visto um ou dois anos atrás. Antes era a lama que cobria o lugar. Ela está lá, mas o mato cresceu diante das portas das casas, dentro daquilo que sobrou das construções, no entorno das ruas. Seguimos caminhando. Vi árvores mortas; vi o local onde ficava a capela daquele distrito. A agente da Defesa Civil foi generosa: ao mesmo tempo em que me acompanhava pelas ruas para que eu pudesse conhecer o lugar, respeitava meu ritmo, minhas paradas, minhas perguntas.

Pensei que o que já havíamos visto era tudo, mas ela me disse que os maiores estragos ainda estavam adiante. O motorista não saiu da viatura. A altura do tom marrom nas paredes das casas impressionava. A lama de fato cobriu quase tudo. Havia uma casa de dois andares com pedaços de ferro de construção expostos; via-se que não era frágil em sua estrutura e, ainda assim, a lama a devassou.

Continuamos andando, vi uma construção que era um bar. Foi esse um dos momentos em que mais me emocionei. Ali a realidade do acontecimento de dois anos atrás surgiu com toda a força bem na minha frente: vi uma mesa de pebolim saindo pela porta do bar, ainda coberta de lama. Cheguei perto e pude olhar a parte interna: vi uma mesa de sinuca coberta de lama com um palmo de altura; vi garrafas, barro, cadeira, cesto de lixo. Senti um nó na garganta que me fez chorar. Um sentimento de muita tristeza. De pesar.

Figura 8 – A força da lama

Visita a Bento Rodrigues; a construção é um bar pelo qual a lama passou deixando destruição. A pesquisadora aparece com o braço esticado para cima, com o intuito de apresentar uma referência diante da altura a que a lama chegou. O impacto por ter visto os móveis e objetos desse bar da forma como foram deixados após o rompimento da barragem promoveu um impacto inominável na pesquisadora.

Fonte: Laura Antunes

Que bom que a agente da Defesa Civil pôde respeitar meu ritmo; pareceu-me também estar revendo... sentindo ...Tinha mais coisa ainda para olhar.

Passando o local desse bar, a rua subia, inclinando-se um pouco mais. Por estarem em um local um pouco mais alto, nessa rua algumas casas não foram muito atingidas. Mais para cima havia um ginásio, que também foi pouco atingido pela lama. De novo, vi urubus vivendo ali. É curioso, chamaram a minha atenção: parece que traziam um peso a mais para aquela paisagem, para o contexto de morte, de perdas, de restos. E lá estavam eles, os urubus.

Reparei em casas caprichadas, algumas com vidros coloridos, batentes e azulejos bonitos. Algumas pareciam ter vários cômodos e dois andares, o que conseguíamos perceber porque era possível ver parte das entradas desses cômodos e de uma escada que já não chegava a lugar nenhum. Havia restos de roupas e colchões, já misturados com o mato e com metais e ferros retorcidos, que faziam parte da estrutura das casas. Paramos um pouco, enquanto a agente que me acompanhava relembrou histórias, fatos e situações que presenciou e que viveu trabalhando com colegas na ocasião do rompimento da barragem.

Mais adiante, vi no chão um brinquedo sujo de lama, enroscado em uma trepadeira e no mato. Esteve ali desde o desastre. Senti vontade de levá-lo comigo, de guardá-lo, e a agente

disse que sim, que eu o levasse, que daquilo tudo nada seria feito, que era como se fosse lixo. Já retornando, pedi a ela que tirasse uma foto minha ao lado daquele bar, e estiquei o braço para cima, para que fosse possível avaliar a altura a que a lama chegou. O brinquedo enlameado aparece na foto, e na volta o enrolei na minha malha para que não sujasse a viatura da Defesa Civil.

Figura 9 – Brinquedo na lama

O brinquedo encontrado no meio da lama e do mato, na visita a Bento Rodrigues. Para a pesquisadora, essa imagem tem a força de falar por si só.

Fonte: Laura Antunes.

Voltamos para o escritório da Defesa Civil. Imensamente grata, voltei para o hotel.

A Assembleia da Fundação Renova com os ex-moradores de Bento Rodrigues

No dia seguinte, assisti a uma assembleia pública realizada na Arena Mariana, o estádio onde inicialmente foram acomodados os moradores recém saídos de Bento Rodrigues. No local havia filas para que as famílias afetadas se cadastrassem. Nesse encontro seria apresentada a planta (ou o projeto) do Novo Bento, que se esperava que fosse aprovada pela maioria dos que estavam ali.

Figura 10 – Arena: palco de ações coletivas

Arena Mariana: espaço que serviu como abrigo nos momentos iniciais após o desastre; local no qual aconteceu a audiência pública entre a Fundação Renova e as famílias que viviam em Bento Rodrigues.

Fonte: Laura Antunes

A assembleia foi organizada por profissionais da Fundação RENOVA. Estavam presentes o promotor e sua assessora, que pareciam estar bastante envolvidos com o evento. No ginásio havia cadeiras, um telão, mesas com café e pães de queijo, e ainda uma área para atividades com as crianças, organizadas por profissionais, que também as distraíam fazendo pinturas no rosto. Terminado o cadastramento de todas as famílias, a reunião teve início. Foi nesse mesmo ginásio que nos momentos iniciais após a tragédia as famílias de ex-moradores de Bento Rodrigues foram abrigadas.

Um dos ex-moradores de Bento Rodrigues pediu a palavra e, antes de comentar sobre os trabalhos que estavam sendo feitos, propôs que todos se levantassem e rezassem o Pai Nosso. Um funcionário da Fundação RENOVA coordenava e orientava a sequência da Assembleia. A Arena estava lotada. O promotor que está ajudando as famílias dos afetados também teve a palavra, seguido pelo representante da RENOVA.

Essa reunião teve lugar após vários encontros realizados entre os ex-moradores de Bento Rodrigues e a equipe da RENOVA. Já haviam sido realizadas algumas oficinas, e nessa assembleia ao representante da RENOVA apresentou a planta de como deverá ficar o Novo Bento. Salientou que tudo o que estava ali apresentado foi sendo construído a partir das necessidades e sugestões trazidas pelas famílias, e que houve um esforço no sentido de atendê-los.

Percebi ali pessoas bem humildes, idosos, pessoas simples que, subitamente, viram a vida conhecida desaparecer. De uma hora para outra, estavam ali, diante de um promotor, tendo que votar para aprovar ou não como será sua nova casa – uma escolha que já não depende de cada um, mas de outros órgãos, da aprovação por parte de pessoas que não fazem – ou pelo menos não faziam – parte das suas vidas.

A votação começou, havia até urnas. Existia a possibilidade de votar SIM, caso concordasse com a planta do Novo Bento; de ir contra a proposta apresentada, votando NÃO; e de votar em branco, caso não fosse contra nem a favor. Terminada a votação, foi iniciada a contagem dos votos ali mesmo no local, na quadra da Arena Mariana.

Naquele momento, ironicamente, uma luz do ginásio, uma espécie de holofote, começou a soltar fumaça e faíscas, emitindo sons de estouros. Vi então pessoas deixando a área da quadra e se dirigindo para outro espaço, ainda dentro da Arena Mariana. Seguravam as crianças pelas mãos e saíam apressadamente. Como em qualquer evento que reúna um grande número de pessoas, havia bombeiros de prontidão, que afastaram as cadeiras logo abaixo dessa luz e se colocaram ali para evitar qualquer acidente. Alguns ex-moradores de Bento – na maioria, homens, mas também algumas mulheres ajudaram a afastar as cadeiras. Nesse momento, reconheci a moradora que, na ocasião do rompimento da barragem, pegou sua moto e foi em direção à lama para conseguir avisar as pessoas sobre o que estava acontecendo, e conseguiu salvar várias pessoas com essa ação. E ali estava ela novamente, ajudando mais uma vez a evitar um perigo.

Esse momento chamou minha atenção, pois o que estava acontecendo ali não apresentava grande perigo: até onde pude observar, a situação estava perfeitamente sob controle. No entanto, muitas pessoas correrem para fora, tomando distância. É significativa a reação: o susto, o sobressalto, o temor, o receio de que algo ruim aconteça agora acompanha aquelas pessoas. No momento em que estão reunidas para cuidar do projeto de reconstrução de suas casas e de suas vidas, o estouro do holofote as coloca, mais uma vez, diante de algo que assusta, mesmo que o incidente tenha sido incomensuravelmente menor do que o desastre que viveram com o rompimento da barragem.

Apesar dessa ocorrência, o forte desejo de ver o resultado da votação prevaleceu. A mesa na qual as urnas estavam foi carregada para a área ao lado da quadra, e um dos organizadores fez a contagem, um a um, de todos os votos. A aprovação do projeto para a construção do Novo Bento foi praticamente unânime, com apenas um voto em branco.

Esse momento da contagem dos votos foi bastante intenso, comovente. Foi mais um privilégio estar ali com eles, acompanhando. Havia adultos, idosos e crianças, todos juntos, em

pé, escutando a contagem, voto a voto, em voz alta. Algumas pessoas começaram a contar junto com o organizador, em voz alta, a cada voto lido e computado. Quando o representante da RENOVA tirava mais um dos votos da urna e dizia um... dois... três..., os ex-moradores de Bento Rodrigues contavam junto! De repente havia um coro e, quando terminou, houve muitas palmas e comemoração! Foi uma cena linda, mais uma experiência tocante junto a essas pessoas que tiveram suas vidas devastadas e profundamente alteradas pela lama.

Marcas para a vida

Voltei para o hotel imersa em uma realidade na qual não havia imaginado poder me inserir dessa maneira. A semana vivida em Mariana foi um presente, uma experiência muito acima das expectativas que eu possuía.

A aproximação com o local da tragédia, com os colaboradores, com a história de cada um e, ao mesmo tempo, de “todos” ali; a possibilidade de ver a lama ainda nas paredes que sobraram em pé em Bento Rodrigues, de ver o vazio deixado após a ocorrência do que é considerado o maior desastre ambiental do mundo; foram vivências que carregarei com um profundo respeito, gratidão, lamento e pesar. Vivências que me tocaram enquanto pesquisadora, enquanto pessoa, trazendo novos olhares e valores para minha vida. Assisti *in loco* uma parte das consequências da capacidade de destruição do ser humano; no entanto, testemunhei também a capacidade de reconstrução, de reedição de histórias, de ressignificação de vidas.

ANEXO B – ENTREVISTA 1 COM O COLABORADOR JOÃO

Colaborador: João

Pesquisadora: P

P: Eu vou falar com o João, hoje é dia 09 de fevereiro; você fala a sua idade e o local onde você nasceu, sua profissão...

João: João, 48 anos, nascido em Bento Rodrigues, na casa dos meus antepassados. Quando eu nasci, era da minha avó, e agora é do meu pai.

P: Eu queria perguntar pra você como é que você se sente hoje depois do tempo que já passou desde o rompimento da barragem da mineradora Samarco, no dia 05 de novembro de 2015. Como é que você se sente hoje?

João: Hoje eu me sinto um pouco frustrado, porque a reparação integral que seria a reconstrução das nossas casas, o novo Bento como o pessoal diz, que para a gente não existe novo. Bento é um só. Então existe o Bento original e o que seria o Bento genérico, mas a gente se sente um pouco frustrado porque vê que falta um pouco de empenho da empresa em agilizar o processo. E a gente vê que existem pessoas já mais de idade – meu pai, por exemplo, 84 anos, minha mãe, 80 –, e a gente quer essa agilidade no processo para que essas pessoas possam usufruir um pouco, ainda, do modo de vida que tinham antes: é plantar, é cuidar da casa... A vida pacata no interior... Então, a minha preocupação maior hoje é com os mais idosos, não só com meus pais, mas com os meus amigos mais idosos, que a gente vê que estão deslocados dentro da cidade, que não têm uma relação, sempre viveram no interior e não têm uma relação com a cidade. Então... essas pessoas sofrem muito.

P: Deixa só eu entender um pouquinho: seus pais é que moravam lá?

João: Moravam lá.

P: Você morava aqui...

João: Morava aqui.

P: Mora aqui em Mariana, mas ia pra lá?

João: Todo final de semana. Tenho uma casa lá. Eu comprei essa casa em 2011. Antes a gente ia para a casa dos meus pais e aí apareceu uma proposta de venda dessa casa. A princípio, eu

comprei para investimento, porque as empreiteiras que prestavam serviço para a Samarco sempre procuravam imóveis lá para alugar. Eu comprei para investimento. Quando a minha esposa entrou na casa, que era uma casa sem forro, com o telhado, com as telhas mais antigas, telhado mais rústico, minha esposa falou: "Não, essa casa a gente não vai arrumar para alugar, não. A gente vai usar".

P: Olha!

João: Aí, começamos. Reformamos a casa mantendo as características, e começamos a ir para lá frequentemente. Às vezes ia durante a semana, dormia lá, voltava... E foi assim.

P: A segunda casa...

João: Era a segunda casa. Apesar de ainda ter, eu tinha a minha casa lá, mas o meu quarto na casa dos meus pais ficou. Então, até hoje, meu pai respondendo o cadastro, ele falou: "No quarto de João tinha isso, tinha aquilo..." Porque minha irmã... Eu tenho uma irmã casada que morava lá também. Era nesse esquema meu: ida e volta. Trabalhava durante a semana. E ela estava lá mais presente do que eu, como ela trabalhava com escola, geralmente na sexta à noite ela já ia para lá. Eu ia no sábado. Mas tem a casa do meu pai. Era grande, sete quartos... Nós tínhamos essa relação. E tínhamos a casa mais os nossos quartos. Os quartos lá da gente, continuavam. E aí a gente foi tocando a vida, e até acontecer o que aconteceu, e o sonho ir embora. Mas a gente está aí tentando resgatar um pouco do que restou.

P: Sim, sim. E nessa fase de ter perdido as coisas, essa sua casa, como é que você acha que depois de dois anos de ter acontecido, como é que você está lidando? Como você acha que fez para seguir a sua vidinha e lidar com isso?

João: A princípio, como eu te disse no início, a gente vai sobrevivendo porque, a princípio, o "baque" foi forte... Meu pai, com dez dias do ocorrido, enfartou.

P: É?!

João: É, teve problema de saúde. Hoje ele usa um cardiodesfibrilador, e aí gente tem que buscar forças para não ser mais um tormento na família. Tem que tomar consciência de que a gente tem que se reestruturar e tocar a vida. Aos trancos e barrancos, nós vamos tocando a vida porque a gente vê que tem pessoas que dependem da gente. Então, a gente precisa estar bem para fortalecer essas pessoas também. E aí... às vezes dá um certo desânimo, mas a partir do momento que eu entrei para a comissão de atingidos, em novembro de 2016, a gente vê que

pode ser útil, pode ajudar mais pessoas na luta, engajando, para ser restituído daquilo que nos foi tirado. Então, são reuniões, às vezes tem dia que tem três reuniões durante o dia, são constantes as reuniões, desgastantes, e isso passa 3/4 horas numa reunião. Você vê que não houve progresso algum, mas isso faz parte, e a gente tem que se manter de pé, porque como eu digo: ô gente, se fosse fácil, qualquer um fazia, não precisaria da gente estar aqui. Se a gente está aqui é porque não está sendo fácil. Então vamos lutar com unhas e dentes. Porque existe lá no Bento pessoas humildes que não têm consciência de como lutar pelos direitos. Então, a gente tem que lutar pela gente e por essas pessoas. Eu não me sentiria confortável em ver só o meu lado reparado enquanto outras pessoas que perderam tanto quanto, ou mais do que eu, sem a devida reparação.

P: Com certeza! E você falou que às vezes desanima. Tem que estar forte porque tem gente que depende, mas não dá para ficar forte sempre, não é?

João: Não, não. Chega um ponto que às vezes você está baqueado, você fala: não vou, não dá mais, vou largar tudo. E aí você olha para traz e vê o que já foi feito, o que tem para fazer ainda... fala: Não, a gente tem que levar a luta até no final. Pode ser que dá uma pausa, vai com mais calma, não põe tanto empenho, deixa para aos outros correr um pouco. Mas tem que estar ali sempre presente.

P: Se você fosse escolher um sentimento marcante, nos dias de hoje, para você em relação a tudo que você perdeu... Qual o sentimento que você tem hoje, diante dessa história? Tem algum nome específico?

João: Eu tenho mas é um misto de tristeza, de angústia, um pouco de raiva porque é uma coisa que poderia ter sido evitada... A gente acredita... Igual eu falo: houve homicídio, isso eu tenho certeza que houve. Agora resta as autoridades apurarem se foi culposos ou dolosos, porque, no meu entender, a grosso modo, um pouco que eu entendo por lei, houve um homicídio com dolo eventual. Porque, se tinham consciência do que poderia acontecer, e permaneceram insistindo em manter, então é porque houve um dolo eventual.

João: A gente vê que houve um crime, as pessoas falam, outros falam acidente, tragédia, mas a gente sabe que houve um crime. E esse crime está se renovando, por incrível que pareça, a empresa responsável pela reparação se chama Renova, mas a gente percebe que esse crime vai se renovando a cada dia, porque, a partir do momento que entra pela empresa que é constituída para uma fundação para reparar os danos, e essa empresa se nega a reparar danos atingidos dos

que comprovadamente são reconhecidos como atingidos... mas que leva para âmbito judicial, para que essas pessoas ainda passem pelo constrangimento, como eu passei, de ter que chegar perante a juíza e explicar tudo o que aconteceu...então, você vê, é muito desgastante. A gente vê que uma empresa que é uma fundação, que foi construída para reparar, ela está renovando o dano a cada dia.

P: No sentido de colocar dificuldade...

João: Pôr dificuldade, exatamente. Então, todas as reparações até hoje... Qualquer tipo de reparação da dignidade das pessoas está sendo em âmbito judicial. Todas as conquistas até hoje, a única coisa que a empresa fez foi tirar as pessoas e trazer para a Arena, e da Arena para as pessoas irem para os hotéis, para ir para casa alugada, para ter cartão de auxílio financeiro, emergencial, qualquer outro tipo de reparação está sendo por via judicial.

P: É o desgaste.

João: É o desgaste, e às vezes um desgaste desnecessário, porque os próprios funcionários da empresa falam: “a responsabilidade é nossa”, mas a gente vê que eles não estão assumindo a responsabilidade...

P: Eu não sei se você pode, se daria para você me contar do dia. Onde você estava, como é que foi?

João: No dia eu estava trabalhando aqui, nesta oficina. Minha esposa tinha viajado para São Paulo, foi buscar mercadoria que, além da oficina, a gente tem uma loja de roupa...

P: Lá em São Paulo?

João: Não, aqui em Mariana.

P: Tá.

João: E a minha esposa viaja muito para buscar mercadoria, nesse dia ela estava para São Paulo. E parte do depósito da loja era lá em Bento, na casa da gente. Então, ela viajou, e geralmente eu ia em Belo Horizonte para buscá-la à noite, e às vezes, quando a gente chegava aqui um pouco mais cedo, a gente já passava direto e ia para o Bento para guardar parte da mercadoria. E eu estava trabalhando aqui, já agilizando, porque à noite eu teria que ir buscá-la. Meu pai ia deixar o carro aqui, porque meu pai estava lá em Bento, e toda quinta-feira meu pai toca na banda em Ouro Preto, e era ensaio da banda. E toda quinta-feira ele vem... vinha para Mariana,

e nesse dia eu pedi para ele vir um pouco mais cedo, porque eu tinha que pegar um [este trecho não fica claro na gravação]... para ele no carro dele. Era coisa rápida, mas que era pra ele vir um pouco mais cedo. E ele veio bem mais cedo do que eu pedi, que ele estava mexendo lá e falou para minha mãe: "Ah, vamos embora mais cedo para Mariana, porque o João vai largar algumas coisas no carro. E aí a gente ia resolver tudo que tinha para resolver, como a noite está clara, dependendo do horário que o ensaio acabar, a gente vem até à noite mesmo para Bento. Não vem na sexta de manhã, vem na quinta à noite." Aí minha mãe ainda ficou brava. Falou: "Ah, mas eu tenho que correr muito, vamos passar lá na casa de João que eu deixo as toalhas lá para ele..." Por que ela pegava minhas toalhas, umas roupas lá e lavava. "Eu deixo as toalhas lá, que às vezes eles vêm à noite aqui e não tem toalha lá." Minha mãe falou que ainda passou lá na casa da gente, que ela tinha a chave. Tanto eu tinha a chave da casa deles, eles tinham a chave da minha casa. Aí ela falou: "Passei lá na sua casa e deixei as toalhas dobradas em cima da cama, se vocês forem lá está lá tudo certinho."

P: De Bento.

João: De Bento, da casa de Bento. Aí, meu pai chegou e deixou o carro aqui... [gravador desligado nesse momento porque chegou cliente na oficina; interrompemos por um instante a entrevista].

João: Meu pai deixou o carro aqui. Eu tinha feito uma cirurgia na gengiva, estava sob efeito da anestesia ainda. Uns 15 minutos depois que o meu pai deixou o carro aqui, meu telefone tocou, era um amigo que tinha trabalhado aqui e tinha começado a trabalhar na Samarco tinha três meses.

P: Sei...

João: Ele me ligou chorando, falou: "João, cadê seu pai?" Eu falei: "Meu pai está aqui. Está na rua, aqui." "E sua mãe?" Estranho, chorando perguntando pelo pai, minha mãe... Eu falei: Minha mãe está em casa. "Mas em Mariana ou no Bento?" Eu falei: "Não, está aqui em Mariana, mas por quê?" Ele falou: "Porque a barragem rompeu e vai alagar o Bento. O supervisor pediu para ninguém ligar para fora, para não avisar ninguém para não colocar a população em pânico, mas eu sei que seus pais que estão morando lá no Bento, tem amigos seus... Então liga para quem você quiser que eu estou escondido dentro de um banheiro porque a ordem, a orientação aqui é que ninguém ligasse para fora." Aí eu falei: Ah, não, rapaz, sempre teve esses boatos que barragem ia romper, que barragem estava rompendo, mas isso é boato. Você que começou na

empresa agora, mas sempre aconteceu isso. Aí ele falou: "Não, mas é sério. Para você ter uma ideia, até a parede do escritório aqui, o vidro trincou na hora que deu o rompimento, foi um tremor muito forte... mas avisa." Aí eu percebi que estava descendo muito carro de bombeiro. O bombeiro que atende Mariana é o de Ouro Preto. Então, qualquer evento eles passam aqui. E eu vi descendo muito carro de bombeiro, de polícia, guarda municipal... Alguma coisa houve. Aí ele falou: "Então liga pra quem você quiser". Aí eu comecei a= ligar para o pessoal que eu tinha contato lá no Bento e os telefones já davam fora de área, já dava caixa postal de imediato. Comecei a ligar nos telefones fixos... nem chamava, estava mudo!!! Eu falei: "Alguma coisa está acontecendo." E começou meus amigos, minha irmã me ligando. "O que está acontecendo, você sabe?" Aí eu falei: Não, gente, a melhor maneira de apurar é indo para lá.

P: Indo para lá.

João: Vou procurar meu pai. Peguei um monte de [houve problema de compreensão na gravação nesse trecho da fala]... procurei, não achei. Fui em casa. Falei: às vezes eles foram para casa... Quando eu estava voltando encontrei com ele perto desse viaduto, aí eu falei: Ô, pai. Nós vamos ter que ir lá no Bento. "Ir lá por quê?" Eu falei: A barragem rompeu e vai alagar tudo lá. Aí ele só olhou para minha cara, riu e falou assim: "Você ainda acredita nesses boatos?" Eu falei: Pai, alguma coisa aconteceu, porque está descendo muito carro de bombeiro e polícia. Vamos, pelo menos a gente tira a dúvida. Eu vou. O senhor quer ir? Ele falou: "Ah, então eu vou com você."

P: Foi de moto.

João: Não, aí eu deixei a moto aqui e peguei a caminhonete. Liguei para minha irmã e minha irmã falou assim: "Eu estou indo para lá. José (nome fictício) já foi, que é meu cunhado, já foi e eu vou para lá também porque eu não aguento ficar aqui, não." Eu falei: "Então eu passo aí e a gente vai junto". Passei na casa dela. Quando eu cheguei na casa dela, ela falou: "Oh, o José ligou e falou para gente passar por Santa Rita, porque por dentro a estrada já está alagando. Ela falou o local. Esse local dá cerca de sete quilômetros do Bento, que a água retornou no outro rio, pelo rio Gualaxo. Aí fomos. Daí a pouco ela falou: "Ô gente, esqueci de falar. Joaquim (nome fictício) ligou. (que é irmão do meu cunhado que morava lá.) Ele ligou, falou que conseguiu sair, mas não sabe o tanto de gente que está morta, porque ele saiu por baixo, ele saiu arrastando, que ele tem um problema no joelho, perdeu muleta, perdeu tudo, mas conseguiu sair arrastando pelo morro, e falou que não sabe o tanto de gente que morreu, e a água está passando por cima da casa de papai." Na casa do meu pai eram dois andares, mais o terraço.

P: Nossa !!

João: Joaquim sempre gostou de aumentar bem as coisas, não deve estar nesse ponto, não. E fomos. Eu liguei o rádio, fomos ouvindo notícia, e muito carro. Passando por Santa Rita. Por dentro, dá 23 quilômetros, e passando por Santa Rita, dá 45, então, a gente chegou de Santa Rita até o Bento... Era carro de polícia, era carro batido pela estrada... Quando eu comecei a ver aquele cenário de muito acidente... tem alguma coisa grave. Quando nós chegamos no alto do Bento – que de Santa Rita e Bento é um vale, então a gente chega por cima. A cerca de dois quilômetros longe do Bento já havia aquele desespero das pessoas chorando pelo canto da estrada, muito carro, e quando nós fizemos a curva, que geralmente avistava onde era a parte baixa, a casa da minha irmã, que eu olhei a montanha e eu vi a marca da lama na montanha, que já tinha baixado um pouco, falei: Gente! Isso aí foi grave. Quando deu para avistar onde era a casa da minha irmã, a gente só viu uma represa. Praticamente uma represa. A água estava represada.

P: Não deu tempo.

João: Minha sobrinha começou a chorar, desespero, eu falei: Gente, o Bento acabou. Acabou tudo. Minha sobrinha começou a chorar e meu pai falou: "Calma, Mônica, depois que essa água baixar a gente lava tudo e volta para as nossas casas." Porque a gente não via casas, só via lama e a gente achava que era água. Água suja, mas era água. E aí, quando começamos esse negócio, eu falei: "Ô gente, vamos tentar passar por baixo, ali, às vezes a pé, pelo canto do mato, dá para gente passar para dar assistência às pessoas que estão ilhadas. E a gente não via ninguém. Eu falei: "Cadê todo mundo que estava ali? Porque a gente sabe que morreu gente, mas alguém sobreviveu." A gente não viu ninguém. O pessoal falou: "Quem estava aí correu para cima, para igreja." E aí eu peguei o celular e fui aproximando a câmera do celular. Eu falei: "Mas a igreja está até fechada. Não tem ninguém!" E a gente... aquele tráfego de helicóptero, baixa helicóptero e sobe, aquele desespero todo... Eu falei: "Olha aí, gente, tem que dar um jeito de alguém ir lá." Aí desceu. Quando nós descemos, eu falei: "Não, mas aqui é água suja, dá para pisar." No que eu, pisei atolei até aqui. Eu falei: "Gente, não dá para pisar, não é água, é lama." E aí veio uma pessoa que tinha conseguido sair pelo mato, e falou: "Olha, gente, tem muita gente que está... elas não estão no pé da igreja, elas ficaram com medo de subir um pouco mais. Mas está na parte de trás, daqui não dá para ver, mas sobreviveu muita gente. Muita gente sobreviveu. Tem muita gente." Aí começamos a perguntar: "Você viu fulano, você viu sicrano, você viu..." "Ah, não sei, mas tem muita gente que se salvou." Aí já deu um certo conforto, um

certo alívio, mas a gente não tinha o contato com o outro lado, e a noite foi chegando, foi chegando, aí chegou um ponto que a gente não tinha o que fazer mais. Eu falei: “Vamos embora.” Estava com meu pai. Meu irmão ficou porque o Joaquim travou, e falou: “Eu só saio daqui na hora que o último morador sair”. E o meu cunhado passou a noite com ele lá, deitado num canto da estrada, e ele falou: “Não saio.” Não comeu, não bebeu e conseguiram tirar ele no outro dia.

Eram onze horas da manhã quando o último morador saiu. Ele falou: “Agora eu saio, mas eu quero ir para a portaria da Samarco”. “Mas por quê?” “Não, a gente tinha que ir todo mundo para portaria da Samarco, porque a Samarco já sabia que isso ia acontecer, a gente já vinha questionando em reuniões, e eles sempre falaram que a barragem era segura.” E ele foi. Ele foi sozinho. Ele foi. O motorista do carro que levou ele quis passar direto da portaria da Samarco, ele falou: “Se você for passar direto eu vou puxar o freio de mão desse carro.” Aí o motorista disse: “Não, mas eu não posso fazer isso, que a ordem é levar o senhor para a Arena...” Ele falou: “Não, eu não vou para a Arena, não. A Samarco me tirou de dentro da minha casa.” Foi o primeiro a lutar pelos direitos. Acionou a Samarco para ela colocar num local digno. “Eu quero um hotel e um hotel bom. Não quero hotel, não quero pensão, não. Quero um hotel bom.”

P: Como é o nome dele?

João: Joaquim.

P: Ele é que teve que sair e perdeu a muleta?

João: É, é ele, é irmão do meu cunhado. Ele é meu amigo de infância. Nós estudamos juntos, aprontamos muito juntos, mas ele... Eu falei: Joaquim, eu sei que é teimoso. Ele vai dar trabalho. Mas logo que trouxeram ele, colocaram ele num hotel. Ele falou: “Eu quero roupa, eu quero chinelo, quero roupa nova, não quero roupa usada, não visto roupa usada.”

Ele exigiu. Mas era um direito dele. Ele falou: “Olha, se fosse uma tragédia natural, um desastre natural, uma enchente, um terremoto, coisa assim... mas isso é responsabilidade da empresa. A empresa que foi negligente, então a empresa que tem que arcar”. Ele falou. Foi algum funcionário da empresa no hotel, e um dos funcionários estava até com a esposa, foi levando umas roupas usadas. Aí ele saiu e falou: “Não, eu estou enrolado na toalha e não estou com nada por baixo e abriu a toalha. A esposa do camarada... Falou: “Eu só visto roupa nova. Eu não quero roupa usada, porque a empresa que me tirou e a empresa que tem que me ressarcir.” Ele, logo depois, foi passando um mês depois, entrou em depressão. E a depressão dele foi

forte, porque com problema, ele tem um problema no joelho, o problema agravou, ele tem que fazer uma cirurgia drástica mesmo. Ele tem que remover parte do osso, aí entrou em depressão brava. Mas agora, graças a Deus ele está se restabelecendo, está bem. Já está na luta de novo. Ontem mesmo ele estava lá...

P: Estava lá?

João: No projeto da UNISCO [dificuldade de compreensão na gravação]... Aí a gente veio. Quando chegamos na Arena, aquele jardim era operação de guerra montado, chegando donativo. Meu pai falou: "Olha, vê o pessoal mais de idade, os amigos da gente, e vê se você consegue levar lá para casa, porque não é justo essas pessoas dormirem aqui. No outro dia, na sexta-feira, fui para a Arena para ajudar, mas o pessoal falou: "A gente vai permanecer junto com todo mundo aqui, porque a gente saiu junto, a gente tem que permanecer junto".

E foi aí que eu até encontrei com outro amigo meu, Sidinei, e nós fomos conversar com o promotor, Dr. Geraldo [nome fictício]. Ele estava numa salinha lá na Policlínica, olhando. Vi um senhor lá, para entrar com uma ação. Logo que eu olhei disse: "Iii, Silvio [nome fictício], esse promotor novinho... Isso não vai resolver nada... Conversamos com ele, ele falou: "O pessoal não vai poder ficar na Arena. Eu já vou pedir para que essas pessoas sejam removidas para um hotel e posteriormente para moradias dignas, uma casa. Mas, a princípio, essas pessoas têm que ser removidas para o hotel. Não é justo essas pessoas dormirem no chão, numa Arena." E essa foi a primeira ação, a remoção das pessoas para o hotel. As pessoas foram para os hotéis.

P: E foi rápido, João? Nem ficaram dormindo muito na Arena, não?

João: Acho que dormiram uma noite só na Arena. Isso foi na sexta-feira, no sábado as pessoas já estavam indo para os hotéis. Nos hotéis demorou um pouco, porque foi uma determinação que nenhuma família passasse o Natal no hotel. Tiveram que montar uma operação de emergência para alugar casas para conseguir pôr as pessoas antes do Natal, para que nenhuma família passasse o Natal num quarto de hotel. Mas todas as ações, de lá para cá, foi tudo conseguido via judicial. Nada tinha concessão, cartão de auxílio emergencial... O custo de vida das pessoas em Bento era mínimo em relação ao custo de vida aqui em Mariana. Hoje, qualquer coisa que a gente precisa tem que comprar. Um alface, um tomate... você tem que comprar, e lá as pessoas cultivavam. E, mesmo assim, a luz foi uma conquista, a energia. Porque a energia, lá era barata e aqui, enquanto as pessoas, se a gente pagava 80 reais de luz, lá chegou que era 350, 400. Então, foi uma conquista, que era feita a média do que a pessoa gastava. Maior média

que a pessoa gastava lá e a partir dessa média, a empresa tinha que repor o restante. Então, a pessoa se pagar com 80 reais lá, em média, ela continuou pagando 80 reais. A empresa tem que pagar o restante. Então, todas as conquistas, até hoje, são... igual eu falei, a empresa antes, ela queria aumentar os lucros, e hoje ela quer diminuir o prejuízo. Então, todas as ações são para diminuir ao mínimo possível o que ela tem que gastar com a reparação da gente. Isso é até cansativo, porque são reuniões aqui, são reuniões em Belo Horizonte, audiência, e às vezes coisas que são consensuadas em reuniões, chega na audiência, a empresa não concorda. “Mas vocês concordaram com isso na reunião!”. “Não, mas aqui...” Aí a juíza tem que analisar o caso, tem que dar a sentença. Às vezes, ações que a juíza já determinou a empresa distorce, o negócio é bem diferente... Muda a interpretação do que a juíza já decidiu. A briga maior da gente hoje está sendo nesse sentido, a gente vê que a empresa está querendo se eximir um pouco da responsabilidade, ou, mesmo ela se sentindo responsável pela reparação, é fazer o mínimo possível.

P: É o básico.

João: É o básico.

P: E, em relação, se você for pensar... Lá na sua casa, você estava me contando que a sua mãe tinha levado as toalhas, lembra? E perdeu tudo isso?

João: Tudo. Foi embora a minha casa... No domingo, no final de semana que a gente estava lá, minha esposa foi para lá, que era um feriado, de finados, feriado prolongado, minha esposa foi na sexta. Dificilmente ela ia antes, porque véspera de feriado é dia de mais movimento na loja. Mas, como ela tinha chegado cansada, estava meio estressada, aí ela falou assim: “Ô, amor...” Chegou na sexta-feira, meu pai e minha mãe saíram cedo, ela disse: “Eu vou de carona pro Bento com seu pai mais sua mãe.” Aí eu falei: Mas o Júlio [nome fictício] foi pra escola! Ela falou: “Põe Júlio no ônibus e manda ele no ônibus para mim, que eu espero ele lá.” Ele foi na sexta-feira de manhã.

Minha esposa foi com meu pai na sexta-feira, eu coloquei meu filho no ônibus na sexta à tarde e fui para lá no sábado, no Dia de Finados, no dia 2. Não, no Dia de Finados não, eu fui no sábado anterior ao Dia de Finados. Dia de =Finados foi na segunda-feira. Eu fui no dia 31. Minha esposa ficou brava, porque meu filho começou a brincar com as meninas: “Ah, Dia das Bruxas! Dia das Bruxas...” Nós ficamos lá o final de semana todo. Quando foi na segunda, minha esposa... No sábado à noite, a gente gostava muito de fazer galinha no fogão a lenha.

P: Humm...

João: Minha esposa fez, tinha feito, meu filho chegou com os amigos, com as crianças lá, todo mundo comeu. Uma bagunça danada, brincando. No domingo a gente foi passear. A gente tinha um *buggy*, um carrinho. A gente foi passear em Camargos, almoçar, que era pertinho, a estrada é de terra. E aí fomos, almoçamos, à noite nós viemos aqui para visitar um amigo da gente que estava doente, e voltamos para lá no domingo à noite. Foi na segunda. Aí, quando nós chegamos lá, minha esposa falou: "Amor, você não colocou a galinha na geladeira, azedou com o calor." Eu falei: "Não, realmente, estragou. Mas não tem problema, não." Juntei tudo, coloquei numa sacola, joguei fora e lavei a panela. Falei: "Vou deixar a panela em cima do fogão, porque semana que vem a gente volta e eu vou fazer outra." E já fui deixar a panela até em cima do fogão, que depois é só passar água e fazer de novo. E deixei. Quando aconteceu, eu falei: "Gente, a panela ficou em cima do fogão, minha mãe falou nas toalhas..." Minha mãe até hoje, assim, tem hora que ela fala: "Mas no dia que você foi lá, você olhou direitinho em cima da cama se as toalhas não estavam lá? Teve um dia que a gente... Que a gente faz celebrações, festas lá de São Bento. Aí minha mãe ia passando, olhou e falou assim: "Olha o jeito que essa casa está. Coitado do dono dessa casa. Deve ficar numa tristeza quando vir a casa dele assim." Aí minha sobrinha: "Ô, vó, era a casa da senhora!" Ela falou: " Oh, minha casa. Ô gente, é mesmo, é a minha casa". Minha mãe, ela é assim, muito simples, mas muito alto astral. Ela não se deixa abater. Ela vai para lá com a gente, meu pai agora que está indo. Mas minha mãe foi sempre muito pé no chão. Ela falou: "Deus sabe o que faz. Se Ele colocou a gente nessa situação, é porque Ele sabe. Ele tem um propósito."

P: Um motivo tem. E ela é bastante idosa, já?

João: Ela tem 80 anos.

P: 80!

João: Minha mãe tem 80, meu pai tem 84.

P: Sim.

João: Mas minha mãe está... Lá ela fazia todo serviço da casa.

P: É mesmo!?

João: Até hoje ela lava, passa, cozinha... Para ela não tem tempo ruim. Ela, meu pai também. Meu pai, a gente tem que ficar pondo o pé no freio dele, porque ele quer capinar, ele quer cortar, ele quer fazer as coisas, e a gente vê que já não pode mais fazer. Mas, depois que aconteceu, minha esposa falou: "Ah, não, passou..." Eu falei: Alice [nome fictício], o dia que você for lá... Eu consegui entrar lá um mês depois. Porque eu consegui chegar onde era a minha casa, 15 dias depois eu consegui ir lá com o pessoal da empresa, mas eles não deixaram. Quando chegou na parte baixa, que era a minha casa, eles não deixaram eu descer do carro, falaram que era área de risco. A gente queria procurar alguma coisa, alguma lembrança... Eu consegui entrar lá um mês depois. No dia 5 de dezembro. Quando eu cheguei aqui, falei com a minha esposa: "O dia que você for lá, você vai desabar, porque, onde era a casa da gente, a única coisa que ficou foram os três paus da coberta que eu fiz. Parece que foi uma lembrança, porque eu tive uma amputação quando mexi lá... Fazendo essa área. em cima do fogão a lenha. Eu estava fazendo um telhado com uma lixadeira. Quando fui cortar um pedaço da madeira, a lixadeira deu uma escapada e pegou no dedo. Então, esse dedo ficou pendurado, e ele foi reimplantado. A parte toda eu consegui reimplantar. Não ficou nem cicatriz. Eu sei que na época fiquei três dias internado aqui. Os médicos aqui de Mariana queriam amputar, aí eu fui para Ouro Preto. O médico lá em Ouro Preto disse: "Não... Se depender de mim, você vai morrer com esse dedo. É questão de honra, eu vou reimplantar esse dedo." Reimplantou. Falou: "Só se infeccionar. Se infeccionar, aí não tem jeito, não. Aí já tem que amputar." Mas fez a cirurgia, eu fiquei acho que quatro horas na mesa de cirurgia, e reimplantou. Então, eu falei pra minha esposa: "A única coisa que sobrou foram os três paus da coberta para lembrar do dedo que foi implantado". Ela falou: "Ah, também não é assim, não." No dia que a gente foi lá com ela, que até então a gente estava indo, quando ia entrar lá não tinha jeito de entrar de carro. A gente tinha que atravessar o rio e entrar a pé. Aí atravessamos o rio, chegamos até... meu filho correu na frente, aí ela falou: "Aonde que é a nossa casa? Eu não estou localizando nada aqui." Aí o Júlio falou: "Ô mãe, eu estou em cima do fogão". Que ela chegou perto, que ela olhou, que ela pegou na lateral do fogão, do fogão a lenha, aí ela desabou. Ela falou: "Mas, e a nossa casa? Eu falei: "Aqui era a nossa casa." "Aqui" era só lama. A lama já estava seca. Eu falei: "Aqui a gente está em cima de onde era o nosso quarto, em cima de onde era a cozinha." Ela falou: "Meu Deus..." Assim, desabou, mas logo se restabeleceu e falou: "É tocar o barco para frente, e querer assim que tenha..." A preocupação dela maior é com os meus pais. Ela falou: "Não faz sentido a gente voltar para o Bento um dia e não ter os seus pais lá com a gente." Então, a gente tem que lutar para ter a reconstrução, a construção do Bento... Mas será possível?

P: Porque eles moravam lá e vinham às vezes para casa deles aqui.

João: É, todo final de semana, toda semana meu pai vinha na quinta-feira para o ensaio da banda, e voltava para lá na quinta à noite ou na sexta de manhã. Por fim, ele só volta na sexta de manhã, porque nós ficamos... “Não pai, a estrada é perigosa, é estrada de terra, deserta. O senhor tem um horário fixo de passar ali toda quinta-feira, alguém pode esperar e querer fazer alguma coisa.” Então, de tanto a gente falar, ele começou a ir para lá na sexta durante o dia. Mas meu pai não suportava ficar aqui dentro de Mariana. Ele vinha, resolvia... Teve um dia que ele tinha uma consulta de manhã e uma à tarde. Ele veio para consulta de manhã, voltou para o Bento e voltou à tarde. Fica lá mexendo com as coisinhas dele, o quintal dele dava 2.500 metros quadrados, cuidar da casa, cuidar do quintal, tinha umas galinhas, lá ele era zelador da igreja... Quando ele não estava em casa, ele estava na igreja... A vida dele sempre foi muito movimentada, lá.

P: Mas agora eles estão morando aqui. Como é que é?

João: Estão morando aqui. O que está mantendo eles é a banda, que ele continua tocando na banda em Ouro Preto, tem as atividades, aí às vezes ele vem... Está cansado de ficar dentro de casa, ele vem para aqui, vem para a oficina, a gente fica batendo papo... Ele fica todo satisfeito quando eu falo assim pra ele: “Ah pai...” Igual esses dias que a gente teve uma reunião em Belo Horizonte, eu falei: “Ah pai, o Júlio vai tomar conta lá da oficina para mim, receber os clientes, agendar serviço... E aí na hora do almoço o senhor podia ficar lá para ele subir para almoçar.” “Ah, eu fico.” Aí, às vezes ele vem para aqui, a gente senta, fica batendo papo. E é assim que está. Para ele não está sendo tão drástica a mudança, porque ele já tinha um certo convívio, e a casa que ele está aqui é dele.

P: Sim.

João: O pior está sendo para as pessoas que estão em casas alugadas, que sabe que está numa casa que não é dela e que não tem uma definição de quando vai ter a casa dela de volta.

P: Sim. Sim.

João: Então a gente vê que são pessoas, igual o meu vizinho lá, seu Geraldo Marcolino, pessoas que a vida inteira moraram no Bento. Sabe, a situação é muito difícil.

P: Eu estava pensando, você falou da sua casa e, tem um psicólogo que fez uma teoria muito bonita, que a gente fica de luto e sente assim, quando a gente perde alguém, perdi meu, o marido,

perdi meu irmão. No início do luto, como está muito mexido, aos pouquinhos as pessoas vão querendo guardar a blusa dele que ainda tem um cheirinho dele, ou um objeto, porque o objeto faz a pessoa ficar um pouco presente de novo.

João: Hã, hã...

P: E aí o desastre assim, que não sobrou objeto para ter esse conforto...

João: É, acaba tipo cavando os caquinhos. Tipo mesmo garimpando vê se achava alguma coisa...

P: Sim.

João: Eu consegui, da minha casa mesmo não consegui nada. A única coisa que eu ia tirar era a frente do fogão, e quando eu comecei, fui cavando a lama, fiquei umas duas horas cavando em volta do fogão, só para tirar a frente. Na hora em que eu comecei, ela soltou no que eu puxei, ela estilhaçou toda na minha mão. Quebrou igual vidro.

P: O que é?

João: É a chapa que fica em cima do fogão a lenha.

P: A chapa!

João: Colocar as panelas.

P: Estilhaçou...

João: É, parece que a lama tem uma química que em contato com o metal...

P: Estragou...

João: Danificou que ela quebrou toda. E na casa do meu pai eu consegui, é que ficaram umas paredes em pé, e a televisão ficou, a televisão ficava na parede, ficou atrás da porta, porque a porta da sala caiu e ficou na frente da televisão. Ficou soterrada, soterrada de lama. Você só via a ponta da porta e um pedaço da televisão atrás. Aí eu consegui, consegui umas pessoas lá, conseguimos tirar a porta e conseguimos tirar a televisão. A televisão eu até trouxe, desmontei.

P: É...

João: Ela está ali toda desmontada, mas era só lama. Da casa do meu pai, o que eu consegui tirar, a porta, está praticamente intacta. Está guardada lá na casa dele, e a chapa do fogão eu consegui tirar inteira. Então, o que sobrou mesmo foi só a chapa da frente do fogão da casa dos meus pais, a porta e a televisão. A porta da entrada da sala... A televisão mesmo era só a carcaça, porque os componentes, quando eu consegui limpar tudo, você vê que está tudo corroído. A lama... ela é corrosiva.

P: Ela não é...

João: Não é uma lama... é uma lama que contém materiais que são pra separar o minério, para beneficiar o minério, então aqueles produtos químicos continuam preservados ali.

P: Está na lama.

João: É uma lama... corrosiva. A única coisa... e aí eu vejo que, igual a minha avó, gente que conviveu, eu convivi com a minha avó até os 18 anos. Minha avó faleceu em 87, março de 87, e a lembrança que a gente tinha da minha avó, as lembranças, foram todas perdidas. Fotos...

P: As fotos...

João: As coisas que a minha avó tinha, que a gente sempre quando chegava na casa do meu pai... "Ah, isso aqui era de vovó..." O enxoval que a minha mãe teve das minhas irmãs, que a gente tinha passado de um filho para o outro, porque não tinha condição de comprar para todos. Então, o enxoval que foi das minhas irmãs, que foi meu, tanto que a minha mãe comprou tudo branco, porque serve para os outros filhos.

P: Sim, claro.

João: Até pouco tempo, antes do acontecido, minha mãe tinha aquelas malas, aquelas malas igual de nordestino mesmo. Aquelas malas marrons.

P: Sei.

João: O enxoval ficava guardado naquela mala. No dia em que eu vi aquela mala eu falei: Mãe, eu quero essa mala. Ela falou: "Para quê?" Eu falei: "Quando a gente for viajar, eu vou levar essa mala, eu vou com essa mala." "Mas não vai de jeito nenhum. Não quero passar essa vergonha." Eu falei: "Não, quando a gente chegar ao aeroporto, vir aquele monte de mala preta que ninguém sabe qual é de ninguém. E essa, na hora que eu chegar ao aeroporto..." "Mas você não vai me fazer passar essa vergonha". Pois um dia, nós fomos para Maceió, quando nós fomos

para o aeroporto – eu de bermuda, de chinelo, camiseta regata –, ela falou: "Mas você vai viajar assim?" Eu falei: "Ué, nós estamos indo para a praia, para Maceió." Eu falei: "Gente, avião não é coisa do outro mundo, avião hoje é coisa normal, e todo mundo já vai normal." Então, não sei que todo largado fomos embora. Quando entramos no avião, chegou. um casal, mais uma senhora e falou assim: "Suas passagens são 27?" Eu falei: "É.27." "Não, então tem alguma coisa errada, porque a nossa também é 27." Eu falei: As passagens nossas estão aqui, 27." Aí ela olhou e falou assim: "Não, a sua é 27 E, não, B, E e F. A nossa é 27 A, B e C." Eu falei: "Ah! A senhora me desculpe, porque nós somo lá de Bento, nunca ouvi falar, mas lá, quando a gente monta é na charrete. Quando a gente monta na charrete o burro não quer saber se é 27 A, B ou C, quer andar. Aí o pessoal do avião começou a rir, começou aquela gozação...

P: Não ficou brava.

João: Não ficou brava, a gente mudou de lugar e acabou fazendo amizade com eles lá em Maceió, eles estavam no mesmo hotel que a gente. Por incrível que pareça, na volta, que nós chegamos ao aeroporto para comprar as passagens, tirar as passagens, a nossa era 27 A B e C. Eu falei: "Agora nós vamos voltar no 27 A B e C, quer trocar? Ela falou: "Não, pode ir aí." Mas eu falei com a minha mãe: "Eu quero essa mala, porque eu vou viajar com essa mala e a próxima viagem eu vou com essa mala."

P: Hã, hã...

João: Eu encontrei só um pedaço dessa mala lá jogada num canto...

P: Jura?

João: Mas toda destruída. Eu falei: "Ah, infelizmente..." Aí eu não quis nem pegar, porque parece que era só a tampa da mala que estava toda enterrada no meio da lama. Então eu falei: "Vou comprar uma mala, eu vou ver nesses antiquários, eu vou comprar uma mala igual a essa."

P: Isso.

João: Para quando a gente for viajar... E eu tenho uma lembrança da minha avó, eu tenho uma lembrança que ela tinha uma máquina de costura, daquelas máquinas compactas, assim, preta, a manivela...

P: Sim.

João: Um dia a minha esposa falou: "Ô, dona Tânia [nome fictício], vai ter uma festa lá em casa e eu acho essa máquina tão bonita, a senhora me empresta ela para decorar a mesa?" Aí a mãe falou: "Essa máquina, é? Tem que ter muito cuidado, porque era da avó de João." "Não, mas é só para decorar lá, e depois da festa eu entrego para senhora". Nós trouxemos. Depois a minha esposa falou: "Dona Tânia, vou entregar para a senhora a máquina de costura, a senhora leva para o Bento, ou a gente leva?" Ela falou: "Deixa aí por enquanto. Está guardada. Deixa aí por enquanto."

P: Nossa, João!

João: E essa máquina ficou aqui. A única lembrança que eu tenho da minha avó, aqui. Toda vez que eu vejo a máquina, lembro da minha avó, ali, costurando com aquela paciência, e eu querendo ajudar: "Ô, vó, deixa eu, eu vou mais rápido que a senhora. "Não, calma ..." É demais, não é? Então, a única lembrança que a gente tem da minha avó.

P: O bom é que ficou pra cá!

João: Essa máquina eu quero, quando reconstruir, quando for reconstruir o Bento, levar e entregar lá na casa do meu pai, e ela vai ficar aqui por quê?

P: Com certeza. E até estava me lembrando, como as coisas que existiam e não existem mais, você acha assim conforto em memórias, você lembra como era Bento?

João: Lembro, lembro...

P: Isso é bom lembrar?

João: Eu lembro, eu lembro, nossa! Constantemente, lembro.

P: É...? Constantemente.

João: É... Porque é muito marcante, as coisas que a gente viveu ficaram muito marcantes na memória... Então não consegue...

P: É uma história, não é?

João: É uma história... Às vezes tem no celular, tem fotos da minha casa...

P: Sim...

João: Pouco tempo depois... hoje, eu fiz um mapinha da minha casa, e eu sei onde estava cada coisa, cada pé de fruta, cada pé de jabuticaba, cada pé de laranja, eu sei onde estava o quintal, a localização de cada coisa. Então, é uma coisa que dentro da gente não apaga...

P: Sim. Isso ajuda a confortar?

João: Ajuda com certeza, com certeza.

P: E você já construiu memórias novas? Porque você tem ido lá, tem feito coisas...

João: Tem, tem sim de onde fica. Lembro de onde era a minha casa. Lembro da casa do meu pai que está lá em ruínas, e direto a gente vai lá, e eu vou lá, entro, vou na casa do meu pai. Um dia eu cheguei lá, estava faltando uma porta de um quarto e a porta estava pendurada, e não estava a porta. Roubaram a porta. Então eu vejo que assim, a gente consegue ainda, já tem uma nova referência do local. Então a gente já consegue visualizar na memória o local do jeito que ficou depois que a lama tomou conta. E a luta da gente, agora é pra que seja retirada a lama pra que a gente tenha uma relação com o local, sem a lama.

P: Sim, sim. Perfeito.

João: A lama não fazia parte do Bento. Então, a lama não pode permanecer ali.

P: Sim.

João: E a empresa, a gente vê que empresa está querendo manter a lama ali para não ter trabalho de tirar. Na semana passada a gente teve uma reunião com a equipe de manejo de rejeitos, que eles estão querendo fazer um levantamento, fazer uma sondagem para ver o que vai fazer com dejetos.

João: Está tendo essas reuniões, mas a gente vê que a equipe de manejo de rejeitos está folgada. A intenção deles é talvez deixar, porque eles alegam que o trabalho seja muito grande para retirar a lama, já tem vegetação em cima, mas a vegetação são mazelas daninhas que eles plantaram lá para apagar um pouco daquela imagem da lama em si. Então, tem as mazelas daninhas lá que foram se propagando, que eles plantaram, foram se propagando.

P: Você sabe que eu fui lá ontem? A Defesa Civil me levou lá.

João: Ah, sim.

P: Fiquei muito comovida, muito tocante. E olha que já tem dois anos. Imagino na época...

João: É que agora ainda tem uma vegetação para disfarçar um pouco, mas antes... você via tudo lamaçal, aquela parte ali.

P: Sim, sim...

João: O que faz bolar gente é que a gente vê que tem, na parte baixa, principalmente, tem as árvores que ficaram, as árvores resistiram por um certo tempo, mas chegou um momento que as árvores começaram a secar. A gente lembra que nós cavamos em volta de um pé de manga lá... nós mesmos, procurando um banco de pedra, e a gente cavou para ver se ele sobrevivia. E foi em janeiro de 2017, as mangas cheias de bicho todas rachadas. Eu falei: “Ó, vamos chupar essas mangas, que vão ser as últimas mangas desse pé.” E foi mesmo, coitado. E a gente não tinha... no início começou a dar, aquele tomatinho, começou a brotar muito lá e a gente colhia e comia, e chegou um tempo que eu percebi que eu nunca tive dor de estômago e eu comecei a ter dor de estômago. Eu falei: “Gente”, ainda comentei com o pessoal: “Nunca tive dor de estômago e estou tendo. Eu acho que é desse tomatinho que a gente está comendo aqui.” E aí, antes da gente pensar em parar de comer os tomatinhos, os pés já morreram, já não deu mais. Quando eu parei, não tive mais dor de estômago, então realmente tinha alguma coisa, não estava bom.

P: João, eu queria te perguntar, para te liberar também, o que você acha que hoje tem ajudado você a seguir a sua vida? As visitas ao Bento, o que dá um conforto, para você?

João: As visitas ao Bento é a parte essencial, porque houve, sim, um movimento por parte da empresa de tentar impedir a gente de toda forma. Nós tivemos que ir lá com o juiz, na época o Dr. Romeu [nome fictício]. A empresa sempre colocando obstáculo, não querendo a presença da gente lá. E aí o juiz falou: “Vai, vamos ver”. Chegou lá, o engenheiro da empresa, os advogados, todos tentando convencer o juiz de que era perigoso, que não podia. O juiz falou: “Não, já percebi qual é a intenção dos senhores.” E aí deu a sentença de que a empresa tinha que manter um acesso digno para a gente, inclusive para passar com carro, e a empresa queria...

P: Sim.

João: ...fazer uma passagem de pedestre, e o juiz determinou que fosse uma passagem digna para poder entrar com o carro, até caminhões de pequeno porte.

P: Sim.

João: E aí que a gente viu que... Eu falei: “Para manter a relação da gente aqui, a gente vai ter que lutar a cada dia.” Agora, recentemente, no réveillon, a gente passou lá, teve a bodas de prata da minha irmã, que foi lá nas ruínas da casa de São Bento, semana retrasada, o pessoal foi lá, eles falaram: “Cortaram os fios todos da rede elétrica”. Porque a gente pediu para colocar luz lá na parte alta, nos postes que sobraram, e ele falaram que era inviável. E como eu tinha um gerador lá, de energia, pedi para a empresa repor esse gerador antecipadamente para gente usar lá. Assim que ela repôs, nós começamos a usar lá, eu falei: “Ô, gente, dá para colocar luz nesses postes que estão aqui inteiros ainda. Vou isolar alguns postes e colocar.” Com um dia, meio dia de trabalho, eu consegui e liguei os postes. A gente acha que foi sabotagem por parte da empresa, porque não foram vândalos que foram lá roubar, porque os fios foram cortados, mas permanecem lá.

P: Sim.

João: Então só cortaram os fios, e deixou para não usar.

P: Entendi.

João: Eu falei: “Não, mas a gente vai para lá no carnaval, eu vou emendar os fios.”

P: Vai emendar?

João: Eu vou emendar os fios com aquela escada... Eu comprei aquela escada só para isso.

P: Ah, que bárbaro!

João: Comprei... só para isso. Então eu falei: “Já vou, já vou...” Então é isso que ajuda, as lembranças, a vontade de que meus pais e as outras pessoas voltem para casa. Então já ajuda a gente a manter a luta. Eu falo que nós não tivemos tempo do luto, porque logo de imediato nós já tivemos que ir à luta. Então a gente está correndo sim, vai... é isso que prevalece e dá a força para seguir em frente.

P: E em algum momento vai ser importante dar lugar ao luto.

João: É, porque eu acho que vai ser no momento que estiver tudo resolvido, aí a gente vai poder... enfim ...

P: É eu espero que sim, nossa é bom ouvir você falar isso. Espero que sim, porque isso é importante para nossa saúde. O luto é sofrido, mas precisa dele para limpar... Ah, entendi. E você quer me dizer mais alguma coisa?

João: Não.

P: Está bom, por hoje? Então eu vou agradecer imensamente.

[Abaixo, ainda trecho com uma pergunta feita à distância, em um outro momento].

P: Você sentiu falta de alguma coisa no sentido dos cuidados que vocês receberam dos profissionais, todos que foram na Arena, enfim, logo depois do desastre, quem socorreu? Você se sentiu acolhido por essas pessoas? Vocês tiveram a chance de ter alguém para conversar logo após a tragédia, algum psicólogo foi oferecido?

O que você acha que faltou no sentido desses cuidados para vocês? Logo depois, mesmo na movimentação inicial para ir para Arena, depois para os hotéis e se, especialmente, vocês tiveram alguém para conversar, alguém por perto, além da família. Algum profissional.

João: A princípio, no dia do rompimento, a Samarco demorou muito a prestar assistência. Para você ter uma ideia, os primeiros funcionários da Samarco que chegaram em Bento chegaram por volta de oito e meia, nove horas da noite, com alguns micro-ônibus pra transportar o pessoal. Só que o Bento não tinha acesso, então esses micro-ônibus acabaram atrapalhando, porque bloqueou a estrada e foram poucas as pessoas que tiveram a necessidade de sair nesses micro-ônibus, porque não tinha acesso para dentro de Bento. Então, a desinformação deles era tanta que chegaram com um monte de micro-ônibus que não resolveria o problema.

Na Arena, especificamente, houve sim uma mobilização, mas foi da população e dos funcionários da Prefeitura, Defesa Civil, porque os funcionários mesmo da Samarco ficaram com receio de chegar até a Arena e serem até linchados, porque a revolta inicial da população com os funcionários da Samarco foi muito grande. Aí, posteriormente, quando as pessoas, as famílias já estavam nos hotéis, aí eles começaram a aparecer; mas apareceram funcionários da Samarco mesmo, mas num trabalho mais de investigação, para ver como que a pessoa foi afetada, atingida. Qual a relação da pessoa com a comunidade em si, para evitar fraude, esse tipo de coisa. No meu caso, especificamente, foram dois funcionários da Samarco lá na minha casa, e eu percebi que esses funcionários eram totalmente despreparados para a função que eles estavam exercendo. No caso, teria que ser um psicólogo ou alguma pessoa da área. Só que os

funcionários que chegaram lá na minha casa eram funcionários que trabalhavam em mina. E quando eu comecei a relatar para eles e qual era a minha relação com o Bento, eles começaram até a se emocionar, começaram a chorar. Eu falei: “O cara vem aqui para me dar uma assistência e acaba eu quase tendo que dar assistência pra ele.” Mas, passado muito tempo depois, a Samarco fez uma parceria com a Prefeitura de Mariana, e começou a dar assistência através do Programa de Saúde da Família, o PSF. É, mas foi cerca de três meses depois, e cerca de seis meses depois é que foram contratados alguns psicólogos a mais, porque os que tinham, para a demanda de Bento e Paracatu, não estavam dando conta. Então, foi cerca de seis meses que a Samarco fez a parceria com a Prefeitura e contratou vários psicólogos para dar assistência mental às famílias.

No meu caso, eu comecei a fazer um acompanhamento com a psicóloga através do Posto de Saúde lá, que estava atendendo o Bento e Paracatu, mas na terceira sessão eu já parei e falei: “Não, isso não está me ajudando, pelo contrário, eu estou sentindo que eu estou ficando mais para baixo, estou ficando deprimido”. Então eu conversei com a psicóloga e falei: “Não, vou dar um tempo, não vou vir aqui mais.” E sumi. E realmente, o que me sustentou foi brigar pelos direitos, correr atrás, porque até então eu só fui reconhecido como atingido numa audiência do dia 10 de outubro de 2016, quase um ano depois, que foi numa audiência judicial que eu fui reconhecido como atingido e tive os meus direitos reconhecidos. E pessoas que estavam na mesma situação que eu até hoje ainda não tiveram os direitos reconhecidos e perderam tudo, perderam casa, criação... Mas é aquela situação que eu te falei: eu só fui reconhecido porque a casa em que eu moro até hoje em Mariana pertence ao meu pai. Então, foram os critérios que foram adotados pela empresa na ação emergencial, e que até hoje a gente só consegue reverter isso com a ajuda da Justiça. Mas aí a gente vai batalhando e vai conseguindo um direito aqui, outro ali, mas, está sendo difícil. Então, a empresa, ela foi negligente com esse tipo de ajuda no início. E está sendo até hoje, porque até hoje várias pessoas não estão sendo reconhecidas como atingidas. Espero que eu tenha ajudado.

ANEXO C – ENTREVISTA COM A COLABORADORA RITA

Colaboradora: Rita

Pesquisadora: P

P - Hoje é 09 de fevereiro e eu vou conversar com a Rita; me fala o seu nome completo, sua idade e sua profissão?

Paula: Meu nome é Rita R., tenho 38 anos, sou moradora de Bento Rodrigues e antes eu era auxiliar de serviços gerais, hoje eu sou cabeleireira em domicílio.

P: Rita, eu queria perguntar para você, como é que você se sente hoje depois do tempo que já passou, desde o rompimento da barragem da mineradora Samarco, que foi no dia 05 de novembro de 2015. Como é que você se sente hoje?

Rita: Hoje eu me sinto cheia de esperança. Eu tenho esperança na reconstrução do Novo Bento, nos meus pais ganharem a casa deles de novo, e a gente ter aquele sossego e aquela paz que a gente tinha lá em Bento Rodrigues. Que a vida na cidade é completamente diferente. É muito agitada, é corrida, e lá em Bento Rodrigues a gente vai ter a nossa paz e sossego, e aquela vida tranquila que a gente tinha.

P: Que bom! Depois de todas essas coisas que vocês passaram, como você acha que lidou com tudo isso? Como você está lidando com as perdas? Com o desastre em si, com tudo que ele trouxe? Como é que você tem lidado?

Rita: Eu fiquei um bom tempo sem dormir. Eu tive insônia. Agora é que eu estou dormindo...

P: É mesmo?

Rita: É. Fiquei mais de ano sem dormir. Dormia depois das 5 horas da manhã. Ficava só pensando, ficava apreensiva, tinha medo. Quando lembrava daquele dia, que foi a tarde do terror, a noite do terror, eu sentia medo, muito medo, mas agora estou tranquila, estou em paz e eu estou cheia de esperança mesmo. Que as coisas deem certo. Eu agradeço a Deus hoje pela vida, pela vida de cada um que sobreviveu naquele dia terrível, naquele tsunami de lama, e rezo também por aquelas pessoas que a lama levou, que não conseguiram sobreviver. Que elas tenham paz e que estejam em um bom lugar. Eu acho que chegou a hora, que chegou a hora deles, e que se nós conseguimos sobreviver, é porque Deus tem um propósito bom pra nossa vida. Entendeu? Se Deus quer algo melhor para a gente. Daí... esperança.

P: Eu ia te perguntar também que sentimento marcante você tem hoje; então seria a esperança?

Rita: Esperança. Gratidão e esperança.

P: Gratidão e esperança. E quando você falou do medo que você sentiu por um longo tempo, era medo do quê especificamente? Você sabe dizer?

Rita: Sim. No dia do desastre eu estava trabalhando e eu ouvi no rádio que a barragem tinha estourado. Aí eu fui. Em vez de correr para o mato com os meus companheiros de serviço, eu corri para frente da lama. Eu atravessei na frente da lama gritando para as pessoas correrem: "Corre que a barragem estourou, a barragem estourou..." Aí eu penso assim: Se eu tivesse parado para ver o que era, que eu nem sabia..., eu sabia que a barragem tinha estourado, eu sabia que o barulho era a lama chegando, mas eu não sabia que ela estava tão perto. Aí, eu paro para pensar, se eu tivesse parado para ver o que era, não teria dado tempo, ela teria me levado, porque assim que eu atravessei a ponte ela arrancou a ponte. E se eu paro também para pensar...se eu não tivesse ido muitas pessoas tinham morrido.

P: Não teria avisado.

Rita: Não teria avisado. As pessoas iam ficar esperando: "Que barulho é esse?" Se eu tivesse parado e se eu tivesse ido. Aí eu agradeço por eu não ter parado e por eu ter ido, e agradeço por cada um que eu consegui avisar, e cada um foi avisando o outro; eu tinha medo de não ter conseguido. Paro às vezes e o meu corpo até arre pia... se eu tivesse parado, se não tivesse ido. O medo da noite é isso. Fico lembrando daquele momento e fico imaginando se eu tivesse parado, se eu não tivesse ido... Mas se eu não tivesse ido, eu teria morrido, porque ia achar que a minha família toda tinha morrido também.

P: Sim, ajudar...

Rita - Às vezes paro e penso assim; mas depois penso assim, agradecer a Deus por ter me usado naquele momento, naquele dia por eu ter ido e ter dado conta. Entendeu? Por ter dado conta. Eu já dei, aí eu já vou ficando mais tranquila e vou criando a minha paz.

P - E você passou então um tempão dormindo muito mal, não é?

Rita - Foi. Comecei a pensar só em coisas boas, e não no que aconteceu. Aí comecei a me achar, achar a mim mesma, interior, entendeu?

P - Sim, sim, e aí tranquiliza.

Rita – Tranquiliza.

P - Sim. Eu não sei se você pode, mas, se você puder, eu queria que me contasse como foi aquele dia. Se você lembrar.

Rita - Eu lembro sim. Naquele dia, 05 de novembro, lá por volta de quinze para as quatro da tarde, a gente estava trabalhando. Eu trabalhava terceirizada da Samarco, na área do meio ambiente. A gente fazia mudas para a Samarco reflorestar as áreas que ela devastava. Nosso líder chamou a gente para conversar. Nós estávamos conversando, fazendo um diálogo para falar exatamente desde a hora que a gente levantou até a tarde. Aí a gente começou a escutar um barulho; um menino falou: "Que barulho é esse?" Alguém falou assim: "Ah, pau de arara", que é o ônibus que estava chegando. O ônibus passou e o barulho continuou. Eu falei: "Gente, não é o ônibus." O segurança ligou o rádio de comunicação. No que ligou o rádio de comunicação, as pessoas estavam gritando que a barragem tinha estourado. Mas gritando não com a gente, gritando entre eles: "Corre fulano, corre beltrano" e a barragem chegando aqui. "Tchau procês". Vou avisar o meu povo. Eu corri, peguei a minha moto e sai pela rua gritando, buzinando: "Corre, a barragem estourou! A barragem estourou, corre que a barragem estourou!" E as pessoas acreditando, uma correndo atrás da outra, avisando a outra, pegando a outra, todo mundo correu. Correu todo mundo para o alto. Aí eu não vi nada. Eu só gritava, buzina, cheguei lá em casa, gritei: "Mãe, corre, chama todo mundo que a barragem estourou, a barragem está vindo aí! Virei a moto e voltei, ainda.

P - Voltou para?

Rita - Voltei para encontrar a lama, mesmo...

P - Para encontrar a lama.

Rita - Fui avisando as pessoas, e as pessoas, correndo. A gasolina da moto acabou e eu a empurrei, deixei a minha "motinha" lá e voltei. Continuei correndo: "Corre que a barragem estourou!", ajudando as pessoas. Tinha um caminhão lá que estava ajudando as pessoas; jogava as pessoas em cima do caminhão; eu ajudei a jogar mais gente em cima do caminhão, o caminhão foi embora. Quando eu vi que não tinha mais ninguém, aí eu subi também. Quando cheguei lá no alto é que eu vi. Quando olhei para trás, não existia mais o Bento. Aí encontrei com meu filho lá em cima, eu não o peguei, só avisei e voltei para avisar outras pessoas... Sabe, ele e meus pais, e eu saí com ele. Lá em cima que nós nos encontramos e olhamos para baixo,

e vimos que o Bento estava assim, acabado. A gente só gritava: "Gente, por que que fizeram isso coma gente?" "A Samarco nos enganou". A gente gritava. Estávamos desesperados no dia.

P - Sim, sim...

Rita: Foi isso que aconteceu no dia 05 de novembro. Nós ficamos lá até o dia 06. No dia 06 nós fomos resgatados.

P - É?

Rita - Saímos em fila indiana e os ônibus vieram trazendo a gente; viemos para a Arena Mariana, aí da Arena fez a triagem; passamos o dia, tomamos banho, ganhamos a roupa; aí à tarde nós fomos para o hotel, e ficamos um mês e três dias no hotel. Nós mudamos para uma casa na rua Santana número 140, e depois de lá nós viemos para esta casa onde estamos hoje.

P - Sei...

Rita- Porque lá era apartamento e meu pai estava passando mal, não estava dando conta, porque ele mexia com a roça, com as coisas dele, aí a gente veio para esta casa.

P - Sim, sim... Entendi. Hoje você contando parece que foi ontem, não é?

Rita- Isso. E o meu menino... até hoje ele tem medo de chuva, de barulho, tem medo de zoeira... Ele fez tratamento psicológico... Ele pergunta se tem barragem aqui... Ele morre de medo de tudo.

P - Fez tratamento um pouquinho? Foi ao psicólogo?

Rita - Foi ao psicólogo; na última sessão dele, escreveu tudo o que ele tinha medo, rasgou e jogou no lixo.

P - É!!?

Rita – É, mas ainda tem medo; mas nós vamos trabalhando isso, né, Lucas?

P - Vai trabalhando... É normal ficar com um pouco de medo e de receio. Foi um baita de um susto.

Rita - Então...

P – Sim. Já parou? Não vai seguir mais um pouquinho com o psicólogo?

Lucas - Vai.

P - Vai?

Lucas - Ah! É, minha avó e meu avô, eles estavam correndo e não estavam aguentando, aí eu empurrei.

P - Empurrou? É mesmo? Rapaz! Os dois você empurrou. Ajudou.

Lucas - Hum, hum... Fiz assim, oh.

P - E você deve ter ficado muito assustado, não é? Porque deve ter sido uma coisa que eu mal consigo imaginar.

Rita - Virou herói do vovô e da vovó...

Lucas - E também, tinha um espaço grande lá, já estava todo coberto de lama. Pertinho da gente.

P - É mesmo?

Rita - Momento exato em que a lama chegou no Bento....

P - Vocês falaram, ele falou agora aqui dos brinquedos..., das perdas, da casa... Nós que estudamos um pouco dessa coisa de perda, tem um psicólogo que ensinou assim: que quando a gente perde alguém, por exemplo, perdi meu irmão, é importante para eu ficar de luto e ir cuidando dessa perda, às vezes a gente quer ter uma coisa da pessoa, um casaco, tem um cheirinho ainda... Sabe, tem um tempo que às vezes a gente ainda precisa disso para ir melhorando da dor. E aí fiquei pensando, Rita, vocês não tiveram nada disso, porque não sobrou nada. Como é que isso ficou para vocês, ter perdido tudo? As memórias...

Rita - Sabe o que alivia?

P - O quê?

Rita - Porque já existia *facebook*. Tudo a gente passava no *facebook*.

P - É mesmo?

Rita - Quando a gente tem saudade, a gente vai lá no *facebook*, fotos, vídeos. Aí a gente revive o passado. Revive aquilo que a gente viveu. Isso vai amenizar a saudade. E é assim ... E eu tinha

mania, tudo eu registro, até hoje. Tudo que eu faço, eu gravo. Mas só que é assim: dele, eu tinha um celular que tinha gravação dele desde o nascimento até 5 anos, e o celular foi embora na lama. Aí eu perdi essas memórias.

P - Tá...

Rita - Mas a sorte é que eu tinha uns vídeos dele no *facebook*. E vídeos de todas as minhas amizades, porque a gente fazia sempre reunião... A gente revê, às vezes. Coloquei *youtube* na televisão, aí a gente vê pela televisão. Assim que a gente via lá em casa. Que a gente vivia.

P - E você deve ter também que fechar o olho e lembrar, não é? Deve lembrar de Bento como era...

Rita - Lembro. Eu lembro até do cheiro da minha casa. O cheiro do meu quarto. Eu lembro. Lembro do cheiro da comida lá de casa, fogão a lenha, cheiro da fumaça... Eu sinto tudo isso... o Lucas tem no álbum dele, olha lá. Meu irmão trouxe o álbum dele, conseguiu pegar, estava em cima do guarda roupa. Minha casa... A casa não foi toda embora, trouxe o álbum dele. Ele tem o álbum dele desde o nascimento.

P - Nossa!!!

Rita- Aí a gente revive a saudade, não é?

P - E você tem memórias novas, já, de ter ido lá depois? Você foi lá depois?

Rita- Fui. Teve lá em casa uma tremenda festa!

P - Ô festança!!!

Rita: Chamava a comunidade toda...

P - Sim... Esse é você.... sim...

Lucas - Meu pai, minha mãe e eu.

Lucas - ...hora do nascimento 05:25. Local do nascimento:... Peso: 03 quilos... Altura, 049 cm. A minha vovó, Maria Lucia da Silva Alves Eu estava no primeiro ano.

P - Olha!!!

Lucas - Meu pai ... aqui era na rodoviária. Meu pai e eu. E acho que agora acabou.

P - Nossa, salvou!!

Rita - Isso foi aqui, na formatura dele...

P - Ah, tá. Já foi para cá.

Rita - Foi aqui.

P - Tá bom.

Lucas - Mas teve uma foto que foi difícil. Todo mundo assim, oh!

P - Foi difícil tirar? Mas esse álbum salvou? Esse estava em Bento?

Rita - Em Bento.

P - Nossa! Esse álbum é precioso, hein? Olha você aqui dentro! (risos)

Lucas - Maria Elisa, Ana Clara e Ana Flávia.

P - E Lucas

Rita- E Lucas? Hospital!

P - Que legal. Você foi batizado?

Rita - Foi.

P - Sim... que legal!

Rita - Primeiro pediatra. Dr. Navarro.

P - Seu pediatra... Olha só.... olha que pequenininho que você era... Que alegria boa...

Lucas - Eu, meu primeiro aninho.

P - Olhando as fotos que o Lucas está mostrando, me ocorre que isso tudo que aconteceu era impensável! Nessa dimensão, não é? Vocês não viviam assim lá em Bento: “Ah meu Deus, a barragem!... vai romper...” Não era uma coisa tensa, ou era?

Rita - Não, a gente vivia tranquilo.

P - É?

Rita - Nós tínhamos uma vida saudável, vida tranquila, sossegada... A gente vivia feliz, via todo mundo... A gente tinha medo da barragem de Santarém, que era uma barragem d'água. A gente não tinha conhecimento da barragem de Fundão, que é essa que se rompeu. Eles construíram ela acho que em 2008, e a gente nem tinha conhecimento dela.

P - É!!??

Rita - Não. A gente tinha medo da barragem de água, mas acabou que a de água está lá até hoje, que é de Santarém, e a de Fundão é que veio e destruiu.

P - Sim... Entendi. E em relação às coisas que você perdeu, tem coisas que você sente muita falta, específica, das coisas que tinha na sua casa?

Rita - Eu tenho saudade do meu quarto, tenho saudade da sala, de cada cômodo dentro de casa... Mas depois da saudade, me sinto aliviada, porque eu estou bem com a minha família, o meu filho está comigo, meus pais estão comigo... A gente sobreviveu àquele caos. Eu acho que para mim foi assim: um teste de Deus para a gente tentar viver melhor.

P - Sim... Isso tá mais forte...

Rita - A única coisa que não tem volta é a morte, entendeu? E a gente está vivo. Vamos correr atrás e vamos tentar resgatar, tentar viver da melhor maneira possível, e todos os dias agradecer a Deus.

P- E como foi que você passou daquele pedacinho que você ficou mais deprimida? Como é que foi melhorando?

Rita - Melhorando porque eu tinha família. Isso ajudou. Tenho meu filho, meus pais, a minha irmã, a minha família toda junta. Isso foi me aliviando, porque a única coisa que não tem solução é a morte.

P - Com certeza.

Rita - Isso foi legal.

P - E no dia 05 tem alguma coisa que você acha que podia ter sido melhor de ajuda que vocês receberam? Você falou que foi para a Arena, depois foi para os hotéis...

Rita - Foi bom porque não foi fenômeno da natureza. Se fosse fenômeno da natureza, a gente estava até hoje na lama, porque essa empresa desde o início deu a mão para a gente, ela está

ajudando e às vezes eu acho que os órgãos públicos atrasam um bocado as coisas. Mas a gente foi assistida. A gente está sendo assistida; a gente mora em casa alugada. São eles que pagam o aluguel. Eles dão um cartão benefício para o chefe da família para ajuda de custo...

P- É?

Rita – Vinte por cento para cada membro. Eles nunca deixaram de nos amparar. Eles ampararam, mas não de espontânea vontade. O Ministério Público em cima, exigindo que eles façam essas coisas.

P- Tem que ser essa luta com o Ministério fazendo...

Rita - Porque se for só por conta deles, não fariam não.

P- Entendi.

Rita - Mas eles estão ajudando... na medida do possível.

P - Sim. E como ontem eu pude participar da audiência que você mesma me avisou, eu vi que nesse momento vocês estão mesmo cheios de esperança. Então você, talvez um grupo ali da comunidade... Você ficou muito contente ontem, não é? Como é que foi para você?

Rita - Nossa! A comunidade, foi praticamente cem por cento, um só que não votou. A comunidade toda focada naquilo que todo mundo quer: voltar para a nova comunidade e cada um ter a sua casa, ter seu terreno no tamanho que era, e ter a vida que a gente tinha. A vida digna, a vida nossa, a casa nossa, tudo nosso.

P - Sim...

Rita - Porque a gente está cuidando de uma coisa que não é nossa... Entendeu?

P - Sim, sim... Bom, eu queria te fazer só mais uma pergunta: Você comentou que voltou a Bento quando pôde. Não foi? Foi logo, foi um tempão depois...?

Rita - Não, demorou... eu fui lá acho que tinha um mês e pouco...

P - Tá.

Rita - Mas aí eu voltei várias vezes. Fui em missa, fui na semana santa e... só assim mesmo que eu vou. Fui em um casamento lá em dezembro de bodas de ouro, ou bodas de prata... só assim que eu vou; mas ficar, que nem o pessoal vai, não vou não. Dá saudade, a gente vai dar uma

volta lá. E é bom... Mas a gente acaba voltando triste porque a gente sente que a gente tá abandonando. Abandonando a nossa casa, que não foi embora. Preferia que ela tivesse ido embora. Aí tá lá... porque abandonei...

P - Largou lá.

Rita - É...

P - E volta triste por isso. Porque não pode ficar lá e cuidar...

Rita- É...

P - Sei, entendi... Mas essas festividades fazem bem. Quando você vai lá..., uma parte é boa?

Rita - Fazem... é boa. Porque a gente revê as pessoas...

P - E como você me falou, parece que todo mundo se conhece, é um pessoal bem junto, não é? Eu tive ontem a impressão, na audiência, que um cuida do outro. Não é um pouco assim?

Rita - É...

P - Sim, que bom. Tem mais alguma coisa que você queira me contar ou me dizer de tudo isso?

Rita - Não, eu acho que é isso mesmo. De tudo isso fica assim, a gente tem gratidão a Deus por ter nos poupado da morte naquele dia, e esperança na reconstrução da nova comunidade.

P - Sim... E quando você veio para cá, você sempre teve esse salão, mesmo morando em Bento?

Rita - Não, era em domicílio. Eu trabalhava fichada, e nas horas vagas eu mexia com cabelo.

P - Tá...

Rita - Aqui eu fiquei desempregada, aí eu comecei a postar no *facebook*... as pessoas começaram a me procurar, e graças a Deus eu tenho bastante cliente.

P - Hum, hum... E você pode me contar desse quadro que eu estou vendo aqui?

Rita - Foi um pintor que ficou sabendo da minha história. Ele pintou um quadro sem conhecer o Bento, imaginando como foi naquele dia: eu na moto, as pessoas correndo, cachorro... E ele colocou uma pomba em cima, que ele diz que é o anjo de guarda... que estava me guiando...

P - Olha, que bonito, Rita, não é?

Rita - É...

P - Muito bonito... Parece que você ficou... Quando me indicaram, para eu tentar te achar e conversar com você, as pessoas falam muito isso, me falaram: É a Rita da moto...

Rita - É a Rita da moto, é a heroína do Bento, é a heroína de Bento Rodrigues, é a menina da moto e assim eu recebi vários prêmios também.

P - Foi mesmo?

Rita - Foi. Eu tenho várias medalhas... Eu recebi o diploma do Corpo de Bombeiros militar de Minas Gerais. Eu fui no programa, lá em São Paulo, no Programa Celso Portioli. Fui lá e recebi também uma placa, de heroína. Recebi também uns prêmios: uma moto, uma compacta print, recebi um prêmio em dinheiro que eles me deram lá... Recebi assim várias medalhas: medalha da Ordem dos Advogados, medalha de Aldralha, poema. Alguém fez um poema também... Fui em vários programas, todo mundo me procurava: A heroína de Bento Rodrigues. Fiz documentário para a Espanha, para os Estados Unidos agora há pouco tempo, agora fiz um na TVE...

P - É mesmo?

Rita - Às vezes eles me procuram para falar...

P - Sim, sim... e você sempre foi assim, de ir e fazer...

Rita - Sim, sempre. Meu jeito é esse sempre de ajudar. Eu gosto sempre de ajudar. Aí às vezes cortava o cabelo dos outros de graça, sempre gostei de ajudar as pessoas que mais precisam. Tanto é que eu entrei aqui em Mariana num grupo que chama Grupo de Maria. A gente ajuda as pessoas com cesta básica, a gente paga uma mensalidade de 20 reais por mês, e com esse dinheiro a gente compra mantimentos da cesta, empresta cadeira de banho, às vezes alguém está com uma cama, doa para a gente e a gente doa para a pessoa...

P - Que legal!!!

Rita - É um grupo de mulheres que ajudam as pessoas.

P - Só de Marias...

Rita - Só de Marias...

P - Sim, que legal... Puxa, acho que da conversa hoje era isso, vou perguntar de novo se você quer ainda contar alguma coisa...

Rita - Não, só isso mesmo...

P - Tudo bem?

Rita - Hum, hum...

P - Acho que tem... Eu te ouvindo aqui, uma lição bonita, da coisa da esperança... A gente fica deprimida, passa um tempo sem dormir, mas que tem uma coisa que impulsiona, não é?

Rita - É...

P – Hum, hum... Está bom. Eu vou parar agora...

ANEXO D – ENTREVISTA COM A COLABORADORA LUIZA

Colaboradora: Luiza

Pesquisadora: P

P - Hoje é dia 09 de fevereiro, vou conversar com a Luiza.

Luiza - Eu sou Luiza, tenho 32 anos, sou auxiliar odontológica, nasci aqui em Mariana, mas simplesmente pelo fato de Bento não ter hospital. Eu nasci aqui e fui criada lá. Eu tinha 31 anos de Bento.

P - Eu queria agradecer muito por você estar aceitando fazer parte do mestrado. E para a gente começar a conversar, a pergunta é assim: " Como é que você se sente hoje, Luiza, depois do tempo que já passou desde o rompimento da barragem da mineradora Samarco no dia 5 de novembro de 2015. Como você se sente hoje?

Luiza - Ah, eu posso dizer que igual, porque hoje, para mim e para minha família, posso falar que cada dia é pior que o outro. Se a gente hoje está vivo, é graças à fé que a gente tem, principalmente em São Bento, e pelo fato de que a gente ainda está podendo voltar no Bento nos finais de semana. Eu acho que se não fosse isso também, acho que a gente não estava aqui mais. Acho que é isso, cada dia uma superação, cada dia uma coisa diferente que a gente passa, e com essa diferença a gente tenta dar a volta por cima de alguma forma.

P - Você falou agora há pouco, antes de eu ligar o gravador, que se não, você tinha ficado louca já, não é? Que é uma coisa difícil estar longe de Bento... Como é que é ir para lá então? O que vocês sentem quando vocês vão para lá?

Luiza - Quando a gente vai para lá, é uma liberdade, é um descanso... E, apesar de quando a gente está lá a conversa sempre ser a mesma, não tem como. Às vezes eu falo: vamos mudar de assunto, a gente está no Bento, vamos conversar de coisa boa, de coisa alegre. A gente muda de assunto. Passado um minuto, está na mesma conversa: sempre o dia 5, é sempre pós dia 5. Então, a gente ainda poder estar indo lá, eu falo que é o nosso psicólogo, as nossas idas lá. Minha mãe, por exemplo: por ela, a gente estava morando lá e vindo e voltando trabalhar todo dia, igual a gente fazia. Ela não aceita que a gente vai para lá. Ela queria ter a opção de escolher voltar para o Bento. Tem muitas pessoas que ainda não voltaram lá depois do dia 5. Que não se sentem preparadas. A gente até nem julga, porque na hora que aconteceu a gente não estava lá. A gente não correu da lama. Mas a gente correu de encontro à lama, porque, na hora que a gente

ficou sabendo, pegamos o carro e fomos, porque tinha os nossos amigos, tinha familiares lá, a gente ficou sem saber realmente o que estava acontecendo. E nossa... Foi tenebroso, aquele dia 5. Aliás, se eu estivesse lá, acho que hoje eu não estaria aqui. Eu seria uma das pessoas afetadas, não é? Mas como Deus sabe o que faz... É isso. Sinto pena, um dia após o outro.

P - Você está querendo dizer que o sentimento que fica em você mais presente todo dia, se tiver que batizar...

Luiza - É angústia, revolta, é ódio, infelizmente. Entende? Se eu falar para você que eu entendo, que eu não carrego ódio no meu coração, não carrego uma angústia, eu estaria mentindo. O nome Samarco, para mim... Chega paciente aqui no consultório de uniforme, eu evito até... Quando a gente coloca o pano de canto, até coloco para lá, para exatamente tampar o emblema. Não tem como gostar, não tem como olhar e não sentir uma revolta, não contra os funcionários, os trabalhadores, mas contra o nome como empresa. É como eu costumo falar, se dependesse de mim, nunca mais voltaria a operar.

P - Sim. O pano de canto é quando ele deita na cadeira, é isso?

Luiza - Isso, a gente coloca um pano para não cair nada.

P - Sim. Acho que o que tem ajudado a vocês seguirem no dia a dia... Tem sido muito importante essa visita a Bento, todo fim de semana.

Luiza - Nossa, o dia em que a gente não puder ir lá mais, não sei. Porque, quando aconteceu, nós ficamos um bom tempo sem conseguir entrar lá, sabe? Foi assim, o povo todo entrando, saqueando, e nós, moradores, sendo privados de entrar. Para você ter uma ideia, aconteceu no dia 5 de novembro. Eu só consegui entrar no Bento dia 20 de dezembro.

P - Nossa!

Luiza - E isso porque a gente foi com a Rede Globo gravar Profissão Repórter. Se não fosse isso, a gente não teria conseguido entrar. A gente sabe que, pelo menos o que a empresa quer, é isso, privar a gente o tempo todo de estar entrando. Acho que até por isso mesmo que o povo saqueou, porque a empresa deixou. Se ela causou o que ela causou, ela tinha por obrigação colocar uma segurança, para evitar os roubos que aconteceram. Também eles construíram lá o S3 e o S4, que foi contra a nossa vontade. É uma área do Bento onde hoje eles construíram esse dique como uma forma de conter a lama. Eu não vejo como uma forma de conter a lama. Eu vejo como uma forma da empresa se apropriar das nossas terras, porque seca a lama que está

no Bento para não descer para o rio. Mas e a lama que está após o S4? Que está após o Bento? Eles não fizeram mais dique de contenção. Então, por que o S3, se é antes do Bento, e o S4 ser depois do Bento? No finalzinho do Bento? Para quê aquilo? Acho que tem todo o manejo da empresa para tentar cada vez mais tomar o que é nosso. Infelizmente, a gente sabe que o mundo gira em torno de quem tem dinheiro... A gente não autorizou a construção desse dique. Os proprietários de onde ele foi feito não autorizaram, não receberam indenização sobre ele. E o que a empresa fez? Foi atrás do governador Fernando Pimentel para ele fazer essa desapropriação temporariamente – sabe-se lá se vai ser temporariamente – para a construção desse parque, desse dique. Então, a gente sabe que a empresa quer o restante da área. Eles podem até conseguir, mas a gente vai dar muito trabalho para eles.

P - Hum, hum...

Luiza - Já sei que vai ser uma luta dura, árdua. Espero que desta vez eles não vençam a gente.

P - Hum, hum...

Luiza - Ver o Bento destruído igual foi com a lama, nossa, me doeu demais, principalmente no dia 06, quando clareou – 6 horas da manhã que clareou – que eu vi, que eu pude ver o que realmente tinha acontecido, cheguei numa parte mais alta – justamente a parte que eu vi foi onde era a minha casa, onde era a minha rua. E você não vê nada. Você só vê barro, só vê lama, não vê um pedacinho do telhado, porque ele já não existia, já não existe mais... E ter sobrado um pedaço da parede... Você não conseguir achar uma agulha sua para contar a história, não conseguir recuperar essa agulha. E você vê quem te fez todo o mal... E você foi criando do pouquinho que sobrou. Isso dói muito. Então, ver lá, destruído, lameado... Doeu demais, mas ver lá, agora alagado, eu acho que dói mais.

P - É?

Luiza - Acho que me dói mais. Porque depois de tudo que a empresa causou, ela ainda conseguiu fazer uma coisa que a gente não queria, e a gente sabe que não é para conter o rejeito. Por quê? Será que só o rejeito que está dentro do Bento que vai fazer mal para o rio? O que está abaixo do Bento não vai descer, não vai prejudicar? Eu vejo esse S3 e esse S4, um começo da empresa tomar o pouco que nos sobrou.

P - Entendi...

Luiza - A gente sabe que infelizmente o mundo gira em torno de quem tem dinheiro, e em torno do sujo, não é?

P - Hum, hum...

Luiza - Ter o nosso consentimento ou não... Eu acho que eles vão acabar conseguindo isso. Infelizmente.

P - Eu sei que eles queriam também acabar mesmo até com o resto das casas, e vocês conseguiram isso, que está proibido mexer por agora. É isso?

Luiza- É. Por enquanto. A gente não sabe até quando. Mesmo porque o que é decidido não é respeitado. Principalmente o fato que teve uma audiência, e nessa audiência a gente conseguiu não ter multa. Porque eles queriam fazer o nosso reassentamento. A partir do momento que eles passassem as chaves das nossas casas, eles se apropriavam do Bento. Nós conseguimos isso numa audiência, a juíza homologou, assinou tudo direitinho, mas a empresa, ela já deixou isso. Agora, há poucos dias, a gente teve uma reunião. A gente estava discutindo as diretrizes para o reassentamento, e descobrimos que o que a gente entende como permuta, o que ficou decidido como permuta, não é o mesmo entendimento que a empresa teve. Eu costumo falar que é Renova Samarco. Nessa reunião, representantes da Renova, eles até deram o exemplo: de quando você tem que se identificar, que o cara dá perda total. Quando você tem seguro, ele te ressarcir com outro carro, mas o carro velho, o carro batido, eles não te devolvem. Ou seja: a partir do momento que você for indenizado, você não tem mais o restante que te sobrou. Eles vão te indenizar e, de “controversa”, o Bento ficaria para eles. Não foi esse o entendimento que nós tivemos lá, não foi isso que nós pleiteamos. Nessa reunião houve muita discussão. Até falaram que a ata da audiência ficou meio vaga. Caso dê uma permuta, eles falaram que a juíza tinha que ter explicado mais como que era isso. Sendo que na audiência tinha sete ou oito advogados representando as empresas. E tivemos o mesmo entendimento, só que eles combinam uma coisa e, a partir daquele momento que foi combinado, eles já têm o entendimento que eles querem, sempre favorável a eles. Como que você vai acreditar, votar, acreditar numa empresa que joga sujo com você o tempo todo?

P- Então é uma luta mesmo, não é?

Luiza- Ah, sim, uma luta, e não sei qual vai ser o final dela. O que depende da gente, a gente está fazendo: É indo para lá, é fazendo as nossas festas lá. E em 2016, no dia 30 – não sei se foi dia 29 ou 30 de julho –, nós realizamos a nossa primeira festa de São Bento lá após o desastre.

Foi, como a gente costuma falar, a gente foi clandestinamente, porque a gente não podia acessar, nós fomos numa turma de 58 pessoas. A mais nova tinha três anos e o mais velho tinha 80 e alguma coisa. Inclusive é o pai do João, com quem você vai conversar depois. A gente foi com lanterna, vela... O caminho que a gente costumava fazer entrava mesmo atravessando rio, atolando. Eles dificultaram acesso, jogaram um caminhão de pedra para dificultar, mas a gente conseguiu passar por esse caminho, aí na festa – a celebração – começou próximo à Igreja das Mercês, porque a igreja não foi atingida. Começamos a celebração, um colega nosso que também foi morador de lá é seminarista, ele celebrou para gente. Começou a celebração e descemos em procissão até a praça em frente aos Meninos de São Bento. A gente rezou, teve um *banner* com a imagem de São Bento, hasteamos, cantamos, rezamos, choramos, agradecemos e confraternizamos. Foi um momento... foi um momento assim... mágico, que vai ficar para o resto da vida na memória da gente. E a partir dessa festa que a gente fez, nós conseguimos também uma audiência para gente poder estar fazendo as nossas celebrações lá. Só que pra isso a gente teve que enviar ofício para a Defesa Civil, para a Guarda Municipal, para o Corpo de Bombeiros, Polícia Militar... No ano passado a gente já conseguiu celebrar dentro das ruínas de São Bento a festa. Foi também maravilhoso!

P - Deve ter sido.

Luiza - Muito, muito, muito! Cada momento lá é inexplicável, é inexplicável. Aí já foi mais gente. Em julho de 2016, nós fizemos a primeira festa de São Bento lá. Em setembro a gente celebrou Nossa Senhora das Mercês. Nós fizemos também uma quadrilha lá. Semana Santa a gente também faz lá. Tudo que a gente pode é feito lá. Os aniversários do pessoal do grupo também é lá. Começou com a minha prima Olivia, o de 8 anos dela, a gente fez lá. Ano passado teve bodas de ouro, de prata, teve bodas de prata lá. A gente fez a festa, organizou tudo com 15 dias. Eles não estavam querendo comemorar. Para eles não fazia sentido comemorar em outro lugar que não fosse lá, e a gente estava com problema lá, porque a empresa tinha colocado uma tenda para proteger o assoalho, e essa tenda havia caído. E a gente não sabia se eles iam conseguir arrumar a tenda. Então a gente falou: “Não, vamos celebrar, vamos fazer a missa, celebrar aqui”. A princípio, se a Igreja de São Bento não estivesse liberada, a gente faria nas Mercês, mas a opção era nas ruínas, porque foi lá que eles casaram a primeira vez. A gente costuma falar: Deus dá ajuda, São Bento olhando por nós! E assim a gente vai. Só mesmo a primeira festa que foi clandestinamente. Foi a pé, tivemos que fazer uma caminhadinha boa, mas valeu a pena. Cada momento naquele lugar vale a pena. Também a gente já teve sepultamento lá. Como diz: na alegria e na tristeza, é lá que a gente está. Para comemorar, para

rir, para chorar... É lá que é o nosso ponto de apoio, o nosso porto seguro. Para o coração mesmo, para acalmar a alma. Para tentar seguir em frente. A gente fala que na semana a gente tem que ir para lá para recarregar as energias, porque senão... não vai.

P - Para você especialmente, como acha que está conseguindo lidar?

Luiza - Para ser sincera, eu nem sei se eu estou conseguindo... Além de tudo o que a gente passou e está passando, a gente ouve muita coisa em relação ao preconceito. Aqui na cidade, agora até um pouco menos. Mas no início a gente sofria demais. A gente saía na rua, você ouvia o povo falando: “Ah, o povo do Bento é aproveitador.” Inclusive, logo no início quando aconteceu, um jornal local, teve um morador de Mariana que falou, escreveu uma matéria e falou que os moradores de Bento eram aproveitadores. Não tínhamos nada, morávamos em casas de lona, sem mobília... Falou que a gente estava extorquindo a empresa! Eu fui até o jornal para ter o direito de resposta. Apesar de que não foi a resposta que eu queria dar – minha mãe não me deixou fazer do jeito que eu queria –, mas nós respondemos e entrei com uma ação contra esse senhor, teve audiência. Foi tenebrosa, na qual também participei. Nessa audiência, o promotor falou tudo que ele queria, a juíza falou também, e justamente depois da minha fala, na hora que eu estava falando, nem tinha terminado de falar, essa pessoa simulou passar mal. Sentado de frente para mim, parecia que o homem estava morrendo, tendo um AVC, tendo um infarto. E assim, na hora que eu vi, comecei a ficar desesperada, porque já passou um milhão de coisas na minha cabeça – “Nossa, o homem vai morrer, a culpa é minha!” –, porque foi justamente depois do que eu estava falando. Aí já comecei a imaginar, e naquele momento comecei a chorar, comecei a imaginar a minha saída do fórum, a família, todo mundo me crucificando porque ele tinha morrido, justamente, sabe? Depois dessa minha fala: “Gente, tem que chamar o SAMU, o homem está morrendo!”, os meus companheiros deram água para ele, porque ele estava sozinho. Depois ele foi voltando, ele voltou. E simplesmente, juíza e promotor não fizeram nada. Nem da cadeira eles levantaram. Também, eles já estão acostumados com esse tipo de coisa. A única coisa que a juíza fez foi perguntar para ele se ele tinha tomado café, que foi de manhã. Ele falou que não. Perguntou se ele tinha algum problema de saúde, ele falou que a pressão dele era alta, tomava medicamento, mas nesse dia ele não tomou. Então, ficou o porquê. Ele é uma pessoa que não tem condições financeiras. A gente podia pedir até uma indenização em dinheiro, mas aí ficou só para ele se retratar mesmo. Fez a retratação, saiu no jornal. Deu uma amenizada na situação. Também não escreveu mais abobrinha. Mas são momentos que eu estou passando que eu nunca imaginei que fosse passar. Eu nunca tinha entrado num fórum... É coisa também que a gente ouve, que não dá para acreditar. Eu já ouvi,

por exemplo, as pessoas falarem: “Ah, devia ter morrido todo mundo!” Realmente, eu também acho, sabe? Devia ter morrido todo mundo, porque a gente não estava passando a metade do que a gente está passando. Parece que você está mendigando! É assim: cada dia pior que o outro. No início, eu já tive o pensamento de pegar meu carro, me enfiar comele num buraco, porque aí pelo menos já acabava tudo e não ficava sofrendo. Já pensei. Já peguei o carro para fazer isso duas vezes... Cheguei, mas... Deus é mais... Mas realmente eu também tenho esse pensamento. Devia ter sido a noite que a gente... Teria evitado muita coisa para gente... É, mas não sei se justificava também. Às vezes dá uma vontade assim de sumir, sabe? Como se seus problemas sumissem? Ir para um lugar onde ninguém te conhece e você não vê ninguém? Mas já vi também que não adianta. Todo lugar que você vai, seus problemas estão com você. Vai junto. Mesmo que você esteja em outro lugar, é sempre essas conversas, é sempre aquilo, você foca sempre naquilo. Sabe, não muda. O pensamento não muda.

P - Sim. Sabe, às vezes essa vontade de jogar o carro... Às vezes as pessoas nem querem tirar a vida. Elas querem tirar o sofrimento, não é? Porque vai tudo junto, né?

Luiza - Vai tudo junto. Já não se fala mais na televisão, mas para a gente que está vivendo, é como se fosse ... que aconteceu hoje. É sempre assim, a cada dia. Teve assembleia ontem, foi aprovado o projeto, mais é uma coisa que não depende só da gente, também tem os órgãos ambientais, tem que ter o aval. Nós já aprovamos um projeto antes. Esse é o segundo projeto, ele não passou. Quem me garante que esse também não vai passar? E todo prazo que eles dão para gente é burocrático. Tudo tem lei, tudo é isso, é aquilo, para fazer do jeito que você quer, tem que ser assim. Está sendo complicado, cada dia é uma exploração. É um aprendizado. Parece que, quanto mais o tempo passa, você acha que vai resolver, vai amenizar. É cada dia pior que o outro, porque não resolve, não resolve, porque é aquele jogo de empurra, aquela enrolação. Quer dizer, dois anos, a empresa já conseguiu a licença para voltar. É bem provável que ela volte a operar antes da reconstrução! Por aí já se vê quanto o mundo é injusto, não é?

P - É resistência de vocês... Estar passando por cada dor, seguindo...

Luiza - É. É bem resistência mesmo.

P - Você me contou que chegou lá e tinham invadido a sua casa. A memória de como era lá, você tem na cabeça?

Luiza - Tenho. De cada cantinho. Cada cantinho. A gente anda lá no Bento, nas ruas. Cada cantinho, cada momento, que a gente viveu dentro de casa.

P - De quando estava em ordem, não é?

Luiza – É, e depois também.

P - Memórias novas?

Luiza - É. Mas principalmente o que a gente viveu ali, não tem como esquecer. Eu espero não esquecer. O que mantém a gente de pé são as lembranças. Conforta.

P - E vocês já construíram memórias novas, coisas novas que vocês fizeram.

Luiza - Também ajuda. Acho que ajuda até mais do que memórias antigas. O que mantém a gente de pé. O fato de a gente estar podendo ir lá, poder estar se lembrando. Quando a gente está lá, mesmo que a gente vê tudo destruído, não parece que está, sabe? Não sei explicar o aspecto, mas... a gente vai na casa da minha tia. Não é a minha casa, mas ao mesmo tempo parece que é.

P - Estar lá é muito importante, não é?

Luiza - Muito, muito. Muito importante

P - Sim. Hoje, você estando lá, estou entendendo que traz mais conforto do que tristeza por ver que está tudo estragado.

Luiza - Exatamente, exatamente.

P - Eu não sei se você pode, ou como que seria você me contar do dia, ainda que você não estivesse para lá, estivesse para cá. Você consegue me contar?

Luiza - Consigo. Eu estava trabalhando, era o dia que eu ia sair mais cedo, largava o serviço às 18 horas. A patroa tinha ido para BH depois do almoço, eu estava planejando sair do consultório umas 16h40, que ele largava o serviço 17 horas, e a gente ia embora. Eu estava sentada aqui, o consultório já estava todo fechado, só a salinha de espera que estava aberta. Era mais ou menos umas 10 para as 4, meu telefone tocou, era uma das minhas primas me ligando, eu atendi. Ela falou assim: “Luiza, você está sabendo que a barragem rompeu? Eu estou tentando ligar lá no Bento e não estou conseguindo falar com ninguém.” Aí eu disse: “Não, não estou sabendo não, mas deixe que eu tento ligar.” Liguei para toda minha família que estava lá, ninguém me atendeu, estou ciente. “Vamos dar uma de zap, porque às vezes a pessoa liga, mas não dá para atender, não é?” Aí comecei a mandar mensagem whatsapp. Falei assim: “Gente, minha

cunhada trabalha lá na área, Joana, minha prima, trabalha lá na área. Vou ligar para uma delas para saber se de fato aconteceu.” Liguei. Só que liguei para Joana, na hora que ela me ligou eu achei que não fosse ela, achei que fosse uma outra prima minha que eu gravei, que se chama Juliana, e eu gravei como Jo também. Aí liguei para Joana. Falei assim: “Ô, você está trabalhando, é verdade que a barragem rompeu?” Ela me conta assim: “Ô Monica, é verdade, fui eu que acabei de te ligar para te falar, e é verdade!” Aí desliguei o telefone e liguei para casa: “Mãe, a barragem estourou. Estou passando aí agora para te pegar.” Liguei para minha tia, fechei o consultório, entrei o carro e saí. No caminho peguei uma tia que mora próximo a mim, parei perto do serviço de mãe, já com a porta do carro aberta, ela estava na porta eu falei: “Mãe, vamos embora, vamos embora, porque a barragem estourou!” Aí tinha uma senhora que morava no Bento, também pediu carona, ela e a filha dela. Minha mãe falou assim: “Vou pegar a minha bolsa.” E entrou para a clínica onde ela trabalha para pegar a bolsa, e a mãe não voltava. Aí eu disse assim: “Não, nós vamos embora, a mãe vai ficar para trás, está demorando.” Ao invés de a mãe pegar a bolsa, foi registrar o ponto. À hora que ela entrou no carro, o carro já estava em movimento. Nós fomos sentido ao Bento, e eu chorando, a dona que estava dentro do carro falando que tinha derrubado a escola, que todos tinham morrido, que a menininha dela tinha morrido... Aí fomos naquele desespero, eu acelerando – eu sou meio pé quente –, acelerando e chorando. Aí eu começava a lembrar das pessoas. Só minha mãe que não estava chorando. Eu começava a lembrar das minhas coisas, aí que eu chorava mais ainda. E mãe pedia para gente se acalmar, porque não tinha morrido ninguém, que era só uma água que tinha passado, e a gente ia reconstruir de novo. E eu acelerando e o carro não andava. Era alguma coisa que estava me segurando. Quando a gente chegou num certo ponto da estrada, tinha alguns carros parados. Eu parei o carro, tinha os moradores do Bento, eles falaram: “Olha, não tem como passar.” Quando eu olhei para um lado da estrada, vi o que estava acontecendo: a lama já estava chegando!!! A gente parou o carro. E eu parei o carro num lugar meio estranho. Um tio meu, casado com a irmã do meu pai, estava lá também. Aí, do meio do mato desceram uns amigos meus, gritando: “Vão embora, porque a lama está chegando!” E eles iam arrancando os cabelos: “Vão embora que o Bento acabou, morreu todo mundo, vão embora, que a lama está chegando!” Aí eu pedi para esse tio meu virar o meu carro, porque senão... não sei se eu ia dar conta. Ele entrou no carro e não conseguiu virar, não conseguiu sair com o carro. Ele inventou tudo que é desculpa: que o barro estava muito na frente. Aí eu falei assim: “Deixa que eu viro o carro.” Entrei no carro, não sei explicar como que eu consegui virar. Até hoje eu fico me perguntando. Ele ia embora, depois que a gente virou o carro e veio embora, de um lado da estrada, ele fez o retorno e voltou, a lama já estava aproximando da estrada. O carro não passava

de 40, não chegava a 20, e a lama vindo! E ainda tinha uma ponte de madeira pra gente atravessar, e eu só imaginando assim, pensava comigo: “Não vai ter mais ponte, nós vamos morrer.” Eu só imaginava que a gente ia morrer, que a lama estava chegando... Como se fosse uma coisa puxando, sabe? Me fugiu agora a palavra. A gente passou a ponte, eu disse: “Bom, perfeito, graças a Deus.” E assim, árvore caindo, sabe? A gente voltou. Teve um certo ponto da estrada, que é uma encruzilhada que a gente tem acesso à Vila Samarco. Tinha uns mineiros que tinham parado nessa encruzilhada, e eles disseram que eles tinham que ir, que tinha que salvar a menina dele, outro gritando que tinha que salvar a mãe, e minha mãe tentando acalmar todo mundo. Na ida também, na hora que a gente estava indo, teve um momento na estrada – eu não sei como meu braço ainda existe, porque o tanto que minha mãe me socou... para eu parar de chorar, pra eu prestar atenção no que estava fazendo, se não quem ia morrer era a gente. Teve um momento na estrada que ela pediu para gente fazer silêncio e rezar a oração de São Bento. Nós rezamos, depois que a gente rezou, foi um minuto em silêncio, e depois começamos o desespero de novo. Aí, na hora que a gente parou nessa encruzilhada que tinham os meninos, minha mãe falou: “Não, gente, vamos voltar porque não tem para onde ir, vocês prestam atenção, não morreu ninguém.!” Mãe ainda falou assim com o rapaz que falou que tinha que salvar a filha dele: “Você presta atenção, porque se você for, você vai morrer, e a gente não pode olhar a sua filha, não. Você tem que estar vivo para cuidar dela.” Aí a gente voltou para Vila Samarco. Parou um carro lá na praça e a senhora que estava comigo começou a passar mal. Então as pessoas chegavam para socorrer, isso devia ser umas cinco⁵ horas mais ou menos, cinco e vinte. Sei que a gente ficou lá até sete⁷ da noite, fazendo sabe-se lá o quê.

Chegou um rapaz que trabalhava na Samarco, que ia muito lá no bairro da minha tia com a gente. Na hora que minha mãe viu, ele saiu correndo num canto e falou com ela assim: “Marília, morreu todo mundo. Não sobreviveu ninguém. Morreu todo mundo.” Aí ela ficou com aquilo para ela, também ela falou com a gente. Lembro que tinha uma turma de homens lá no meio da praça, pensei assim: “Vou ali que é para saber notícia.” São funcionários, estavam trabalhando. Consegui entrar no meio deles, tinha um homem no meio passando uma listagem, perguntei se tinha alguma notícia do Bento, como é que estava o povo, o que tinha realmente acontecido. Ele me pediu licença e falou assim: “Você me dá licença, mas eu não quero saber de nada, só estou aqui para eu passar uma listagem, quero saber quem dos meus funcionários está vivo, quem está morto”. Falei para ele assim: “Eu espero que todos estejam vivos, porque a minha família e os meus amigos estão lá no Bento, e eu estou aqui sem saber notícia.” A vila é um lugarejo aqui próximo de Mariana e próximo a Bento também. A gente esperou até sete e meia,

falei assim: “Mãe, vamos para Santa Rita?” Santa Rita é um distrito também, que era bem próximo do Bento. “Acho que lá vai ser mais fácil para a gente ter notícia.” Tem uma tia minha que mora lá. Fomos. Mais uma vez o carro não chegava. Nós andamos, andamos... Quando chegou em Santa Rita, minha tia falou que tinha acabado tudo, que na hora que ela chegou para ver, para tentar ajudar as pessoas, estava a igreja, que é do lado da igreja de São Bento, estava uma dando barrigada na outra, uma encontrando a outra. A última cena que ela viu foi de uma casa batendo na igreja e saindo rodando pelo Bento inteiro. Passou um amigo meu indo para a estrada onde os policiais tinham feito um entroncamento para não entrar ninguém, porque já havia escurecido e iam parar as buscas. Eles diziam que quem estava lá dentro do Bento ia continuar lá até clarear. Fui de carona com esse colega meu e passei a noite lá na estrada, para ver se tinha alguma notícia. Quando clareou, cinco horas da manhã, fui para uma parte mais alta para que na hora que clareasse... para eu ver. Foi a primeira cena que eu tive. Foi... no rumo da minha casa... não tinha nada. Só via um telhado que era de um galpão que ficava um pouco distante da minha casa, coberto pela lama, e o ônibus que levava os meninos para a escola também, só via o teto dele. Por essa cena, não dava para acreditar que tinha sobrevivido alguém. Sabe, parecia que todo mundo tinha morrido, que não tinha sobrado nada...

No dia 6, era mais ou menos umas dez horas que o pessoal foi saindo. Os policiais falaram que a gente não podia entrar, mas que, na hora que os carros saíssem, eles iam parar para ajudar a gente, para a gente ver as pessoas. Não aconteceu isso. Os carros passavam, as caminhonetes passavam, tudo direto. Eu só fui ver mesmo os meus familiares e os meus amigos aqui em Mariana era meio dia. A gente voltou para cá, e quando chegamos na Arena, que era o ponto que estava acolhendo as pessoas, ainda quase fui presa; não me deixaram entrar mesmo. Quando consegui entrar, vi o pessoal e fui agradecer ele. Fui um pouquinho atrevida. Mas fui lá agradecer, falei: “Obrigada, eu consegui entrar”. Ele me pegou pelo braço e falou: “Você vai sair daqui agora.” Começou a falar umas coisas comigo. Falaram que uma tia minha estava entrando, irmã do meu pai; na hora que ela viu ele me segurando pelo braço, para me colocar para fora, ela caiu no chão desmaiada... Ele falou que ia me prender, me colocou para fora, eu dei a volta e entrei de novo. Aí eu não fui lá perto, não. Foi a hora que a gente entrou na Arena. Que foi outro tanto de caixãozinho com coberta, com travesseiro... Foi horrível.

P - Vocês ficaram lá por um tempo grande?

Luiza - Não chegamos a dormir, não. Aí o Dr. Joaquim já entrou com uma ação obrigando a empresa a arrumar os hotéis para colocar a gente. Foi só o tempo de fazer a distribuição e levar a gente para cada canto.

P - Vocês ficaram juntos, foi a família, sua mãe...?

Luiza: Juntos entre aspas, porque eu, minha mãe e um tio meu com uma tia fomos para um hotel. Minha tia com o marido dela e a menina foram para outro. De uma certa forma, separou. Depois de dois dias que a gente conseguiu reunir mais um membro da família no Hotel Providência. Detesto hotel! Vou acordar e na hora que eu acordar acabou? Não acaba, é mais ou menos isso.

P - Vocês ficaram quase até o Natal nos hotéis?

Luiza- Isso, quase até o Natal. Foi preciso também o Dr. Joaquim ajuizar uma ação para obrigar a empresa a retirar a gente até antes do Natal, colocar a gente em casas até o Natal. Hoje a gente mora em um apartamento. Antes a gente morava em uma casa, tinha espaço. Não só o espaço da casa, tinha mais espaço... Sentar na praça... Hoje a gente não faz isso. Sai só mesmo de casa para o trabalho, quando tem alguma reunião, e mais nada. Costumo até falar que não tenho mais vida social. Você não tem prazer em fazer, sabe? Você faz, mas não é qualquer prazer. Você faz por fazer. Aqui em Mariana a gente não tem prazer...

P - Acho que você descreveu bem; pareceu um pesadelo que não acaba. Meio surreal pensar que isso aconteceu com vocês...

Luiza - Você tinha tudo... Antes de acontecer, a gente tinha reformado lá em casa, trocado o forro, eu mais minha mãe, pintado a casa toda, eu tinha arrumado um quarto, trocado a janela, colocado uma janela toda de vidro. Era de vidro, mas era basculante. Coloquei um insulfilm azul, meu quarto estava todo pintadinho de azul e branco. Tinha uma parede que minha colega ia fazer o escudo do Cruzeiro e a raposa para mim. A gente tinha trocado alguns móveis, comprado guarda-roupa novo para mim e para minha mãe, uma cama de casal para ela... Eu estava naquele processo de separar minhas roupas, tirar as que eu não ia usar para doar e as que eu ia ficar... lavar para guardar tudo limpinho, tudo organizadinho. Para você ter ideia, eu estava com um saco de roupa para mandar para minha tia dar para os outros. Inclusive no dia 5 eu vim trabalhar com a minha pior roupa. A blusa que eu vim trabalhar, eu já tinha separado para dar. Não era a blusa que eu mais gostava. Mas ela estava por cima do saco que eu tinha colocado... Falei assim: “Vou usar essa blusa pela última vez. No final de semana lavo ela e coloco para eu

dar de novo.” Era a única coisa que eu tinha colocado no meu guarda-roupa novo, eram as minhas camisas do Cruzeiro, e a minha coleção de moto, que eu tinha. Que são as minhas duas paixões. E assim, mais nada. Então estava preparando as coisas para guardar, lavando os cobertores para deixar tudo cheirosinho... Então eu estava com um saco de roupa para eu doar no dia 5, e no dia 6 eu é que estava precisando de doação... É estranho, não é?

P - Muito. A vida vira do avesso, não é?

Luiza - Vira do avesso. Perdi meu pai eu tinha 7 anos de idade, faz 25 anos que ele morreu. Vai fazer 26 anos. Eu tinha que pegar uma foto. E hoje eu não tenho mais essa foto. Era mais ou menos um mês antes de ter acontecido, meu irmão, que mora em Santa Rita, tinha ido lá em casa. Eu sou apaixonada por porta-retrato, então a estante de casa era cheia de porta-retrato. E tinha um que estava minha mãe, meu irmão e meu pai. Eles tiraram essa foto lá em frente ao restaurante. Esse porta-retrato estava lá em casa. No meio da tarde, meu irmão tinha ido lá, e falou assim: "Ah, vou levar esse porta-retrato lá pra casa." Aí falei: "Não, você não vai levar não (eu nem estava na foto...), porque esse porta-retrato é daqui de casa." E não deixei ele levar. A mãe deixou, eu não deixei. E assim, as fotos que tinha do pai estavam todas comigo... Então, hoje não tenho mais. O álbum de casamento dos meus avós, de 50 anos. Foi a última vez que toda a família, não faltou ninguém – estavam os filhos, netos, genros, a nora, porque é uma nora só. Os irmãos da minha avó, sobrinhos dela, estava a família toda. Hoje a gente não tem mais. O álbum estava com a minha tia. e eu fiquei com o CD. Com as fotos. Tinha colocado no meu computador. Hoje não tem mais nada. Hoje acabou tudo. Não tem mais nada... Igual à foto do meu pai. Meus irmãos não têm, era eu que tinha. Por egoísmo meu, eu não deixei ele levar, não deixei ele ter... Um dia você tem tudo, no outro dia você não tem absolutamente nada... Não poder voltar mais ali à hora que você quer... Tem hora que é assim: você deita, aí pensa assim: “É mentira, eu vou dormir, amanhã vou acordar na minha cama, deitada, na minha casa...” Aí, quando você acorda que você olha pra cima, você não está na sua casa. Não é a sua cama, não é a sua casa... É muito difícil...

P - Até a cabeça da gente entender que foi isso mesmo...

Luiza - ...que aconteceu. as pessoas que a gente perdeu. É muito estranho, igual ao Flavinho. Ele morava duas casas abaixo da minha. Ele brincava de bicicleta o dia inteiro. No final de semana que eu estava em casa, ele passava e eu costumava brincar: "Ei, Flavinho cruzeirense!" Aí ele entrava: “Eu não sou cruzeirense, sou corintiano.” Então, você saber que não está aqui mais... Uma criança, 7 anos Tinha todo um futuro pela frente. Podia não dar uma pessoa boa,

mas quem ia dizer? Você não tem aquele sorriso mais, é muito louco, é isso. Essas coisas assim eu não gosto de pensar. Se eu tivesse perdido alguém da minha família, nossa, acho que tinha enlouquecido. É muito louco!!!

P - Sim... Teve uma outra criança também, não teve?

Luiza - Teve. Rosana. Então... por quê, né? É muito louco... Umas das perguntas que não têm resposta. E pela proporção poderia ter ido mais gente. A avó do Flavinho. Eles estavam na casa, eles estavam na mesma casa, e não conseguiu. E teve um colega nosso também que a lama arrastou, ele e estava próximo ao Flavinho. Ele tentou puxar o Flavinho, só que não conseguia. Ele falava assim: "Flavinho, fica firme que da próxima vez que a lama vier ela vai jogar a gente no barranco e a gente segura numa árvore." E assim, ele conversando com o Flavinho, tentou dar força, orientar ele. E teve uma hora que a lama veio, levou ele, ele não viu mais... Aparentemente podia ter feito alguma coisa, socorrido, mas não deu; podia ter esticado o braço, mas não dava... Se você vê ele contando, nossa, é muito louco. A Rosana estava com o pai dela. Ele estava segurando a mão dela, com o outro irmãozinho. A lama veio e ele não conseguiu segurar, a pressão foi mais forte e levou ela. Não sei o que que é pior, você estar segurando e... Depois disso acho que não conversei com ele.

P - Vocês, nos dias seguintes, tiveram algum suporte emocional, algum atendimento? Alguém para conversar?

Luiza - Eu nem lembro... Sei que as comunidades que vieram de fora, todo dia tinha gente visitando, conversando... nem lembro. A gente chora ainda. A Marta, no início ela teve que fazer um acompanhamento, até mesmo para dar a notícia para ela que ela tinha uma égua, e a égua dela morreu. A égua estava grávida. Para dar essa notícia pra ela, teve que fazer um acompanhamento. Mas hoje ela não faz mais. Hoje ela é uma farmácia! Mas até dar a notícia para ela...

P - Acho que a fé, a religião, ajuda muito também, não é?

Luiza - Ajuda. A gente costuma falar que é o que mantém a gente viva. É a fé. E você vê que é obra de Deus, porque era muita gente para ter morrido. O pai da minha prima morava no final da minha rua, tinha um sitiozinho. Ele estava com um problema no joelho, então andava com uma muleta. Fazia tudo no sítio, mas com a muleta. Não conseguia andar direito. A saída dele foi um milagre. Ele levantou para tomar água e ouviu um barulho. Ele já ia subir na laje para ver o que estava acontecendo. A hora que começou a subir a escada, ele disse assim: "Foi a

barragem que estourou.” E ele sempre falava que a barragem ia estourar. Ele sempre tinha um plano de fuga dele. Ele desceu e foi embora. Foi no curral, já estava aquele barulho, o gado começou a pisotear, ele conseguiu sair, pulou a mesma cerca, perdeu a muleta, aí arrumou um pedaço de pau. Se você vê o gado, o percurso que ele fez com a perna debilitada, você não acredita. Foi Deus que tirou ele, porque, sabe, uma coisa que não tem explicação. É Deus mesmo, Deus existe, Deus estava ali... Pode falar que cinco pessoas, não é, pela proporção... não morreu ninguém!

P – E não foi perda de pessoas só, não tem casa para voltar...

Luiza - ... perdeu sua identidade! Perdeu tudo que você viveu. Você nasceu de novo, está começando a vida, só que não é o nascer de novo... você escolheu que vai viver. Entendeu? Você não fez essa escolha. Você não tem essa escolha. É isso que você vai passar e você só consegue enxergar coisas ruins, não consegue enxergar uma coisa boa, um final feliz. É assim, um dia após o outro, é só pretexto, é só chateação é... o que vier é lucro... Alegria? Só quando a gente está no Bento. Quando a gente está lá, quando dá meia noite a gente vai até a igreja de São Bento, reza, canta, cada hora tem um momento para fazer um discurso, choro... e assim vai levando. É só lá.

P - Como que faz agora, no sentido de aceitar essa situação?

Luiza - Não aceito, não aceito. Mesmo a vida mostrando o que aconteceu, para morrer você não vai levar nada; hoje você tem tudo, amanhã você não tem nada. Mesmo assim, eu ainda sou apegada às minhas coisas. Não às coisas que eu tenho hoje, para mim tanto faz. Se quiser chegar lá em casa e quiser pegar minhas roupas, tudo e levar, pode... Mas as coisas que eu tinha... Tal blusa! Uma blusa... Dá revolta. Era meu, sabe? Era meu. Eu trabalhei para adquirir, eu escolhi, eu ganhei! Minha avó tinha me dado uma colcha, eu tinha 13 anos de idade. Foi a terceira coisa que eu coloquei no armário. Eu nunca tinha usado. Eu nunca tinha colocado ela na cama. Estava guardada. Tirei ela do pacote, eu lavei, ela secou eu dobrei, passei, dobrei e coloquei dentro do guarda-roupa e falei: “Depois que eu organizar tudo, todo guarda-roupa, tirar o outro velho que eu ia dar para um tio meu, e arrumar meu quarto, aí eu vou colocar ela na cama.” Eu não tive esse prazer de colocar! Eu tirei ela do plástico, vi como ela era, peguei, eu toquei mas... Eu ainda não tinha usado, sabe? Ela ficava lá dentro do meu guarda-roupa. Eu olhava para ela... Era um presente que minha avó me deu, minha avó já não estava mais presente... Era meu, era meu... E hoje eu não tenho. Então, quando eu lembro das minhas coisas que hoje não tem mais, que não tem como eu ter mais, a pessoa não está aí para me dar mais ... nossa, me revolta. É

aonde vem mais a revolta, vem o ódio, a vontade não sei de quê... Por exemplo, se falar na minha frente, acho que eu mataria. Acho que eu torcia o pescoço sabe? As pessoas falam: “Você perdeu tudo, a gente não pode se apegar.” “Mas eram as minhas coisas!” Eu guardava o caminho de mesa do meu avô. Meu avô morreu com 82 anos. Agora, 16 de junho, faz 1dez anos que ele morreu. Eu guardava o carnê de INSS dele. Quantos anos ele já tinha aposentado? Já estava nem para existir mais... Mas eu guardava, estava lá. Vez em quando eu pegava a minha caixinha lá com os papéis, ficava olhando... Hoje você não ter, você não ter mais o que pegar... Que dinheiro que paga? Não tem...

P - Perderam literalmente a identidade.

Luiza - Meu RG e carteira de trabalho... Eu tive que fazer de novo... Não sei se esse novo significa uma Luiza nova, sendo que os meus pensamentos são velhos... Para fazer uma nova história, eu não sei. É muito estranho.

P - Quando a gente vai ficando de luto, às vezes uma coisa, uma foto, uma blusa da pessoa... Na ausência da pessoa, faz a pessoa ficar presente um pouquinho...

Luiza - Tipo, quando a minha avó morreu, a gente reunia só no quarto dela. Ela ficou muito tempo acamada, então o quarto dela era onde ficava toda família ali. Quando ela morreu, a gente continuou. De repente, como se ela estivesse lá. Depois da morte, a gente ia pra casa dela, sentava todo mundo lá no quarto dela e ficava como se ela estivesse ali. Mesmo que a minha tia tenha trocado os móveis, tinha o cantinho da cama dela, e a gente sabia... É como se ela estivesse... E hoje não tem nada disso. Não tem a parede... A gente conheceu, a gente viveu ali, mas hoje não tem... Está no fundo... Nem a blusa, nem cheirinho...

P - Como é que faz para ter a presença de uma pessoa, se não tem nem objetos mais? Como é que restaura isso? Se dá para restaurar...

Luiza - Da uma amenizada, não é? Aquela lembrança... Você estando lá dentro, é como se estivesse mais próximo. Mesmo estando destruído, mesmo não tendo aquele cantinho, mesmo não tendo a cama, mas é como se você estivesse mais próximo de tudo que você tinha, de tudo que você viveu, sabe? Como se a minha avó estivesse ali. Mas hoje a gente fala que não está assim. Você viu como a vegetação já está? O mato? Você pode ir que não vai ver a mesma cena. É como se estivesse em um outro lugar... O cenário, hoje, é diferente, tem muito mato.

Laura - Se alguém tivesse chegado para te ouvir um pouco mais... ou se alguém tivesse te permitido alguma coisa, o que acha que ajudaria?

Luiza - A única coisa que... [riso] que me vem na cabeça... Nos dias que quando eu tentei ir, tentei entrar no Bento, se eles tivessem me deixado entrar. Acho que seria isso. Vou te contar: a gente encara, mesmo. A gente atravessava o rio, um puxando o outro para a gente conseguir, para pelo menos ter aquele gostinho de você estar lá, de você andar, viver aquilo, sabe? Nós passamos muita dificuldade nesse sentido. Nós arriscamos muito. Era como se estivesse pisando naquela areia movediça que ia só puxando... Nós fizemos muito disso, andando para tentar achar alguma coisa.

Até hoje a gente vai lá, na esperança também de achar alguma coisa. Tem um lugar lá perto da igreja, próximo da casa do meu avô. A imagem de São Bento está ali. E minha prima um dia sonhou também com a imagem de São Bento nesse mesmo lugar. Falei: “Acho que é um sinal. Acho que já passou da hora da gente começar a cavar, pra tentar achar alguma coisa.” Perto da casa da minha avó tinha dois pés de manga, que ainda continua lá, perto da igreja. Agora acho que já está caindo. Naquele primeiro pé de manga, meu avô tinha colocado um banco de pedra, de um lado e um banco de pedra do outro. Era onde a gente dormia aos domingos. A gente costuma falar que se o banco de pedra falasse... ele tinha muita história... [risos]. Ali o povo sentava para namorar, ali eram os encontros. Minha mãe, a gente ficava muito... Minha mãe, 59 anos de Bento! A gente começou a cavocar ao redor do banco, do pé de manga, para ver se achava. A Renata disse: “Acho que é a pedra”. Você deu o primeiro sinal que pudesse ser o banco. Minha mãe chorou, era alarme falso... Sempre que a gente ia, a gente andou procurando... Um dia, passando na igreja de São Bento, logo de frente, um amigo nosso parou: “O que tá acontecendo? Acho que eu estou em cima do banco de pedra.” A gente já começou a cavocar, e realmente nós achamos o banco. E achamos ele assim: as duas pernas aqui, e a outra aqui, juntas. Não era junta, porque tinha a árvore separando, e as duas estavam juntas. A gente não tirou ela ainda não. São pequenas coisas que trazem um alento. Você tem que continuar, tem que ficar... acho que é isso.

P - Vou interromper aqui então, obrigada...

ANEXO E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos realizando uma pesquisa científica para compreender se as pessoas afetadas pelo desastre ocorrido em Bento Rodrigues, Mariana, considerando os impactos possíveis gerados pelas perdas que viveram, puderam, a partir da proximidade com a sua própria morte, e da vivência da perda de pessoas queridas e bens, ressignificar suas vidas. Se sim, de que maneira? Ou seja, como e se elas conseguiram exercitar a resiliência, a partir de suas ferramentas internas e das vivências geradas por esse desastre. A pesquisa está sob responsabilidade da psicóloga Laura Almeida Antunes - mestranda do Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Você está sendo convidado/a a participar da pesquisa intitulada: “Perdas e morte como possibilidades de ressignificação da vida: um olhar para experiências das pessoas afetadas pelo desastre de Mariana”.

Os benefícios da pesquisa são de caráter coletivo, entendendo que com um maior conhecimento na área de emergências e desastres, pessoas que possam vir a ser afetadas por futuras situações dessa qualidade sejam melhor amparadas, cuidadas e acolhidas por profissionais atuando nesses contextos.

Caso concorde em participar, irá responder algumas perguntas sobre você. A entrevista será gravada com a finalidade exclusiva de possibilitar o registro fidedigno de todas as informações prestadas. Esta gravação será armazenada pela pesquisadora e não será divulgada.

Se a realização dessa tarefa lhe causar desconforto, a atividade poderá ser interrompida a qualquer momento. Nesse contexto será oferecido acolhimento pela pesquisadora e, caso necessário, haverá encaminhamento para atendimento psicológico.

A sua colaboração é muito importante, porém, NÃO É OBRIGATÓRIA. Você pode recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. O sigilo e confidencialidade dos dados serão mantidos. A pesquisadora se compromete a utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa, cujos resultados grupais poderão ser publicados ou apresentados em Congressos Científicos garantindo seu anonimato. Não há despesas pessoais para o participante, nem compensação financeira relacionada à sua participação. Caso ocorram despesas em decorrência da participação na pesquisa, estas serão ressarcidas. Eventuais danos, também decorrentes da participação na pesquisa, serão indenizados.

Os participantes do estudo poderão esclarecer dúvidas com relação ao presente projeto entrando em contato por e-mail ou telefone com a pesquisadora responsável: lantunes048@gmail.com ou (11) 99122-2940.

Para esclarecimentos pertinentes à ética da pesquisa você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo: Rua Arlindo Bértio, 1000, Vila Guaraciaba. CEP.: 03828-000 - São Paulo/SP – Telefone: (11) 3091-1046. E-mail: cep-each@usp.br.

Caso concorde em participar deste estudo, rubrique a primeira página e assine ao final deste documento, que consta em duas vias, sendo que uma via ficará com o participante e outra com a pesquisadora.

Laura Almeida Antunes
Pesquisadora Responsável
CRP: 06/48836

_____/_____/_____

Concordo com a minha participação e autorizo a utilização dos dados por mim fornecidos por meio de entrevista para fins de pesquisa.

Minas Gerais, ____/____/ ____

NOME: _____

ASSINATURA: _____